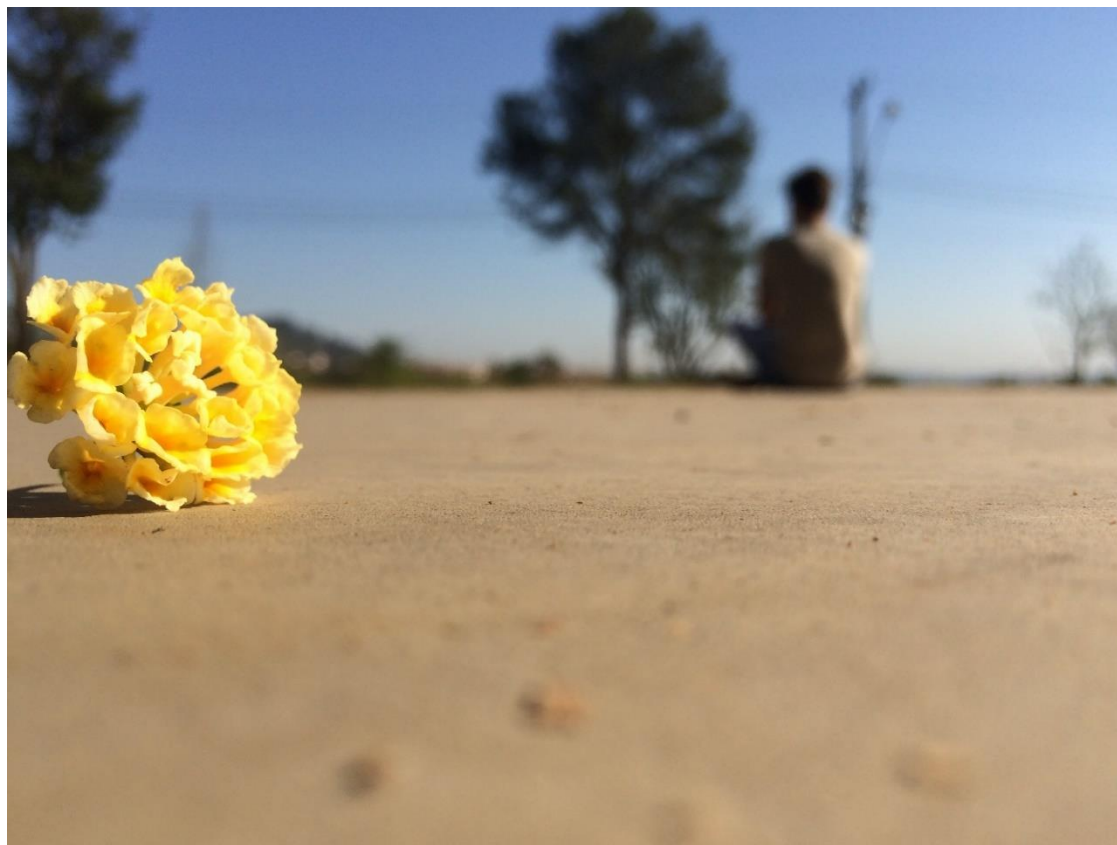


Revista Linha Mestra

Ano XI. Vol. 11 No. 32 (maio.ago.2017)

ISSN: 1980-9026 – DOI: <https://doi.org/10.34112/1980-9026a2017n32>



"flor amarela em um mundo sem cor"

Giovani C. R. de Siqueira

gichiqueto@gmail.com

Realização:



SUMÁRIO

EXPEDIENTE	1
EDITORIAL.....	2
Marcus Novaes	
Alik Wunder	
APRESENTAÇÃO	3
AS ESCOLAS DO CENTRO PAULA SOUZA NAS PALAVRAS DE SEUS TRABALHADORES EXPRESSÕES DOCENTES EM MEIO A EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS	3
Wenceslao Machado de Oliveira Jr.	
ARTIGOS.....	6
AÇÃO SUPERVISORA NO PLANEJAMENTO ESCOLAR: DIRETRIZES OBTIDAS PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE JOVENS E ADULTOS.....	6
Márcia Regina de Oliveira Poletine	
Paulo Roberto Prado Constantino	
Thais Yuri Matsumoto Takaoka	
EXPERIÊNCIA DOCENTE COM APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA EM ETEC.....	11
Daniela Brugnaro Massari Sanches	
Denise Tiekko Uemura	
Fernanda Cassiolato Marti Sguassábia	
Samara Pereira Garcia	
PROJETO DE ARQUEOLOGIA SIMULADA DESENVOLVIDO NA ETEC GILDO MARÇAL BEZERRA BRANDÃO.....	16
Arlen Nunes de Souza	
NO REVERSO DA CONVERSA COM O PROFESSOR: A QUESTÃO DO PTD	19
Marisa da Costa	
NA CONTRAMÃO, SÓ QUE NÃO! REFLEXÕES PESSOAIS SOBRE O USO DE FERRAMENTAS PARA AUXÍLIO NO ENSINO DO COMPONENTE CURRICULAR BIOLOGIA PARA O ENSINO MÉDIO	24
Sonia Aparecida Gurgueira Barca	
MUDANÇA DE HÁBITOS E ATITUDES PARA ALCANÇAR A ESTABILIDADE FINANCEIRA PESSOAL E CONHECER MELHOR A QUESTÃO AMBIENTAL PODEM INICIAR NA SALA DE AULA	28
Agda Nunes dos Santos Oliveira	

SUMÁRIO

Elaine Maria Luiza	
AS REPRESENTAÇÕES SOBRE CULTURA NO E DO ESPORTE PROBLEMATIZADAS NO ENSINO MÉDIO E TÉCNICO AMPLIANDO E APROFUNDANDO OS CONHECIMENTOS.....	32
Bruno dos Santos Vilela	
Camila Ferreira Ribeiro	
Claudson Lincoln Beggiato	
Junio Favaro Crema	
Marcelo Ferreira Lima	
Marcelo Romano Caceres	
O PAPEL DA EDUCAÇÃO TÉCNICA PARA UMA PRODUÇÃO MAIS SUSTENTÁVEL.....	37
Plínio Gabriel João	
Diego Henrique Rosa Penha	
Fagner de Melo Silva	
POR UM ENSINO MÉDIO PÚBLICO E PLURAL.....	43
Stella Lobo	
USO DE OFICINAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA A ASSIMILAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS	47
Camila Baleiro Okado Tamashiro	
O TRABALHO DE CAMPO NA FORMAÇÃO DO TÉCNICO EM MEIO AMBIENTE ...	52
João Victor Pavesi de Oliveira	
UM DESCONHECIDO ENTRE NÓS: A HISTÓRIA E A CULTURA INDÍGENA NA SALA DE AULA	60
Cristiane Dias de Melo	
UMA ABORDAGEM DIFERENCIADA DO DIREITO CONTRATUAL NO CURSO TÉCNICO EM ADMINISTRAÇÃO	64
Keli de Araujo Rocha	
APRESENTAÇÃO - ANEXOS.....	67
SENTIR O SER ALUNO.....	67
Davi Gutierrez Antonio	
ANEXOS.....	69

Revista Linha Mestra

Ano XI. Vol. 11 No. 32 (maio.ago.2017)

ISSN: 1980-9026 – DOI: <https://doi.org/10.34112/1980-9026a2017n32>

Expediente

Editores

Alik Wunder

Marcus Novaes

Comitê Científico

Alik Wunder

Davi Gutierrez Antonio

Marcus Novaes Brito

Wenceslao de Oliveira Jr

Revisão Técnica

Luciana Garcia Ruiz

Participação Especial nesta Edição da Revista Linha Mestra

Arte

Giovani C. R. de Siqueira

Editoração

Nelson Silva

EDITORIAL

Marcus Novaes
Alik Wunder

Ensinar a escrita é mostrar a escrita, é vê-la, revelá-la, entregar-se a uma gestualidade que não conhece princípio, duração e final. A escrita é ensinada na própria escrita, durante a escrita. Para além dos métodos, das práticas, de persistente vontade ou tentação de desistir, escrever não encontra uma trajetória simples, despojada de labirintos, nem uma sequência que admita progressão ou culminação: a escrita é esse mistério que permanece escrevendo a si mesmo.

(Carlos Skliar)¹

A Revista Linha Mestra 32 busca dar visibilidade às escritas de professores e alunos do Centro Paula Sousa. Corpo docente e discente aventuram-se no desafio da escrita, para além do ensino teórico e prático das disciplinas, e buscam entre diferentes labirintos um duplo comum: inventarem e descobrirem percursos que exigem a experimentação singular do ato de escrever, ao mesmo tempo que partilham a importância da escrita em favor da valorização da escola pública. Assinalam a necessidade de resistência da educação pública contra os movimentos macro e microfascistas que se insinuam contra o que é e comum e de direito, ao mesmo tempo em apontam a necessidade de permanente (re)criação através de movimentos de pensamento e de invenção dentro dos espaços em que a educação é exercida.

Este número da revista foi organizado pelos professores Wenceslao Machado de Oliveira (Docente da Faculdade de Educação - Unicamp) Jr e Davi Gutierrez Antonio (Coordenador do Centro Paula Sousa) e composto em dois blocos: um primeiro em que os professores assinalam, diferentemente, a importância dos espaços escolares e proliferam diferentes linhas de escrita, e outro bloco composto por criações textuais, poéticas e imagéticas dos alunos, liberando o corpo discente a inventar outras formas de habitar a escola.

Alguns trabalhos do segundo bloco apresentam aquilo que poderíamos chamar de "marcas dos afetos intensos na escrita", aqueles erros gramaticais e de concordância que passam despercebidos quando a escrita é atravessada pelo "coração que pulsa nas mãos" e que são bem-vindas a permanecerem neste dossiê pela resistência que podem ajudar a proliferar.

Desejamos-lhes ótimos encontros com as escritas aqui partilhadas!

¹ SKLIAR, C. Desobedecer a Linguagem. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

APRESENTAÇÃO

AS ESCOLAS DO CENTRO PAULA SOUZA NAS PALAVRAS DE SEUS TRABALHADORES EXPRESSÕES DOCENTES EM MEIO A EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS

Wenceslao Machado de Oliveira Jr.¹

Nos textos que são publicados nesse número da Revista Linha Mestra pulsam esforços docentes em inventar maneiras de fazer com que o aprendizado se dê de maneiras muito diversas. Pulsa, então, o trabalho do professor como gesto criativo e criador: criativo na medida que mobiliza criativamente materiais, linguagens, tempos e espaços para tornar as experiências discentes mais vivas porque menos rotineiras; criador na medida que cria-se a si mesmo e à educação como matérias vivas, mutantes, em constantes metamorfoses e transformações.

Além disso, pulsam nesses textos as resistências que invadem o trabalho docente. Resistências *dos* alunos, resistências *das* coordenações; resistências *aos* alunos, resistências *às* coordenações; resistências *pelos* alunos, resistências *pelas* coordenações. Resistências que, poderíamos dizer, fazem parte e atuam nos próprios gestos criativos e criadores, os quais se constituem também como ações resistentes, nos múltiplos sentidos que essa expressão pode vir a ter.

Os textos aqui publicados são, em certa medida, desdobramentos de um curso no qual atuei em 2016: “Da prática docente ao artigo científico: caminhos do professor intelectual”.

O movimento inicial do curso foi dos próprios docentes, que realizaram e enviaram seus registros de alguma prática docente que consideravam interessante como objeto de reflexão. Nosso primeiro encontro presencial se deu em torno desses registros.

Como modo de disparar “questões mais gerais” acerca daquilo que entendi como sendo uma “ideia de documento” que atravessava os registros enviados pelos professores-cursistas, propus, através do filme *Acidente*, de Cao Guimarães e Pablo Lobato, a perspectiva do registro acidental. No decorrer da conversa descobri que a “ideia de evidência” era mais intensa que a de documento entre os profissionais do Centro Paula Souza ao produzir e enviar aqueles registros, uma vez que as dinâmicas de gestão da instituição exigia dos professores que produzissem evidências daquilo que realizavam em suas aulas e demais atividades docentes. Nesse sentido, os registros realizados e enviados a mim pelos professores ali presentes eram, sobretudo, evidências de que eles estavam trabalhando... forçando a reflexão sobre eles a lidar também com esse incômodo desassossego em relação às *normas de controle institucionais*, as quais eram entendidas como *normas de cuidado institucionais*, por aqueles cujo trabalho vinculava-se às estruturas de gestão.

Descobri assim, que em meio àqueles registros e desejos de escrita que recebi, havia uma tensão latente: as novas estratégias de acompanhamento do trabalho docente eram entendidas, a um só tempo, como controle e cuidado, ainda que os corpos-gestos controlados e cuidados não necessariamente fossem os mesmos. Esses cuidados e controles configuram também inevitáveis resistências que atravessaram nossas conversas e atravessam os textos agora publicados.

Com essas resistências postas em cena, insisti na pergunta: “haveria outras maneiras de fazer-escolher os registros que ativam-participam da reflexão-escrita de um artigo científico, de modo que eles não buscassem evidenciar o acontecido, mas sim já fizessem parte da própria reflexão-escrita?”

¹ E-mail: wenceslao.oliveira@gmail.com.

Daí se desdobraram outras questões-conversas em torno do título do próprio curso: 1. o que seria um professor intelectual; 2. o que vem a ser um artigo científico; 3. a “descoberta-necessidade” de um “problema” em torno do qual escrever; 4. a complexidade dos “problemas” que atravessam a educação em geral e as práticas docentes em particular.

Nas linhas e entrelinhas de alguns dos textos e imagens aqui publicados noto o esforço de trazer essas perguntas como parte do caminho intelectual do professor, como gesto que perpassa o percurso da prática docente ao artigo científico. Destaco aqui alguns deles: um texto em formato de crônica, algumas coautorias que buscaram formas textuais para estarem juntos, algumas imagens que escapam da mera comprovação de algo, problematizações sutis ou explícitas dos constrangimentos e opacidades que perpassam o trabalho docente.

Os quinze textos desse dossiê compõem duas-três expressões do trabalho no Centro Paula Souza. Duas porque há autores que se expressam como “professores de sala de aula” e autores que se expressam como gestores que, a despeito de seus atuais cargos, seguem expressando a docência em meio a suas outras preocupações e palavras. Três porque entre os textos de professores que atuam em salas de aula há a presença dos dois conjuntos de preocupações docentes que configuram essa instituição: disciplinas comuns ao Ensino Médio e disciplinas técnicas, específicas de um único curso.

Optamos por propor um percurso de leitura que vai do mais específico para o mais geral, das palavras e imagens que remetem às experiências vivenciadas em disciplinas técnicas às experiências vivenciadas na gestão, intermediadas pelas experiências vivenciadas em disciplinas comuns na educação secundária brasileira.

São, portanto, três blocos de textos que configuram dois conjuntos de expressões do trabalho docente realizado no Centro Paula Souza.

O primeiro desses blocos compõem-se dos seguintes textos: “A mudança de hábitos e atitudes para alcançar a estabilidade financeira pessoal e conhecer melhor a questão ambiental”, “Projeto de Arqueologia Simulada desenvolvido na ETEC Gildo Marçal Bezerra Brandão”, “Uso de oficinas como prática pedagógica para a assimilação e construção de conceitos”, “Uma abordagem diferenciada do direito contratual no Curso Técnico em Administração” e “O trabalho de campo na formação do técnico em Meio Ambiente”.

No segundo bloco seguem-se outros cinco textos: “Na contramão, só que não! – Reflexões pessoais sobre o uso de ferramentas para auxílio no ensino do componente curricular Biologia para o Ensino Médio”, “Um desconhecido entre nós: a História e a Cultura Indígena na sala de aula”, “As representações sobre cultura no e do esporte problematizadas no Ensino Médio e Técnico – Ampliando e Aprofundando os Conhecimentos”, “Uma aprendizagem significativa para o desenvolvimento da leitura e da escrita” e “Experiência docente com aprendizagem significativa em ETEC”.

No terceiro bloco encontram-se os últimos cinco textos do dossiê: “Ação supervisora no planejamento escolar: diretrizes obtidas para a educação profissional de jovens e adultos”, “No reverso da conversa com o professor: a questão do PTD”, “Ensino técnico em agropecuária no CPS: uma análise da oferta em escolas técnicas estaduais paulistas entre 2012-2016” e “O papel da educação técnica para uma produção mais sustentável” e “Por um Ensino Médio público e plural”.

Finalizar o dossiê com um texto-desejo expresso por um dos trabalhadores do Centro Paula Souza acerca do que poderia vir a ser o Ensino Médio brasileiro, propomos que o leitor siga de ouvidos abertos às palavras e aos silêncios que nos chegam das entranhas “de carne e osso e sentimento” das instituições, cotejando o discurso oficial emitido por elas com os ruídos (in)desejáveis emitidos pelos corpos que nela habitam e a constituem.

Despedimo-nos dos leitores, apontando que dos textos aqui publicados nos chegam sensações de que o trabalho docente é atravessado por emoções e pressões variadas, por

disposições em fazer e registrar, por ritmos e percursos muito distintos, mas sobretudo nos chegam sensações de que o trabalho docente é atravessado pelo desejo de composição com o “outro” diante do professor. Um “outro” que, apesar de múltiplo – materiais agenciados, ritmos experimentados, locais visitados, autores citados, poderes disputados etc –, se configura sempre em meio ao “grande outro” dos profissionais da educação: os alunos.

Por isso mesmo eles foram chamados a compor esse dossiê e aceitaram o convite. Suas produções, em variadas linguagens, podem ser lidas, vistas e ouvidas no material anexo ao final.

ARTIGOS

AÇÃO SUPERVISORA NO PLANEJAMENTO ESCOLAR: DIRETRIZES OBTIDAS PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE JOVENS E ADULTOS

Márcia Regina de Oliveira Poletine¹

Paulo Roberto Prado Constantino²

Thais Yuri Matsumoto Takaoka³

Introdução

O artigo relata uma experiência de supervisão educacional realizada em 22 escolas técnicas estaduais públicas do Estado de São Paulo [Etecs] entre os anos de 2015 e 2017. O objetivo era oferecer suporte aos momentos de planejamento escolar para a educação dos jovens e adultos. A partir deste relato, consolidamos diretrizes mais amplas, que poderão ser estendidas a outros contextos e unidades escolares.

O planejamento escolar adequado, como um instrumento de gestão escolar que envolve domínio técnico e a conciliação política entre os indivíduos, deveria permitir às equipes o desenvolvimento de competências que lhes possibilitem “enfrentar de forma original e criativa as mudanças educacionais, pela apropriação das estruturas necessárias” (GOMES; MARINS, 2003, p. 98). Não se pretendia, portanto, oferecer receitas ou um mero *checklist* de procedimentos, mas tornar os sujeitos implicados por meio da reflexão sistemática, além de capacitá-los a “analisar suas práticas, resolver problemas e criar estratégias para uma ação autônoma e responsável” (GOMES; MARINS, 2003, p. 101).

Esta também era a perspectiva de Antonio Nóvoa (2009), ao apontar que o ofício de professor, tal como o espelhamos na gestão escolar, precisaria integrar dimensões como o desenvolvimento de uma *cultura profissional*, que segundo o autor, seria o

integrar-se numa profissão, aprender com os colegas mais experientes. É na escola e no diálogo com os outros professores que se aprende a profissão. O registro das práticas, a reflexão sobre o trabalho e o exercício da avaliação são elementos centrais para o aperfeiçoamento e a inovação. São estas rotinas que fazem avançar a profissão (NOVOA, 2009, p. 30).

Nóvoa também cita o *trabalho em equipe*, tal como estimulamos entre as escolas pesquisadas, como condição básica para exercer novos modos de profissionalização, que necessariamente

[...] implicam um reforço das dimensões coletivas e colaborativas, do trabalho em equipe, da intervenção conjunta nos projetos educativos de escola. O exercício profissional organiza-se, cada vez mais, em torno de “comunidades de prática”, no interior de cada escola, mas também no contexto de movimentos pedagógicos que nos ligam a dinâmicas que vão para além das fronteiras organizacionais (NOVOA, 2009, p. 31).

¹ CPS. E-mail: mpoletine@gmail.com.

² CPS/UNESP Marília.

³ CPS. E-mail: thais.ym@gmail.com.

O planejamento escolar na educação profissional permaneceria, assim, como um aspecto a ser altamente considerado para uma ação pedagógica adequada. Tal como o professor José Mário Pires Azanha (2004) observava, a escola de hoje, por ser altamente expandida e por suas alegadas deficiências, exigiria um “esforço permanente de investigação e busca” (AZANHA, 2004, p. 373) nesta direção.

Urge, portanto, a necessidade de buscar no próprio espaço da escola as respostas aos problemas e demandas educacionais postas. Nessa perspectiva colaborativa e de desenvolvimento autônomo dos sujeitos envolvidos, a Supervisão Regional de Marília vem atuando junto às 22 unidades que compõem seu grupo de trabalho desde 2009.

Desenvolvimento

Para caracterizar o grupo focal, informamos que o Centro Paula Souza [CPS] é uma instituição autárquica que articula a educação profissional pública paulista, mantendo 220 escolas técnicas [Etecs] distribuídas por todo o Estado, além de 66 Faculdades de Tecnologia [Fatecs], com cerca de 290 mil alunos somente em suas habilitações técnicas e tecnológicas (CPS, 2017).

A Supervisão Educacional / Gestão Pedagógica das Etecs da Região de Marília, sob responsabilidade dos autores desta pesquisa desde 2009, reuniu, em 2017, 22 escolas técnicas e 24 classes descentralizadas ligadas às escolas-sede, que atendiam a uma região de 36 municípios, com cerca de 11 mil alunos matriculados em suas habilitações técnicas e no ensino médio (CETEC, 2017).

Por acreditar, como Moacir Gadotti, que a “tarefa articuladora e transformadora é difícil, primeiro porque não existem fórmulas prontas a serem reproduzidas, e é preciso criar soluções adequadas a cada realidade” (1994, p. 10), a Supervisão Educacional das Etecs da Região Marília propôs às escolas um projeto de apoio às práticas de gestão escolar nos momentos de planejamento. Esse projeto tinha valor intrínseco, pois envolvia uma atuação direta da supervisão entre as escolas, e permitiu “uma intervenção no sentido de trazer à tona os problemas existentes, sua interpretação pela equipe escolar e suas alternativas de solução” (RAPHAEL, 2000, p. 21), o que depende essencialmente de uma construção coletiva e democrática.

Destacamos que o momento específico de planejamento escolar nas Etecs ocorre sempre no início dos semestres letivos, por meio de dois ou três encontros presenciais de oito horas cada, e congregam gestores, professores e demais funcionários das escolas. Trata-se de um momento essencialmente baseado no atendimento ao currículo formal, nas orientações institucionais e, principalmente, nas demandas e características de um público discente jovem e adulto, relativamente “volátil”: afinal, os cursos técnicos modulares duram três ou quatro semestres nas Etecs, e os da modalidade integrada ao ensino médio, seis semestres. Observam-se, por esta razão, mudanças contínuas nas demandas individuais e no perfil do alunado, que acabam motivando permanentes revisões e adequações das atividades educacionais.

Em ocasião anterior a esses encontros entre as equipes escolares, a supervisão educacional procurou orientar os gestores das unidades sobre a elaboração dos momentos de planejamento, no intuito de que avaliassem os processos pedagógicos desenvolvidos anteriormente, de modo a lhes permitir a confirmação de aspectos positivos ou a realização de possíveis alterações para o ano ou semestre letivo que se iniciaria. Essa orientação prévia ocorreu por meio de encontros presenciais de formação, visitas técnicas e documentos de processo. Sob esse direcionamento, entre os anos de 2015 e 2017, seriam realizadas 31 visitas

técnicas da supervisão nos momentos de planejamento escolar, contemplando a totalidade das Etecs da regional.

Diretrizes obtidas

Para fomentar o trabalho gestor entre as equipes escolares nos momentos iniciais do ano ou semestre letivo, sugeriu-se para as reuniões de planejamento das Etecs uma pauta que incluísse, entre outras demandas específicas das Etecs, os elementos que descrevemos a seguir, e que dispomos sob a forma de diretrizes para o planejamento escolar:

- Estabelecer diferentes dinâmicas nos encontros de planejamento: momentos nos quais toda a equipe escolar estivesse reunida, alternando-os com outros, por área, setor ou habilitação. Essa alternância deveria permitir que os indivíduos adquirissem uma visão integral dos processos pedagógicos e gestórios da escola, evitando sua fragmentação por curso ou componente curricular;
- Organizar e apresentar os projetos pedagógicos, produtivos ou sociais para o ano letivo com a toda equipe escolar, em forma de painéis, apresentação oral ou outro meio. Desse modo, os projetos poderiam ser apreciados e articulados pelos docentes antes da confecção dos planos de trabalho docente [planos de aula], a fim de que fossem ferramentas efetivas para os componentes curriculares nas diferentes habilitações;
- Orientar os docentes para a inclusão das ações interdisciplinares e/ou projetos em seus planos de aula, além de registrar seu emprego ao longo do ano nos diários de classe, como um modo de formalizar as suas muitas atividades;
- Analisar conjuntamente a função e os resultados dos conselhos de classe à luz do Regimento Comum das Etecs, considerando que, no início dos semestres letivos, ainda poderiam existir necessidades de apreciação dos pedidos de reclassificação ou recursos pelos alunos;
- Debater o quadro descritivo de atribuições dos profissionais da escola (com base nas deliberações oficiais). Destaque para as funções de coordenadores de curso, coordenador pedagógico, diretores de serviço, orientador educacional, auxiliar de docente, entre outros, a fim de dinamizar e organizar as atividades desempenhadas por cada um dos membros da equipe;
- Adotar ou melhorar ferramentas para gestão e avaliação dos projetos pedagógicos ou produtivos da escola;
- Adotar ou melhorar ferramentas para gestão e avaliação da qualidade das aulas práticas;
- Estimular os professores responsáveis pelos trabalhos de conclusão de curso das diferentes habilitações a atentarem para a proposta pedagógica e os planos de curso disponíveis, de modo que pudessem orientar as produções discentes de forma mais efetiva e contextualizada;
- Orientar os docentes sobre a importância de realizar os registros acadêmicos corretamente;
- Capacitar os docentes, se necessário, para o uso das ferramentas eletrônicas de registros acadêmicos;
- Destacar os resultados dos projetos pedagógicos e produtivos de anos anteriores;
- Analisar o quadro de aulas não dadas da unidade sede e suas classes descentralizadas nos anos anteriores, identificando problemas mais significativos de absenteísmo docente e reposição de aulas não dadas;
- Analisar os resultados obtidos por habilitação nos pedidos de Aproveitamentos de Estudos e Programas Especiais de Estudos;
- Analisar o cumprimento curricular em todas as habilitações do ano letivo/semestre anterior.

- Verificar os índices de perdas e as motivações de evasão em cada habilitação, estabelecendo comparações entre estes e os resultados gerais da escola;
- Verificar os índices de demanda das habilitações nos últimos processos de ingresso de candidatos;
- Debater a proposta de educação profissional integrada ao ensino médio, evitando que os cursos se transformassem em duas habilitações concomitantes e aperfeiçoando as práticas integradoras entre os componentes curriculares, em aspectos como didática, aulas práticas ou a avaliação dos alunos;
- Analisar os resultados das últimas avaliações em larga escala, como o ENEM e o SARESP; os resultados dos processos de aprendizagem dos alunos por curso, obtidos nos conselhos de classe finais;
- Analisar o alcance das metas que constam no Plano Plurianual de Gestão: se foram alcançadas, justificando os resultados e propondo correções, quando necessário;
- Reforçar a participação da unidade em eventos internos e externos, como feiras, mostras, congressos, simpósios, visitas, entre outros, de modo a estimular o envolvimento dos alunos e a divulgação do trabalho empreendido na escola.

Tais análises preliminares poderiam resultar em ações concretas ou projetos mais amplos. As Etecs também podiam dedicar mais ou menos tempo a cada uma destas demandas, de acordo com sua realidade momentânea. O que se estimulou, em todo caso, foi o debate e a construção coletiva de um planejamento escolar contextualizado e ajustado a cada escola.

Considerações finais

Por meio das sugestões de abordagem do planejamento escolar, não desejamos normatizar ou centralizar a atividade, mas oferecer algumas linhas de trabalho baseadas nas tendências observadas na instituição e nas demandas identificadas em meio ao trabalho cotidiano de supervisão, de modo que as equipes desenvolvessem um ponto de vista pedagógico, conforme alertava-nos Azanha (2004), que “levasse em conta esses fatos na ordenação desejável das atividades escolares” (2004, p. 373).

Consideramos que essas sugestões oferecidas para o planejamento das escolas técnicas estaduais encontram espaço no cotidiano de boa parte das instituições educacionais voltadas ao público jovem ou adulto, dentro de suas características específicas e particularidades de atendimento, bem como dos resultados esperados. Por esse motivo, elas foram compartilhadas neste texto.

Historicamente, costumou-se atribuir à supervisão educacional o papel de inspecionar, reprimir ou até punir as ações escolares de professores e gestores. Com as transformações do mundo do trabalho, das relações sociais, das políticas públicas e da própria educação, o perfil afastou-se dessa visão reducionista da ação supervisora. Reafirma-se, neste brevíário, a necessidade de uma supervisão escolar de caráter propositivo e reflexivo, mais próxima das escolas e sem o tom policalesco que poderia emergir neste tipo de relação.

Referências

AZANHA, J. M. P. Uma reflexão sobre a formação do professor da educação básica. *Educação e Pesquisa*. v. 30, n. 2, maio/ago., 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27945/29717>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

CETEC. Banco de dados da Unidade de Ensino Médio e Técnico. São Paulo: CPS, 2017.

CPS. *Perfil e histórico do Centro Paula Souza*. Disponível em: <<http://www.cps.sp.gov.br/quem-somos/perfil-historico/>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

GADOTTI, M. Pressuposto do projeto pedagógico. In: *Anais da Conferência Nacional de Educação para Todos*. (sn). v. 1. Brasília: MEC, 1994.

GOMES, H. M.; MARINS, H. O. *A Ação Docente na Educação Profissional*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

NÓVOA, A. *Professores: imagens do futuro presente*. Lisboa: Educa, 2009.

RAPHAEL, H. S. A ação supervisora e a construção do projeto de avaliação escolar. In: MACHADO, L. M.; MAIA, G. Z. A. (Org.). *Administração e Supervisão Escolar: questões para o novo milênio*. São Paulo: Pioneira, 2000. p. 07-22.

QUEIROZ, T. G. C. *Avaliação Nossa de Cada Dia: guia prático de avaliação*. São Paulo: Riddel, 2006.

EXPERIÊNCIA DOCENTE COM APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA EM ETEC

Daniela Brugnaro Massari Sanches¹
Denise Tieko Uemura²
Fernanda Cassiolato Marti Sguassábia³
Samara Pereira Garcia⁴

A aprendizagem significativa é o processo, por excelência, para adquirir e armazenar vasta quantidade de ideias e informações representadas em qualquer campo de conhecimento. (AUSUBEL, 1963, p. 58)

Segundo Moura e Barbosa (2011, p. 55), aprendizagem significativa ocorre quando:

O aluno interage com o assunto em estudo – ouvindo, falando, perguntando, discutindo, fazendo e ensinando – sendo estimulado a construir o conhecimento ao invés de recebê-lo de forma passiva do professor. Em um ambiente de aprendizagem ativa, o professor atua como orientador, supervisor, facilitador do processo de aprendizagem, e não apenas como fonte única de informação e conhecimento.

O processo de aprendizagem não pode estar separado da interação, das emoções e das sensações que provocam o desejo por compartilhar o que se aprende. O conhecimento é atingido por caminhos delineados por trocas, interferências, quando necessárias, e um planejamento flexibilizado e também interdisciplinar.

Nesse sentido, a iniciativa de escrever nossos relatos com abordagem em aprendizagem significativa surgiu durante o curso de capacitação docente propiciado pelo Centro Paula Souza e intitulado: “Da prática docente ao artigo científico: caminhos do professor intelectual”. Aqui formado por quatro professoras de Etec, de diferentes áreas do conhecimento, atuando com alunos do Ensino Médio e Técnico, com distintas experiências e que buscam pensar as diversas correntes ideológicas educacionais vigentes. Assim, a partir das anotações e registros das práticas desenvolvidas em aulas, o objetivo é relatar nossas experiências e compartilhá-las a fim de mostrar que há diferentes caminhos e formas para se atingirem os resultados por meio da aprendizagem significativa.

O uso das TICS (tecnologia de informação e comunicação) nas aulas de língua estrangeira moderna, inglês e comunicação profissional

Atualmente, é notória a utilização cada vez maior das diferentes tecnologias, como *tablets*, *smartphones*, *smart TVs* pelo público jovem. Entretanto, o chamariz desses aparatos eletrônicos é a internet. Por meio desta, abre-se um leque de acesso: redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter), aplicativos (apps), lojas *online* entre outros. Surge, então, aquela pergunta: por que não utilizar essas tecnologias na sala de aula e tornar o conteúdo a ser aprendido mais atrativo, dinâmico e resolver problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem?

Uma das dificuldades identificadas no curso do 1º ano do Ensino Técnico de Nutrição e Dietética Integrado ao Ensino Médio (Etim) da Etec Trajano Camargo (Limeira) foi a questão

¹ E-mail: daniela.sanches@etec.sp.gov.br.

² E-mail: denise.uemura01@etec.sp.gov.br.

³ E-mail: fernanda.sguassabia@etec.sp.gov.br.

⁴ E-mail: samara.garcia3@etec.sp.gov.br.

da deficiência do vocabulário técnico, ou seja, aquelas palavras específicas que são pertencentes à área de estudo do curso, como rotulagem nutricional, entre outros, tanto em língua materna quanto em inglês. De acordo com Leffa (2000), “língua não é só léxico, mas o léxico é o elemento que melhor a caracteriza e a distingue das outras. ”

Como tentativa de solucionar esse problema, foi proposto aos discentes a criação de um “*Picture dictionary*” com o tema alimentos. Para a execução deste, foi adotado como procedimento metodológico o seminário, o qual também possibilitou aos alunos trabalharem em grupo desenvolvendo a socialização, o aprofundamento dos conhecimentos e a autonomia. Em seguida, iniciou-se o trabalho de pesquisa com o uso das TICs, buscando privilegiar a construção do conhecimento e um aprendizado significativo. O resultado dos trabalhos foi compilado e apresentado em *PowerPoint* para a sala pelos alunos, após correção da professora. Vale dizer que os critérios de avaliação foram previamente explicitados para a classe antes da execução da atividade.

Por fim, foi aplicado aos alunos um exercício que envolvia leitura e compreensão de textos na área de nutrição, objetivando a retomada de vocabulários específicos aprendidos anteriormente. Vale lembrar que o conhecimento é construído individual e socialmente, a partir de interações com o ambiente, ou seja, que este não deve ser transmitido diretamente.

Logo, por meio da observação direta, notou-se que os alunos estavam muito mais tranquilos para realizar a leitura e resolução dos exercícios quando comparados a turmas anteriores, para as quais não houve aprofundamento do vocabulário específico antes da prática de leitura. Esses dados também foram evidenciados e confirmados por meio do questionário aplicado aos alunos, nos quais estes relataram sentimentos de confiança e segurança, ou seja, entende-se que se encontram aptos a realizar tal competência.

Projeto Arte e Literatura, realizado com alunos da 3ª série do ensino médio

Os alunos desenvolveram um trabalho com base nas vanguardas artísticas europeias surgidas no século XX: Futurismo, Cubismo, Expressionismo, Dadaísmo e Surrealismo, as quais trouxeram um novo olhar para a produção artística, como também grandes mudanças ao cenário artístico e literário brasileiro do início do século XX.

Para trazer às aulas a singularidade desse período de transformações, o objetivo foi o de buscar, em metodologias diversificadas, a aprendizagem significativa cabível ao assunto da aula, além de relacionar teoria e prática. Com esse ponto de partida, foi proposto aos discentes um trabalho de pesquisa e apresentação sobre as vanguardas artísticas sob a forma de exposição artística e interpretação cênica amadora de um dos artistas selecionados previamente pela docente. Essa proposta traria motivação para a pesquisa, favorecendo o trabalho em equipe, o relacionamento interpessoal, a preocupação na escolha das linguagens verbal e não-verbal e, finalmente, o estudo relacionado ao prazer, proporcionando a aprendizagem significativa. Dessa forma, o trabalho proposto respeitou as seguintes orientações: divisão dos alunos em cinco grupos, cada qual responsável por uma das vanguardas. As obras a serem apresentadas na exposição eram de artistas de cada vanguarda, outras de artistas brasileiros influenciados pelas vanguardas europeias e, por fim, poemas relacionados às vanguardas.

Apoiando-se nesse material, os alunos precisaram pesquisar os princípios e as características de cada um dos movimentos artísticos para poder relacioná-los obras artísticas e literárias, explicando-as. Ao menos um integrante de cada grupo deveria escolher um dos artistas e interpretá-lo, através da busca de sua história de vida, nacionalidade, vestimentas, manias, produções, enfim, tudo o que o ajudasse a compor a personagem para a exposição,

trazendo à tona curiosidades ou fatos que considerassem interessantes para serem compartilhados com os colegas. Os poemas foram interpretados de forma a dar vida ao texto poético e analisados tendo por base o movimento artístico de vanguarda.

O resultado foi fascinante: além do que fora solicitado pela professora, os alunos criaram situações para contextualizar a interpretação do artista escolhido, produziram cópias de esculturas artísticas e mostraram domínio dos conhecimentos, empatia e sintonia com os membros do grupo. A satisfação dos discentes se tornou evidente. A atividade favoreceu o processo de ensino-aprendizagem, em que ambos os lados, professor e alunos, aprendem e ensinam, favorecendo um ambiente de troca de experiências, de conhecimentos e de afetividade, portanto, favorável ao saber (FREIRE, 2002, p. 29).

Pesquisa com alunos na ETEC Prefeito Braz Paschoalin

A pesquisa histórica para o aluno do Ensino Médio Técnico e, com frequência, também para o professor, parece não fazer sentido, quando a preocupação com a formação para o mercado de trabalho e o vestibular se fazem mais atraentes. Então, como atrair o aluno? Tentando encontrar sentido nesse movimento, surge o projeto de pesquisa de história no ano de 2016, que tem, adicionalmente, a perspectiva de envolver a comunidade escolar em uma rede de preservação e conservação de um patrimônio público, tão carregado de significados para a cidade. O historiador Marc Bloch gostava de citar um provérbio árabe: “O homem se parece mais com o seu tempo do que com seu pai”. Assim, pensar a pesquisa histórica no contexto educativo é pensar como aproximar o aluno do fazer, do despertar para o agir sobre a história do seu tempo e compreender a relação passado – presente.

O grupo, formado após um convite para uma primeira reunião, estabeleceu-se apenas com alunos do 2º ano do Ensino Técnico Integrado ao Médio, mas logo percebeu-se que poderiam ser incluídos alunos do 1º ano. Então, chegou-se a onze alunos e dois professores, ambos da disciplina de História. A primeira etapa do projeto, voltada para sensibilização, contou com análise da própria certidão de nascimento, leitura e discussão de texto e entrega de pasta com alguns materiais básicos para organização da pesquisa.

Na segunda etapa, realizaram-se buscas por informações para saber quais seriam as fontes: familiares, sites, instituições públicas e privadas; ocorreu a visita ao Arquivo do Estado de São Paulo e o grupo decidiu quais seriam os próximos passos da pesquisa. Assim, o grupo foi subdividido para atender às demandas surgidas a partir das informações, levando à reorganização de algumas ações. Muitas informações foram colhidas, algumas soltas e com lacunas a serem preenchidas, mas apontando para a hipótese inicial, o prédio sempre teve vocação para abrigar instituições ou departamentos públicos voltados para o ensino. Apropriar-se do conhecimento e serem reconhecidos como os alunos que fazem parte do grupo de pesquisa tornou-os diferentes, não só com relação à dinâmica da própria escola, mas em relação aos professores. Em alguns encontros, eles foram surpreendidos positivamente, compartilhando momentos que, além do aprendizado escolar, resultaram em conversas descontraídas e carregadas de significados e informações.

Nesse sentido, considerando a relação pesquisa-ensino-aprendizagem, o projeto possibilita o “fazer história” quando envolve o aluno e também o professor, permite compreender que este fazer no contexto educacional, além de estar carregado de outros significados, outros sentidos e outras aprendizagens, como a dimensão básica de cidadania contida ali: a aprendizagem significativa.

Experiência de segurança com os alunos do curso técnico

Quando iniciamos a aula, conversamos com os alunos sobre que tipos de situações já passaram e onde necessitaram de mais conhecimentos em segurança. Com um vasto leque de idades (de 17 a 50 anos), o curso citado traz um público diversificado em uma mesma sala de aula, cada aluno demonstra um pouco do seu conhecimento de vida, suas experiências de trabalho, trazendo-as como referências do tema abordado: equipamentos de segurança, afastamentos, acidentes no trabalho, CIPA e suas funções, entre outros assuntos relacionados.

Como utilizar e organizar todas essas experiências e torná-las importantes componentes na matriz curricular das disciplinas do curso? Como utilizar suas situações-problema como situações de aprendizagem? Estas são informações essenciais para a aprendizagem significativa. Uma aula significativa de primeiros socorros deve apresentar como fazer o atendimento de urgência e emergência? Todos sabem como fazer, mas será que está certo? Quais legislações são aplicadas? A busca do conhecimento dos procedimentos corretos intensifica a participação dos alunos? Na Etec Ferraz de Vasconcelos, sim, pois confeccionamos bonecos para a prática da massagem cardíaca, produzimos talas de papelão para a imobilização de membros e utilizamos garrafas pet para a construção de apoio cervical de pescoço. Todos participam e ampliam com isso os conhecimentos de primeiros socorros inclusive em questões como curativos, queimaduras e suturas.

Dessa forma, foi possível perceber que, durante a aplicação da aula e sua prática, conseguimos avaliar a aprendizagem do conteúdo proposto e ressignificar o tema para o evento voltado à comunidade escolar: a SIPAT Escolar, para o Treinamento de Brigada de Incêndio a docentes e discentes. O evento tornou-se ainda mais significativo, pois todas essas atividades foram ministradas pelos alunos, com a interação dos docentes, coordenação de área e coordenação pedagógica.

O que podemos concluir...

O desempenho em sala de aula, pode ser mensurado de diversas maneiras, ainda que o instrumento de avaliação mais utilizado pelos professores seja a escrita, é necessário observar se a compreensão dos conteúdos e o interesse pelos temas propostos podem ser atingidos por meio de práticas que representem uma aprendizagem significativa e que envolvam prazerosa e até gradativamente os alunos nessa relação, partindo da condição que a aprendizagem é ativa.

As experiências apresentadas neste texto não configuram receitas, mas contribuem com o vasto repertório de ações para quem busca novos olhares em relação à aprendizagem. Contudo, nas escolas em que foram aplicadas, demonstraram ser significativas ao serem realizadas, possibilitando interação e protagonismo.

Referências

AUSUBEL, D. P. *The Psychology of Meaningful Verbal Learning*. New York: Grune and Stratton, 1963.

BLOCH, M. In: CHESNEAUX, Jean. *Devemos fazer tábula rasa do passado? Sobre a história e os historiadores*. São Paulo: Ática, 1995.

CUNHA, R. B.; PRADO, G. V. T. *A Produção do Conhecimento e Saberes do/a professor/a pesquisador/a*. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n30/a16n30.pdf>>. Acesso em 29 out. 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GODARD, J. L. “Fragments Du Discours D’un Amoureux Des Mots”. In: JOLY, M. *Introdução a Análise da Imagem*. São Paulo: Editora Papirus, 1996.

LEFFA, V. Disponível em: <<http://www.leffa.pro.br/textos/trabalho/vocabulario.pdf>>. Acesso em 21 abr. 2017.

MOREIRA, M. A. *Aprendizagem significativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

_____. *Teorias de Aprendizagem*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1999.

_____. “Aprendizagem significativa: um conceito subjacente”. In: *Aprendizagem Significativa em Revista (Meaningful Learning)* – v. 1 (3), 2011. Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/asr/artigos/Artigo_ID16/v1_n3_a2011.pdf>. Acesso em 28 out. 2016.

MOURA, D. G.; BARBOSA, E. F. *Trabalhando com projetos – Planejamento e gestão de projetos educacionais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. *Ensino de língua inglesa no Ensino Médio: teoria e prática*. São Paulo: Edições SM, 2012.

PROJETO DE ARQUEOLOGIA SIMULADA DESENVOLVIDO NA ETEC GILDO MARÇAL BEZERRA BRANDÃO

Arlen Nunes de Souza¹

Introdução

Em que consiste o trabalho do arqueólogo?

Qual a importância de se revelar ao mundo aspectos de uma cultura que não mais existe?

Foi com essas perguntas direcionadas aos alunos do 1º ano EM da Escola Técnica Gildo Marçal Bezerra Brandão que se deu início a atividade intitulada “arqueologia simulada”. Contando com material e curso oferecidos pelo Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE), da Universidade de São Paulo, foi possível recriar, dentro da escola, um sítio arqueológico fictício com o objetivo de inserir o aluno no ainda desconhecido mundo da arqueologia.

Antes da aula prática, ainda em sala de aula, foi feita uma sondagem com os alunos acerca de seus conhecimentos sobre o que seria a arqueologia e qual o trabalho do arqueólogo. Pude anotar algumas perguntas e colocações acerca do trabalho do arqueólogo e sobre o que seria a arqueologia.

“Arqueólogo mexe com ossos de dinossauros não é?”

“A arqueologia só trata de coisas bem, bem antigas, né? Com mais de 10 mil anos!”

“O Indiana Jones é um arqueólogo, né?!”

“Eu queria ser um arqueólogo, prá achar coisas muito valiosas, de ouro e diamante, é claro!”

Após ouvir todas as considerações sobre a arqueologia e o trabalho do arqueólogo feitas pelos alunos, percebi que esses conceitos são associações oriundas dos meios de comunicação, como a TV. Ao mencionar o personagem Indiana Jones como ícone da arqueologia, percebe-se o tamanho do equívoco com relação ao trabalho do arqueólogo e o “valor” que é dado aos objetos encontrados em um sítio, ou seja, só tem valor aquilo que é metal precioso ou uma pedra preciosa, desprezando qualquer outro tipo de material, cerâmica, ossos, conchas, artefatos líticos, entre outros. Tal situação de desprezo por peças que não têm “valor monetário” é comumente observada nos famosos seriados do pseudo-arqueólogo Indiana Jones. No entanto, a atividade proposta não tem a pretensão de transformar alunos em “arqueólogos”, muito menos habilitá-los para que saiam fazendo escavações aleatoriamente.

O trabalho de prospecção em um sítio arqueológico previamente preparado tem por objetivo fazer com que o aluno possa compreender as particularidades do trabalho do arqueólogo e como a arqueologia se relaciona/dialoga com as diversas áreas do conhecimento. A pesquisa arqueológica tem interfaces com a História, a Biologia, a Arte, a Geografia, a Física, a Química, a Matemática, a Língua Portuguesa, em suma, com praticamente todas as disciplinas. Assim, qualquer uma delas pode ser tratada dentro dos domínios da Arqueologia (McManamon, 2000). Em tempo, o trabalho do arqueólogo permite obter respostas acerca da ocupação de um determinado espaço pelos grupos humanos, bem como os aspectos culturais de seu modo de vida.

Desenvolvimento (relato de experiência)

Após breve discussão acerca do trabalho do arqueólogo e da forma como as disciplinas se inter-relacionam em torno da arqueologia, os alunos foram orientados a formar grupos; cada

¹ E-mail: arlen.nunes@gmail.com.

grupo deveria ter um nome. Após a conclusão dessa tarefa, cada grupo recebeu um “kit” contendo um pincel, uma colher de pedreiro, uma pá pequena, uma peneira, um balde e uma prancheta com uma ficha de escavação.



Foto 1: (kit de escavação) – Colher de pedreiro e Pincel

Fonte: elaboração própria



Foto 2: (kit de escavação) – Peneira e Pincel

Fonte: elaboração própria

Ao chegar ao local do “sítio”, no caso os fundos da escola, cada grupo escolheu aleatoriamente uma quadrícula onde fariam o trabalho de prospecção. Cada membro do grupo tinha uma função específica; escavar, remover a terra, peneirar o material retirado da quadrícula, catalogar os objetos encontrados e realizar o registro fotográfico de toda a atividade do grupo. Ao final, de posse dos objetos encontrados, cada grupo apresentou um relatório acerca da atividade, levantando hipóteses sobre os povos que habitaram aquela região no passado, tendo como base os vestígios arqueológicos encontrados.

Tal ação propiciou ao aluno a oportunidade de enxergar uma nova perspectiva de aprendizagem, saindo do ambiente de sala de aula, onde todos os alunos, por via de regra, devem permanecer sentados e só levantarem em casos de extrema necessidade, no “sítio” todos deveriam ficar da maneira que quisessem, de acordo com sua função perante o grupo.

A atividade foi executada pelos alunos com muito entusiasmo, ficando nítido o interesse e a curiosidade que era despertada a cada centímetro de terra removida, no afã de encontrar algum vestígio arqueológico, alguns alunos chegavam a danificar os objetos. O que não era nenhum problema, tendo em vista que dentro da arqueologia todos os objetos têm um valor cultural relevante, inteiros ou fragmentados, como podemos observar na imagem à seguir.



Fig. 3 - Fragmentos de cerâmica



Fig. 4 – Os alunos e seus achados



Fig. 5 – ossos



Fig. 6 – Alunos fazem apontamentos acerca dos objetos encontrados

Vale lembrar que a escavação é apenas uma parte das atividades do trabalho do arqueólogo; porém, esta é uma excelente atividade para introduzir o aluno nesse mundo ainda desconhecido da arqueologia. Embora alguns estudiosos critiquem tal atividade, pois acreditam que as escavações simuladas acabam passando uma imagem superficial da arqueologia, ou ainda, passam a ideia de que qualquer um possa escavar em qualquer lugar, com o intuito de encontrar algum objeto antigo e se apropriar dele. Entretanto, existem muitos outros estudiosos que veem nos sítios simulados uma excelente oportunidade de ensinar métodos e técnicas da arqueologia, além de mostrar a importância de escavações controladas e coordenadas por arqueólogos, sem prejuízo ao patrimônio arqueológico.

Após o trabalho de campo, realizado no “sítio simulado”, os alunos elaboraram relatórios, levantaram hipóteses sobre os vestígios encontrados, sobre a “civilização” a qual pertenciam tais objetos e, por fim, apresentaram suas conclusões ao professor e aos colegas, tornando esse momento de troca de informações e experiências muito enriquecedor para todos.

Referências

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Arqueologia*. São Paulo: Ática, 1988.

PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: UnB, 1991.

MAE – MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Origens e expansão das sociedades indígenas* (Guia Temático para professores). São Paulo, 1998.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *Os primeiros habitantes do Brasil*. São Paulo: Atual Editora, 1994.

NO REVERSO DA CONVERSA COM O PROFESSOR: A QUESTÃO DO PTD

Marisa da Costa¹

“A coordenação de Curso/Pedagógica comunica que não recebeu o Plano de trabalho Docente com prazo estipulado para 01/08/16, até o presente momento.”

Fonte: a autora - 30/08, às 17h20.

O que fica evidenciado no registro acima? O controle, por parte de um, e a recusa, por parte de outro?

Registro (.). Resisto (,). Bate o sinal. Ecoa o som da sirene que parece ter sido emprestado da fábrica ao lado. Hora do intervalo. Vamos tomar um café professor? Na conversa, que se inicia o problema que se coloca é a percepção sobre “certa resistência” dos docentes em relação à prática do registro do Plano de Trabalho Docente. Seria a renitência própria de intelectuais? Haveria um paradoxo na sensação de estar tolhida a liberdade de ensino e sobre as maneiras de aprendizagem num impresso deliberadamente elaborado pelo próprio docente? Estariam os saberes da formação docente mais focados na competência técnica e propedêutica? Seriam os registros encarados como forma de controle, em que se colocariam em xeque a competência do professor ou, pura e simplesmente, uma opção docente diante das tantas demandas a ele feitas?

Primeiramente, é preciso que se considere a relação que a maioria dos professores tem com seu objeto – aula – como sendo a de um labor autônomo, de controle particular, numa espécie de autocontrato docente, em cujas cláusulas não caberiam interferências sobre o como fazer e por que fazer. Há certo desdém com essas demandas, como se as orientações pedagógicas partissem daqueles que apenas pensam educação enquanto outras a vivenciam.

No verso desta prova, ouve-se do professor que a elaboração do Plano de Trabalho Docente (PTD) prevê uma coautoria, já que sua organização deve estar consoante a parâmetros pré-estabelecidos. O pressuposto que se tem, aqui, é de que a tarefa a ser feita não revelaria a identidade de seu autor, como se estivesse planejando o projeto de outrem, como que a retirar o papel de sujeito único deste processo. Essa questão se relaciona com o debate sobre currículo escolar.

No seu reverso, é preciso entender o currículo não como um fim em si mesmo, mas como uma possibilidade para a articulação dentro de uma cadeia composta por vários atores, dando um sentido coletivo aos projetos em detrimento de ações docentes individuais, orientadas para um perfil de competências antecipados nos programas.



Figura 1: Slide para apresentação em reunião pedagógica

Fonte: elaboração própria

¹ E-mail: marisacosta_7@hotmail.com.

O ‘MAS’ é a palavra em destaque. A mais usual das adversativas, em seu registro, já prenunciava a ideia deste texto?

O que se espera, pois, não é a simples execução do que aparentemente está pronto para ser trabalhado, é preciso, primeiramente, que se interprete o que há, para, depois, adaptar de acordo com os objetivos que se quer atingir.

Não invalidando a discussão, o que se pretende mostrar é que, enquanto são discutidas as questões referentes ao currículo, há alunos nas diversas classes acreditando que o docente Gato Risonho² lhes mostre caminho.

Decorre, daí, que o planejamento é feito a partir das decisões da equipe sobre as realidades dos cursos e das escolas. É, também, por meio de projetos interdisciplinares que a equipe partirá do princípio de que todo conhecimento dialogará permanente com outros conhecimentos, podendo confirmá-los, questioná-los, negá-los e/ou complementá-los, evidenciando que sempre haverá a digital do professor impressa em seu planejar.

É certo que a seleção do que deve ser aprendido deixa em aberto o que não o será; mas há de se levar em consideração que existem saberes essenciais para o desenvolvimento de competências, os quais articulados numa cadeia composta por vários atores poderão ser apresentados numa perspectiva mais ampla, libertando as amarras das temáticas propostas, na ressignificação curricular pretendida, o que dá um sentido coletivo aos projetos em detrimento a ações docentes individuais, orientadas para um perfil de competências previamente definidas nos programas.

A ação de planejar, portanto, não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo, é, antes, a atividade consciente da previsão das ações político – pedagógicas, e tendo como referência permanente às situações didáticas concretas (isto é, a problemática social, econômica, política e cultural) que envolve a escola, os professores, os alunos, os pais, a comunidade, que integram o processo de ensino. (LIBÂNEO, 1994, p. 222).

Em segundo lugar, há que se considerar a formação do professor para além do saber técnico e científico. A problemática instaurada faz parte da observação também verificada nas aulas-teste em bancas de processo seletivo para docentes. Observa-se que muitos não entregam um Plano da Aula ou, quando o fazem, percebe-se que não o constroem em articulação com a realidade da aula apresentada, num hiato de duas tarefas a serem realizadas para o sucesso da aula-teste, sem que uma se coadune com a outra, no cerne de uma questão que parece fazer parte de uma cultura docente. Certa vez, ao ser questionada sobre o que havia planejado como estratégia e a estratégia propriamente executada, a aspirante a docente parecia não compreender a razão de ela mesma não seguir o que outrora havia planejado.

Assim, da mesma forma que um aluno que entrega os trabalhos exigidos, sem que isso tenha qualquer significado para ele, muitos também entregam a “lição de casa”, com o sentimento de insignificância e sem a consideração de sua funcionalidade.

Atualmente, fala-se muito em uma educação que prioriza o ensino pelo modelo de desenvolvimento de competências, mas, antes de tudo, é importante lembrar as próprias competências que se relacionam ao saber docente: entre as dez competências para ensinar, segundo Perrenoud (2000), duas já nos dão a dimensão da importância do planejamento docente na complexidade do ofício do professor – a organização e a direção de situações de aprendizagem; a administração e a de progressão das aprendizagens. Para isso, contudo, o autor cita a formação do professor como um compromisso próprio, de foro íntimo, que ocorre,

² Personagem de Alice no País das Maravilhas de Charles Lutwidge Dodgson, conhecido pela frase célebre “se você não sabe para onde vai, qualquer caminho serve”

também, pelo compartilhamento de experiências com outros docentes e com seus saberes plurais. É função da escola a abertura de tempos e espaços para que essas trocas ocorram.

Segundo suas ideias, a realização da formação na própria escola é um grande passo, não somente pela constituição de um coletivo de formação, mas também porque ficaria mais próxima das práticas educativas da escola em questão.

Todos os professores são chamados a “organizar e animar situações de aprendizagem”. Se não tiverem nenhuma competência nessa área, pode-se perguntar por que escolheram essa profissão e como obtiveram o direito de ensinar. No entanto, quem poderia se vangloriar de ter adquirido um total domínio dessa área de competência? (Perrenoud, 1998, p. 24)

Fica patente, portanto, que o saber pedagógico que ainda falta ao professor é fator de resistência, na acepção do vocábulo como ‘*um não ceder*’, ou seja, permanecer onde se está no momento, até que venha o auxílio.

Para Vasconcelos, 2008, o tema sobre a formação do professor é um tema delicado, principalmente dado às fragilidades constatadas. Para o autor, o comprometimento com as questões de ensino advém da competência pedagógica, sendo essa formação indispensável para que se pense Educação em todo o seu campo de influência

A demanda atual da educação desfoca a ideia de “como vamos ensinar” para a de “como podemos fazer para que o aluno aprenda”, tornando ainda mais significativa a ação de planejar. Se antes as estratégias de ensino focavam o conteúdo e agora se voltam para o desenvolvimento de competências e habilidades, a função do planejamento também se vincula às atividades de aprendizagem. A planificação das ideias no planejamento das aulas servirá ao próprio professor como subsídio de estudo e reflexão sobre sua prática pedagógica, de questionamento constante sobre as relações estabelecidas entre as estratégias elencadas para a aprendizagem e as competências que precisam ser desenvolvidas.

Por que seria necessário inscrever a atitude reflexiva na identidade profissional dos professores? Responderei inicialmente: para liberar os profissionais do trabalho prescrito, para convidá-los a construir suas próprias iniciativas, em função dos alunos, do campo, do meio ambiente, das parcerias e cooperações possíveis, dos recursos e das limitações próprias do estabelecimento, dos obstáculos encontrados ou previsíveis. (PERRENOUD, 1999. In: *Revista Brasileira de Educação*, set.-dez. 1999, n. 12, p. 5-21)

Ao utilizar o PTD como motivo para refletir, a história narrada por Lemov, em *Planejar para garantir um bom desempenho*, ajuda-nos a pensar de que forma ele nos serve para a recondução de nosso agir pedagógico:

A primeira falha é que eu buscava uma atividade para realizar com meus alunos no dia seguinte – não buscava um objetivo, aquilo que pudesse fazer com que meus alunos aprendessem ou pudessem fazer ao final da aula. É muito melhor começar ao contrário, ou seja, pelo fim, pelo objetivo. Ao estabelecer o objetivo primeiro, você substitui a pergunta. ‘O que meus alunos vão fazer hoje?’ por ‘o que meus alunos vão entender hoje?’ A resposta para a primeira pergunta é mensurável, para a primeira não. O único critério que determina o sucesso de uma atividade não é se você consegue realiza-la ou se as pessoas parecem ter vontade de participar, mas sim se você atingiu um objetivo que possa ser avaliado. (LEMOV, 2016, p. 75)

Reconhecendo o PTD como um instrumento que serve à autogestão do educador, por que, então, ele também serviria ao controle da coordenação? E por que muitos se escondem no discurso do senso comum de que se muitas vezes não há a leitura do coordenador, não faria sentido elaborá-lo? Vê-se, claramente, que a segunda pergunta já está respondida, quando se compreende que este registro é, antes de tudo, o início de uma ação da qual decorrerão as aprendizagens, que é o sentido de toda a escola e, por conseguinte, o sentido da docência.

Todavia, entendendo que o planejamento pertence à coletividade – porquanto faz parte de um projeto maior, que é o pedagógico –, ele também servirá à coordenação, aos outros professores e aos alunos, considerados os objetivos educacionais da unidade escolar. Nas palavras de Masseto (2015: p. 73), “é necessário que o docente se sinta responsável por colaborar com a formação discente e não apenas por ministrar uma disciplina.”

Logo, sendo a construção uma tarefa coletiva, o que se espera, também, é que haja um gerenciamento coletivo, da equipe que o gestou, incluindo o aluno. Na prática, o que se vê, porém, é a tarefa do acompanhamento ser delegada aos coordenadores, numa atividade já prescrita em suas atribuições e, por isso, com caráter de controle. A gestão pedagógica, todavia, está relacionada à mediação do que se discutiu e se planejou e sua concretização real, mesmo que, nessa intercessão, seja natural o coordenador pedagógico lembrar sua experiência para auxiliar no avanço do professor.

Como atesta Tardif, (2002, p. 37) “a prática docente não é apenas um objeto de saber das ciências da educação, ela é também uma atividade que mobiliza diversos saberes que podem ser chamados de pedagógicos”. O propósito da docência é, indubitavelmente, a aprendizagem dos alunos; por isso, é indispensável que o professor tenha clareza sobre os princípios da aprendizagem.

Considerações finais

É preciso retomar o sentido do planejamento como uma reflexão sobre a formação pretendida ao aluno. É necessário deixar a resistência de lado, superando o discurso sobre esse registro sob um prisma meramente burocrático.

O planejamento evita o excesso de improvisações que por vezes rouba o tempo da aula. Quando as ações docentes são planejadas, mantém-se a autonomia de escolha, evitando-se as improvisações e rejeitando-se o processo de mecanização da condução das aulas. Com atividades programadas, há uma maior probabilidade de se atingirem os objetivos propostos por meio da adequação que ocorrerá no meio, mas com os esforços para a articulação entre o início e o fim. Também, assim, será consumida menos energia e o trabalho será realizado com maior segurança.

Novamente, soa a sirene que parece emprestada da fábrica ao lado. Todo dia ela toca, mas hoje não teve aula; o dia foi de reflexão, no verso, no reverso, no acordo coletivo da antecipação.

Referências

LEMOV, Doug. *Aula Nota 10: 49 técnicas para ser um professor campeão de audiência*. Trad. Leda Beck. Porto Alegre: Penso, 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

MASSETO, Marcos Tarciso. *Competência Pedagógica do Professor Universitário*. São Paulo: Summus, 2015.

PERRENOUD, Philippe. *Formação Contínua e Obrigatoriedade de Competências na Profissão de Professor*. Tradução de Luciano Lopreto. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade de Genebra, 1998.

_____. Formar professores em contextos sociais em mudança: prática reflexiva e participação crítica. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, n. 12, p. 5-21, set. /dez. 1999.

_____. *Dez novas competências para ensinar*. Trad. Patrícia Citoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico*. São Paulo: Libertad Editora, 2008.

_____. Formação didática do educador contemporâneo: desafios e perspectivas. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. *Caderno de Formação: formação de professores didática geral*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 9, p. 33-58.

NA CONTRAMÃO, SÓ QUE NÃO! REFLEXÕES PESSOAIS SOBRE O USO DE FERRAMENTAS PARA AUXÍLIO NO ENSINO DO COMPONENTE CURRICULAR BIOLOGIA PARA O ENSINO MÉDIO

Sonia Aparecida Gurgueira Barca¹

Lá estava ela, a “professora de Biologia”, uma estranha àquela comunidade escolar, que por mérito e, talvez, também por obra do destino, aventurava-se a lecionar no ensino médio. Era possível ver naqueles rostos adolescentes a grande expectativa em relação ao que seria ofertado. Os recursos eram poucos: havia um espaço físico destinado ao laboratório de Ciências da Natureza destinado às aulas práticas dos componentes curriculares Química, Física e Biologia, mas que era mais adequado apenas a algumas aulas práticas de Química. O quadro era de giz, mas havia *data show* e *notebook* em número suficiente para os docentes, sem necessidade de reserva. Ótimo! Então lá foi a professora “armada” dessa tecnologia e conhecimentos tentar atender a tanta expectativa.

O começo foi interessante: as tradicionais aulas expositivas dialogadas com uso de multimídia sobre a “Origem da Vida”, com informações que eles acharam muito engraçadas e classificaram como ingênua a Abiogênese, uma das primeiras teorias sobre o surgimento da vida. Os alunos gostaram muito da apresentação do método científico, que seguia o exemplo do livro didático (AMABIS & MARTHO, 2013a, p. 16) sobre como o “bicho de goiaba” entra na goiaba. Primeiramente, “bicho de goiaba” é a fase larval da mosca da fruta “aprendizes de Biólogo”. A professora informou que, em breve, eles teriam a oportunidade de praticar o conhecimento. Eles também gostaram de saber sobre o embate entre a Abiogênese e a Biogênese e sobre como Pasteur aplicou muito bem o método científico, ganhando até um prêmio em dinheiro. Com isso, criou um método tão eficiente para eliminar microrganismos de alguns alimentos, sem alterar seu sabor, e prolongou o tempo para consumo que é usado até hoje: a pasteurização (AMABIS & MARTHO, 2013a, p. 34). Dá-lhe Biogênese!

Depois veio “O tempo Geológico” (AMABIS & MARTHO, 2013b, p. 249) e ela precisou anotar tanta curiosidade e interesse na Era Mesozoica com os períodos Triássico e Jurássico, uma vez que todos queriam falar e saber sobre dinossauros. Pensou “Obrigada, Hollywood!”. E usou as anotações para ajudá-los posteriormente, na compreensão de clonagem, já que vários queriam saber se era possível tornar real o filme *Parque dos Dinossauros*. Eles ficaram de assistir à película novamente e sugeriram uma seção de cinema no auditório, mas a professora informou que, por questões de logística, seria melhor que eles se reunissem em grupos na casa de alguns deles mesmos para rever o filme. O mais importante era entender o raciocínio humano para explicar que todas as eras estavam relacionadas à origem e evolução dos organismos, de acordo com a visão da ciência.

Para ela tudo parecia bom, mas, na realidade, o assunto era interessante. Mas veio o tédio! Porque, com tanta informação visual, os alunos pareciam ter dificuldade em imaginar os desenhos e esquemas apresentados por ela sobre membrana celular, modelo mosaico fluido, célula animal, célula vegetal e seus organelos celulares. E agora?

Corre para a “santa” internet, “fonte de saber e engano”, e não é que ela encontra no sítio do *YouTube* um vídeo “*super-mega-blast-hiper*” interessante – nas suas próprias palavras. Uma animação intitulada “*The Inner Life of Cell; A vida no Interior da Célula*”, produzida, em 2006, por uma equipe da *Harvard’s BioVision* e da *XVIVO Scientific Animation*. A professora se apaixonou!

¹ E-mail: sonia.barca@etec.sp.gov.br.

Tão superlativa! Os alunos tiveram reações muito divertidas, tais como admiração e repulsa. Vários deles disseram “Nem por sonho que essas coisas acontecem dentro do meu corpo” ou “Credo, esse lisossomo é nojento! Parece mais um monstro” e outras coisas assim. Então, ensinar ficou relativamente fácil: ir pausando e mostrando o passo a passo. Os estudantes disseram “agora deu para ver e entender o tal modelo mosaico fluido das membranas celulares com suas proteínas e fosfolipídios, que desenhados no quadro parecem bonecos e no vídeo também!”, além dos organelos celulares como o Complexo Golgiense, as mitocôndrias, os lisossomos etc.

Ela sabe que o uso de vídeos em sala de aula obviamente não é novidade, mas é uma ferramenta muito útil que complementa a aula expositiva dialogada e ajuda a internalizar o conhecimento (MORÁN, 1995). Os alunos foram orientados a procurar na internet ferramentas como músicas para ajudar a memorizar tanta informação. Uma delas se tornou sucesso absoluto para memorizar as funções dos principais organelos celulares. A princípio, a professora se pegou, a contragosto, cantarolando “mitocôndria, mitocôndria é quem faz respiração...” (GRAÇA, 2012).

Novamente, foi muito bom ver na prática pessoal mais uma ferramenta útil. Paródias têm sido utilizadas no ensino Biologia, pois dinamizam a compreensão e do conteúdo (SILVA et al, 2015). Porém, ela sempre comenta aquele tal vídeo sobre a vida no interior das células, pois ainda não se decidiu se gosta mais da animação ou da trilha sonora. Parece que ela gosta de ambos e eles, também. Nem tanto professora!

Um desafio a mais que tinha que resolver era com a divisão celular. Outra animação permitiu visualizar as fases da mitose e se entender as semelhanças e diferenças entre mitose e meiose. Isso auxiliou na aula expositiva dialogada, mas os alunos não conseguiam memorizar os nomes das fases com as dicas sobre associar o evento da fase com seu nome. “Muitos nomes, em Biologia, têm origem grega”, dizia ela. Também os lembrava de que disse, no início do ano: “Você aprende Biologia e terá, ao final das três séries, totalmente grátis, sem nenhum custo adicional, um curso de Grego”.

Foi nesse momento que ela se lembrou de que, quando estudante do ensino médio, o professor de Biologia lhe ensinou uma frase mnemônica “**Pro**Meti a **Ana** lhe **Tele**fonar”... assim ficou fácil para os alunos memorizarem “Prófase, Metáfase, Anáfase e Telófase” e unirem toda a informação de vídeo e aula, internalizando o conhecimento. Tão velho e tão prático! Seus alunos resolveram dar *upgrade* e ficou “**Pro**Meto a **Ana** que **Tele**fono”. E não é que ficou legal!

O uso da mnemônica já foi mais presente em salas de aula, mas parece que ficou mais restrito a cursos preparatórios. Não existe comprovação científica quanto à validade dessa técnica, mas ela sabidamente ajuda na memorização, cujo conceito já tenha sido entendido (CARRETEIRO, 2003; SILVA, 2009; SALES, 2015).

A professora também fez uso de atividades lúdicas, como a dramatização de um polímero. Ela promoveu todos a aminoácidos, que são moléculas orgânicas que representam as unidades monoméricas das proteínas, pediu que dessem as mãos, como analogia às ligações peptídicas que ocorrem entre os aminoácidos e, formassem um polipeptídeo de aminoácidos, o que ajudou bastante a entender o conceito de polímeros (TAPIA & FITA, 2015).

Mais adiante, nas aulas sobre Ecologia com foco em Ciclo da Matéria, ela usou a prometida aula prática, aproveitando o espaço do laboratório. “Não temos microscópios”, ela pensou, “mas é possível visualizar a ação dos organismos decompositores e, de quebra, vivenciar o método científico! Além disso, eles precisam entender porque devem auxiliar seus pais na conservação dos alimentos perecíveis, guardando-os de forma adequada na geladeira ou congelador”. Ela, então, trouxe bananas e copos plásticos de requeijão reutilizados para um experimento, incentivando seus alunos a elaborar hipóteses sobre como os pedaços de banana se apresentariam, armazenados nesses copos com tampa após uma e duas semanas. Como seriam, em relação ao aspecto, odor e cor, já que uns ficariam na bancada do laboratório (temperatura ambiente), sem qualquer adição de outros

ingredientes; alguns seriam cobertos por uma generosa camada de açúcar; outros ficariam na geladeira; outros, no congelador. As hipóteses seriam posteriormente confrontadas com os resultados obtidos e surgiriam as conclusões.

O uso dos copos plásticos já serviu também de alerta quanto à diminuição da produção de resíduos, pois ganharam outra utilidade e, após a finalização, poderiam ser guardados para novos ensaios experimentais. “E eles perceberam a intenção sem precisar falar”, pensou ela satisfeita, “como são espertos esses meninos e meninas!”.

Aulas práticas são ótimas ferramentas no ensino de Biologia (LIMA & GARCIA, 2011; SOARES & BAIOTTO, 2015) e isso é comprovado na realidade dessa professora. mas ela ainda não conseguiu um número suficiente delas. Assim, para, digamos, “fechar com chave de ouro” sua disciplina, ela lançou mão de outro vídeo. Este mostrava a ação dos microrganismos decompositores (ASSIS, 2013) no tópico “organismos *ex vivo* e o ciclo da matéria”, que poderia se transformar em composto para hortas domiciliares e na escola. Imediatamente, vários alunos ficaram motivados a ingressar e participar ativamente do projeto de produção de composto que estava em andamento na disciplina de Técnicas Organizacionais. Isso renderia outras histórias.

Vários outros vídeos vieram para tornar suas aulas mais encantadoras: o canto do uirapuru (AQUARIOSMASTER, 2009), ave símbolo do Amazonas, corou o estudo dos Domínios Morfoclimáticos do Brasil, ainda mais com a informação da lenda de que quem ouve o seu canto terá felicidade para sempre... e ela estava ofertando “totalmente grátis”, como bônus pelo interesse e participação de seus caros alunos. Outras lendas do uirapuru que contou em aula ajudaram os alunos a perceberem que a intervenção humana na natureza ocorre às vezes, por motivos fúteis, como: prosperidade, se o homem tiver em sua posse uma pena do pássaro, ou um marido fiel e amoroso para toda a vida, se a mulher conseguir um pedaço do ninho (RESENDE, 2015). Lendas estas que levaram o pobre uirapuru a ficar em vias de extinção.

Bem, a história da nossa professora de Biologia não termina aqui e tampouco é tão resumida. Ela continua se encantando com sua profissão, feliz pela escolha de exercer o magistério para alunos do ensino médio em uma Escola Técnica. A educadora segue combinando o novo, na forma dos vídeos e imagens que encontra na internet, com o velho, o quadro de giz, as frases mnemônicas e os conhecimentos presentes nos livros didáticos, algumas aulas práticas e por aí vai. Todos se divertem e aprendem, e ela faz questão de frisar que é quem se diverte mais. Isso eu já não sei. O fato é que, a cada dia, cresce um pouco a pequena lista daqueles que também querem se formar Biólogos e auxiliar na preservação do planeta, assim como aconteceu com ela no ensino médio. É viver para ver!

Referências

AQUARIOSMASTER. *O Canto do uirapuru verdadeiro (Cyphorhinus aradus)*. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1ptgWSpK_RU>. Acesso em: 12 ago. 2017.

AMABIS, J. M.; MARTHO, G. R. Como a vida surgiu?. *Biologia em Contexto*, 1. ed., São Paulo: Editora Moderna, 2013a, cap. 5, vol. 1, p. 32- 34.

_____. A origem de novas espécies e dos grandes grupos de seres vivos. *Biologia em Contexto*, 1. ed., São Paulo: Editora Moderna, vol. 2, p. 249-271, 2013b.

ASSIS, A. de L. *Decompositores*. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Vdagly4nkLA>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

GRAÇA, L. *Organelas unplugged*. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P7pKup4mplA>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

LIMA, D. B.; GARCIA, R. N. Uma investigação sobre a importância das aulas práticas de Biologia no Ensino Médio. *Cadernos de Aplicação*, n. 24, p. 201-224, 2011.

MÓRAN, JOSÉ M. O vídeo na sala de aula. *Comunicação e Educação*, n. 2; p. 27-35, 1995.

RESENDE, L. *A lenda do Uirapuru, o pássaro mágico que traz muita sorte*. 2015. Disponível em: <<http://www.xapuri.info/cultura/mitoselendas/o-uirapuru/>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

SILVA, S. P da; Pereira, I. B.; Melo, S. M. F de. O uso da música no ensino de Biologia: experiências com paródias. In: I CONGRESSO DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA, 2015, Arapiraca, Alagoas.

SILVA, S. M. S. *O uso de técnicas mnemônicas como auxiliares no ensino-aprendizagem da Língua Inglesa*. Curso de Letras da Faculdade de Ciências, Educação e Letras da Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares, MG, 2009.

SOARES, R. M.; BAIOTTO, C. R. Aulas práticas de biologia: suas aplicações e o contraponto desta prática. *Revista Di@Logus*, n. 4 (2), p. 53-68, 2015.

TAPIA, J. A.; FITA, E. C. *A Motivação em Sala de Aula: o que é, como se faz*. Tradução de Sandra Garcia. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

XVIVO Scientific Animation & Harvard's BioVision. *The Inner Life of Cell*, 2006. Disponível em: <<http://www.xvivo.net/animation/the-inner-life-Of-the-cell/#sthash.CdO6H4Mf.dpuf>>; <https://www.youtube.com/watch?v=qW9_Sq2vSPc>. Acesso em: 12 ago. 2017.

MUDANÇA DE HÁBITOS E ATITUDES PARA ALCANÇAR A ESTABILIDADE FINANCEIRA PESSOAL E CONHECER MELHOR A QUESTÃO AMBIENTAL PODEM INICIAR NA SALA DE AULA

Agda Nunes dos Santos Oliveira¹

Elaine Maria Luiza²

Introdução a finanças pessoais

Foram colocados vários cofrinhos plásticos em formato de porquinho em cima da mesa: vermelhos, verdes, amarelos, azuis, dourados, rosas, prateados. Os alunos foram convidados a escolher cada um o seu porquinho. Houve um breve tumulto devido às cores, as meninas queriam os rosas, e os corintianos não queriam os verdes, outros queriam o dourado, mas a quantidade de cofrinhos estava limitada a quantidade de alunos e as cores eram as que estavam ali em cima da mesa; não havia outros para trocar. Precisaram fazer um acordo entre eles, até que todos ficassem satisfeitos ou conformados com os porquinhos recebidos.

Após receberem um cofrinho, foram convidados a registrar, em forma de relatório, os valores que colocariam nele como: proveniente de economias ou de abstinência de gastos que consideravam supérfluos, ou novos hábitos de consumo. O professor faria o registro em seu portfólio docente, buscando dar transparência às atividades realizadas e às produções dos alunos. O problema a ser solucionado era: como falar em economizar e fazer, se a situação financeira não está possibilitando essas atitudes?

Ouve-se nos noticiários, lê-se em revistas econômicas, jornais e até na sala de aula, que é preciso “apertar os cintos”, evitar gastos de qualquer natureza. Infelizmente, uma parte da população está vivendo da ajuda governamental. No mês de maio de 2015, o programa Bolsa Família cobria 13,7 milhões de famílias com um valor médio do benefício de R\$ 167,95 (cento e sessenta e sete reais e noventa e cinco centavos). Esse dado demonstra que uma parte substancial da população está vivendo com ajuda de transferências diretas de renda do Governo Federal, auxílios como Bolsa Família, Seguro Desemprego etc., que colaboram na mitigação da pobreza gerando um efeito multiplicador, refletindo o cenário macroeconômico

Entretanto, conforme Paulo Freire, na *Pedagogia da Autonomia* (1996), a ajuda assistencialista torna a população “escrava” ou mesmo manipulável. As pessoas, quando têm a independência financeira, estão libertas e terão a possibilidade de fazer suas escolhas e tomadas de decisões livremente.

Evitar o crédito é um bom começo, especialmente quando o custo do dinheiro está alto. A taxa de juros no cartão de crédito, no mês de abril de 2016, estava por volta de 435,60% ao ano, levantamento na ANEFAC (Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade).

O grau de dificuldade para se liquidar uma dívida, se não houver pagamento da fatura do cartão de crédito na data de vencimento, mesmo que seja somente o valor mínimo autorizado pela operadora do cartão de crédito, é grande, sem comprometer as despesas básicas e essenciais. O cidadão pode ter o nome inserido na Lista de SPC (Sistema de Proteção ao Crédito) e perder sua liberdade de consumo.

Assim, uma futura proposta à Educação Financeira pessoal e familiar pode ser a solução de muitos problemas de várias áreas. Pode-se pensar inclusive na questão ambiental, porque,

¹ E-mail: agda.oliveira4@etec.sp.gov.br.

² E-mail: emalu@hotmail.com.

dentro dessa perspectiva, minimiza-se o uso dos nossos recursos naturais renováveis e não renováveis, e diminui-se a emissão não só dos gases do efeito estufa, mas também dos materiais particulados que influenciam negativamente na saúde da população, das plantas e da própria cadeia alimentar. Essas emissões afetam diretamente os seres produtores que estão na base desta cadeia, além de poluir com alta demanda de efluentes os nossos mananciais.

Desenvolvimento

Após a entrega dos porquinhos, houve o relato do projeto: no primeiro dia, em que trabalhamos o assunto Finanças pessoais, fiz uma breve explanação e solicitei a opinião dos alunos, que totalizavam trinta e sete. Entreguei um texto com os assuntos: orçamento pessoal, orçamento familiar, os tipos de despesas fixas e variáveis.

A explanação tratou da importância de se fazer o orçamento pessoal e foi proposta aos alunos uma pesquisa do real valor das entradas mensais do capital e registro de todas as despesas ocorridas durante o mês, para posteriormente mensurar seu resultado. Nesse orçamento familiar, foram colocadas em planilha as despesas e as receitas dos envolvidos, para haver transparência da real situação financeira da entrada do dinheiro e as retiradas. Com os dados registrados, inicia-se a nova etapa, sobre os Tipos de Despesas, as essenciais e urgentes e as não tão necessárias e não urgentes. Foi nesse determinado momento que a sala de aula ficou pequena e a acústica ficou alterada. Os alunos queriam falar, outros falavam entre eles ou em pares, outros comigo e resmungavam. Pedi para terem calma; ouviria todos. Foi muito barulho. Em certo momento, pensei: deveriam se acalmar, estão confusos. Quando um aluno levantou a mão e perguntou: “Professora, estou desempregado há um ano, como vou registrar meus ganhos? Nunca dá para pagar as contas e não recebi o Fundo de Garantia, a empresa deu calote...”; outro aluno também levantou a mão e falou: “Minha esposa fica muito brava quando pergunto em que gastou o dinheiro, o que faço?”. Mal terminou de falar, outra aluna replicou: “Não dá para ficar sem ir ao cabeleireiro e sem fazer as unhas, meu marido sempre reclama dos meus gastos, mas quer me ver bonita!”.

Sugeri que fizessem uma pergunta de cada vez, para que todos pudessem falar e também fossem ouvidos. Fui registrando de forma bem simples as questões colocadas e, para minha surpresa, os alunos, às vezes, pediam licença para dar alguma sugestão aos colegas.

O intervalo foi realizado e, quando voltamos, retomamos o assunto, a aula estava bastante interessante, tanto para mim, que pude conhecer melhor a realidade financeira dos alunos, que não se intimidaram em falar sobre as dificuldades financeiras e pedir ajuda para solucionar os problemas, como para os alunos, que estavam com uma reserva econômica e não sabiam a melhor forma de investir. Alguns pediram para falar em particular, sobre as dívidas e como solucionar o problema de forma mais adequada, sem sacrificar tanto a família.

Foi um dia de aula muito intenso, e algumas formas de se evitarem gastos foram sugeridas aos alunos, principalmente, aos que já estavam com saldo negativo, dívidas com cartão de crédito, nome inserido no SPC. Como solucionar?

Foram entregues mais artigos para avaliar situações e tomadas de decisão sobre as finanças pessoais. Cada aluno pôde registrar situações e buscar soluções para suas dívidas. A grande maioria, no início, propôs o diálogo em família, formas de diminuir despesas fixas e, quando necessário, alterar rotinas para diminuir as despesas variáveis.

O caos aparente que tivemos na primeira aula foi muito produtivo e possibilitou que fizessem a análise crítica das finanças pessoais e também harmonizar a sala de aula.

Resultado da intervenção

As intervenções que foram realizadas com os alunos no decorrer do 1º semestre de 2016, por meio da entrega de cofrinhos e relatórios sobre finanças, sobre as formas de economizar, de colocar as dívidas em dia. Os alunos foram convidados a fazer relatórios sobre o entendimento do texto lido e debatido em sala de aula. No final do semestre, os alunos abriram o cofrinho para quantificarem as economias guardadas e escreverem o relatório final da experiência em guardar e significado do projeto para cada um deles.

A conclusão foi que muitos haviam perdido o hábito de economizar e não tinham ideia dos gastos não ponderados e das compras sem responsabilidade. Uma quantidade pequena de alunos tinha o hábito de economizar e fazer reservas do salário mensal.

O projeto proporcionou aos alunos um olhar mais disciplinado e responsável para cuidar das dívidas atrasadas e procurar formas de saldar sem pagar juros altos, negociações mais cuidadosas para cumprir até o final do prazo estipulado em contrato. Os relatórios entregues pelos alunos demonstraram a preocupação em ter hábitos de consumo mais responsáveis e que um dos motivos do não pouparem foi a pressa em ter bens de consumo duráveis e não ficarem desatualizados em seus aparelhos eletrônicos, como celular, smartphones, notebooks, computadores, tablets, em geral.

Percepção ambiental do descarte inadequado de lixo

A Educação financeira pessoal e familiar pode ser a solução de muitos problemas, inclusive na questão ambiental, pois, dentro desta perspectiva, conscientizar os alunos sobre o consumo desenfreado e, conseqüentemente, dar um destino correto para os resíduos diminui a poluição ambiental, tanto na atmosfera, quanto na hidrosfera e litosfera, pois o ser humano não consegue ter seus dejetos inteiramente reciclados.

A problemática da geração de resíduos é universal, pois todos os países produzem toneladas diárias de lixo, o que justifica buscarmos mecanismos para minimizar e conscientizar as pessoas sobre essa questão.

Há uma enorme variedade de lixo, dentro dela, destacam-se os resíduos orgânicos e inorgânicos, tais como: vidro, metal, plástico e papel e estes se enquadram nos recicláveis. Dentro dessa percepção ambiental, os alunos devem vivenciar essa ideia, com a prática do consumo consciente, fazer economia dos bens desnecessários e separar os resíduos de maneira correta, para, posteriormente, gerar renda para si e, conseqüentemente, minimizar a degradação ambiental. Segundo dados do IBGE (2002), a geração per capita de resíduos no Brasil está entre 450 e 700 gramas por habitante, nos municípios com população menor a 200 mil habitantes, e entre 700 e 1200 gramas, em municípios com população acima de 200 mil habitantes.

A geração de lixo está crescendo a despeito dos números que se projetam. Em relação ao saneamento, o Brasil apresenta índices de país subdesenvolvido; o que apenas reflete a demora nas ações públicas no setor, bem como a deseducação e o desinteresse da população pelo cuidado com o meio ambiente. Os bons hábitos de consumo devem ser priorizados pelos cidadãos.

Referências

BANCO CENTRAL DO BRASIL. *O Programa de Educação Financeira do Banco Central*. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?BCEDFIN>>.

DOMINGOS, R. *Como Controlar o Seu Orçamento*. São Paulo: DSOP Educação Financeira, 2012.

DOMINGOS, R. *Como empreender com equilíbrio financeiro*. São Paulo: DSOP Educação Financeira, 2012.

DOMINGOS, R. *Como reduzir o impulso de comprar*. São Paulo: DSOP Educação Financeira, 2012.

GARCIA, R. L. Do baú da memória: história de professora. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (Org.). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Nacional de Saneamento Básico*, 2000. Rio de Janeiro: Departamento de População e Indicadores Sociais, 2002.

MONTEIRO et al. *Manual de Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos*. Secretaria Especial de Desenvolvimento Urbano da Presidência da República (Sedu), Rio de Janeiro.

MEU BOLSO FELIZ. Despesas e Orçamento. Disponível em: <<http://meubolsofeliz.com.br/estou-no-sufoco/minhas-dividas/receitas-despesas-e-orcamento>>. Acesso em: 16 out. 2016.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Coleção Leitura, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

Plano CDE. *1º Mapeamento Nacional das Iniciativas de Educação Financeira*. ENEF (Estratégia Nacional de Educação Financeira), 2013.

Plano CDE. *Mapa da Educação Financeira no Brasil*. ENEF (Estratégia Nacional de Educação Financeira), 2013.

AS REPRESENTAÇÕES SOBRE CULTURA NO E DO ESPORTE PROBLEMATIZADAS NO ENSINO MÉDIO E TÉCNICO AMPLIANDO E APROFUNDANDO OS CONHECIMENTOS

Bruno dos Santos Vilela¹
Camila Ferreira Ribeiro²
Claudson Lincoln Beggato³
Junio Favaro Crema⁴
Marcelo Ferreira Lima⁵
Marcelo Romano Caceres⁶

Introdução

A ETEC⁷ de Esportes Curt Walter Otto Baumgart, por meio do CPS⁸, em seu plano de curso, apresenta Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio em Organização Esportiva com o componente curricular denominado “Esporte e Cultura”, que tem o objetivo de formar profissionais para o mercado de trabalho de organização esportiva, lazer e recreação, como monitores. Estes poderão auxiliar profissionais de educação física em eventos, clubes ou instituições públicas ou privadas. Esse componente é dividido em Competências, Habilidades e Bases Tecnológicas.

Em resumo, nas competências, solicita-se que cada discente tenha o espaço, tempo e condições de direitos, análise e crítica. Nas habilidades, orienta-se que os discentes possam aprender sobre alguns passos das transformações sociais, legais e culturais que estão inseridas na cultura do e no esporte. E, por fim, as Bases Tecnológicas orientam o docente a ampliar e aprofundar, com cada aluno (a), conteúdos desde a base histórica disponível, passando por leis e marcos, até a discussão sobre a diferença de educação física e esportes **entre** outros processos culturais. A partir das orientações baseadas no PPG⁹ e pelo PC¹⁰, o PTD¹¹ foi construído com a proposta de dialogar com as questões culturais que envolvem as práticas esportivas.

O curso é formado por módulos que se dividem em um ano e meio. É considerado cada semestre um módulo e dentro do primeiro módulo o componente supracitado faz parte. O relato foi produzido com o 1º módulo do período da tarde. Este relato se iniciou nas primeiras semanas de fevereiro e estendeu-se até a última semana de março.

O núcleo da questão foi querer saber, discutir, ampliar e aprofundar sobre as questões dos saberes discentes em relação ao que é cultura, relacionando-a com o esporte. Que tipos de representações estavam inseridas nos discentes sobre os temas? Que tipo de influência estavam veladas nos discursos e nos registros? Como uma determinada cultura do esporte pode influenciar no esporte ou vice-versa? Ou seja, de que forma os discentes chegaram à escola e como, a partir das orientações didáticas, o reconhecimento e os saberes se transformaram,

¹ E-mail: bruno.turis@gmail.com.

² E-mail: camila.ferreira101@etec.sp.gov.br.

³ E-mail: lincolnbeggato@gmail.com.

⁴ E-mail: junio.crema01@etec.sp.gov.br.

⁵ E-mail: folecram2@hotmail.com.

⁶ E-mail: romano.caceres@yahoo.com.br.

⁷ Escola Técnica Estadual Etec de Esportes Curt Walter Otto Baumgart do Governo do Estado de São Paulo.

⁸ Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza.

⁹ Plano Plurianual de Gestão.

¹⁰ Plano de Curso.

¹¹ Plano de Trabalho Docente.

possibilitando, assim, uma justiça curricular, diminuição do “daltonismo” cultural e ancoragem social dos conhecimentos.

Revisão de literatura

As bibliografias que pautam este trabalho, na questão da análise para o relato, estão na perspectiva culturalmente orientada, com influência do multiculturalismo crítico que está incorporado no Currículo Cultural da Educação Física.

Sobre os conceitos acerca das representações sobre o esporte foi utilizado o texto de Valdir Barbante (2006) e de Marcos Garcia Neira (2014) e, no conceito de cultura, com Neira e Nunes (2008). Já para a questão de gênero, foram base Aguiar et. al. (2016), Altmann (2014), Goellner (2006), Jaeger (2007) e Louro (1997).

Materiais e métodos

Para início dos trabalhos, na primeira semana de aula, não houve nenhuma intervenção para o aprendizado específico. Nesta, foram apresentados todos os documentos que orientam as práticas discentes e docentes na instituição escolar. Além disso, outras condições foram expostas, como o processo avaliativo, datas e possíveis eventos e apresentações.

É importante salientar que os registros são produzidos em todas as aulas, ou seja, as problematizações são realizadas a partir da participação de todos no grupo e registradas em folha ou na lousa conforme as imagens.

Na segunda semana, iniciaram-se os trabalhos específicos. Aqui, num primeiro momento, as discussões foram sobre o que representava o esporte para cada um. Formaram-se, então, grupos para que cada integrante se posicionasse de forma democrática e, posteriormente, apresentasse uma discussão.

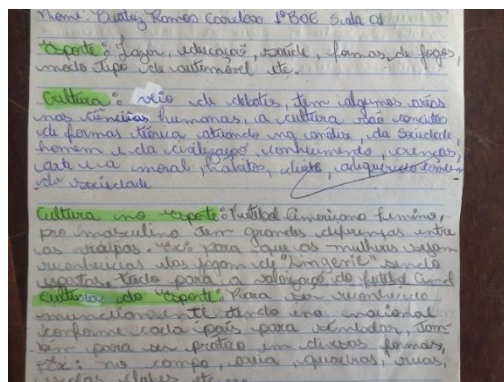


Imagem 1. Registro das representações sobre Esporte e Cultura - Fonte: Elaboração própria

Na semana seguinte, foram apresentados os textos de Barbanti (2006) e Neira (2014) para leitura e discussão em grupo. Cada grupo levou o texto para leitura nos locais mais oportunos, e, em seguida, voltaram para apresentar suas representações sobre os textos e comparar com a aula anterior.

Em outra aula foi realizado o mesmo processo; porém, com a representação sobre cultura. Cada grupo se posicionou e debateram entre eles. E, na aula seguinte, os discentes receberam textos sobre *cultura*, NEIRA (2008), para leitura, interpretação e debate.

Após, e, conforme o Plano de Curso, o esporte *futebol* foi inserido para o processo de aprendizado no componente curricular de Esporte e Cultura. Com isso, foi realizado o processo

de mapeamento dos saberes individuais/grupo. Houve debates entre os grupos a respeito das representações culturais sobre o futebol feminino.

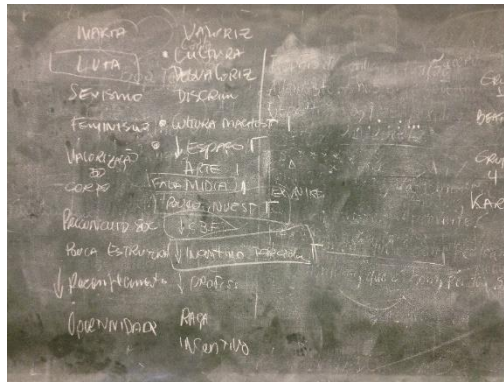


Imagem 2. Registro das representações sobre o futebol feminino - Fonte: elaboração própria

Os grupos posicionaram-se e debateram sobre o tema a partir das representações registradas em folhas e na lousa conforme imagem 2.

Na aula seguinte, foram solicitados novos registros sobre os temas abordados. De certa forma, alguns alunos retomaram as representações iniciais. Outros já registraram sobre suas ressignificações e alguns não participaram e outros/as, no debate, disseram não se lembrar dos textos dos autores debatidos em sala de aula.

Com isso, refez-se o caminho, “nova rota”, com debates em sala sobre os temas de esporte e cultura, e a análise de um vídeo contendo em seu conteúdo os temas referidos.

Resultados

Na primeira intervenção sobre o que é esporte, alguns discentes relacionaram o esporte a brincadeiras como a queimada e mencionaram atividades diversas como patins no parque. Outros deram exemplos de esportes e citaram alguns nomes de atletas.

Também houve a “defesa” de um esporte em específico. Um grupo falou sobre o futebol e sua estrutura hegemônica em relação ao voleibol. Outro grupo se manifestou dizendo: “o futebol é o melhor esporte no Brasil”. O grupo que defendeu o esporte voleibol teve a garantia de manifestação e também se posicionou. Depois vieram outras discussões sobre outras modalidades esportivas.

Sobre o conceito de *cultura* produziram da mesma forma e também levaram em consideração vivências familiares como causa da representação, ou seja, deram exemplos de discurso dos familiares sobre o tema. Em seguida, foi realizada a leitura do texto de Neira e Nunes (2008) que trata do que é cultura, em que quatro dos sete grupos se posicionaram, dizendo que suas primeiras representações estavam de acordo com as leituras dos textos. “Os textos estavam apenas mais formais”, “fala de um grupo”.

Sobre a representação do esporte futebol, sete dos dez grupos assinalaram apenas pontos positivos em torno da prática e três grupos sinalizaram aspectos positivos e negativos. Alguns alunos não se lembraram dos conteúdos dos textos sobre o conceito de esporte e de cultura discutidos em sala de aula. Com isso, uma nova rota foi construída e, a partir da análise do vídeo e da retomada das discussões, eles puderam rever e rediscutir o conteúdo em questão.

Neste momento, a partir das reorientações didáticas, a retomada se produziu por meio das releituras. Estas foram apresentadas de diversas formas, como o vídeo e a manifestação dos discentes que se posicionaram, quando lembraram o texto oralmente ou consultando seus registros.

Discussão

Num primeiro momento, sobre os saberes iniciais e com os registros, pode-se afirmar que, para o tema “esporte”, alguns discentes que tinham suas representações de que qualquer atividade física se remetia ao conceito de esporte se ressignificaram. Para os demais, pôde-se perceber que seus conhecimentos se ampliaram pelo fato de terem a oportunidade de leitura, interpretação, acesso e debate sobre os conceitos. Além disso, a possibilidade de ter a “voz” compartilhada com as demais pessoas fortalece sua participação no processo de aprendizagem e reconhecimento do Outro¹² e suas representações.

No que se refere às representações sobre cultura, foi interessante a proximidade de saberes em relação ao texto lido e interpretado. Isso significa que certos acessos aos conhecimentos e de interpretação sobre o tema “cultura” são significativos no processo de aprendizagem.

E, em relação ao esporte futebol, alguns apresentaram a visão positivista da prática, enquanto outros demonstram, além das questões positivas, aspectos considerados negativos.

Conclusão

Pode-se identificar que abrir espaço de direito para se manifestar e justificar sua posição como autor de desejos e interpretações foi significativo para todos. Em relatos, orais ou escritos, os discentes comunicaram isso. “Poder falar o que penso é muito da hora”. “Poder ouvir e ver o outro me trouxe a possibilidade de reconhecer que existe outros pensamentos e posicionamentos”. “Eu acho muito loco o debate. Poderia ter mais”. “Mostrar o que penso para outras pessoas me deixa nervosa, mas foi muito legal. Acho legal assim”. Fala de alguns discentes.

Outra identificação foi a própria forma de orientação didática na aula. Percebeu-se que o imediatismo está presente em alguns alunos e alunas neste formato. As discussões, no dia dos registros das representações e leituras posteriores, foram bem amplas e profundas; porém, duas aulas depois, tais debates estavam esgotados para alguns discentes. Com isso, recorreu-se a uma reapresentação com novos debates e discussões em sala, “novas rotas” o que, naquele momento, foi significativo para todos.

Em suma, o trabalho sobre esporte; cultura; cultura no e do esporte, no componente de esporte e cultura pode ampliar e aprofundar os conhecimentos de todas as pessoas envolvidas, alunos (as) e professor. Ampliou no sentido de obter mais informações sobre as funções desenvolvidas no processo de aprendizagem e aprofundou-se pelas análises, debates e discussões sobre o universo da aula e seus objetivos. Com isso, alunas e alunos se posicionaram, tiveram seu direito de voz garantido, puderam reconhecer o Outro como detentor de representações diferentes, e, puderam, assim, ressignificar suas posições em relação às diferenças. De certa forma, também, auxiliaram na reavaliação e recomposição das orientações didáticas na aula, podendo, portanto, reestabelecer novas formas para novos ensinamentos e aprendizados.

Referências

ALTMANN, Helena. *Educação Física Escolar: relação de gênero em jogo*. São Paulo, SP. Cortez, 2015.

AGUIAR, A. A. D. et al. Relações de Gênero na prática do futebol. In: NEIRA, M. G.;

¹² O Outro aqui com letra maiúscula se refere às diferenças em todos os aspectos.

NUNES, M. L. F. (Org.) *Educação Física Cultural: escritas sobre a prática*. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2016, p. 165-180.

BARBATI, Valdir. *O que é esporte?* Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/RBAFS/article/view/833/840>>. Acesso em: 6 fev. 2017.

GOELLNER, Silvana Vilodre. As práticas corporais e esportivas e a produção de corpos genericados. In: SOARES, G. F.; da SILVA, M. R. S.; RIBEIRO, P. R. C. (Org.) *Corpo, Gênero e Sexualidade: tematizando práticas educativas e culturais*. Rio Grande: FURG, 2006, p. 37-40.

JAEGER, Angelita Alice. Quando o músculo entra em cena: fragmentos históricos da potencialização muscular feminina. In: GOELLNER, S. V.; JAEGER, A. A. (Org.). *Garimpando Memórias: esporte, educação física, lazer e dança*. Porto Alegre, RS. UFRGS, 2007, p. 133-146.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. *Pedagogia da Cultura Corporal: críticas e alternativas*. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2008, p. 19-61.

_____. *Práticas Corporais: brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas*. São Paulo: Melhoramentos, 2014, p. 124-139.

_____. *Significados do Esporte*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kshbtPBII3Q>>. Acesso em: 31 mar. 2017.

O PAPEL DA EDUCAÇÃO TÉCNICA PARA UMA PRODUÇÃO MAIS SUSTENTÁVEL

Plínio Gabriel João¹
Diego Henrique Rosa Penha²
Fagner de Melo Silva³

1. Embasamento teórico

1.1. Sustentabilidade

O tema sustentabilidade está sendo amplamente discutido nos últimos anos para tratar da existência da sociedade humana, pois o termo está condicionado aos melhoramentos das condições ambientais. O termo sustentabilidade começou a ser amplamente divulgado a partir de 1987, após ser apresentado no relatório das Nações Unidas, preparado pela primeira-ministra norueguesa Gro Harlem Brundtland, que definiu desenvolvimento sustentável como “satisfazer as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer as próprias necessidades (Secretaria Especial de Comunicação Social, 2012). Segundo Bellen (2005, p. 16) “as crescentes dúvidas em relação ao futuro do meio ambiente são uma das consequências das várias transformações que marcaram a segunda metade do breve século XX”. Anteriormente, Herfindall e Herrera, publicaram, no século XIX, artigos baseados em projeções estatísticas que relacionavam o crescimento e o consumo da população ao nível de recursos naturais existentes, apresentando como resultados cenários que hoje nos refletem (RATTNER, 1977).

Para o *Global Footprint Network* (2017), uma maneira simples de avaliar o desenvolvimento sustentável é usando o Índice de Pegada Ecológica e Desenvolvimento Humano (IDH). Uma Pegada Ecológica menor que 1,7 hectares globais por pessoa torna essas demandas de recursos globalmente replicáveis. As Nações Unidas consideram um IDH superior a 0,8 sendo um “desenvolvimento humano muito elevado”.

¹ Centro Paula Souza. E-mail: plinio.joao@etec.sp.gov.br.

² Centro Paula Souza. E-mail: diego.penha@etec.sp.gov.br.

³ Centro Paula Souza. E-mail: fagner.silva@etec.sp.gov.br.

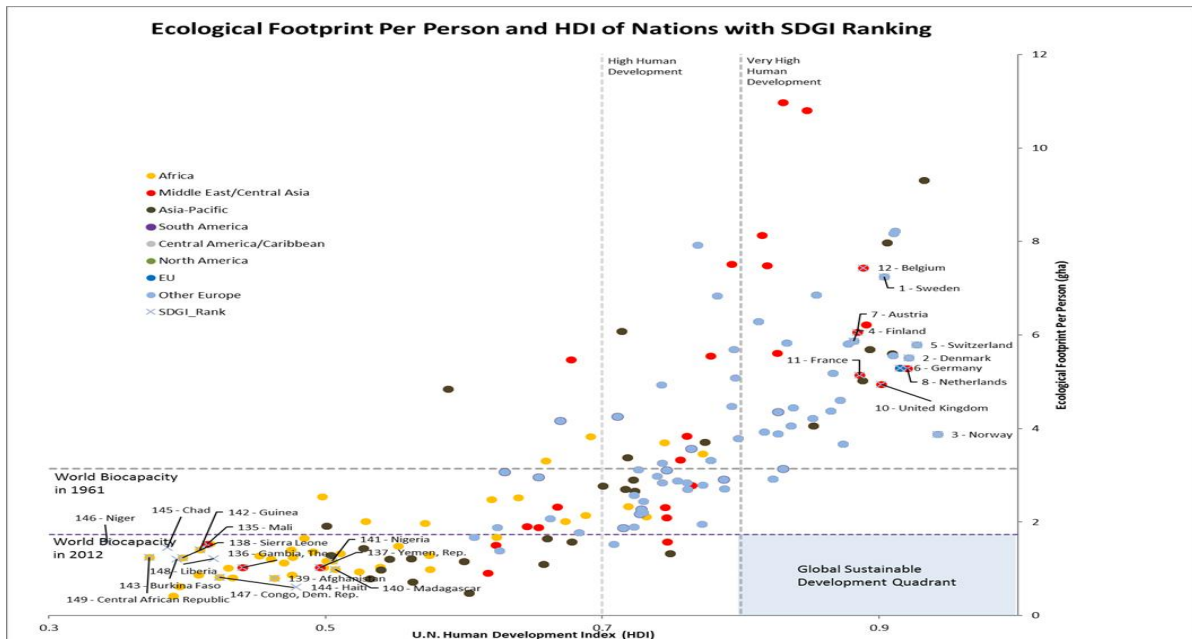


Gráfico 1: Pegada Ecológica por pessoa e países do IDH com ranking SDGI - Fonte: (GLOBAL FOOTPRINT NETWORK, 2017). Disponível em: <<https://goo.gl/2nUvzo>>. Acesso em: 06 mar. 2017

Observe o gráfico 1 (GLOBAL FOOTPRINT NETWORK, 2017), considerando-se as duas variáveis em questão. Medir essas duas variáveis revela que poucos países estão próximos de alcançar o desenvolvimento sustentável, apesar da crescente adoção dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e de outras políticas que buscam aumentar o bem-estar sem sacrificar o meio ambiente (GLOBAL FOOTPRINT NETWORK, 2017).

Para Richard Walker, especialista em desenvolvimento sustentável da Universidade de Indiana, nos Estados Unidos, as catástrofes ambientais, como o efeito estufa, buraco da camada de ozônio, entre outros, são consequências da má utilização e exploração dos recursos materiais, devido ao crescimento desorganizado das economias e à grande aglomeração de pessoas nos centros urbanos (LIMA & VIEIRA, 2008). Segundo Walker, existem caminhos a serem percorridos para regularização e controle dos impactos ambientais; porém, o grande desafio é equilibrar o crescimento econômico dos países com a preservação ambiental.

Esse novo cenário deverá ser construído em três vias: população, organizações e governo. Nele, a população deve consumir com consciência, as organizações devem adaptar seus processos, repensando o consumo dos recursos naturais, e o governo deve criar leis regulamentadoras e fiscalizá-las.

Para Kotler (2011), as empresas devem entender corretamente quais são as necessidades, os desejos e a demanda de determinados mercados (bairros, cidades, países...) para que possam inovar na criação de novos produtos, serviços e processos. Tendo como base esse pensamento, é possível colocar a pergunta: será que podemos afirmar que a população tem o poder sobre as formas de como produzir e de consumo dos recursos naturais? Mediante o pensamento de Kotler, podemos considerar que sim, mas, para que isso aconteça, as necessidades e desejos da sociedade deveriam estar debruçados sobre produtos totalmente sustentáveis. E a educação: seria possível formarmos cidadãos e profissionais com consciência sustentável? Paulo Freire, em sua *Terceira carta pedagógica* afirma: “Se a educação sozinha, não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.” (FREIRE, 2000, p. 67), porém, Marx (1973, pg. 24) relata que “O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu

ser social que, inversamente, determina a sua consciência.” Seria, então, a colocação de Karl Marx o grande obstáculo que a educação devia enfrentar?

1.2. Produção mais limpa

É notório que o aquecimento das manufaturas se dá pelo modelo capitalista, que tem como premissa a lucratividade baseada no consumo. Marx (1973) aponta alguns problemas no modelo capitalista, como o “fetichismo da mercadoria”, quando o cenário domina os industriais, destacando o valor dos produtos acabados e os próprios produtos tornam-se necessidades e desejos da sociedade. Mediante o contexto, existe uma grande preocupação com a escassez dos recursos naturais necessários para atender aos níveis de consumo da sociedade mundial já apontados pelo *Global Footprint Network* (2017). Alguns estudiosos apostavam que apenas o crescimento econômico em si proporcionaria melhores condições de vida à sociedade e que o próprio sistema equilibraria o consumo dos recursos naturais.

Tais pensamentos não se confirmaram, e essas atitudes causaram grandes danos ao meio ambiente. Percebeu-se que não se tratava apenas de haver um crescimento econômico para manter o equilíbrio, mas da existência de um conjunto de fatores, entre eles, a interação entre a sociedade e o meio ambiente. Para Afonso (2016), a sustentabilidade requer meios estratégicos de planejamento, o que vai de encontro ao capitalismo predominante, pois o sistema busca obter maior lucratividade em curtos espaços de tempo.

Entretanto, ao longo da história, foram criadas algumas estratégias visando a equilibrar os reflexos gerados pelas manufaturas. Na década de 80, inicia-se um novo pensamento de produção, “Produção Enxuta”, com uma sistemática de produção mais eficiente, flexível, ágil e inovadora; diferente do modelo de produção em massa fordista. A produção enxuta, ou *lean manufacturing*, trata-se de técnicas que eliminam desperdícios, passando a produzir de acordo com a demanda do mercado e não mais em “Massa/Escala”.

A aplicação do *lean manufacturing* faz com que as organizações repensem seus processos, evitando desperdícios como:

- superprodução;
- estoque;
- espera;
- transporte;
- defeitos;
- movimentação nas operações;
- processamento.

Outras iniciativas como PmaisL (Produção Mais Limpa) estão sendo implementadas pelas manufaturas com foco, não apenas no maior volume de vendas e no aumento de receitas, mas também na utilização dos recursos que serão utilizados para a confecção dos produtos, como energia, água, e nos reflexos que estes poderiam causar ao meio ambiente.

Várias organizações investiram na implementação desse modelo e, como resultado, conseguiram atrair um maior número de adeptos aos seus produtos, além de estar minimizando o consumo de recursos naturais. Um bom exemplo dessa implementação é o caso da Panasonic: a organização sempre está atenta à utilização dos recursos naturais em seus processos, procurando continuamente reduzir o consumo de energia, de CO₂, poupando e reutilizando a água como subproduto em seu ciclo de suprimentos. A empresa aplicou o modelo “*Green Procurement*”, visando a transformar a indústria em uma “fábrica verde” (CÂMARA DO JAPÃO, 2017)

Quando estamos tratando de PmaisL, a visão da empresa não deve estar preocupada apenas com o sistema de produção, mas com todo o ciclo de vida do produto – desde sua produção, consumo e o destino final. Se observarmos, já existe uma mudança na postura de algumas organizações, mas, para que possamos reverter todos os danos causados ao meio ambiente, não basta apenas a iniciativa das organizações. É necessário que também a sociedade se conscientize da necessidade de um relacionamento sustentável entre cliente e fornecedor que sempre vise à preservação do meio ambiente, além de que ela esteja motivada, mobilizada para assumir responsabilidades e propor ações.

Uma proposta interessante de ser implementada dentro das organizações, sejam de grande ou pequeno porte, por toda sociedade seria a integração da logística reversa com aplicação dos “5R’s” (reciclar, recusar, repensar, reduzir e reutilizar), com vistas à diminuição do consumo, de forma mais consciente, que dê folego ao meio ambiente e desenvolva uma sociedade com atitudes sustentáveis.

1.3. A educação técnica com saberes sustentáveis

Com a Revolução Industrial, no século XVIII e XIX, na Inglaterra, acumulou-se grande capital devido ao fortalecimento das manufaturas e dos produtos consumidos no continente Europeu. Nessa fase do processo de industrialização, desenvolveram-se novos conceitos e técnicas de produção que propiciaram o avanço do capitalismo do século XX. Essas técnicas buscavam a maximização da produção (produção em massa), pois a demanda por produtos desenvolvidos por essas manufaturas era de grande escala. Diante dessa forte demanda, portanto, as indústrias da época adotaram um sistema de produção padronizado que tinha como um dos seus princípios produzir mais com o menor intervalo de tempo possível. Assim, surgia, nessa época, o modelo da administração científica que teve como referências iniciais Taylor e Fayol.

Com o passar dos anos, houve a necessidade da criação de cursos técnicos para atender aos novos postos de trabalhos gerados pelas manufaturas. Havia, portanto, a necessidade de mão de obra mais qualificada para atuar nas grandes linhas de produção. Tal qualificação buscava atender às especificidades técnicas e produtivas da manufatura, como torneiros mecânicos, fresadores entre outros. (ORNELLAS & MONTEIRO, 2006)

Já atualmente, com a forte presença da globalização e do fácil acesso à informação e seu processamento também facilitado, os conceitos e teorias clássicos foram se adaptando às novas teorias e cedendo espaço para elas, pois as necessidades do mercado diversificaram-se. Dessa forma, houve a imprescindibilidade de reestruturar as manufaturas, a mão de obra e as habilidades e competências dos funcionários para atuar nesse novo cenário. (MAILLAT, 2002)

Assim, a educação técnica vem, juntamente, transformando-se no decorrer dessas mudanças e, para Pacheco (2012), a formação profissional deve estudar e aplicar o uso consciente dos recursos naturais dentro e fora das organizações com responsabilidade socioambiental. Para Berna (2015, pg. 10), entretanto, “a educação ambiental, à medida que se assume como educação mais política do que técnica, assume também o processo de formadora da identidade política e cultural de um povo”. Segundo Porcher, Ferrant & Blot (1975, p. 4),

[...] a pedagogia do meio ambiente é, incontestavelmente, uma pedagogia da ação, isto é, dos alunos tomarem a seu próprio cargo problemas, precisamente porque estes problemas dizem respeito a todos em sua vida cotidiana, e não poderiam ser regulados pela simples recitação de informações.

Quando pensamos em educação para o meio ambiente, o principal aspecto que surge em nossas mentes é a contribuição para formação de cidadãos conscientes, aptos a decidir e atuar na realidade socioambiental de uma forma responsável. Para que esses aspectos aconteçam, é necessário haver mais do que informações e conceitos: as escolas técnicas devem trabalhar com atitudes, com formação de valores, com o ensino e aprendizagem de procedimentos não somente documental, devem mensurar as atitudes e valores no dia a dia da sala de aula.

2. Conclusão

Diante dos fatos apresentados, podemos concluir que a educação técnica tem um papel essencial não só para uma produção mais limpa, como também na criação de cidadãos (consumidores) mais sustentáveis, pois, os conceitos desenvolvidos poderão ser replicados nas manufaturas, grupos sociais como também em seus próprios lares. Isso porque a educação técnica tem papel de agente transformador, que podemos caracterizar como pilar principal para uma sociedade mais sustentável, mas para sustentação desse pilar, necessitamos de políticas públicas com um olhar mais acentuado nessas necessidades, pois, é a política que administrará parte do equilíbrio econômico, incentivos fiscais para uma produção mais sustentável, fiscalização, investimentos e centros de pesquisa para um desenvolvimento produtivo mais sustentável e incentivos para criação e manutenção de cooperativas de reciclagem.

Referências

- AFONSO, C. M.. *Sustentabilidade - Caminho ou Utopia*. São Paulo: Annablume, 2006.
- ALCANTRA, V. *Inserção Curricular da Educação Ambiental*. Curitiba/PR: IESDE Brasil, 2012.
- BELLEN, H. M. *Indicadores de Sustentabilidade: uma análise comparativa*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- BERNA, V. S. A mudança começa em nós. *Revista do Meio Ambiente*, p. 10-11, 2005.
- CÂMARA DO JAPÃO. *Atividade de Sustentabilidade da Panasonic do Brasil*. Disponível em: <<http://jp.camaradojapao.org.br/upload/files/Press%20release%20sustentabilidade%20Panasonic%20do%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 13 de março de 2017.
- FREIRE, P. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2000.
- GLOBAL FOOTPRINT NETWORK. (s.d.). *Sustainable development: two indices, two different views*. Disponível em: <<http://www.footprintnetwork.org/2016/07/20/measure-sustainable-development-two-new-indecis-two-different-views/>>. Acesso em: 06 abr. 2017.
- KOTLER, P. *Administração de Marketing*. São Paulo: Atlas, 2011.
- LIMA, R. D.; VIEIRA, V. A Terra não aguenta. *Veja*, p. 10-12, 2008 .
- MAILLAT, D. Globalização, meio inovador e sistemas territoriais de produção. *Interações - Revista Internacional de Desenvolvimento Local*, p. 9-16, 2002.

- MARX, K. *Contribuição para a crítica da economia política*. Lisboa: Estampa, 1973.
- ORNELLAS, T. C.; MONTEIRO, M. I. Aspectos históricos, culturais e sociais do trabalho. *REBEn - Revista Brasileira de Enfermagem*, p. 552-555, 2006.
- PACHECO, J. F. *Avaliação da Aprendizagem na Escola da Ponte*. Rio de Janeiro: WAK, 2012.
- PORCHER, L.; FERRANT, P.; BLOT, B. *Pedagogia do Meio Ambiente*. Lisboa: Socicultur, 1975.
- RATTNER, H. O esgotamento dos recursos naturais: catástrofe interdependência? *Revista de Administração de Empresas*, n. 4, p. 5-46, 1977.
- Secretaria Especial de Comunicação Social. Em Busca De Um Mundo Sustentável. *Em Discussão*, n. 11(3), p. 58, jun. 2012.

POR UM ENSINO MÉDIO PÚBLICO E PLURAL

Stella Lobo¹

O ensino médio tem suscitado diversos debates por todo o Brasil. Isso porque essa etapa final da educação básica tem-se mostrado problemática há vários anos e, tanto políticos como acadêmicos travam batalhas sobre qual seria afinal “o modelo” de ensino médio a ser proposto para todo o Brasil.

Ensino médio 100% propedêutico, ensino médio integrado ao técnico, ensino médio politécnico ou tecnológico são algumas das modalidades debatidas e, para além das modalidades, temos a discussão sobre **o que** deve ser aprendido nessa fase – a partir da proposição de elaboração de uma base nacional curricular comum (BNCC) – **e como** podem ser transmitidos os conceitos determinados por essa base a partir de metodologias variadas, que disputam corações e mentes de professores e escolas em uma luta pela melhoria de índices de aprendizagem dos alunos.

Metodologias ativas, ensino baseado em projetos/problemas, vivências e aulas práticas, educação holística, educação integral, educação mediada por tecnologia de informatização e comunicação (TICs), educação baseada no desenvolvimento de habilidades sócio emocionais, são algumas das metodologias em voga. Todas, sem exceção, prometem maior envolvimento dos alunos com a aprendizagem e com a escola e o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias para que os alunos tenham instrumental adequado para enfrentar as complexidades na vida no século XXI.

Os debates se tornaram ainda mais acalorados pela recente aprovação da Medida Provisória nº 746/2016² que altera, substancialmente, o formato do ensino médio no país. Tendo em vista esse contexto, exponho aqui algumas reflexões pessoais, baseadas na prática como Supervisora de Gestão de Vida Escolar do Centro Paula Souza (CPS), atividade que permite envolvimento direto com vários dos atores que compõem a comunidade escolar.

Ensino Médio, para quê, para quem?

Para as chamadas camadas médias da sociedade, o ensino médio constituiu-se em etapa obrigatória muito antes da sua efetiva obrigatoriedade no Brasil. pois, como existe maior escolaridade entre seus membros, torna-se maior a expectativa de ingresso no ensino superior. Porém, os aglomerados urbanos que hoje concentram a maioria da população do país, deixam pouca ou nenhuma margem para os adolescentes fora da escola, portanto, a aspiração da educação como fator de mobilidade social já poderia construir-se numa valorização da educação junto das camadas populares.

Entretanto, ainda atendo pais que desejam “tirar os filhos do ensino médio”, em especial, do ensino médio integrado – uma vez que funciona em período integral e impede que o aluno tenha qualquer atividade remunerada pelo pouco tempo que livre de que dispõe.

Considero, portanto, que, a obrigatoriedade dos responsáveis em manter os menores de idade matriculados e frequentes na educação básica entre os 6 aos 17 anos, ainda não se tornou um “valor”, especialmente se a família não está incluída em programas de complementação de renda, como o Bolsa família, por exemplo.

¹ E-mail: stella.lobo@cps.sp.gov.br.

² Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei nº 11.494 de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, e dá outras providências.

Constato, com certa alegria, que, no cotidiano profissional, atendo menos jovens desesperançados e mais jovens interessados em participar de projetos – de todos os tipos – e atividades que lhes permitam crescer, seja no âmbito intelectual ou no âmbito social. Muitos como os primeiros a concluir o Ensino Médio na família, muitos em busca de documentação que lhes permita estudar em outros países.

O que a prática das relações diárias entre escolas e famílias tem demonstrado é uma grande diversidade, uma grande pluralidade de ideias entre os jovens e uma grande ansiedade, por parte de seus responsáveis na busca por um “futuro melhor e mais seguro”: expectativa complexa de ser atendida em um mundo em constante mutação.

Então, ensino médio para quem? E para quê? A primeira resposta é fácil. Para todos, a população inteira. Acesso universal.

Mas será que o ensino médio tem que ser ofertado da mesma maneira a todos? Se todos devem cursar essa etapa final da educação considerada básica, deveria ela ser ofertada a população em um único formato? Pela minha pequena amostragem cotidiana, não.

Uma sociedade democrática em construção, com a nossa, deveria ofertar o maior número de formatos possíveis, desde que estes se mostrassem adequados para a diversidade de comunidades escolares. A escolha de um determinado modelo pela comunidade deveria se dar a partir de indicadores e parâmetros coletados pelo próprio sistema escolar.

Essa diversidade caberia no formato adotado, por exemplo, pela MP 746/2016? Como nos alerta Mencken³: “Para todo problema complexo existe uma solução clara, simples e errada”.

Nos cursos de ensino médio integrado ofertados pelo CPS, existe uma escolha, antes da matrícula, a fim de que possam realizar a inscrição e participar do processo classificatório. Para realizar essa escolha muitos dos interessados usam como critério a exclusão de determinados conteúdos que apresentem maior dificuldade. Assim, cursos considerados “difíceis” são os que têm grande carga de conceitos matemáticos ou das ciências naturais. Isso não significa, porém, que esses alunos apresentem maior facilidade em linguagens ou ciências humanas.

O critério classificatório de ingresso das Etec’s permite verificar a fragilidade existente na formação do ensino fundamental, hoje universalizado Brasil. Dessa maneira, percebe-se que uma das formas de melhorar os critérios de escolha dos jovens seria melhorar a formação fundamental, de modo que, quando ingressassem no ensino médio, já tivessem aprendido os fundamentos científicos das todas as áreas, algo que, hoje, raramente acontece.

O curso técnico em informática é um bom exemplo desses processos de escolha. Os jovens leem, ouvem e percebem a importância dessa ferramenta na vida contemporânea, usam de seus recursos e escolhem o curso baseado nessas percepções. Porém, ao ingressarem, eles se dão conta que este não é “para aprender a mexer como computador” e se frustram, pois não contavam que haveria componentes como lógica de programação, por exemplo.

Para minorar essa situação muitas das Etecs procuraram melhorar a comunicação com os interessados já na divulgação das inscrições, informando sobre o curso da forma mais clara possível, buscando alinhar as expectativas dos interessados com a realidade do curso.

Em outros países, como Canadá, Coreia do Sul, a lógica de programação surge como um componente do ensino fundamental, o que torna mais simples para os jovens as escolhas posteriores nesta área ou em outras.

Pode-se perguntar, então, para que fazer o ensino médio. A resposta imediata de muitos dos jovens é: para ingressar na universidade. Ou seja, eles só percebem essa etapa como “uma ponte para outra” como se não existisse função social ou intelectual nela em si. Essa ideia

³ Henry-Louis Mencken (1880-1956) foi jornalista, crítico literário e escritor. Grande criador de frases, escreveu praticamente sobre todos os assuntos, sempre disposto a desafiar o senso comum e as opiniões estabelecidas. (Nota da autora).

corroborar, na verdade, com as opções feitas pelas políticas públicas brasileiras formuladas nos últimos 20 anos para essa etapa da escolarização.

As mudanças efetuadas, a partir da LDB 9394/96, ora anulando a possibilidade de integração com a educação profissional, ora incorporando esta possibilidade, ora oferecendo Parâmetros Curriculares, ora buscando uma Base Nacional Comum não solucionaram ou alteraram significativamente os diversos problemas estruturais encontrados nesta etapa do ensino.

Currículo enciclopédico, com disciplinas estanques e pouco integradas, sempre tendo em vista o futuro ENEM ou o Vestibular; pouca ou nenhuma margem para experimentação, pesquisa e integração com a comunidade do entorno e o distanciamento das culturas juvenis, aliados a escolas com problemas de infraestrutura e professores com formação frágil tornaram, o que deveria ser a etapa final da educação básica em etapa intermediária de uma educação futura.

A relação com o saber, ou seja, a confrontação com objetos de saber específicos, que só a escola pode oferecer, não se coaduna com a necessidade de inserção no mundo social, intelectual e do trabalho (CHARLOT, 2001, 2013). Nesse sentido, a recente MP 746/2016 também não nos traz alento, seja pela forma como foi apresentada à sociedade, seja pela proposta em si, que não altera significativamente as questões estruturais apresentadas acima, ou ainda, pelo discurso repetido à exaustão de oferecer a sociedade “resultados mais significativos” nas avaliações externas, nacionais ou internacionais.

Acima de tudo, a MP não nos apresenta nenhuma discussão sobre a construção de um “conhecimento poderoso” (YOUNG, 2007) que permita aos jovens a busca autônoma por aprofundamento, que permita ingresso no mundo do trabalho mutante e mutável, que permita incorporar mais experimentação e entrosamento comunitário, que permita acesso e a produção de conhecimento científico e tecnológico; um conhecimento que permita aos alunos dessa etapa, compreender o mundo em que vivem.

(...) para crianças de lares desfavorecidos, a participação ativa na escola pode ser a única oportunidade de adquirirem conhecimento poderoso e serem capazes de caminhar, ao menos intelectualmente, para além de suas circunstâncias locais e particulares. Não há nenhuma utilidade para os alunos em se construir um currículo em torno da sua experiência, para que este currículo possa ser validado e, como resultado, deixá-los sempre na mesma condição. (YOUNG, 2007, p. 1297)

A perspectiva apontada por Young, deveria, no caso brasileiro, ser ampliada. Não só visando a “crianças de lares desfavorecidos”, mas a toda e qualquer criança que frequente a escola pública! Esta deveria ser nossa meta com a educação pública. A única. Ampliação de perspectivas intelectuais do cidadão, em especial dos nossos jovens, e a possibilidade de vivência democrática, uma vez que nasceram em uma democracia em construção.

Apesar de as Etecs apresentarem uma realidade um pouco diversa, em termos curriculares, das demais escolas públicas estaduais, visto que apresentam hoje uma maior oferta de ensino médio integrado ao técnico, as dificuldades e as dúvidas estão presentes em todos os níveis e são constantes. Muitos alunos ingressantes sofrem por escolhas às vezes precoces, às vezes equivocadas, seja por desinformação ou por pressão dos responsáveis. O excesso de componentes curriculares, de avaliações, de burocracia legal e de horas aula fazem parte do dia a dia destas escolas. As equipes docentes precisam de tempo e espaço para integrar os conhecimentos e atividades e, nem sempre, estes são recursos disponíveis na proporção das necessidades.

Porém, mesmo com todas as dificuldades, muitas das Etecs têm mostrado resultados positivos no sentido de oferecer uma formação básica integrada a uma formação profissional que faça sentido aos alunos e ofereça a eles um significado, para além de “entrar na faculdade”.

E isso é feito de forma diversa, a partir de propostas de projetos de socialização com a comunidade do entorno, projetos de pré iniciação científica, criação de protótipos e projetos para apresentação em feiras tecnológicas como FEBRACE⁴ ou FEETEPS⁵ e os Trabalhos de Conclusão de Cursos (TCC) que, muitas vezes, são formulados para oferecer sugestão de resolução de problemas reais, vividos pela comunidade do entorno.

Além desses projetos que apresentam um delineamento acadêmico, as Etecs buscam desenvolver nos alunos a consciência democrática e cidadã, incentivando a participação de representação discente em Conselhos de Escola, Conselhos de Classe e na conscientização de seus direitos e deveres como alunos de escola pública.

Outra diferença entre o CPS é que existe alguma diversidade na forma de oferta. Poucas Etecs ofertam ensino médio em várias modalidades, (100% propedêutico; integrado ao ensino técnico; EJA integrado ao técnico – com duração de três anos e EJA propedêutico com duração de 1 ano e meio). Na grande maioria das Etecs, a oferta é apenas de Ensino Médio integrado, em uma pequena parcela existem tanto o propedêutico, como o integrado.

Isso, porém, parece muito pouco para um país imenso e diverso como este em que vivemos, já que a prática cotidiana tem apontado, de forma constante, que é justamente a diversidade de modelos, a pluralidade de formatos e estruturas e a busca pelo “conhecimento poderoso” que poderia oferecer as melhores repostas para esta etapa.

Na busca pelo Ensino Médio público e plural, encerro com reflexão de Ravitch (2011):

(...) A natureza de nosso sistema educacional – seja ele medíocre ou excelente – irá influenciar a sociedade até um futuro distante. Uma sociedade democrática não pode se sustentar por muito tempo se seus cidadãos são desinformados e indiferentes a respeito de sua história, de seu governo e do funcionamento de sua economia.

Referências

BRASIL, Ministério da Educação. *LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96*.

BRASIL, Ministério da Educação. *Medida Provisória 746/2016 - Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, 2016*.

CHARLOT, B. *Os Jovens e o Saber – Perspectivas Mundiais*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____; REIS, R. As relações com os estudos de alunos brasileiros de ensino médio. In: KRAWCZYCK, N. (Org.). *Sociologia do Ensino Médio*. São Paulo: Cortez, 2013

YOUNG, Michael, F. D. Para que servem as escolas? *Educação & Sociedade*, v. 28, n. 101, p. 1287-1302, 2007. Disponível em: <<http://cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 15 mar. de 2017.

RAVITCH, D. *Vida e Morte do Grande Sistema Escolar Americano – Como os testes padronizados e o modelo de mercado ameaçam a educação*. Sulina. 2011.

⁴ FEBRACE- A Feira Brasileira de Ciências e Engenharia é um movimento nacional de estímulo ao jovem cientista, que realiza, anualmente, na Universidade de São Paulo uma grande mostra de projetos.

⁵ FEETEPS- Feira tecnológica do Centro Paula Souza, realizada anualmente com projetos selecionados entres as Escolas Técnicas Estaduais, Faculdades de Tecnologia.

USO DE OFICINAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA A ASSIMILAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS

Camila Baleiro Okado Tamashiro¹

Introdução

Cartolinas coloridas sobre a mesa. Cola, tesoura, régua e caneta para quadro branco as acompanham ao lado. Assim, iniciam-se as primeiras aulas da sexta-feira: uma oficina voltada para a assimilação dos conceitos aprendidos no componente curricular de Linguagem de Programação Orientada a Objetos (LPOO), na segunda série do ensino técnico em informática integrado ao médio (ETIM).

Ao entrarem, os alunos deparam-se com as mesas organizadas em módulos, compostos de quatro carteiras e cadeiras cada. Tamanha é a estranheza ilustrada no olhar de cada estudante que ali chega. Aos poucos vão se agrupando, e curiosos sussurram sua curiosidade com comentários sobre como fazer uma aula de informática com o uso desses materiais sobre a mesa.

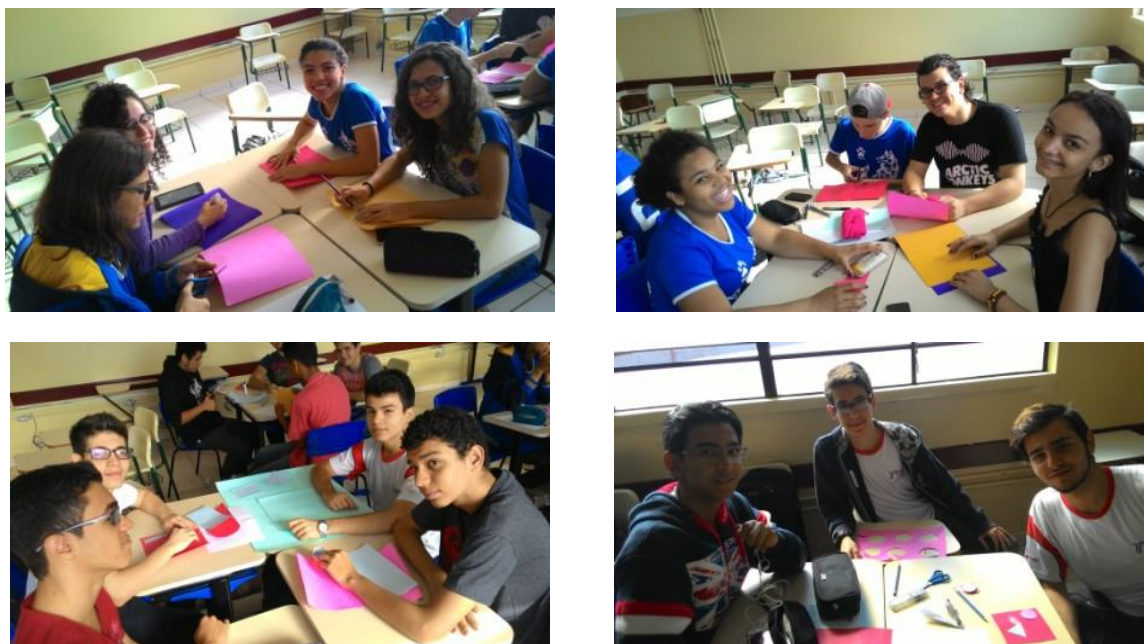


FIGURA 1: Confeção das formas geométricas na cartolina

Após organizarem-se, inicia-se a primeira etapa da oficina: a confecção de triângulos, círculos e quadrados com as cartolinas coloridas – tal processo de construção ocorre de forma harmoniosa, despertando a curiosidade dos alunos quanto ao próximo passo e o que será construído ao final.

Desenvolvimento

Passo a passo, as cartolinas tomam formas; os diagramas são formados. Cada etapa da oficina e construção do diagrama, alinha-se ao contexto teórico e prático ministrado em aulas anteriores.

¹ E-mail: camila.okado@etec.sp.gov.br.

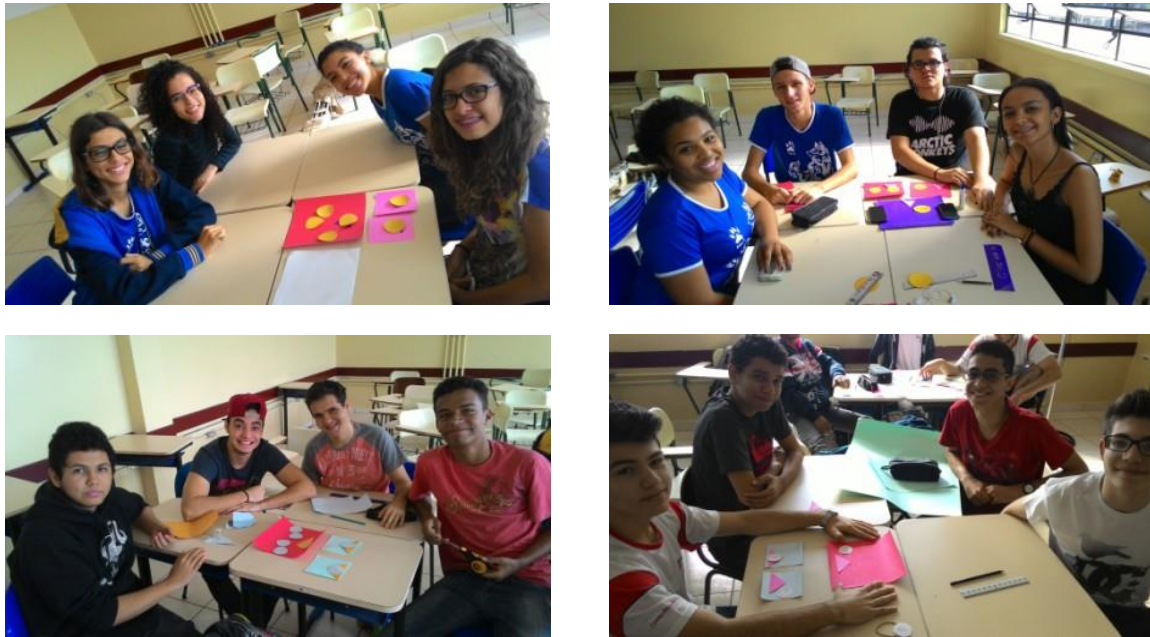


FIGURA 2: Confeção das formas geométricas na cartolina

Ao se utilizar a oficina, a estrutura do procedimento didático torna-se sinestésica, de forma a unir a comunicação verbal à visual. Além de despertar a curiosidade nos alunos sobre como a montagem e organização das formas confeccionadas contribuirá para a elaboração dos diagramas, a atividade evidencia como estes compreendem o comportamento da linguagem de programação, mas por meio de um olhar mais simbólico, colorido e interativo.

Ao se incorporarem à aula elementos artísticos e plásticos, a professora sensibilizou seus alunos, tirando-os de sua zona de conforto, pois foi necessário um processo de preparação dos elementos para seu uso em sala de aula, o que estabeleceu, nesse momento, a interação entre duas ou mais disciplinas e a relação de interatividade. Isso possibilitou o diálogo entre os interessados, como mencionou Carmo (2004) em seu artigo “A interdisciplinaridade e o trabalho com projetos”.

Confeccionadas as figuras geométricas, inicia-se o procedimento didático de desconstrução da disciplina, ou seja, o componente que busca desenvolver a compreensão e as técnicas de programação utilizadas nas linguagens de programação orientadas a objetos. Dessa forma, os conceitos dos objetos computacionais já estabelecidos e compreendidos pelos alunos são relacionados às figuras confeccionadas na oficina, sendo o formato de cada uma delas um simbolização da padronização universal de modelagem de objetos (a UML):

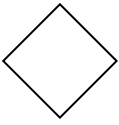
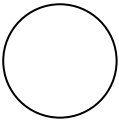
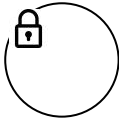
<table border="1" style="width: 100%; height: 100%;"> <tr> <td style="text-align: center;">Nome_da_classe</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">+ Atributos_da_classe</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">Objetos_da_classe</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">Métodos_da_classe</td> </tr> </table>	Nome_da_classe	+ Atributos_da_classe	Objetos_da_classe	Métodos_da_classe	<p>Utilizando-se de retângulos, os alunos deverão usar cartolinas de cores diferentes, para elaborar as classes, atribuindo uma cor para a classe principal e outra cor para as subclasses. Cada cartolina deverá ser cortada em retângulos que deverão ser traçados dentro deles subdivisões, de forma a subdividi-los em três partes que simbolizarão o nome da classe, os atributos e objetos da classe e os métodos da classe (conforme imagem ao lado). Dentro de cada parte, deverá ser escrito, de acordo com o projeto escolhido o nome usado para cada um.</p>
Nome_da_classe					
+ Atributos_da_classe					
Objetos_da_classe					
Métodos_da_classe					
	<p>Os métodos serão simbolizados por cartolinas cortadas no formato de losangos e, dentro de cada um deles, deverá estar escrito o nome do objeto representado de acordo com cada projeto.</p>				
	<p>Os objetos serão simbolizados por cartolinas cortadas no formato de círculos e, dentro de cada um deles, deverá estar escrito o nome do objeto representado de acordo com cada projeto.</p>				
	<p>Os objetos que são privados (pertencentes somente a uma das classes) deverão ser simbolizados por um círculo com um cadeado desenhado em sua lateral superior esquerda.</p>				

TABELA 1: Tabela de representação dos objetos computacionais

Ao compreender o contexto e a função de cada objeto computacional, por meio de interação e interlocução, cada equipe - composta por quatro alunos - deverá identificar, dentro de um projeto computacional já existente, cada um dos objetos ali envolvidos, de forma que, para cada classe, método e objetos criados, deverá haver a mesma quantidade de retângulos, quadrados e círculos.

Isso porque, durante o processo de identificação dos objetos computacionais, os alunos precisam desenvolver habilidades para estabelecer as ligações necessárias entre cada um dos elementos, de modo a compreender as relações existentes entre os objetos, métodos e classes dentro de um projeto.

Inseridos nesse processo de produção artístico e plástico, os alunos buscaram fazer as ligações usando outros elementos, como marcador de quadro branco, marcador de texto, fita adesiva colorida, papel espelho, corretivo em caneta, dentre outros materiais.



FIGURA 3: Estudantes expondo e explanando seus trabalhos aos visitantes

Ao término da elaboração de seus trabalhos, os alunos expuseram seus projetos finalizados, fixando suas cartolinas acima dos computadores do laboratório de informática, de modo que, no computador, apresentava-se o projeto computacional desenvolvido e, acima dele, a cartolina com os objetos computacionais nele existentes.

Conclusões

Ao se inserir a estratégia de ensino de oficina e incentivar sua produção dentro de um procedimento didático, observa-se inicialmente a curiosidade do aluno, despertando neste o interesse em participar mais ativamente do aprendizado e, com isso, quebrar paradigmas quanto à forma de se ministrar aulas em componentes do curso de informática.

Por se tratar de uma sala ETIM em informática que cursa a segunda série, foram verificadas grande receptividade e nostalgia dos alunos quanto ao ato de voltarem a ter contato com materiais artísticos e plásticos.

Durante a construção do objeto, observou-se que o aluno, ao trabalhar em equipe, passa por processos de aprendizagem em relação à comunicação, promovendo um tipo de interação em que a linguagem antecipa o conhecimento e a compreensão do conceito, já evidenciada por Pereira (2015), em seu artigo "Piaget, Vygotsky e Wallon: Contribuições para os estudos da linguagem".

Ao finalizar a oficina, verificou-se a satisfação de cada equipe com o resultado como também a satisfação pessoal de cada aluno por enfim compreender a relação entre os objetos computacionais (tanto no âmbito da linguagem de programação, quanto no que tange a confecção da oficina).

Ao mostrarem aos demais alunos da escola o seu trabalho, os alunos vivenciaram um momento de satisfação pessoal, por terem conseguido desenvolver a oficina e também por conseguirem entender e explicar conceitos tão complexos.

Após a exibição dos projetos, foi realizada uma pesquisa qualitativa com os alunos participantes da oficina, em que foram compartilhados as experiências e os aprendizados dos envolvidos. Observou-se que a maioria dos alunos participantes da oficina compreendeu os

conceitos e conseguiu os abstrai, de forma a imaginar a relação dos objetos e métodos com suas respectivas classes computacionais.

Com isso, a oficina atingiu o seu objetivo: desenvolver técnicas para os alunos compreenderem a relação dos objetos computacionais envolvidos em uma linguagem de programação orientada a objetos.

A partir do relato, verificou-se que a técnica adotada também ampliou a forma de aprendizagem na área de informática, a partir da adoção de um procedimento didático que visou unir áreas distintas - informática e artes -, beneficiando todos os envolvidos.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 10520*: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 14724*: informação e documentação: trabalhos acadêmicos - apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6023*: informação e documentação – referências - elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

BRASIL. *Lei das diretrizes e bases da educação nacional* (LEI Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 01 out. 2016.

CARMO, J. G. B. *A interdisciplinaridade e o trabalho com projetos*. Disponível em: <<http://www.educacaoliteratura.com/index%20122.htm>>. Acesso em: 01 out. 2015.

CETECPS. *Formação pedagógica para docentes da educação profissional*. Centro Paula Souza: São Paulo, 2007.

DIVERSOS, *Manual para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso das Escolas Técnicas do Centro Paula Souza*, 2015.

PEREIRA, C. L. Piaget, Vygotsky e Wallon: contribuições para os estudos da linguagem. *Psicologia em Estudo*, v. 17, n. 2. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000200011>. Acesso em: 05 ago. 2017.

O TRABALHO DE CAMPO NA FORMAÇÃO DO TÉCNICO EM MEIO AMBIENTE

João Victor Pavesi de Oliveira¹

Neste artigo apresentamos um breve relato de uma das experiências de trabalho de campo realizadas com os estudantes do 3º ano do Ensino Técnico em Meio Ambiente Integrado ao Ensino Médio da ETEC – Parque da Juventude. Em novembro de 2015, visitamos o Jardim Pantanal (São Paulo/SP) como atividade escolar na disciplina de *Uso, Ocupação e Conservação do Solo (UOCS)*. Após descrever a proposta da disciplina e o intuito do trabalho de campo, narramos a vivência obtida no bairro da zona leste, fundamentando a importância do campo na formação profissional e acadêmica dos estudantes. Com isso, pretendemos impulsionar a continuidade de atividades escolares como esta.

Introdução

De acordo com o “Catálogo de Requisitos de Titulação para Docência”², a disciplina de UOCS, oferecida ao último ano do ETIM em Meio Ambiente, pode ser ministrada por bacharéis e licenciados em Geografia, dentre outros profissionais. Tendo ciência de que eu atendia a esses critérios, a escola me ofereceu a oportunidade de lecioná-la no ano letivo de 2015.

Ao ler a apresentação da competência disciplinar no plano de curso³, notei que a função dessa matéria era tratar dos “Processos de degradação natural e avaliação das intervenções antrópicas”, tendo em suas competências “Analisar a ocupação do solo no espaço rural e urbano, em nível local, regional e mundial”. Desse modo, sendo eu um estudioso das questões urbanas, focado no debate sobre o direito à cidade, elaborei um Plano de Trabalho Docente que contemplasse tal ementa, com dois momentos: um primeiro, que considera o movimento histórico de ocupação do solo no Brasil, destacando a formação das cidades (com enfoque para São Paulo) e apontando seus desdobramentos ambientais como produto do processo de produção do espaço urbano; um segundo, que trata da legislação urbana e ambiental. Dessa forma, seria possível realizar, ao final do curso, uma avaliação usando um estudo de caso.

Devido a minha formação, parti de categorias analíticas do pensamento urbano advindas da ciência geográfica para realizar uma interpretação da problemática urbano-ambiental. Também foram utilizados materiais de consulta, além da própria legislação específica⁴ e comentadores, em especial autores do pensamento urbano crítico⁵. Pretendia-se, com isso, que os estudantes reconhecessem que a ação da sociedade produz, no modo de produção capitalista, um espaço urbano marcado por conflitos e desigualdades socioespaciais, e que compreendessem como a legislação ambiental e urbana são produto destas mesmas contradições.

Nesse sentido, apreender uma realidade urbana tão complexa e essencialmente conflituosa somente no interior da sala de aula não era suficiente. Mesmo com a utilização de tecnologias voltadas para o ensino, era necessário ultrapassar os limites da escola para alcançar, de fato, uma compreensão do espaço urbano. Recuperarei, a seguir, os debates sobre o ensino de Geografia para justificar a relevância dos trabalhos de campo.

¹ E-mail: joao.pavesi@gmail.com.

² Disponível em: <<http://www.cpscetec.com.br/crt/>>. Acesso em 15 abr. 2017.

³ Disponível em: <<http://www.etecparquedajuventude.com.br/Cursos/Etim/MeioAmbiente/PlanoCurso/167%20-%20ETIM%20Meio%20Ambiente%202015.pdf>>. Acesso em 15 abr. 2017.

⁴ Novo Código Florestal (Lei 12.651/2012) e Plano Diretor Estratégico de São Paulo (Lei 16.050/2014).

⁵ SANTOS, 2008; CARLOS, 1992; HARVEY, 2013; ROULNIK, 1988.

Diferentes geógrafos apresentam proposições acerca da relevância da vivência empírica. Apenas para citar alguns, Paul Vidal de La Blache (1982, p. 47) afirmava que “A Geografia é a ciência dos lugares e não dos homens”, apontando a importância nas “excursões geográficas”, para melhor observar, analisar e descrever o conjunto da superfície da Terra. Já Pierre Monbeig (1957, p. 31-32), como outros autores de seu tempo, assinalava que a Geografia deveria estar atenta também aos homens e suas relações sociais, deixando de se restringir somente aos fenômenos naturais. Para tanto, a investigação somente em gabinete por meio de levantamentos bibliográficos, informações estatísticas e governamentais, não era suficiente para entender a realidade social localizada, era preciso também a investigação empírica (o trabalho de campo). Disto, desdobram-se importantes debates sobre método da prática dos estudos de campo, dentre os quais Yves Lacoste (2006, p. 77), que reconheceu o caráter político do trabalho de campo, condição que traz responsabilidade ao pesquisador diante de homens e mulheres e do território de análise.

Considerando tais discussões, entendo que o exercício de técnico em Meio Ambiente colocará esse profissional diante de circunstâncias socioambientais complexas e que, portanto, ele não poderá se deixar levar pelo mito da neutralidade científica. Assim, deve-se reconhecer, ainda na formação, que sua atuação será essencialmente uma prática política.

O trabalho de campo, estando situado na relação entre teoria e prática, permite-nos compreender que não existe teoria sem prática e vice-versa. E é por meio desse movimento teórico-prático que se disponibiliza suporte intelectual para os estudantes lidarem com situações complicadas no momento de sua atuação na realidade. Sendo assim, o trabalho de campo corresponde a um instrumento privilegiado para, além de descortinar a realidade social espacializada, conectar teoria com prática e expor a implicação política do técnico em Meio Ambiente.

Devido a isso, ao longo do ano de 2015, foram propostas duas saídas de campo: uma, para região central da cidade, e outra, para um bairro periférico de São Paulo. A primeira pretendia analisar o processo de produção da cidade a partir da sua expressão na Paisagem urbana, percorrendo o triângulo histórico, o “centro novo” e finalizando na Av. Paulista. Esse primeiro campo ocorreu no início do 2º bimestre e tinha como objetivo contextualizar o recorte analítico proposto pela disciplina, já que todos vivenciam a cidade.

O segundo campo, realizado no 4º Bimestre, tinha um caráter conclusivo tanto para a disciplina de UOCS quanto para o curso técnico como um todo. O mote da saída era pensarmos sobre o direito à cidade em uma localidade profundamente marcada pelo conflito socioambiental, desconhecida pela maioria dos estudantes. Assim, decidiu-se visitar o Jardim Pantanal acompanhados por moradores que mostrariam, na sua perspectiva, um pouco do cotidiano do bairro.

Como preparação do campo, foram realizadas aulas que contextualizaram a área que seria visitada e disponibilizados um mapa do local, um Roteiro de Campo com orientações para elaboração do relatório, e dois excertos de texto que fundamentavam a seguinte problematização: “A ação do técnico em Meio Ambiente é capaz de efetivar o direito à cidade quando a problemática ambiental é separada da produção do espaço urbano metropolitano?”.

Pretendia-se, com isso, que os estudantes articulassem no relatório os conteúdos estudados ao longo do ensino médio – tanto nas disciplinas técnicas quanto na base curricular comum – discutindo, a partir de levantamento bibliográfico e de relatos do campo, a (im)possibilidade de se desatrelar as questões ambientais dos temas urbanos, que são essencialmente sociais. Ademais, o relatório foi realizado em grupo para que os estudantes tivessem de formular uma síntese contemplando suas diferentes visões sobre a problematização.

A organização da saída de campo teve início com uma reunião com o Coordenador Pedagógico da escola, seguida por um comunicado enviado aos pais e responsáveis dos alunos, o qual pedia que autorizassem sua participação. Com o interesse de não deixar nenhum

estudante de fora da atividade por questões financeiras – visto que a escola não dispunha de recursos para custear os gastos –, a saída foi organizada com baixo custo: o descolamento foi feito gratuitamente, com transporte público, graças ao passe-livre escolar; e uma cozinheira do bairro foi contratada para fazer marmitas e suco pelo preço de R\$ 12,00.

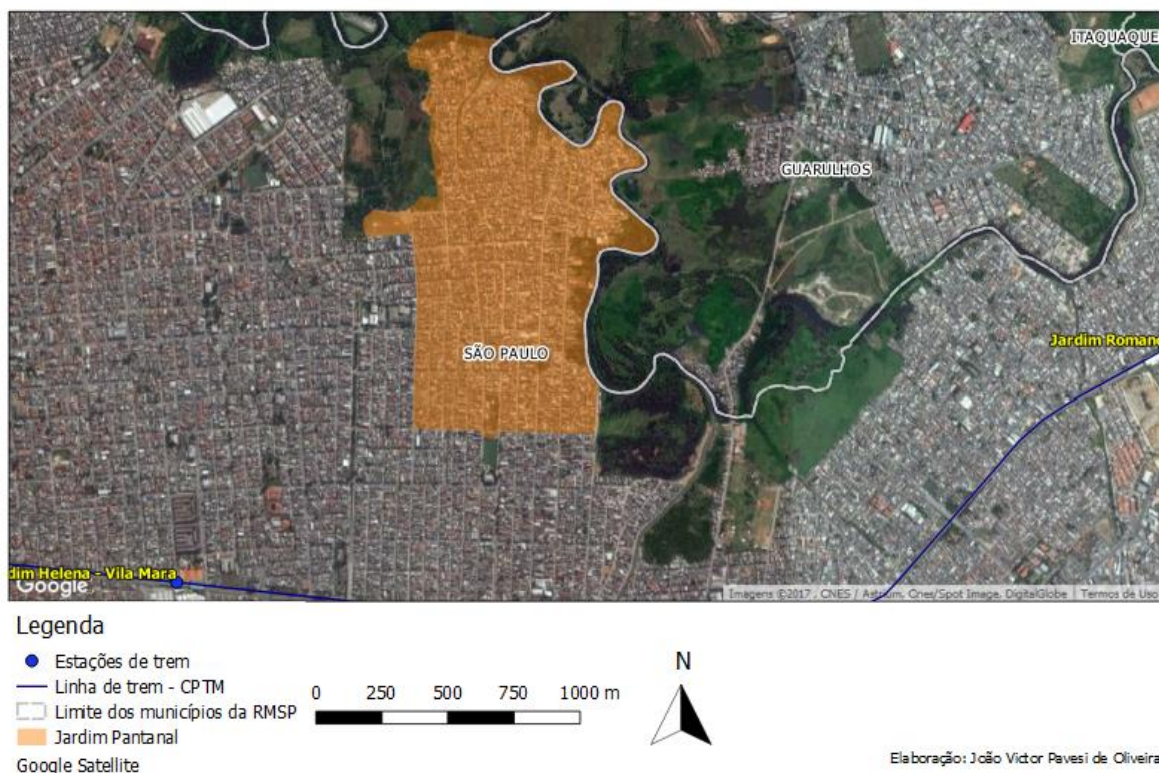
ORIENTAÇÕES
Saída de campo para o Jardim Pantanal (zona leste de São Paulo) na disciplina de UOCS, com o Prof. João Victor Data: 28 de Outubro de 2015
Cronograma Encontro na escola: 07h15 Saída: 07h30 Previsão de chegada: 09h30 Previsão de término: 15h00 Retorno na escola: 17h00
Custo Transporte + almoço (R\$12,00)
Materiais Instrumentos de campo (caderneta, máquina fotográfica, gravador etc.); água, biscoitos e frutas durante a caminhada; prato+talheres+caneca não descartáveis; proteção contra chuva e Sol.

Quadro 01: Orientações para trabalho de campo

O campo

Sáimos da escola, localizada em Santana, na zona norte, e pegamos o metrô na estação Carandiru (Linha 1 – Azul) rumo à estação de trem Jardim Helena – Vila Mara (Linha 12 – Safira). A opção por esse meio de transporte, além de ser mais barata, oferecia aos estudantes a experiência de vivenciar a relação centro-periferia (ao menos, no aspecto distância), comum para boa parte da população de São Paulo. Mais do que isso, no percurso realizado pelo trem, saindo da estação Brás na região central e indo em direção a Calmon Viana (bairro da cidade de Poá), pudemos ver velhos galpões industriais, moradias autoconstruídas na linha férrea, e as curvas do rio Tietê, o que não seria possível por outro meio de transporte. Desse modo, o início do trabalho de campo se deu assim que nos encontramos na escola, onde já começava a leitura e a interpretação da Paisagem e suas características espaciais.

JARDIM PANTANAL - ZONA LESTE (SÃO PAULO/SP)



Mapa 01: Localização do Jardim Pantanal

O Jardim Pantanal está localizado na periferia Leste de São Paulo, na conurbação entre os municípios de Guarulhos e Itaquaquecetuba. Situado à margem do rio Tietê, em uma área de proteção ambiental (APA Várzeas do Tietê), o bairro é produto do processo de segregação socioespacial, com ausência de equipamentos públicos, ocupação em áreas irregulares, população de baixa renda, loteamentos clandestinos, entre outros aspectos que caracterizam a maior parte dos bairros periféricos espalhados pelas grandes metrópoles. Seu nome se deve ao fato de ser uma área frequentemente alagada pelo transbordamento do rio Tietê.

Ao chegarmos ao local, encontramos os moradores que nos acompanhariam pelo dia e começamos nossa caminhada, ouvindo relatos sobre a formação do bairro e histórias que o marcaram. Estabelecido por volta de 1986 por migrantes e população pauperizada na busca de moradia digna, o Jardim Pantanal foi a última área ocupada da região entre Ermelino Matarazzo e Itaim Paulista, processo que teve início em meados dos anos 1970. Entre 1988 e 1993, o bairro teve um grande crescimento, chegando a ter aproximadamente 6.000 famílias ao longo das margens do Tietê.



Foto 01: Rua asfaltada



Foto 02: Rua com solo exposto



Foto 03: Encanamento exposto



Foto 04: Moradia à margem do rio

Rapidamente, foi notado que nem todas as ruas eram asfaltadas, somente aquelas de ocupação mais antiga, mais distantes do rio. Esse aspecto chamou atenção dos estudantes, o que produziu a sensação de terem “saído de São Paulo” devido à ausência do concreto, à distância percorrida, à inexistência de prédios e à quantidade de vegetação.

Na parte mais próxima ao rio, a SABESP não implementava saneamento básico a fim de não estimular a ocupação das várzeas. Por causa da ausência de água e esgoto tratados, a comunidade veio a construir um sistema de distribuição de água potável (foto 03) para as moradias, utilizando a rede de água da rua. Contraditoriamente, a empresa distribuidora de luz fez questão de garantir que todas as casas possuíssem ponto de energia, evitando que ocorressem os conhecidos *gatos*.

As moradias nessa parte eram as mais recentes exatamente por estarem em uma área proibida para construções e, com isso, serem frequentemente removidas pela ação da Polícia Militar, Guarda Ambiental e outros agentes públicos. Além disso, devido à recorrência das enchentes, havia a contínua construção de novas casas. Ouvimos relatos de que é comum moradores erguerem seus armários e utensílios domésticos para evitar prejuízos no período de chuvas. Mesmo sabendo dos riscos de se estabelecerem tão próximos ao rio (remoção forçada, problemas de saúde e perdas materiais), a área sempre estava ocupada.

É a partir dessas narrativas que se revelou o cotidiano das pessoas residentes no Jardim Pantanal. Com elas, foi possível elucidar a dimensão escalar do fenômeno da urbanização, pois, ao reconhecer que áreas distantes entre si (bairros nobres e periferias afastadas) estão intimamente conectadas, evidenciou-se que a problemática social e ambiental não se restringe à escala do local, dando novos contornos ao entendimento da questão urbana.

Cabe citarmos uma situação referente ao despejo irregular de entulho na margem do Tietê por um morador do bairro que causou muito impacto nos estudantes. A situação ganhou destaque, pois, após os alunos se depararem com a irregularidade e fazerem diversas articulações mentais entre o conhecimento técnico e os efeitos daquela ação, houve a oportunidade de eles conversarem com o sujeito do despejo incorreto. Esse momento promoveu o encontro conflituoso entre as elaborações teóricas e a realidade definida pela problemática social. Aquele sujeito realizava tal ação não por desprezo à natureza, mas por ser esta a forma encontrada para conseguir sobreviver. Assim, em vez de julgá-lo, os estudantes perceberam a necessidade de contextualizar sua condição.

Esta ocasião evidenciou o caráter político do profissional técnico em Meio Ambiente e retomou a problemática apresentada no roteiro de campo, já que a aplicação das normativas ambientais não seria suficiente para solucionar a questão.



Foto 05: Despejo ilegal de entulho



Foto 06: Despejo ilegal de entulho



Foto 07: Despejo ilegal de entulho



Foto 08: Conversa com moradores

Conclusão

Com esse breve relato, busquei demonstrar a importância para a realização de trabalhos de campo no curso técnico em Meio Ambiente. Mais do que uma metodologia educativa inovadora, por utilizar outros ambientes que não só a sala de aula, as saídas de campo proporcionam uma experiência particular para esses estudantes ao coloca-los em contato com realidades complexas nas relações socioambientais.

A formação consistente de um técnico em Meio Ambiente ultrapassa o domínio da legislação, o uso adequado de metodologias laboratoriais e a elaboração de planos ambientais. É necessário que se vivencie, na prática, a teoria aprendida em aulas e leituras.

Infelizmente, essa história não terá mais continuidade no ETIM de Meio Ambiente da ETEC - Pq. da Juventude. Para o ano letivo de 2017, de forma pouco transparente, foi definida a não abertura de vagas para este curso, interrompendo uma história sem uma justificativa concreta.

Esperamos que esse relato motive professoras(es) a realizarem trabalhos de campos em suas disciplinas, oferecendo uma formação ampla e de qualidade que ultrapassa os aspectos profissionais.



Foto 09: Grupo de estudantes e moradores no final do trabalho de campo⁶

Referências

CARLOS, A. F. A. *A cidade*. São Paulo: Ed. Contexto, 1992.

HARVEY, D. A liberdade da cidade. In: MARICATO, Ermínia et al. *Cidades Rebeldes – Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2013. p. 27-34.

LA BLACHE, P. V. “As características próprias da Geografia”. In: CHRISTOFOLETTI, A. *Perspectiva da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982, p. 37-48.

LACOSTE, Y. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. *Boletim Paulista de Geografia/Seção São Paulo – Associação dos Geógrafos Brasileiros*, v. 84, 2006. p. 77-92.

MONBEIG, P. *Novos estudos de Geografia Humana brasileira*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1957.

⁶ Dedico este trabalho a todos os participantes desta saída de campo.

ROULNIK, R. *O que é a cidade*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988

SANTOS, M. *Manual de Geografia Urbana*. São Paulo: Edusp, 2008.

UM DESCONHECIDO ENTRE NÓS: A HISTÓRIA E A CULTURA INDÍGENA NA SALA DE AULA

Cristiane Dias de Melo¹

Uma roda. Daquelas que aprendemos quando criança. Daquelas que nossos ancestrais praticavam. Os adolescentes estavam sorridentes, alegres... ficam sempre assim quando há uma atividade fora da sala de aula. A ideia era sermos um pouco indígenas, em um círculo de energia pulsante, embalados pela canção

*Sou Pataxó
sou Xavante e Cariri
Ianonami, sou Tupi
Guarani, sou Carajá
Sou Pancaruru
Carijó, Tupinajé
Potiguar, sou Caeté
Ful-ni-o, Tupinambá*

Trata-se da música *Chegança*, composta e interpretada pelo artista Antônio Nóbrega. Se o leitor não identificou os nomes cantados na canção, esclareço. Essas denominações são algumas das mais de duzentas etnias indígenas existentes no território brasileiro, evidenciando a grande diversidade étnica e cultural que esses povos representam.

Essa diversidade, no entanto, é pouco conhecida pela sociedade brasileira. O estereótipo de um índio homogêneo, nu, com adornos de penas, morador da floresta e isolado do mundo chamado “civilizado”, ainda é forte no imaginário da maioria dos brasileiros. Nas escolas, o Dia do Índio ainda é um dos poucos momentos em que esse personagem, integrante da tríade étnica que representa a formação do povo brasileiro em diversas narrativas que buscam uma identidade nacional, aparece. Porém, essa aparição fugaz acontece de forma genérica, com um ar de elemento exótico, em vias de extinção. Situação que, ao invés de trazer para o conhecimento dos alunos a história e a cultura desses povos, corrobora com os estereótipos criados ao longo da história do nosso país. Esse fato, aliado à minha paixão pela história e cultura de povos indígenas brasileiros, instigou-me a aprofundar esse tema nas minhas aulas ministradas para a 1ª série do ensino médio na ETEC de Campo Limpo Paulista, escola onde atualmente leciono.

O indígena na escola

Em 2008, a Lei 11.645 incluiu no currículo oficial da rede de ensino nacional a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. A lei, no entanto, não foi suficiente para uma ampla aplicação do ensino da História e Cultura Indígena de forma a romper com os estereótipos discutidos acima.² O que pode ser explicado, parcialmente, pela própria formação acadêmica dos professores de História, carente desse tema. Até mesmo a produção historiográfica relacionada ao tema não é muito expressiva e, se vem crescendo, é um processo ainda muito novo e dentro dos muros das universidades, não atingindo de forma efetiva aqueles que estão no chão da escola.

¹ E-mail: cristiasmelo@hotmail.com.

² Sobre o ensino crítico da temática indígena e a importância da Lei 11.645/2008; nesse processo ver o artigo “Povos indígenas: história, culturas e o ensino a partir da lei 11.645” de Edson Silva (2012).

Esses limites ao conhecimento do professor sobre a temática indígena, todavia, não podem servir como eterna justificativa para cruzarmos os braços diante da necessidade latente de educarmos nossos alunos como agentes críticos e conscientes da necessidade do rompimento dos estereótipos eurocêntricos, ainda muito presente nas nossas matrizes curriculares. É necessário levar para a sala de aula e para outros espaços onde se pratica a educação a importância do papel protagonista dos povos indígenas como agentes históricos e culturais no processo de formação da nossa sociedade. Então surge a questão: como levar aos alunos um assunto tão urgente, mas ainda em construção na própria historiografia acadêmica?

O material mais comumente utilizado nas aulas de História nas escolas são os livros didáticos. Giovani José da Silva, ao analisar a História Indígena nos livros didáticos, aponta que é comum que, nessas obras, o indígena pertença exclusivamente ao passado, o que leva o aluno a ter a impressão de que eles estavam ausentes nos anos que se sucederam após a chegada dos europeus (SILVA, 2015). Um aspecto recorrente nesse tipo de material é a brevidade e a forma generalizada como a História Indígena é tratada, relegando a esses povos uma menor importância como integrantes da nossa sociedade e como atores da história do nosso país.

Há também a questão da escolha das imagens presentes nos livros didáticos. Em sua maioria, são reproduções de imagens feitas por ilustradores europeus que imprimiram, em suas obras, suas próprias impressões sobre a população nativa do território brasileiro. Conceitos como canibalismo, primitivismo e inocência estão constantemente presentes, reafirmando os estereótipos que se solidificaram no nosso ensino e também no imaginário de nossa sociedade.

A forma como os conteúdos dos livros didáticos são apresentados deve ser analisada de forma regular e crítica pelo professor. Apesar de um pequeno avanço nas abordagens, ainda há muito a ser superado, sendo necessário compreender que esses recortes, lacunas e equívocos presentes nesse tipo de material. Isso pode ser explicado, em grande parte, pelo mercado editorial e por ideologias dominantes, como nos alerta Circe Bittencourt no texto “Livros didáticos: entre textos e imagens” (BITTENCOURT, 2005).

Um olhar para a produção acadêmica nessa área é um caminho para começar a superar essas lacunas. Ainda que não tão expressivos se comparados a outros temas de pesquisas historiográficas, atualmente podemos observar os esforços crescentes de antropólogos e historiadores que vêm dialogando no sentido de criar uma “nova história indígena”. Nos últimos anos, o paradigma da crônica da extinção dos povos indígenas vem perdendo espaço para essa produção. Infelizmente, essa incipiente reversão não se refletiu muito na produção dos livros didáticos, mas é um rico material de estudo para os professores que pretendem trabalhar a temática indígena em suas aulas.³

Vídeos nas aldeias, uma escolha que deu certo

Sendo os livros didáticos muito limitados para o foco que eu propunha em minhas aulas, ou seja, romper estereótipos e afirmar o indígena como agente histórico e cultural da História do Brasil de forma mais ampla e profunda, recorri a estudos de alguns textos da produção acadêmica comentada acima. Porém, não posso deixar de comentar o papel das lutas dos povos indígenas contemporâneos como um dos elementos propulsores dessa produção. As lutas por reconhecimento dos seus direitos evidenciaram o índio como protagonista histórico, político, cultural e social. Muitos pesquisadores passaram a pautar suas pesquisas também em favorecimento dessas reivindicações.

³ John Monteiro discute profundamente a presença do indígena na historiografia brasileira. Ver os artigos “O desafio da história indígena no Brasil” (1995) e “Redescobrimos os índios da América portuguesa: Antropologia e história” (2001).

E não pararam por aí. Muitos povos indígenas passaram a produzir os seus próprios materiais, com os seus próprios pontos de vista sobre a história da qual fizeram e fazem parte. Não aceitam mais que apenas o outro conte a história que lhes pertence. Muitas cartilhas de escolas indígenas atuais são produzidas por professores e pesquisadores indígenas, formados em universidades. Sites e vídeos criados pelos próprios indígenas já podem ser encontrados na internet. Esses materiais disponíveis facilitam o estudo do tema pelo professor, algo possível e necessário, pois não podemos ficar restritos a materiais tradicionais e limitadores de uma educação crítica e transformadora.

A partir dessa constatação, pesquisei, estudei e planejei as minhas aulas de História e Cultura Indígena no Brasil. Além da produção de slides para uma aula expositiva, procurei materiais que tratassem do tema a partir do ponto de vista dos próprios indígenas. Contar a história do lugar dos seus próprios agentes é uma metodologia que facilita a empatia, algo essencial na quebra de estereótipos. Optei por usar vídeos de um projeto chamado *Vídeo nas aldeias*, os quais são apresentados ou criados pelos próprios indígenas.

Criado em 1986 e estendido pelos anos subsequentes, *Vídeo nas Aldeias* (VNA) é precursor na área de produção audiovisual indígena no Brasil. O objetivo do projeto foi, segundo o texto de apresentação do site do projeto, “apoiar as lutas dos povos indígenas para fortalecer suas identidades e seus patrimônios territoriais e culturais, por meio de recursos audiovisuais e de uma produção compartilhada com os povos indígenas”.⁴ No site, há um catálogo com mais de noventa vídeos disponíveis, trazendo muitas possibilidades didáticas.

Escolhi trabalhar com dois vídeos. Ambos fazem parte de uma série de vídeos apresentados pelo indígena Airton Krenak, da etnia *Krenak*. O primeiro vídeo, intitulado *Índios, quem são eles?*, é um convite à reflexão dos diversos estereótipos em relação ao índio, ainda muito presentes na mentalidade e no discurso da sociedade brasileira. Entrevistadas nas ruas, pessoas respondem àquilo que pensam sobre esses povos. Os termos “preguiçoso”, “selvagem” e “extinto” são os mais recorrentes, evidenciando o extremo desconhecimento e preconceito ainda existente em relação aos povos indígenas. Há uma parte em que os próprios indígenas de diferentes etnias que também são entrevistados aparecem replicando essas respostas, o que mostra quem eles realmente são e o que fazem, derrubando muitos conceitos do senso comum. Ao levantar o debate com os alunos após a exibição do vídeo, surpreendi-me como se mostraram indignados diante depoimentos que trataram os indígenas como preguiçosos, improdutivos e desnecessários. A conversa foi rica e interativa e muitos alunos expuseram suas opiniões.

O segundo vídeo, chamado *Outra história*, é sobre a história de algumas etnias que vivem no Acre, porém contada a partir do ponto de vista dos próprios indígenas. *Tempo da maloca*, *Tempo da correria*, *Tempo do cativo* e *Tempo dos direitos* são as divisões cronológicas que compõem a narrativa histórica dessas etnias em um livro próprio, contrapondo-se à visão etnocêntrica da história, ainda tão presente no nosso currículo.

Ao pensarmos a história indígena a partir dos seus próprios agentes, muito do que achávamos conhecer se desconstrói e podemos passar a conhecer essa narrativa de um outro lugar. Nas aulas que apliquei, os alunos tiveram a oportunidade de observar esse outro lugar, essa outra história, acessando uma abordagem até então restrita a alguns setores do meio acadêmico. Também puderam observar o indígena diferente daquela figura estanque, atemporal. Conheceram o índio que estuda, que vê televisão, que usa celular e internet e que luta pelos seus direitos, inserido no contexto atual, como parte da população brasileira. Sem perder, no entanto, aspectos essenciais da sua cultura, ou seja, a resistência do seu modo de vida deixado como herança pelos seus ancestrais.

⁴ Texto de apresentação do site *Vídeos nas aldeias*. Disponível em: <<http://www.videonasaldeias.org.br/2009/vna.php?p=1>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

Como última atividade dessas nossas aulas, os alunos produziram livros infantis com reescrita e ilustrações de mitologias indígenas, bem como pesquisaram a etnia a qual pertencia cada mito. Também escreveram o que apreenderam das nossas aulas sobre História e Cultura Indígena e transcrevo a seguir alguns desses pequenos textos referentes às aulas realizadas entre os meses de junho e agosto de 2016.

Estudar a história indígena é importante, pois aprendemos mais sobre a história dos povos que nos antecederam e que existem até hoje, aprendemos a diferenciar historicamente as denominações sobre as etnias brasileiras indígenas e, principalmente, a quebrar os estereótipos construídos ao longo da história brasileira. (Victória e Thacyara)

É importante saber, pois dessa forma não nos baseamos em condições e visões impostas pela sociedade, tendo uma visão própria sobre os nossos antepassados e a história do Brasil. (Pedro e Thales)

A vida toda ouvimos o lado europeu da maioria das coisas, inclusive da história do nosso país. É de extrema importância quebrar esses estereótipos diante das culturas primitivas, pois são eles que geram o preconceito e a ignorância das demais culturas. (Aline e Victória)

O que pude observar nos olhos e nas falas dos meus alunos adolescentes foi uma vontade de poder conhecer mais e um interesse por outras histórias, outras culturas, tão próximas, e ao mesmo tempo, tão distantes de suas vidas. Provavelmente, o que consegui fazer nessas aulas foi apenas o início da transformação de paradigmas, mas tenho certeza de que foi um primeiro passo para romper com estereótipos que estimulam a ignorância, a intolerância e a injustiça.

Referências

BITTENCOURT, C. *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

MONTEIRO, J. M. O desafio da história indígena no Brasil. In: SILVA, A. L.; GRUPIONI, L. D. B. (Org.). *A temática indígena na escola*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

_____. Redescobrimos os índios da América portuguesa: Antropologia e história, in O. AGUIAR, A.; J.; BATISTA, E.; PINHEIRO, J. (Org.). *Olhares Contemporâneos: cenas do mundo em discussão na universidade*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

SILVA, E. Povos indígenas: história, culturas e o ensino a partir da lei 11.645. *Historien: revista de História*, Petrolina, n. 7, 2012.

SILVA, G. J. Ensino de História Indígena. In: WITTMANN, L. T. (Org.) *Ensino (d)e História Indígena*. São Paulo: Autêntica Editora, 2015.

VÍDEO NAS ALDEIAS. Disponível em: <<http://www.videonasaldeias.org.br>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

UMA ABORDAGEM DIFERENCIADA DO DIREITO CONTRATUAL NO CURSO TÉCNICO EM ADMINISTRAÇÃO

Keli de Araujo Rocha¹

Favorecer a autonomia do estudante (não mais aluno) é um dos grandes desafios perenes da educação, especialmente, porque traz à tona uma velha discussão sobre o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, há inúmeros autores (Michel Foucault, Giles Deleuze, Edgar Morin, Pierre Lévy, Jean Piaget, Gaston Pineau, Paulo Freire, Ivani Fazenda, Hilton Japiassú e tantos outros) que reforçam o protagonismo do estudante como a forma de estabelecer sua responsabilidade perante seu itinerário formativo. Para tanto, o professor não deve assumir simplesmente o papel de mediador do conhecimento, mas dar oportunidade aos estudantes a possibilidade de participar ativamente de seu processo de aprendizagem (CIOLA, 2006), por meio de estratégias que promovam o “aprender a aprender” ou “aprender a conhecer”, segundo o *Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI* (2010). Esse documento é a maior referência na temática, especialmente porque o Brasil é seu signatário e o incorporou à Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) e à legislação inerente.

Essa dificuldade se agrava ainda mais no ensino profissional, que busca apaziguar a dicotomia aparente entre educação e trabalho (SAVIANI, 2007), além dos desafios na formação e preparação dos docentes (BALZAN, 2000; MOROSINI, 2000; PIMENTA; ANASTASIOU, 2002; MASETTO, 2003; CUNHA et al, 2009).

Nesse contexto, a proposta do presente artigo se restringe a relatar uma experiência na condução de atividade avaliativa a partir do conteúdo de direito contratual em sala de aula, desenvolvida com metodologia participativa e que busca estimular a aprendizagem sobre tipos de contrato variados.

Aqui não cabe a pretensão de criar novas metodologias ou sequer comprovar se alguma das já existentes obteria um resultado passível de mensuração, ou ainda, analisar a forma como foi realizado o registro da atividade, mas apenas pretende-se demonstrar que alguns conteúdos permitem uma exploração diferenciada para tornar o conteúdo mais interessante para professores e estudantes.

O processo se inicia no momento em que é trabalhado o conteúdo de direito contratual no Curso Técnico em Administração (assim como na modalidade integrada ao Ensino Médio), quando são apresentados, primeiramente, os marcos conceituais, classificação, formas de pactuação e extinção, além das cláusulas mais comuns. Em seguida, a atividade de pesquisa será iniciada, por meio de um sorteio de tipos de contratos, tanto previstos em lei como os contratos considerados atípicos – que não são regulamentados por lei, porém, são lícitos.

Segundo a proposta da atividade, os estudantes devem pesquisar individualmente um tipo de contrato para apresentação em sala de aula em formato de seminário. As apresentações não têm um tempo determinado: sempre seguem de acordo com o aprofundamento da pesquisa que seu autor tenha lhe dedicado.

Após a explanação da pesquisa realizada pelo estudante, o professor traz suas diversas considerações acerca do contrato apresentado, agregando detalhes de natureza prática e vivencial da elaboração de contratos e da aplicação em cada respectiva área. Ainda é possível aproveitar o espaço para explorar de maneira pormenorizada todos os aspectos daquele assunto

¹ Bacharel e Licenciada em Direito, Tecnóloga em Gestão de Turismo, Especialista em Planejamento Educacional e Docência do Ensino Superior; Práticas Gastronômicas e Negócios em Alimentação e Mestre em Educação. E-mail: keli.rocha2@etec.sp.gov.br.

determinado e fazer comparações entre diferentes tipos de contrato. Em nenhum momento é solicitado ao estudante uma entrega física de documentos ao professor, mas apenas o envio das pesquisas realizadas para o representante de sala, que fica incumbido de compilar todos os materiais enviados em um único documento para consultas futuras pela própria turma.

O registro da atividade acontece por meio de seu planejamento no Plano de Trabalho Docente e respectiva avaliação, segundo os instrumentos proporcionados pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, além da inserção no diário da instituição. Os critérios de avaliação da atividade são apresentados aos alunos antes e após as apresentações: dedicação e envolvimento na atividade de pesquisa, conhecimento sobre o tema pesquisado e comportamento ao longo de todas as apresentações. Como o Centro Paula Souza trabalha seu formato avaliativo como menção e não notas, a mensuração dos resultados é uma atividade rápida que não demanda muito esforço por parte do docente.

Não obstante, é nítido o envolvimento que essa atividade proporciona aos estudantes, os quais trazem uma riqueza de detalhes pesquisados no tocante ao seu tipo de contrato específico. Esse tipo de repertório inclusive já foi utilizado por alguns estudantes para construção de seus próprios contratos em seu ramo de atividade específico.

Por meio dessas pesquisas, torna-se possível abranger assuntos dos mais diversos, como: contrato de viagem (é possível explicar conceitos como *overbooking*, ponto de equilíbrio e taxa de ocupação que envolvem o setor), todo tipo de contrato ligado a eventos em geral (formatura, casamento, eventos científicos, eventos realizados por alunos, ou aspectos dessa forma de contrato, como locação de espaço, utensílios e demais objetos, som e iluminação, *buffet*, decoração, segurança, patrocínio, apoio, cheque caução, entre tantos outros subtemas), ou contratos mais específicos para a área de administração (contrato social, prestação de serviços, representação comercial, consignação, franquias, seguro etc.).

Além disso, temas como direitos trabalhistas (contrato de trabalho e de trabalho temporário), tipos de financiamento (contrato de *leasing*, consórcio, financiamento, entre outros), assim como as garantias (aval, penhor, confissão de dívida, cessão de direitos, entre outras) e até mesmo temas atuais (desenvolvimento de *software*, assistência médica, propriedade intelectual, entre outros) que, de outra forma, não seriam abordados em sala de aula.

Os tipos de contratos possíveis são infindáveis, o que permite que esse conteúdo seja abordado inclusive por disciplinas correlatas em outros cursos. É muito difícil enumerar a quantidade de temas que são abrangidos nessas aulas; as possibilidades podem ser infinitas. Se a proposta pedagógica é favorecer a autonomia do estudante em se aprofundar na área que melhor lhe aprouver, o objetivo da atividade se justifica.

Certamente, uma atividade nesse formato demanda um conhecimento mais aprofundado por parte do docente acerca do conteúdo ministrado, mediante a exploração dos tipos de contrato abordados. Por essa mesma razão, torna-se possível alegar que o professor precisa de uma vivência profissional na sua área de atuação, o que pode viabilizar uma visualização mais prática da abordagem de tais conteúdos e gerar um interesse maior nos estudantes em elaborar uma boa pesquisa, além de manter um registro completo dos materiais apresentados para possíveis futuras consultas.

Em última instância, o objetivo maior da atividade é desmistificar os conteúdos relacionados à legislação, que costumam ser visualizados de forma estigmatizada, como se não fossem acessíveis a pessoas consideradas leigas. Entretanto, a educação para a autonomia somente pode-se dar com base na cidadania fundamentada no conhecimento e na “consolidação da democracia com justiça social e desenvolvimento fundado em princípios e valores de dignidade humana” (DIAS SOBRINHO, 2009, p. 31).

Referências

BALZAN, Newton Cesar. Indissociabilidade de ensino-pesquisa como princípio metodológico. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; CASTANHO, Maria Eugênia L. M. (Org.). *Pedagogia universitária: a aula em foco*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

CIOLA, Ana Carla Lanzi. *Autonomia e Estratégias de Aprendizado*. Associação Brasileira de Associações de Professores de Alemão (ABRAPA). São Paulo: ABRAPA, 2006.

CUNHA, Maria Isabel da; SOARES, Sandra Regina; RIBEIRO, Marinalva Lopes (Org.). *Docência Universitária: profissionalização e práticas educativas*. Feira de Santana, BA: UEFS Editora, 2009.

DIAS SOBRINHO, José. *Dilemas da Educação Superior no Mundo Globalizado: sociedade do conhecimento ou economia do conhecimento?* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

MASETTO, Marcos Tarciso. *Aulas vivas*. São Paulo: MG Editores Associados, 1992.

MOROSINI, Marília Costa. Docência universitária e os desafios da realidade nacional. In: MORIN, Edgar (Org.). *Professor do ensino superior: identidade, docência e formação*. Brasília: Plano Editora, 2000. P. 11-20.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA – UNESCO. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Brasília: UNESCO, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. *Docência no ensino superior*. São Paulo: Cortez, 2002.

SAVIANI, Demerval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007.

Ao compor esta edição da revista Linha Mestra, os adolescentes mostram uma outra perspectiva da sua relação com a escola, que se faz com sorrisos e anseios, com alegrias e preocupações. A criatividade não está só nas suas comunicações, está nas formas que encontram para lidar com a vida, e em como transformam suas batalhas pessoais e coletivas em vitórias, em como resistem e transformam seus espaços, e fazem das unidades do Centro Paula Souza, escolas. Estas vão além da formação para e pelo trabalho, é uma relação subjetiva, íntima e pessoal de cada aluno, de cada turma, interagindo na sua identidade e na alteridade, fazendo dela o *locus* da mudança e da construção cidadã, do resistir ao que cerceia e do avançar sobre a contemporaneidade.

Registro aqui, meu mais franco e profundo agradecimento aos alunos que compartilharam conosco suas íntimas emoções!

ANEXOS

O CENTRO PAULA SOUZA E REVISTA LINHA MESTRA

COMO É SER ALUNO DO ENSINO MÉDIO E ETIM?

EXPERIÊNCIAS, AVENTURAS E SITUAÇÕES DOS ALUNOS NAS ETEC'S

ORG. DAVI GUTIERREZ ANTONIO

SÃO PAULO / CAMPINAS

2017

ETEC ABDIAS DO NASCIMENTO	74
Coração Etequeano	74
Como é ser aluno do ensino médio e ETIM?	75
Uchurrius	76
Vida de etekiano.....	77
O que é ser um aluno do ETIM	78
Ser aluno do ETIM é...	79
Ser etequiano é	80
Conceitos de uma aluna	81
Vida de etekiano.....	82
Eu, aluna da Etec	83
Ser etequiano	84
Preparação	85
Poema.....	86
Avaliação de artes	87
Ser aluno do ensino médio.....	88
Ser aluno do ETIM é...	89
Como é ser um aluno da ETEC?.....	90
Ser aluno do ETIM é...	91
Como é ser um aluno do ensino médio e Etec	92
*Como é ser aluno do ensino médio e ETIM.....	93
Ser aluno etim pode ser cansativo	94
Como é ser aluno do Ensino Médio e ETIM?.....	95
Como é ser aluno/a da etec, minha experiência.....	96
“Como é ser aluno do Ensino Médio ETIM?”	97
Como é ser um ESTUDANTE DA ETEC.....	98
Como é estudar no ETIM?	99
Como é ser aluno da Etec.....	100
Quando pequenos somos.....	102
Como é ser Aluno da Etec	104
Evolução Etequiana	105
Etec	106
Ser Etequiano é...	107
Livros	108

ANEXOS

Dois lados da Etec.....	109
Como é ser aluno do Ensino Médio e Etim?	110
ETEC AMIM JUNDI	111
Educação: O Alicerce da Vida	111
A vida no ensino médio	112
Caminhando para um grande futuro!	113
Vida de "etequiano"	114
O transcender de mais uma etapa	115
A oportunidade de crescer	116
Minha escola, minha Etec	117
Uma escola para toda vida	118
Responsabilidade e gratidão	119
Momentos vividos na ETEC Amim Jundi	120
A Etec mudou a minha vida.....	121
Meu amor pela escola	122
Um dia de Alegria	123
O sucesso construído pela Etec.....	124
Ensino Médio na Etec.....	125
Um novo sentido	126
Como é ser um aluno da Etec Amim Jundi.....	127
Esculpindo o meu ser	128
Saudades	129
A Etec é mais do que uma simples escola.....	130
ETEC BARTOLOMEU BUENO DA SILVA.....	131
Pensamentos vagabundos de menina	131
ETEC BENEDITO STORANI	134
RELATO sobre estudar ETIM.....	134
ETEC CEL. RAPHAEL BRANDÃO	136
The ETEC's SHOW	136
Escola da vida	137
O Jornal Da ETEC _ ETEC News!.....	138
ETEC: A escola dos sonhos!	139
A lagarta que vira borboleta.....	140
Como é ser aluno do Etim no Centro Paula Souza	141

ANEXOS

O que é, o que é? Transforma-o e tem 4(quatro) letras? (ETEC)	142
ETEC CEL. FERNANDO FEBELIANO DA COSTA	144
CORAÇÃO ETEQUEANO	144
A realização de um sonho	147
ETEC PROF ^a CARMELINA BARBOSA	148
O que há em uma ETEC ou melhor, o que não há em uma ETEC?	148
Construir uma nova família com milhares de histórias.....	150
O que há em uma ETEC ou melhor, o que não há em uma ETEC?	153
Capacidade de Descobrir.....	156
Como vem sendo aplicado!	157
Formação Técnica, visando o futuro	158
Minha Formação e Meu Futuro	159
A 31km da felicidade	160
Danielle Cristina – Minhas Conquistas e Aprendizagens (Autobiografia)	162
O primeiro dia.....	164
ETEC PADRE JOSÉ NUNES DIAS	186
Minhas Futuras lembranças	186
ETEC PREFEITO BRAZ PASCHOALIN.....	188
O Futuro É Logo Ali!.....	188
Os Etequianos.....	194
Eu, Aluno	197
ETEC PROFESSOR DOUTOR JOSÉ DAGNONI.....	198
Como é ser aluno do etim?	198
ETEC PROF. ARMANDO JOSÉ FARINAZZO	200
Querido diário	200
Vida de etequiano	201
Vida de Etequiano	202
O garoto.....	203
ETEC PROFESSOR MÁRIO ANTÔNIO VERZA	205
Esse é o meu lazer	205
ETEC SÃO MATEUS	206
Como é ser um aluno de ETIM	206
Como é ser um aluno de ETIM	209
Como é estudar na ETEC?.....	210

ANEXOS

Como é ser um aluno de ETIM	211
Crônicas de ETIM.....	212
Como é ser um aluno de ETIM	213
ETEC UIRAPURU.....	214
Uma missão denominada ETIM.....	214
Como é ser aluno do Ensino Médio e Etim?	215
Pássaros Nutridos.....	217
ETEC VASCO ANTÔNIO VENCHIARUTTI.....	218
Contato com a Natureza na Escola (Fotografias)	218
Fotografias.....	229
Como é ser aluno do Ensino médio e ETIM?.....	231
Sentimentos postos à prova.....	232
Como é Ser Aluno do ETIM (desenho)	233
Sem Título - Fotografia	234
Como é Estudar na Etec?.....	235
Máquina humana	237
ETEC ZONA LESTE	238
Meu nome é Bianca.....	238

ETEC ABDIAS DO NASCIMENTO

Coração Etequeano

Autor: Eliza Danielle Pereira
Curso: Nutrição integrado ao Ensino Médio
Ano: 2º

Professor e aluno em união

Uma escola, um só coração.

A ETEC não é fácil como pensa

Foco no futuro isso sim compensa.

Tem que estudar, freqüentar monitoria

Comparecer todo dia.

Se esforçar.

Tem que estudar e se empenhar, respeitar

A escola segundo lar.

Não desanimar se l você tirar, logo um MB vai te animar.

Tem que estudar, pra passar na faculdade e não se esquecer das amizades.

Se formar, você vai brilhar e seus sonhos conquistar,

Nossa escola melhor lugar.

Como é ser aluno do ensino médio e ETIM?

Autor: Sabrina Ramos de Oliveira

Curso: Informática Integrado ao Ensino Médio

Ano: 1º

ETIM - 1º B - informática

12.04.17

Aluna: Johirina Ramos de Oliveira

Como é ser aluno do ensino médio e ETIM?

Ser aluno da ETEC é bom e bem. Sou aluna do ensino técnico integrado ao médio - ETIM - sou da área de informática, e disse dizer que me acostei um pouco ao entrar na ETEC.

É minha rotina mudou completamente em comparação a rotina que eu possuía no meu antigo colégio. O número de aulas, de 6 aulas, passou a ser 8; o número de matérias, que aumentou mais que o comum devido ao curso técnico; a quantidade de trabalhos escolares; a carga horária escolar; tudo isso mudou.

Passo a ficar mais exausta diariamente, ainda estou em um processo intenso de adaptação na escola, para poder me acostumar com todas as mudanças. Porém, isso não muda meus detalhes perto dos benefícios que a escola traz a mim.

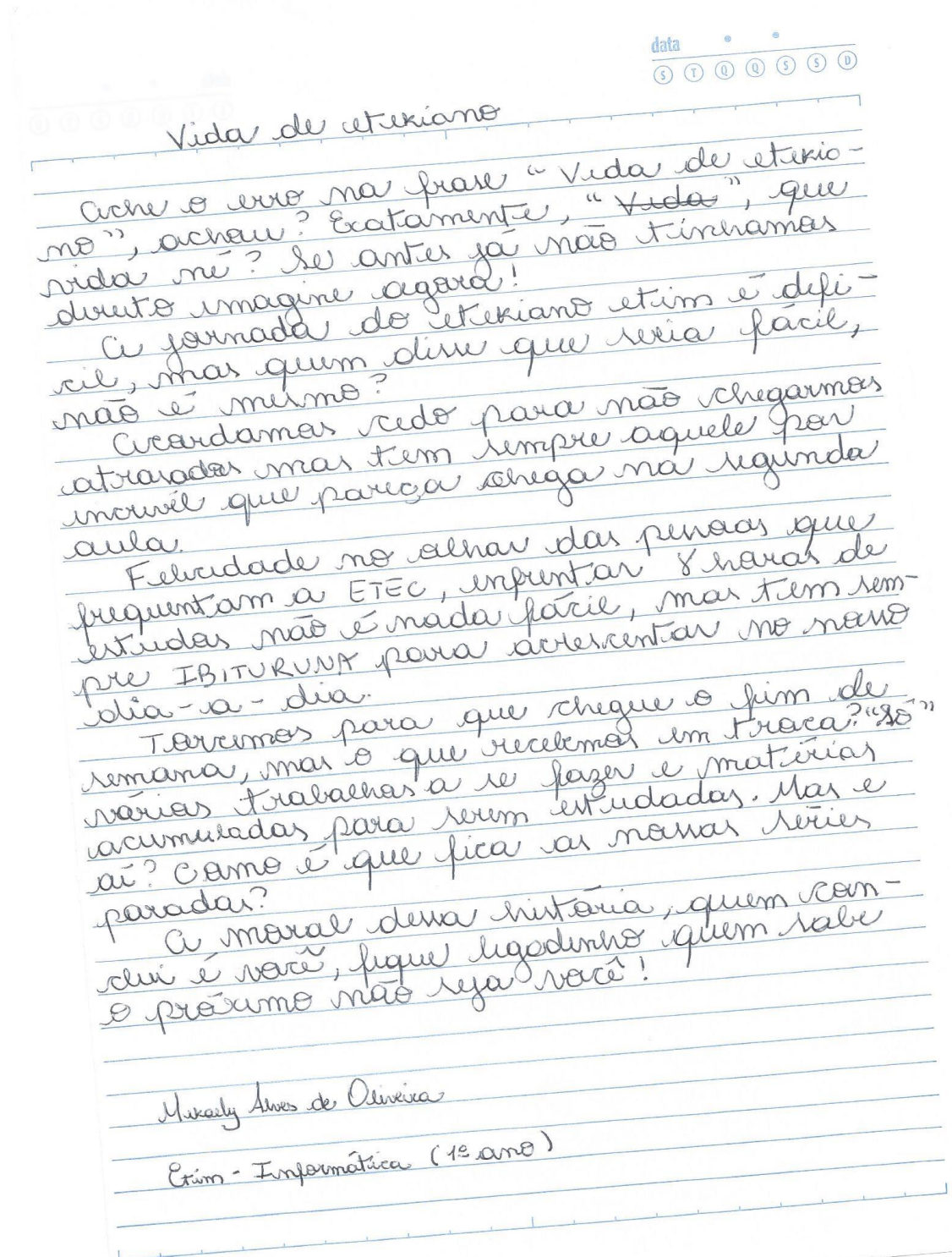
Tenho um ensino muito bom, gratuito, com excelentes professores, tanto do ensino médio quanto do curso. A ETEC foi uma ótima opção para mim, já que tenho o ensino médio e um curso técnico que me prepara para a área de trabalho.

Uchurrius

Autora: Camila de Jesus Silva
Curso: Ensino Médio
Ano: 2º



Endereço do Vídeo: <https://youtu.be/NOX2cV2jPW4>

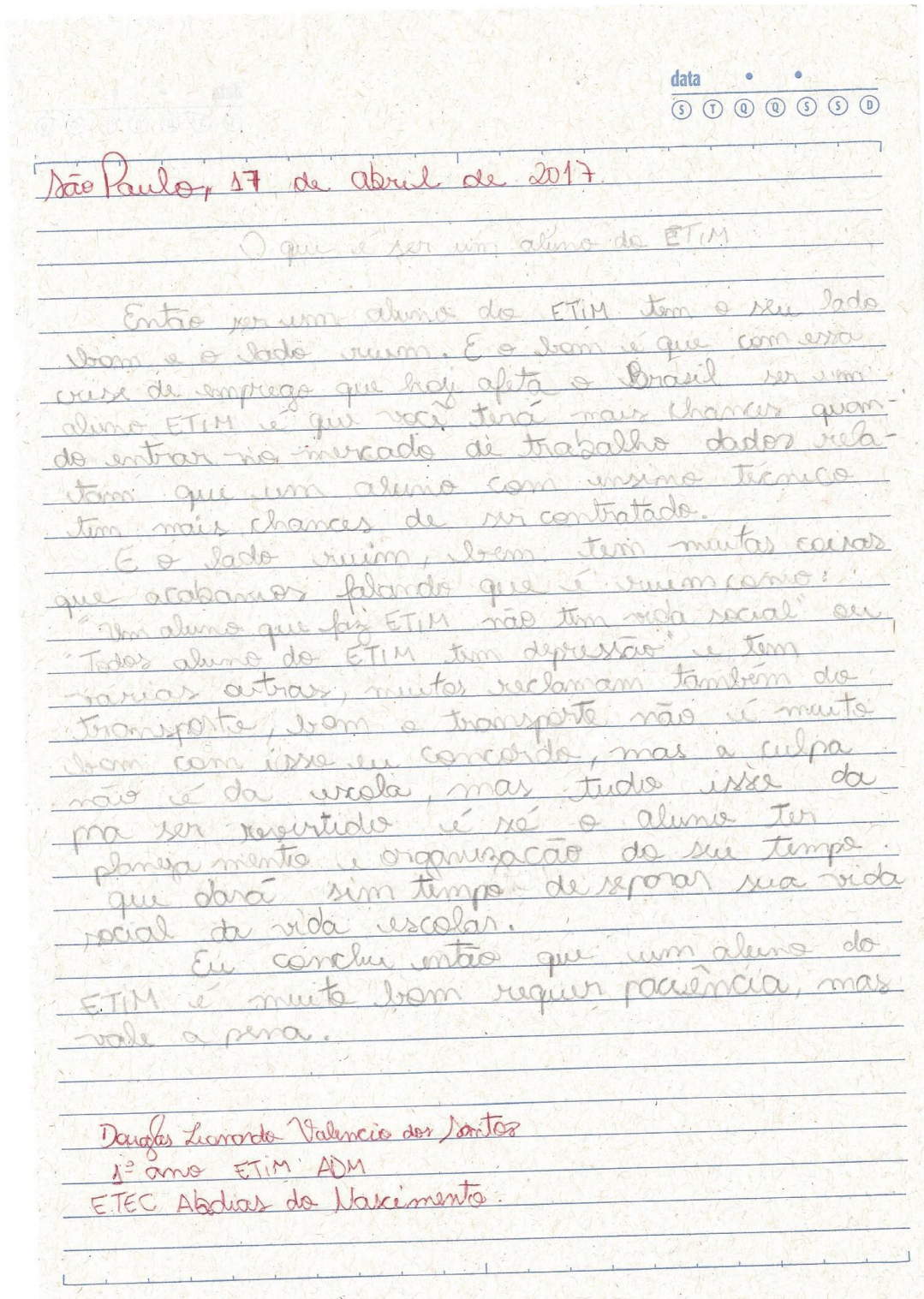


O que é ser um aluno do ETIM

Autor: Mikaely Alves de Almeida

Curso: Administração Integrado ao Ensino Médio

Ano: 1º



Ser aluno do ETIM é...

Autora: Nicolle S. de Barros

Curso: Informática Integrado ao Ensino Médio

Ano: 1º

Nicolle S. de Barros 1º INFO

Ser aluno do Etim é um privilégio imenso, uma oportunidade única e que certeza vai nos ajudar muito no futuro, fazendo com que estejamos mais preparados para o mercado de trabalho.

E, além de fazermos o ensino médio, fazemos também os cursos técnicos, que será muito útil, pois teremos um conhecimento a mais.

Mas, é muito pesado a carga-tarefa, tem muitas lições, trabalhos. As notas não são em número, então não tem como ficar no "meio termo".

Porém, além de todas as desvantagens vale muito a pena, porque quando acabar os 3 anos é 90% de chance de conseguir um emprego, além de adquirir muito conhecimento.

Ser etequiano é

Autora: Mariana de Arruda Caboclo
 Curso: Informática Integrado ao Ensino Médio
 Ano: 1º

20 * 04 * 017

Mariana de Arruda Caboclo 1º ETIM INFO
 ABDIAS DO NASCIMENTO

Ser etequiano é

Ter orgulho de falar
 que é aluno ETIM,
 mesmo que nem 4 horas por noite
 você consigo dormir
 e ter oec como segundo moradia
 mesmo que até na sua casa
 você estuda noite e dia

É compartilhar os amigos
 e o convívio

É gostar muito potencial e
 ter orgulho disso

É mesmo que chegue na ETEC com
 sono e com a palavra "DESISTIR"
 predominando na sua mente como
 um pensamento obscuro, no fundo
 não sabemos que ela agregará mui-
 to em nosso futuro

Ser etequiano é

Conviver com pessoas de vários
 locais

É conhecer, construir e respeitar
 cada um mais

É por mais que tenha
 lúcio no chão ou vidro
 quebrado, é amar in-
 condicionalmente um local

kajoma

Conceitos de uma aluna

Autora: Emília de Moura

Curso: Administração integrado ao Ensino Médio

Ano: 1º

Etec Abdias do Nascimento – Emília Moura Miranda/ 1º Etim – Adm.

Conceitos de uma aluna

Etec, é uma pré-faculdade
com um pouco de dificuldade.

Mas como toda faculdade,
ganhamos um diploma
que nos leva á fama.

Minha vida social?

Já se foi pela cidade,
e o meu futuro?

Ainda se espera pela sociedade!

Um caminho que não é fácil percorrer,
mas no futuro será bom de viver!

Portanto venha para á Etec,
E seja feliz com o seu futuro á quem diz.

Igor Firmo Silva**1º ADM – ETEC Abdias do Nascimento****COMO É SER ESTUDANTE DA ETEC?**

Ser estudantes da ETEC é a possibilidade de colocar em prática suas ideias, realizar seus sonhos, e a ter acesso à um estudo público de qualidade (o que é muito complexo). Além de estudarmos o ensino médio regular, temos a oportunidade de adquirirmos conhecimento de uma área específica com o Curso técnico, que nos auxilia a conquistarmos nosso espaço no mercado de trabalho.

Estudar em uma escola técnica estadual é uma chance dada à milhares de indivíduos, para que os mesmos possam colocar em prática sua cidadania, e respeitando os indivíduos que convivem a sua volta, ter uma ascensão profissional em um menor espaço de tempo.

Na minha concepção, estudar em período integral, é dar aos estudantes um maior tempo para adquirirem conhecimento, e para que tais tenham um ensino médio mais produtivo. Estudar na ETEC, e cursar um curso técnico, é ter um algo a mais, é a possibilidade de ter um “plus”, de ser diferente (positivamente), de ter um conhecimento mais amplo do que uma grande massa de pessoas. O Centro Paula Souza forma bons profissionais, e ótimas pessoas, exercendo sua função como uma administradora de instituições de ensino (o que a grande maioria não faz).

A ETEC dá a munção à milhares de jovens, para que possam recarregar suas armas de conhecimento. Fazendo com que tais jovens tornem-se o melhor que a sociedade moderna pode ter. Considero que o ato de estudar em uma ETEC, é a arte de sonhar alto, e o campo do conhecimento de atingir tais objetivos. É fazer com que um estudante encha-se de felicidade com o que faz, sem preguiça, e sim com FORÇA DE VONTADE e FÉ EM SI MESMO.

Estudar em uma escola técnica estadual é buscar a concretização de seus objetivos, sem blasfemar, apenas agindo respeitosamente e com uma visão além de seu próprio tempo. É, em apenas 3 anos letivos, torna-se o que desejar (um técnico em informática, administrador etc).

Sabemos que com o atual cenário político e social em nosso país, cursar apenas o ensino médio regular pode significar uma futura dificuldade no processo de integração ao mercado de trabalho. Sabemos que há uma escassez de empregos em nosso país, então o curso técnico pode servir com uma solução, e é exatamente isso que as ETEC'S oferecem. A OPORTUNIDADE.

Ser estudante de uma escola técnica é saber que você pode se tornar alguém nessa sociedade tão competitiva, em que o senso de individualismo, na grande maioria das vezes, se impõe ao coletivo. É entender que você é o único que pode lutar pelo que quer, que não haverá alguém que lutará por você. É deixar de ter um Smartphone como fiel companheiro, e passar a ter um livro como seu grande amigo.¹

Eu, aluna da Etec

Autora: Isabela Sartor Cavalini

Curso: Administração integrado ao Ensino Médio

Ano: 1º

Nome: Isabela Sartor Cavalini

Série: 1º administração

Eu, aluna da Etec, posso dizer o quanto é gratificante ser da turma Etim, pois isso nos abre muitas portas para o futuro, nos mostra o quanto é importante a dedicação, a responsabilidade, a organização, e principalmente, o interesse nos estudos.

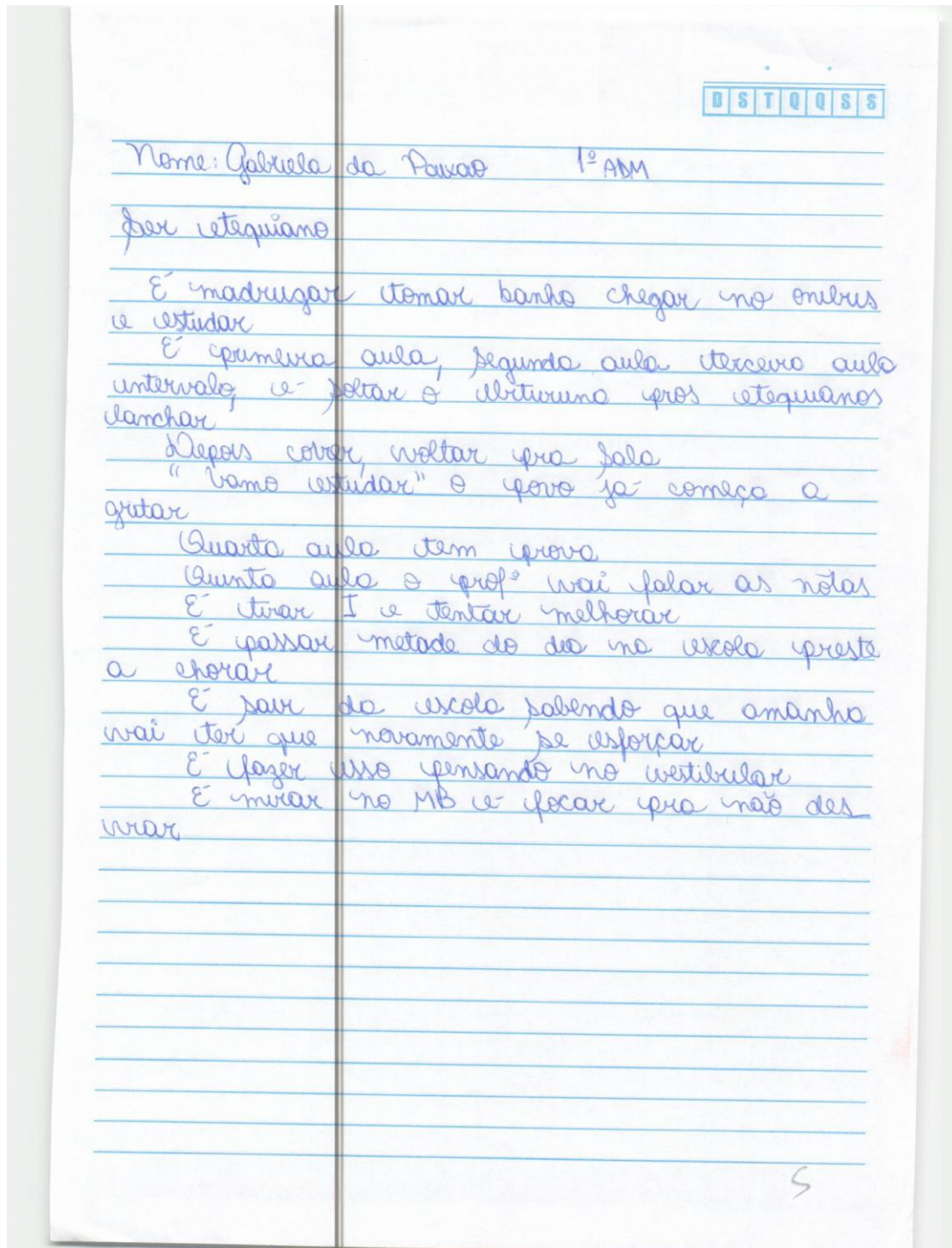
O Etim nos dá a proposta de escolhermos um curso técnico integrado ao ensino médio, onde já podemos nos preparar para o mercado de trabalho. É algo muito importante, pois já estaremos “avançados” em uma determinada área, na qual você irá escolher.

Ser etequiano

Autora: Gabriela da Paixão

Curso: Administração Integrado ao Ensino Médio

Ano: 1º

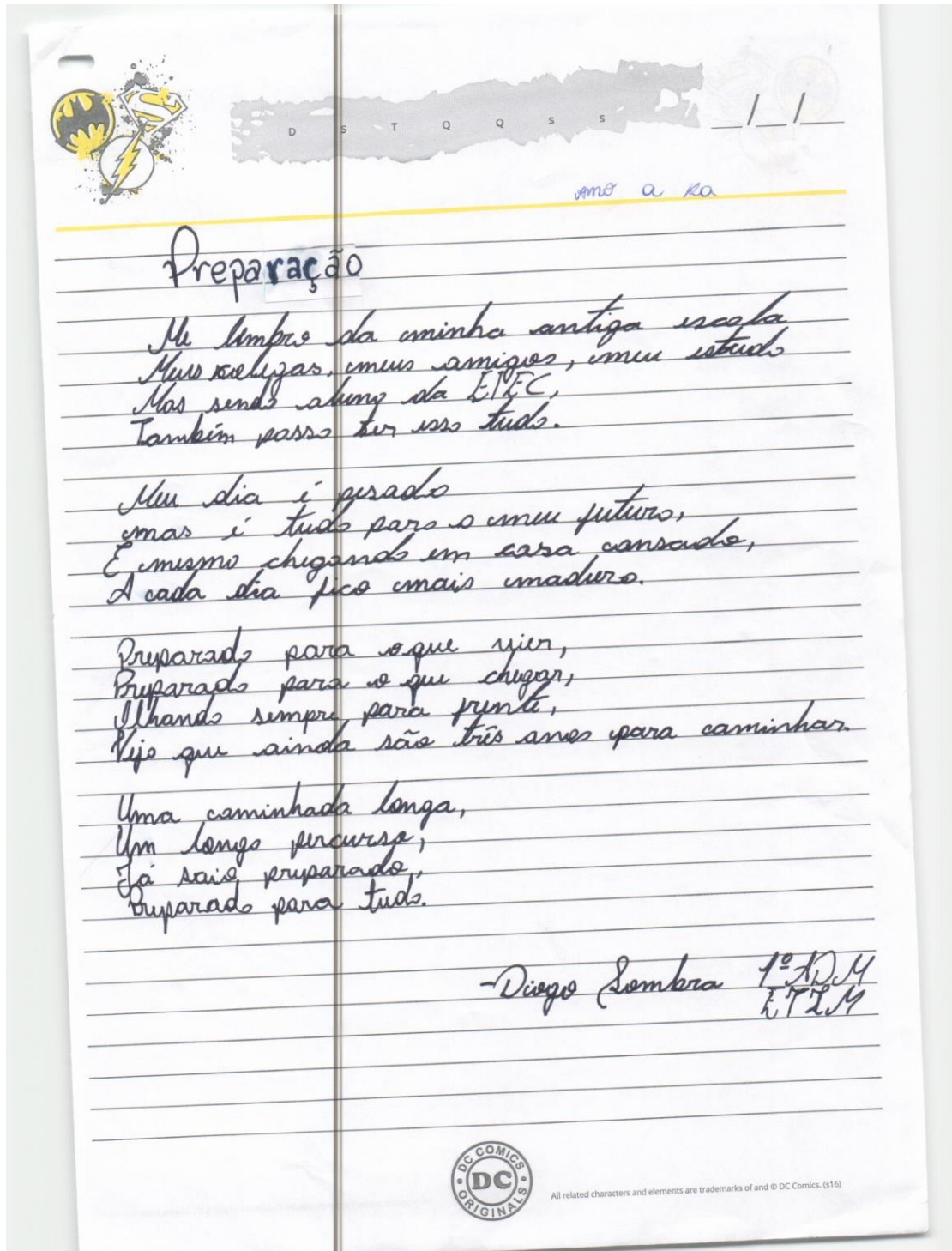


Preparação

Autor: Diogo Sombra

Curso: Administração integrado ao Ensino Médio

Ano: 1º

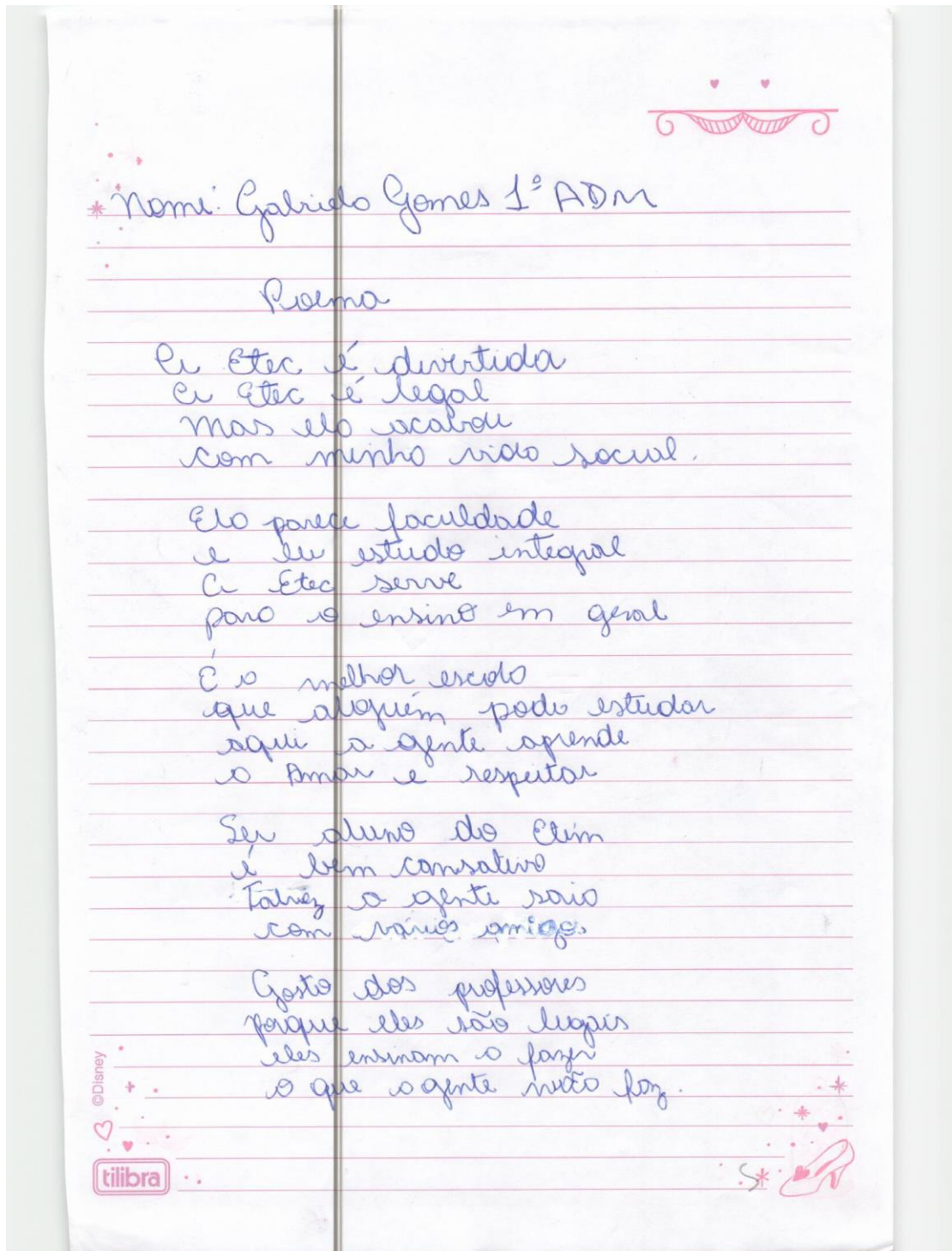


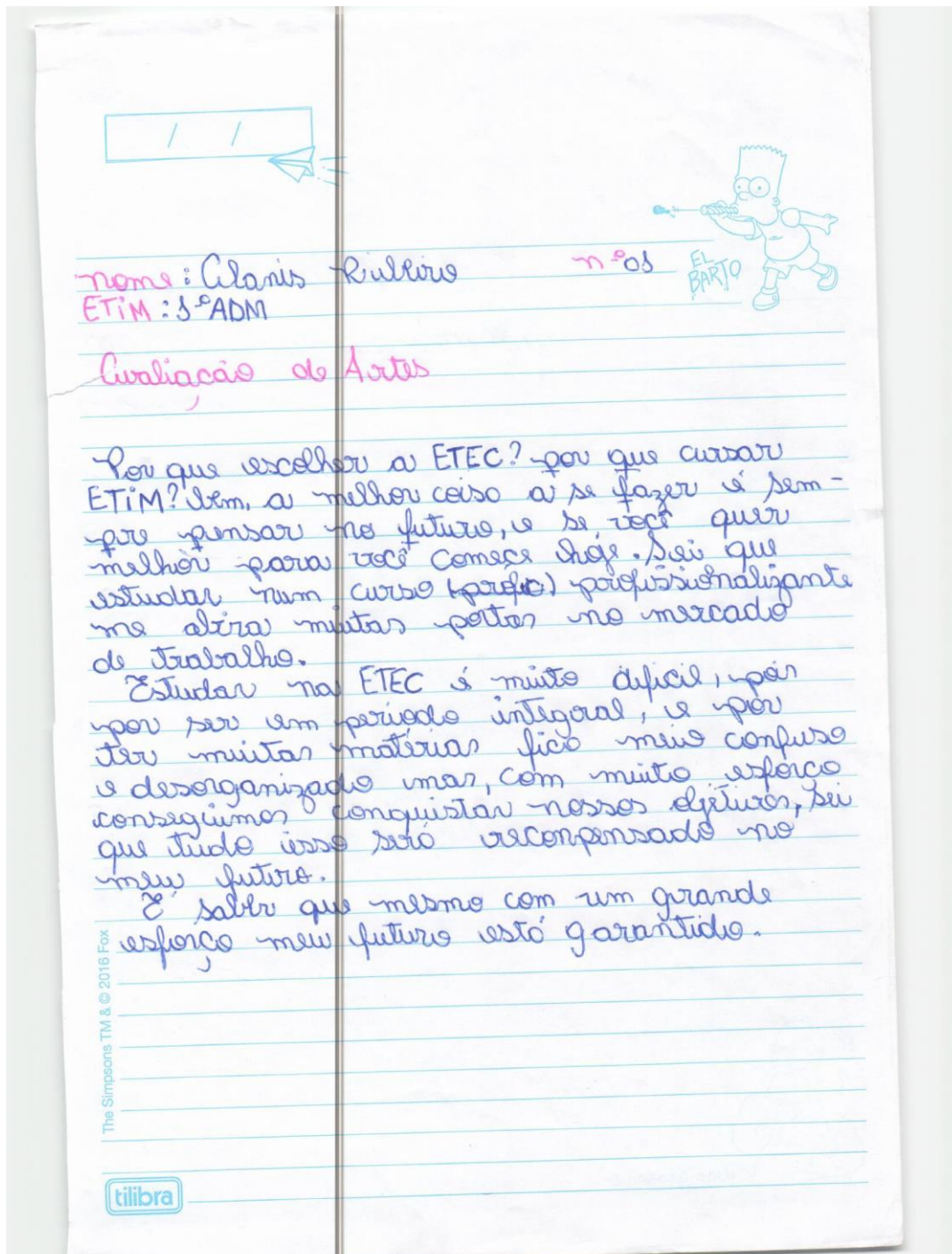
Poema

Autora: Gabriela Gomes

Curso: Administração Integrado ao Ensino Médio

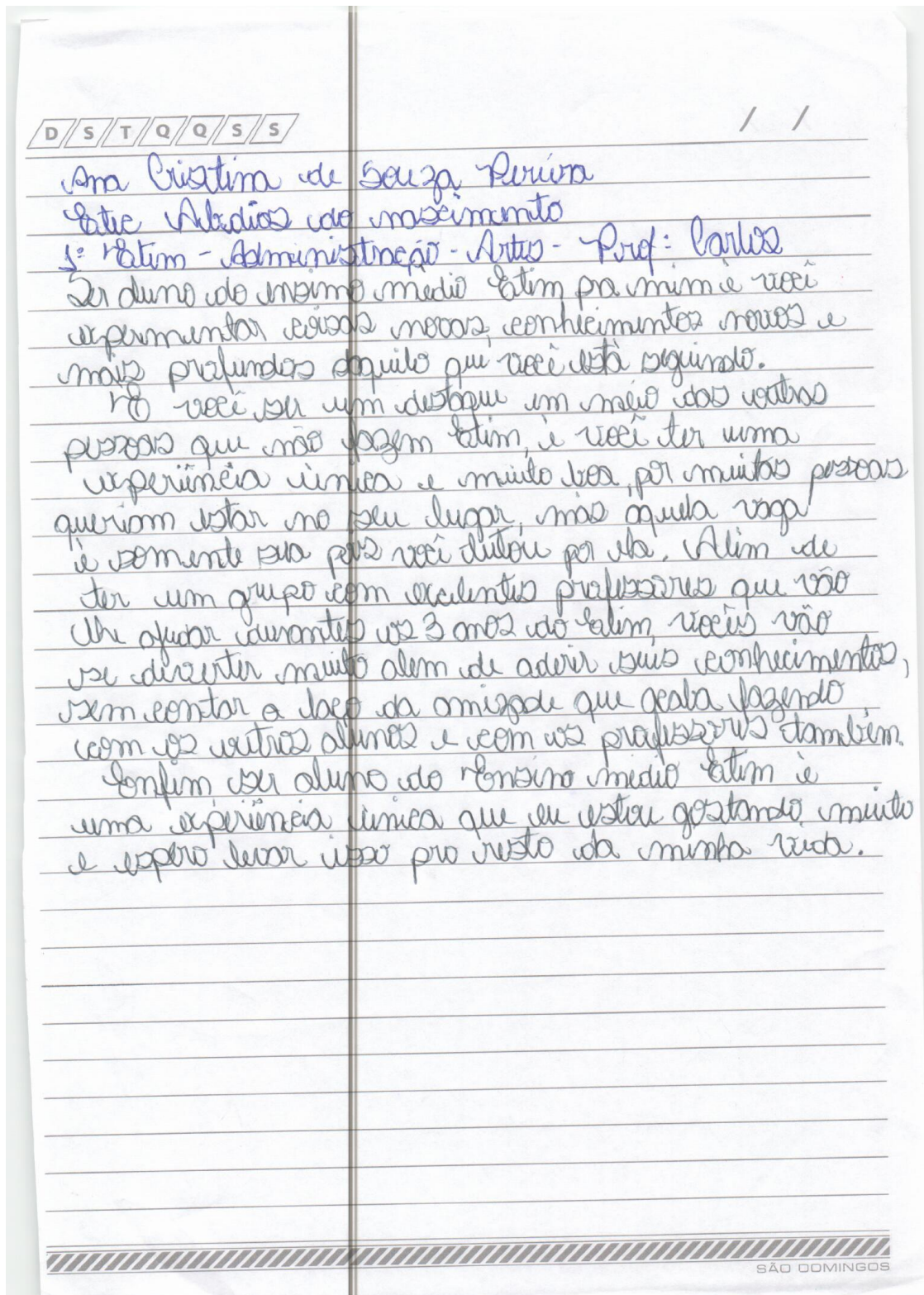
Ano: 1º





Ser aluno do ensino médio

Autora: Ana Cristina de Souza Pereira
 Curso: Administração integrado ao Ensino Médio
 Ano: 1º

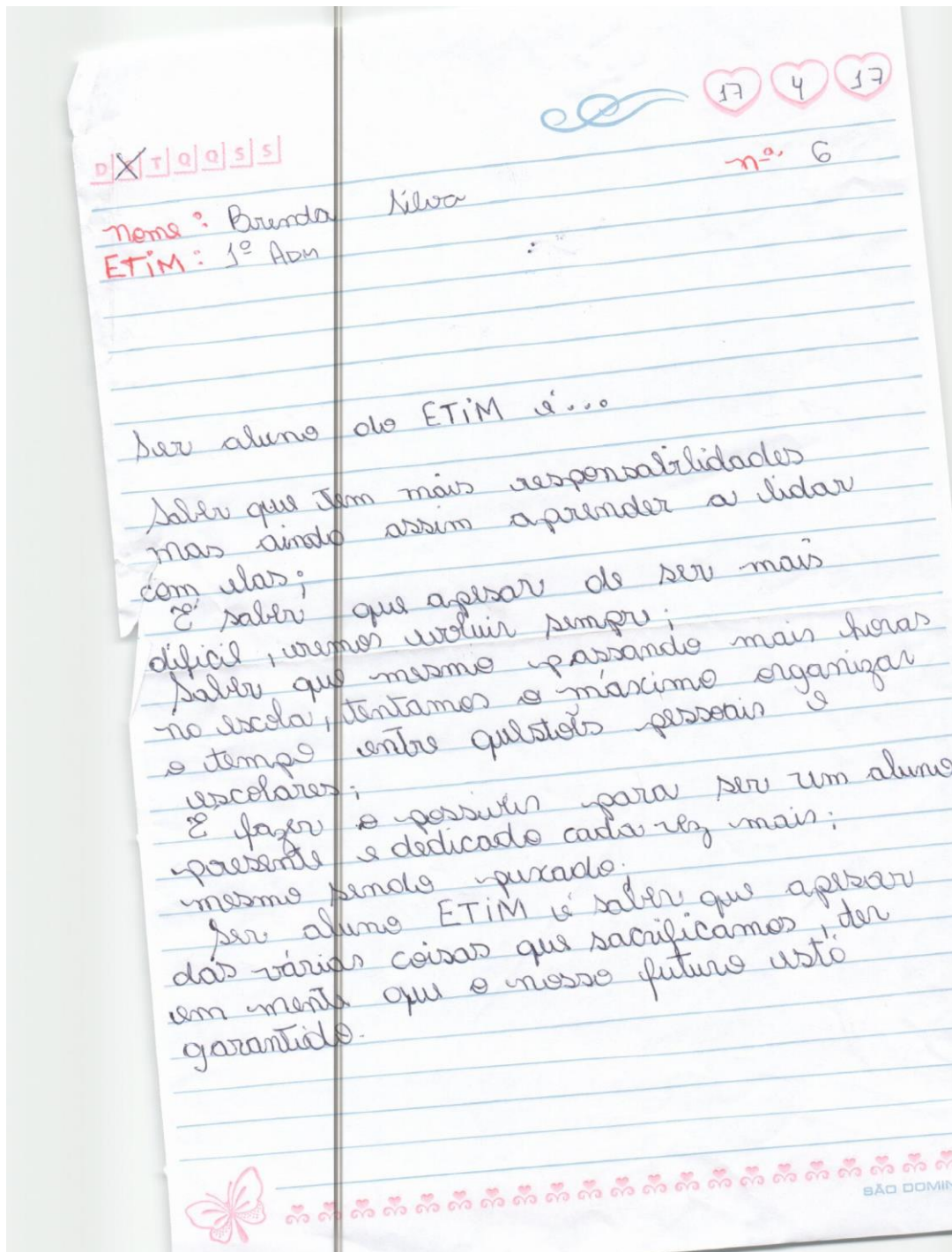


Ser aluno do ETIM é...

Autora: Brenda Silva

Curso: Administração integrado ao Ensino Médio

Ano: 1º

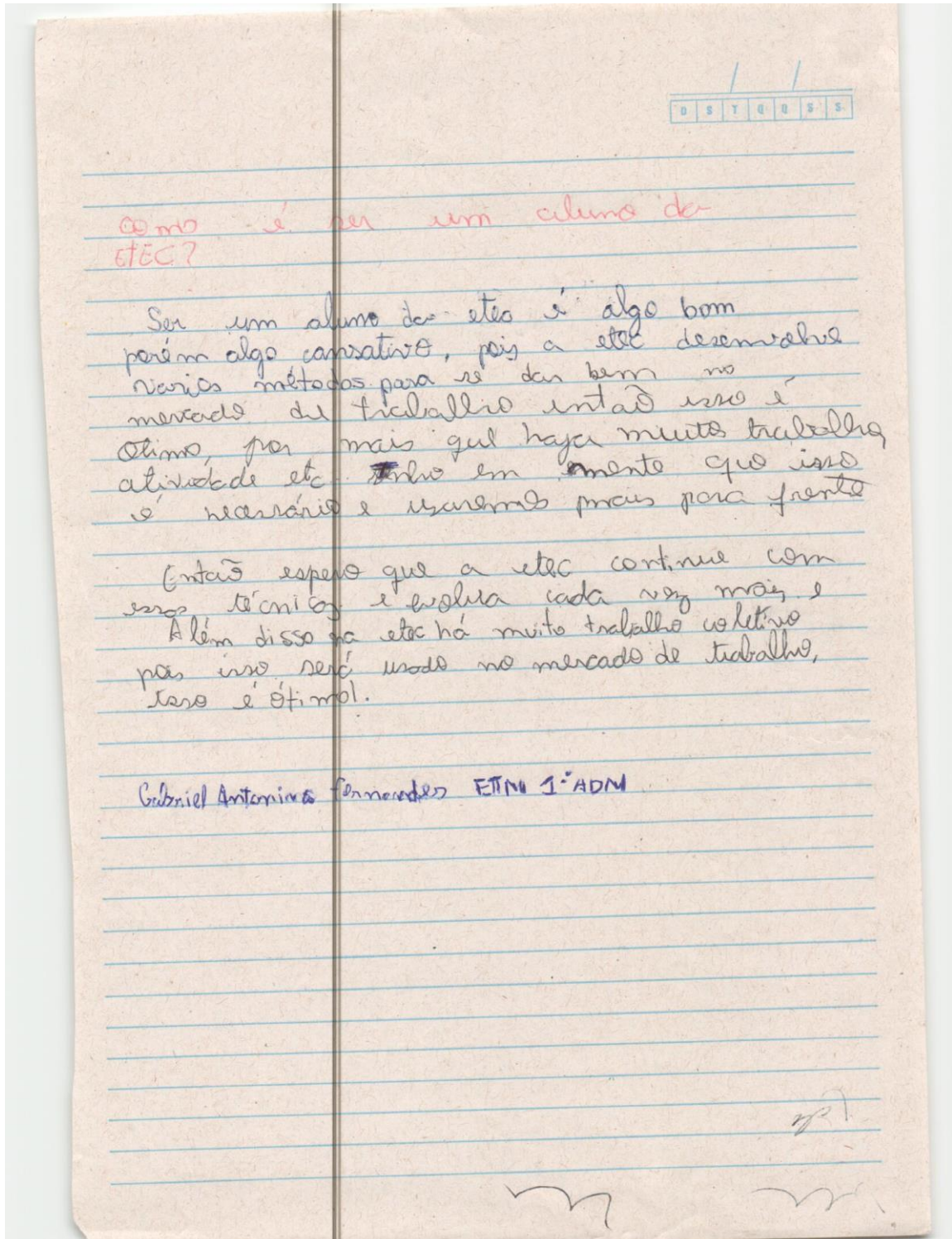


Como é ser um aluno da ETEC?

Autor: Gabriel Antonio Fernandes

Curso: Administração Integrado ao Ensino Médio

Ano: 1º

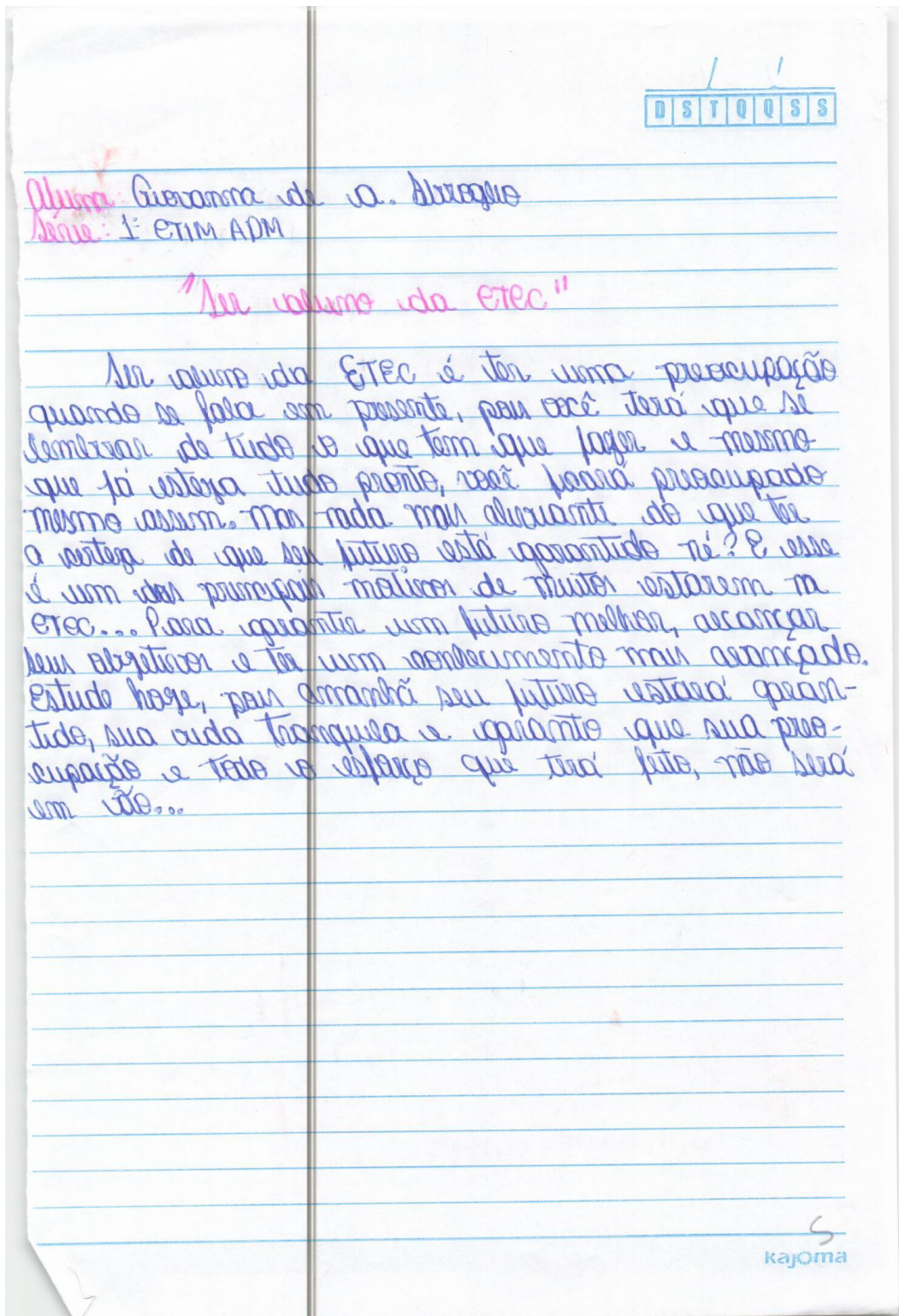


Ser aluno do ETIM é...

Autora: Giovanna de Alex Sbroglia

Curso: Administração Integrado ao Ensino Médio

Ano: 1º



Como é ser um aluno do ensino médio e Etim

Autor: Iann Dias de Sousa

Curso: Administração Integrado ao Ensino Médio

Ano: 1º

D/S/T/Q/Q/S/S

32/04/17

Nome: Iann Dias de Sousa N° 24 1º adm

Como é ser um aluno
do ensino médio e Etim

Bom, posso dizer que eu sou apenas um novo aluno, pois cheguei a pouco tempo, mas com as experiências que eu já tive eu posso citar um pouco sobre ser um aluno do Etim. Posso afirmar que aqui na Etec Abdias do Nascimento temos ótimos professores que ajudam e cobram dos alunos e que não são muito responsáveis, porque quando se imagina não saber que de algum assunto ele faz de tudo para você aprender. Aqui também temos ótimos funcionários que ajudam na segurança da escola e outros que mantêm a escola limpa e organizada. Eu seja ser um aluno do Etim está sendo uma experiência muito boa.

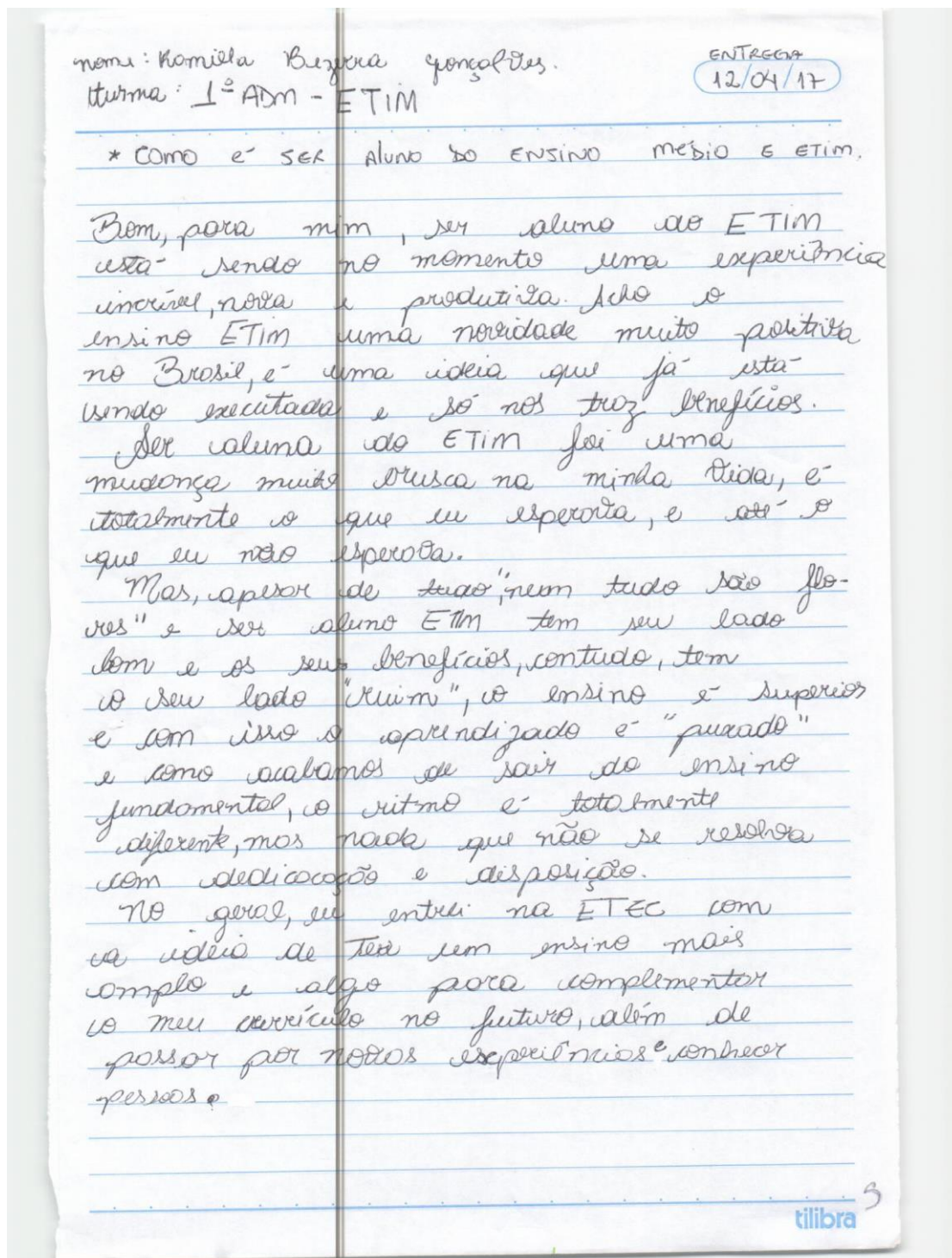
SÃO DOMINGOS

*Como é ser aluno do ensino médio e ETIM

Autora: Brenda Silva

Curso: Administração integrado ao Ensino Médio

Ano: 1º

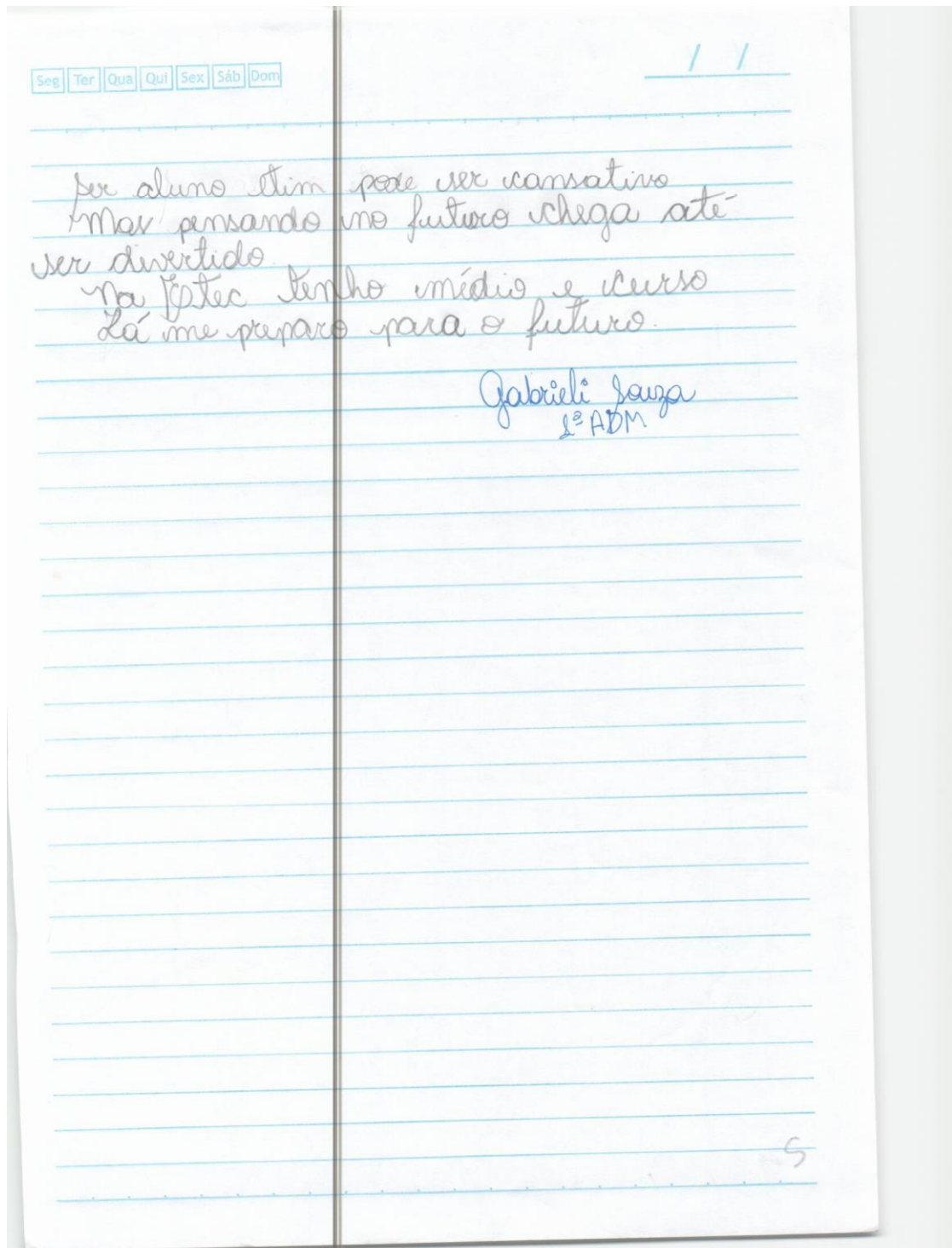


Ser aluno etim pode ser cansativo

Autor: Gabrieli Souza

Curso: Administração integrado ao Ensino Médio

Ano: 1º

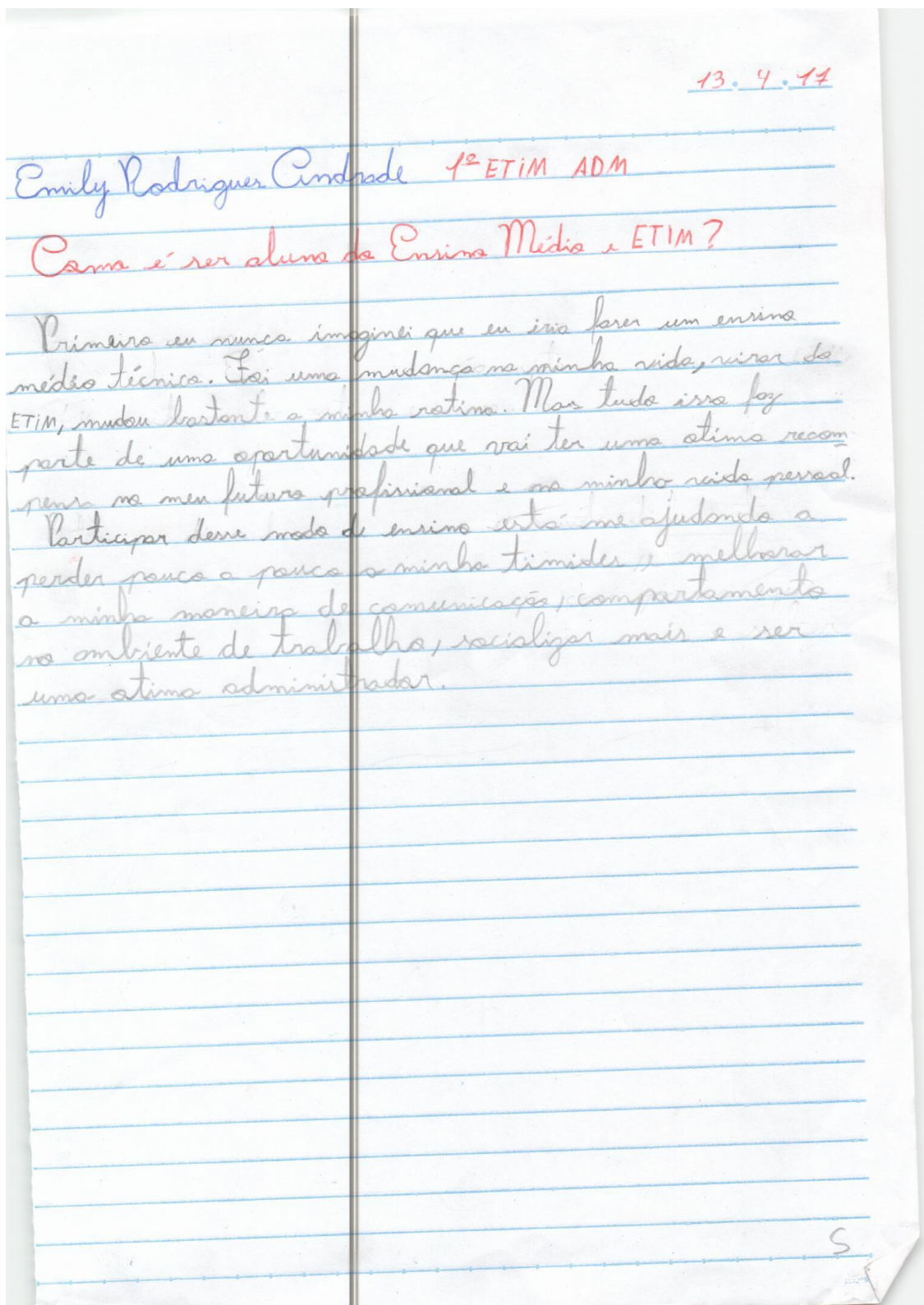


Como é ser aluno do Ensino Médio e ETIM?

Autora: Emily Rodrigues Andrade

Curso: Administração integrado ao Ensino Médio

Ano: 1º



Como é ser aluno/a da etec, minha experiência

Autora: Anelise Maria de Santana Santos
 Curso: Administração Integrado ao Ensino Médio
 Ano: 1º

Anelise Maria de Santana Santos
 1º ADM



D | S | T | Q | Q | S | S

Como é ser aluno/a da etec,
 minha experiência.

Sou muito grata em ter conse-
 guido estudar numa escola
 estadual, a qual proporciona
 curso técnico e um ensino de
 alta qualidade gratuitamente.

Além do mais, sei que promissora-
 mente, estarei empregada e sendo
 uma profissional qualificada,
 exercendo minha função no
 mercado de trabalho, tais benefícios
 devem ser usufruídos de todas as
 maneiras corretamente com dedica-
 ção e esforço do aluno. "É por
 isso que eu tenho orgulho de
 dizer sou uma aluna da etec
 que está aqui para enriquecer-se
 e ser um diferencial no mundo."

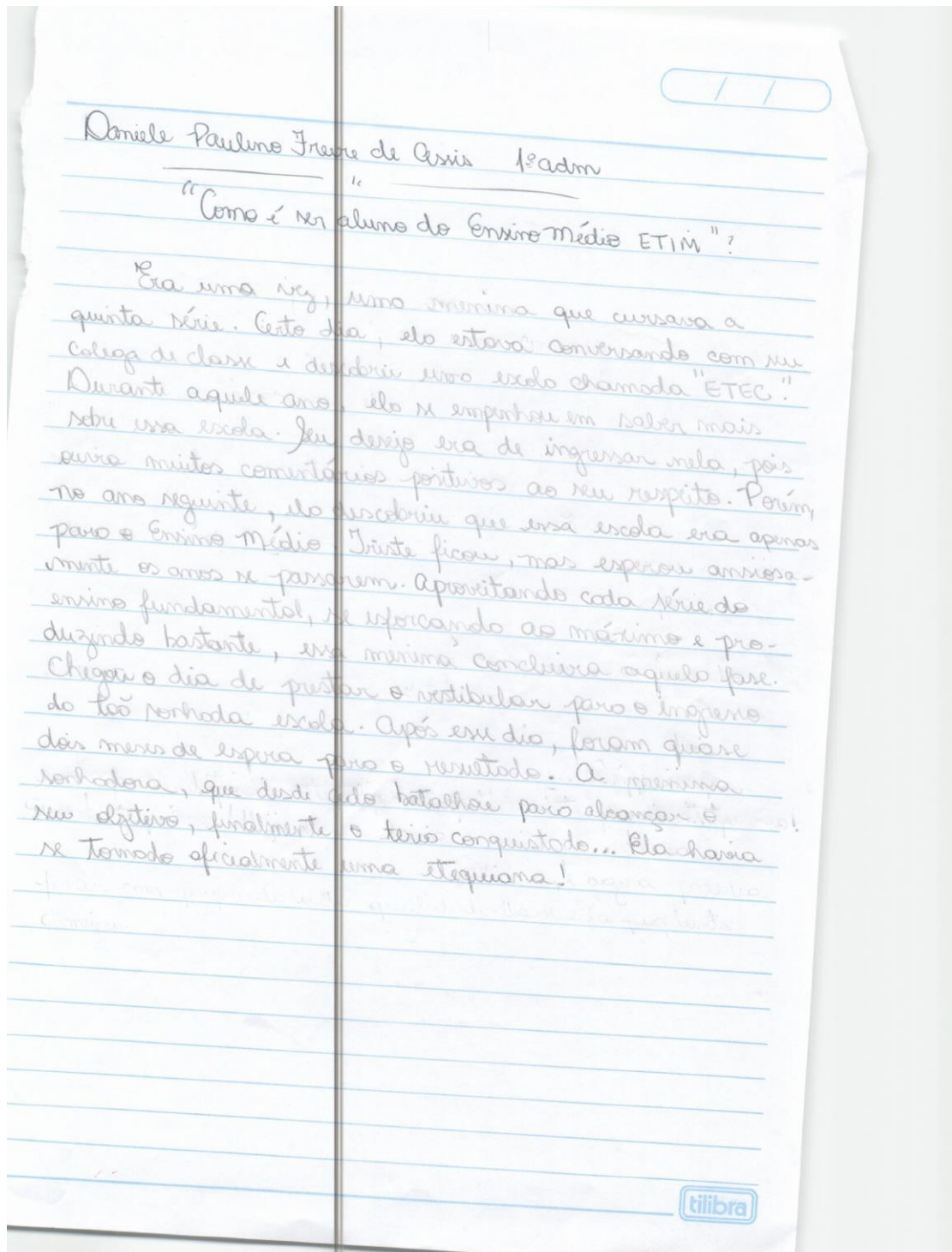
*de com-
 comentários*

SÃO DOMINGOS

“Como é ser aluno do Ensino Médio ETIM?”

Autora: Daniele Paulino Freire de Assis
 Curso: Administração Integrado ao Ensino Médio
 Ano: 1º

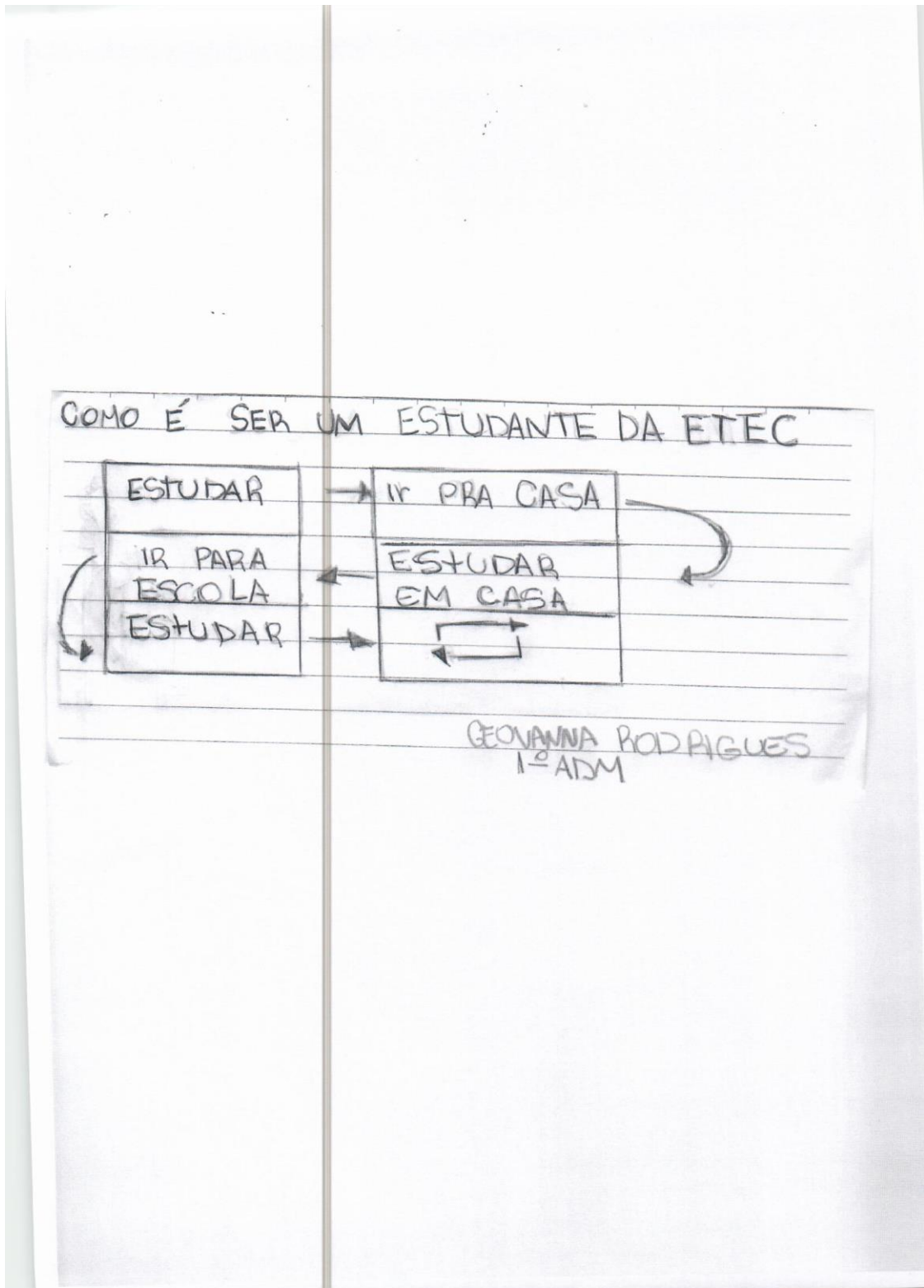


Como é ser um ESTUDANTE DA ETEC

Autora: Geovanna Rodrigues

Curso: Administração integrado ao Ensino Médio

Ano: 1º

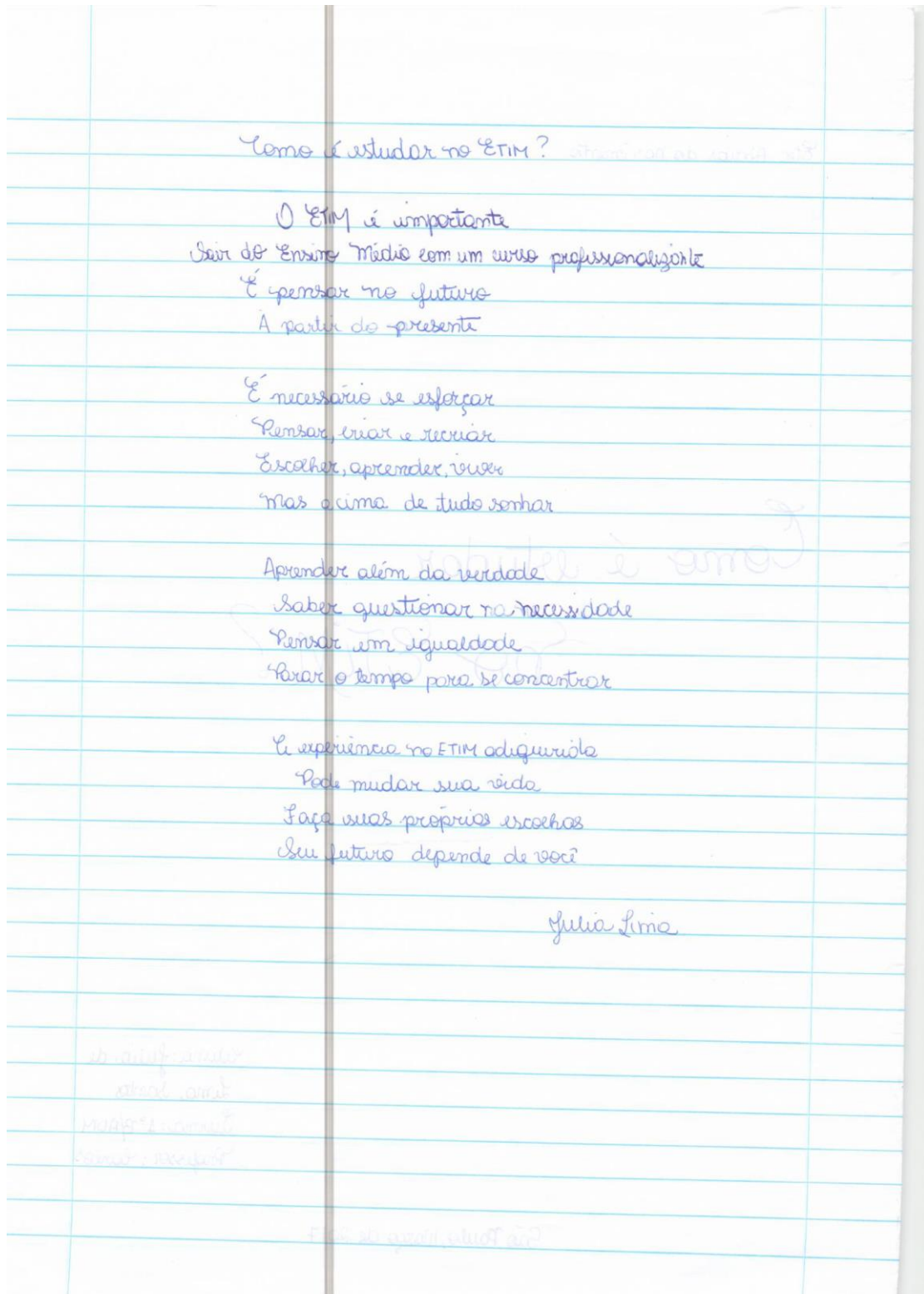


Como é estudar no ETIM?

Autora: Julia Lima

Curso: Administração integrado ao Ensino Médio

Ano: 1º

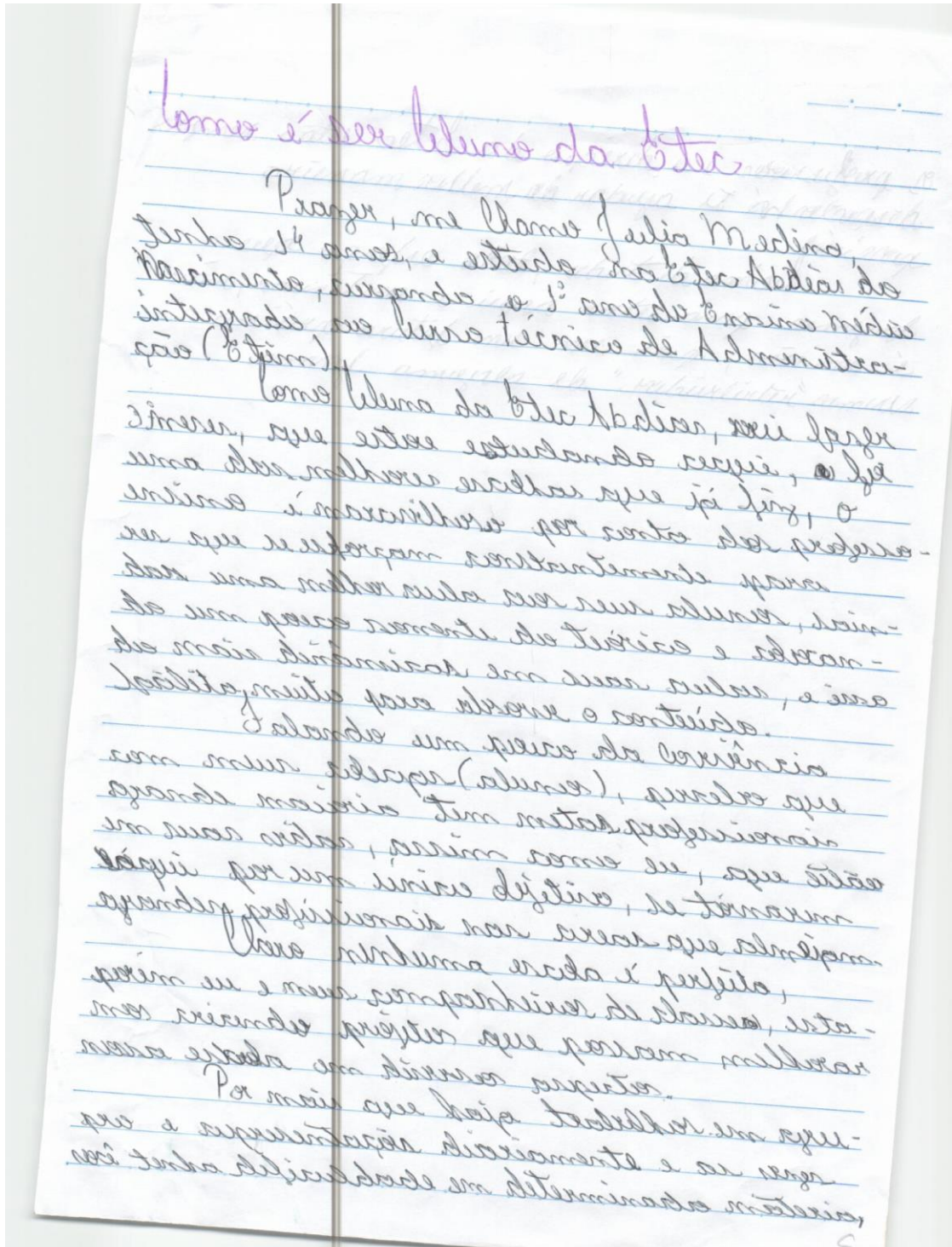


Como é ser aluno da Etec

Autora: Julia Medina

Curso: Administração integrado ao Ensino Médio

Ano: 1º

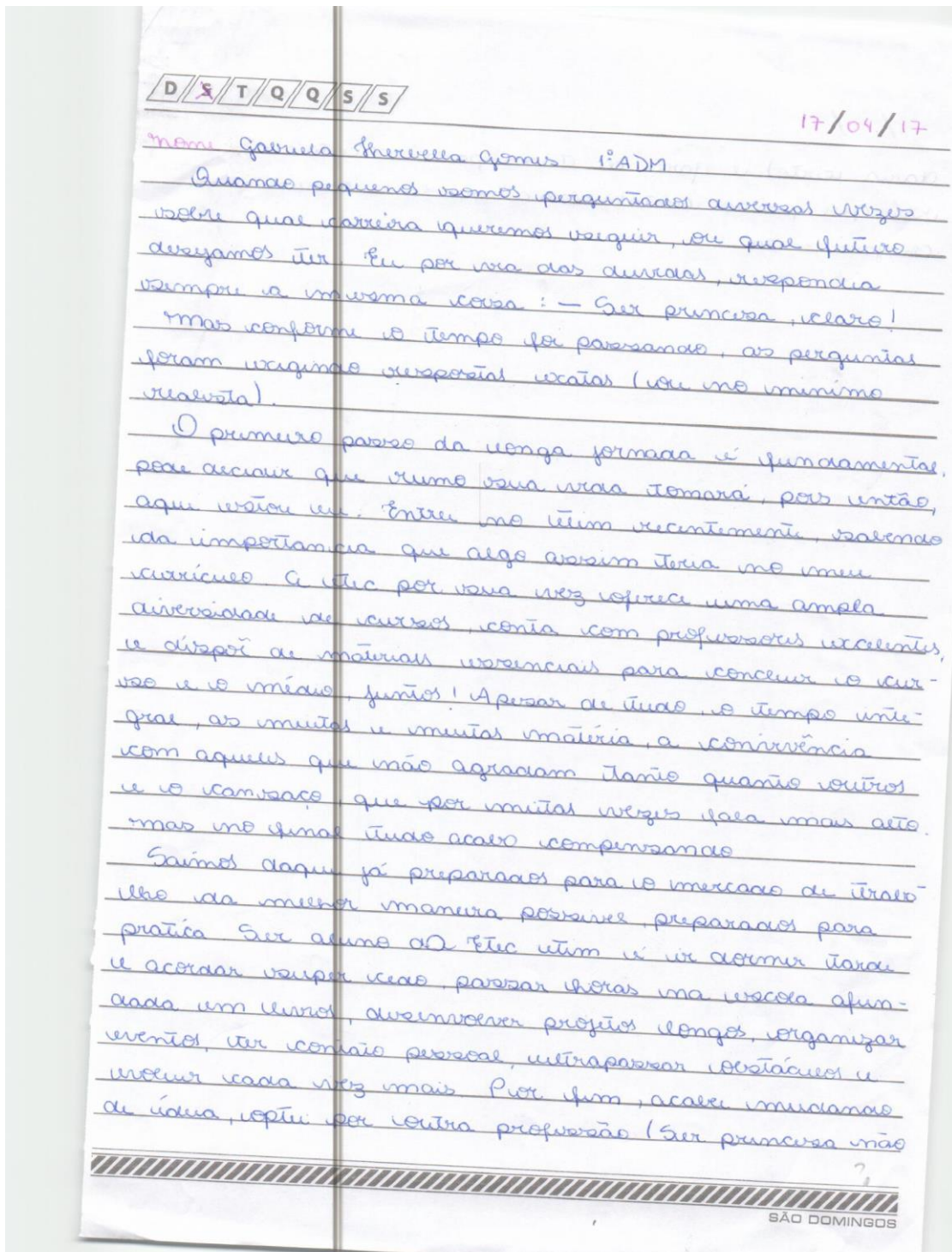


Quando pequenos somos...

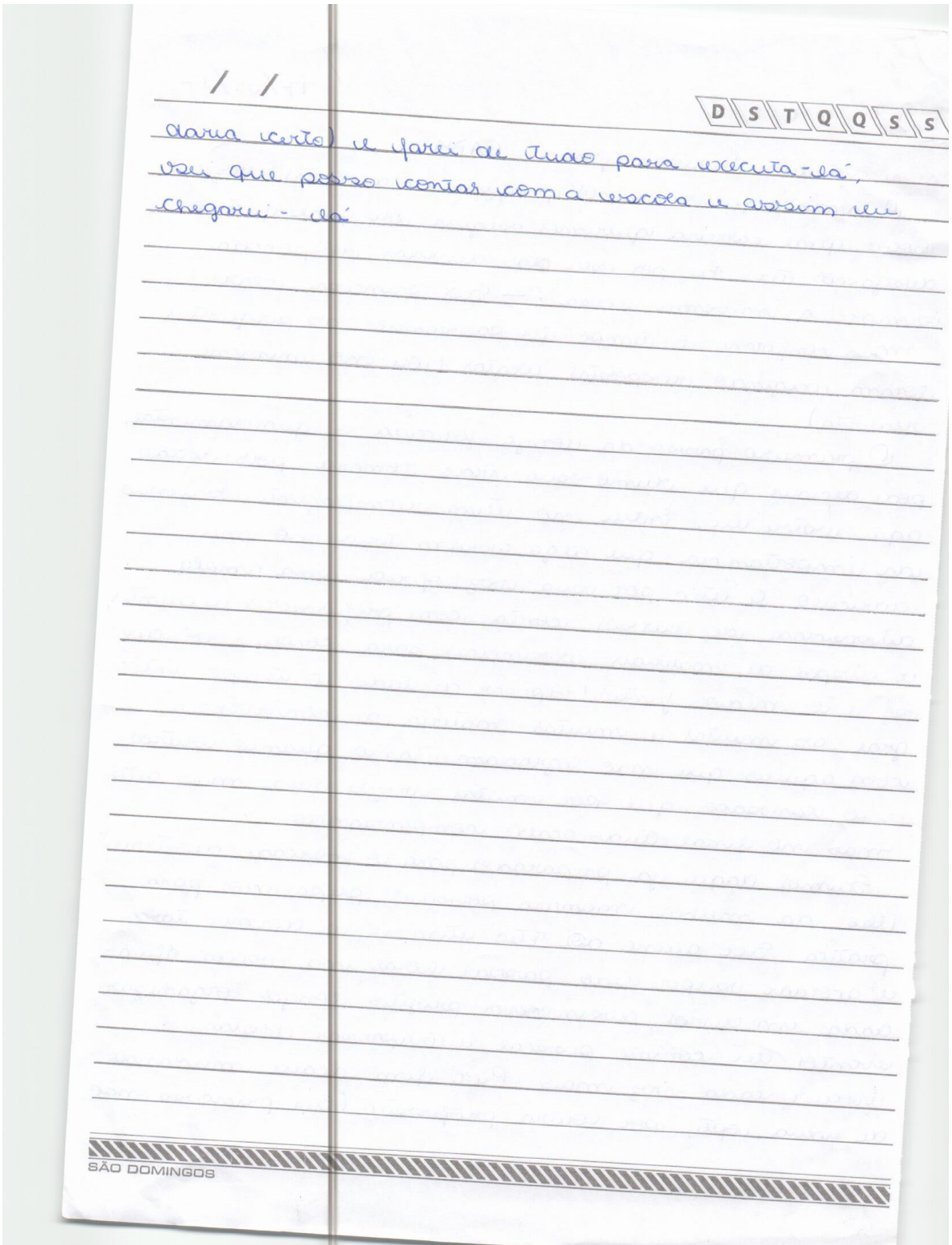
Autora: Gabriela Gomes

Curso: Administração Integrado ao Ensino Médio

Ano: 1º



ANEXOS

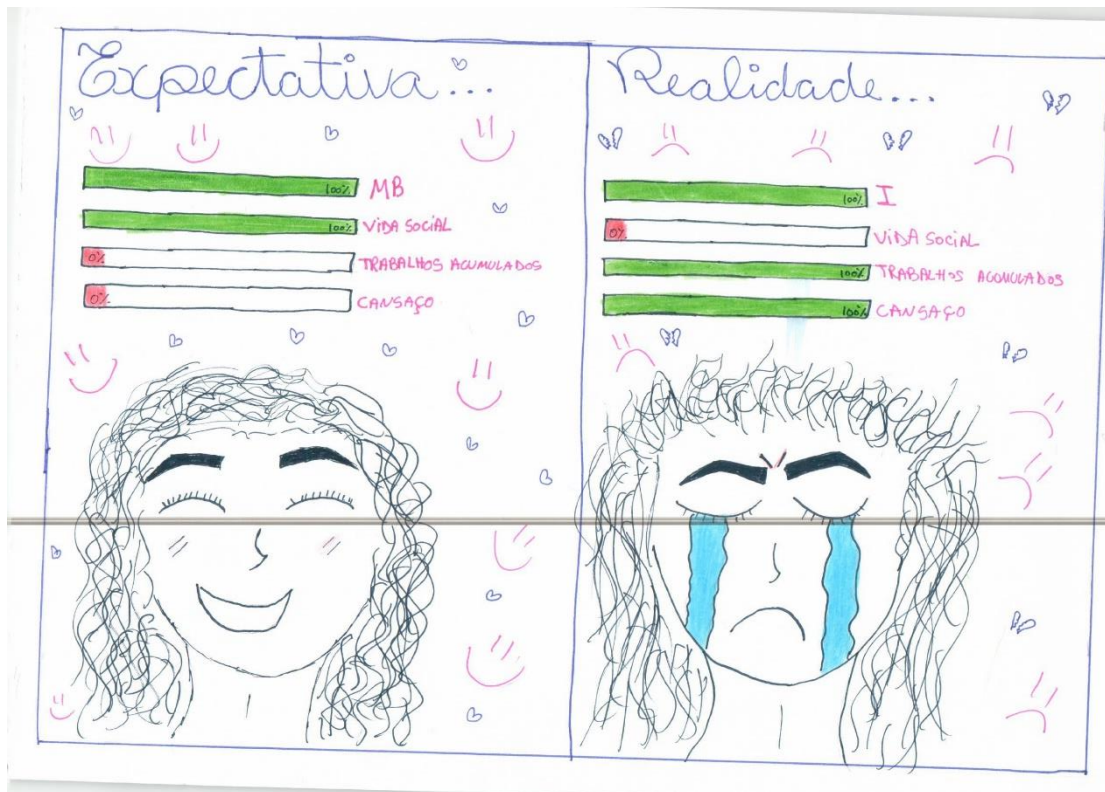


Como é ser Aluno da Etec

Autora: Hellen Maciel Queiroz

Curso: Administração integrado ao Ensino Médio

Ano: 1º



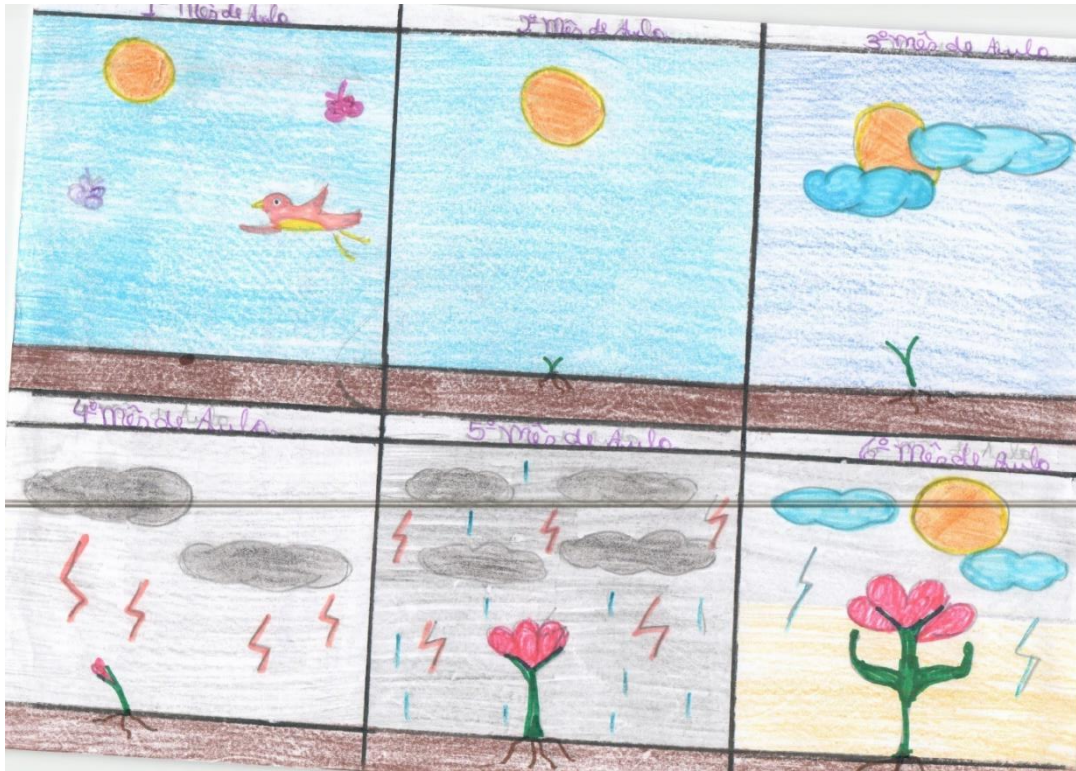
Hellen Maciel Queiroz
1º Edm.
"Como é ser um aluno da Etec"

Evolução Etequiana

Autora: Natalya Reis da Silva

Curso: Administração integrado ao Ensino Médio

Ano: 1º



Como é ser aluno do ensino médio e Etim?

Relato em: história em quadrinhos

Tema: Eu aluno

nome: natalya Reis da Silva

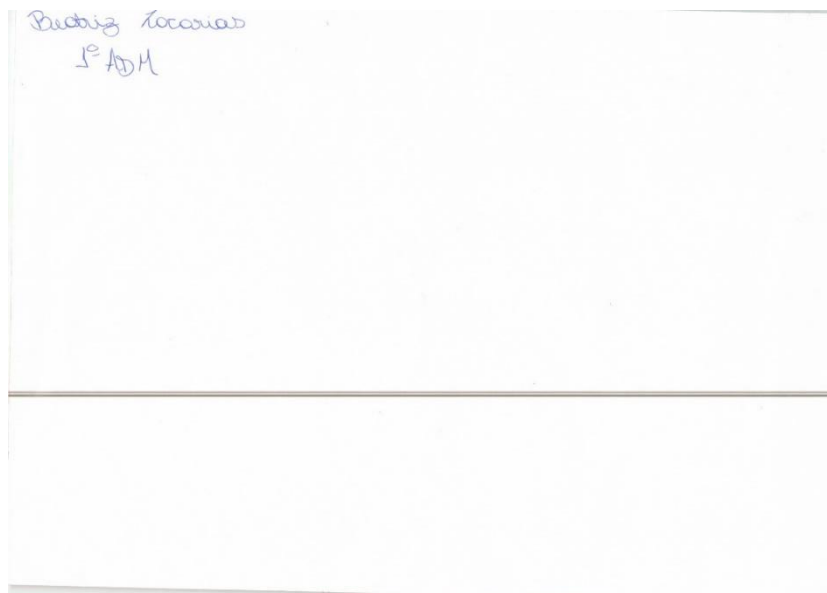
módulo: 1º

curso: 1º Etim Administração (ADM)

Título do relato: Evolução Etequiana

Etec

Autora: Beatriz Zacarias
Curso: Administração integrado ao Ensino Médio
Ano: 1º



Ser Etequiano é...

Autora: Francielle Q. Celestino

Curso: Administração integrado ao Ensino Médio

Ano: 1º



FRANCIELLE Q. CELESTINO
S^ª ADM

ANEXOS

Livros

Autora: Jade Stephany S. Dias
Curso: Administração integrado ao Ensino Médio
Ano: 1º



Nome: Jade Stephany S. Dias
Curso: adm

Dois lados da Etec

Autor: Alexandre Brito

Curso: Administração integrado ao Ensino Médio

Ano: 1º



Uma foto que mostra os dois lados da ETEC: o lado divertido da escola (representado pelo lanche) e o lado sério e das atividades (representado pela caderno).

Alexandre Brito 1º B

Como é ser aluno do Ensino Médio e Etim?

Autora: Raiane Gleia da M. Araripe
Curso: Administração integrado ao Ensino Médio
Ano: 1º



ETEC AMIM JUNDI

Educação: O Alicerce da Vida

Autora: Alana Alice Alves

Curso: Ensino Médio

Ano: 3º

Ao deparar-me com dezessete anos cursando o terceiro ano do ensino médio na Escola Técnica Estadual Amim Jundi posso rever mudanças no meu pensamento e nos conceitos que antes me acompanhavam. Sempre houve certo preconceito com escolas públicas devido ao rótulo de que há um ensino de má qualidade e professores com pouca ou nenhuma competência. Percebo quantos danos o pré-conceito pode causar.

Depois de muitos anos passando por diferentes escolas particulares ingressei em uma pública. Escola reconhecida e concorrida com numerosa quantidade de alunos tanto no ensino médio quanto no técnico.

As escolas técnicas apresentam muitas das melhores notas do Exame Nacional do Ensino Médio. Hoje afirmo com orgulho que estudo em uma das melhores escolas do estado de São Paulo, com professores altamente capacitados e qualificados que nos apoiam e incentivam a acreditar em nós mesmos. Uma escola que oferece grandes oportunidades de aprendizagem escolar e de vida. E uma das principais oportunidades para mim foi a de amadurecer, criando responsabilidade, cumprindo regras e aprendendo a respeitar a diversidade de um lugar que se torna nossa segunda casa, devido a grande parte do dia em que passamos nele.

Devo ser sempre grata por estar no ano conclusivo dessa etapa e também por me sentir preparada não somente para vestibulares, mas também para o mundo, para a convivência e interação com outras pessoas e principalmente preparada para dar meu melhor naquilo que eu escolher para mim.

A vida no ensino médio

Autora: Ana Carolina Fantin

Curso: Ensino Médio

Ano: 2º

A vida é um grande aprendizado, há pouco tempo estávamos com um “medo do desconhecido”, conhecendo pessoas novas e o principal era a ansiedade e o nervosismo para conseguir passar no vestibulinho e entrar na ETEC, nessa escola que nos dá oportunidade de nos aprimorarmos como estudantes e como seres capazes de transformar e melhorar o conhecimento, facilitando o nosso desenvolvimento.

Graças a Deus estamos aqui, como uma família onde todos ajudam um ao outro, recebendo grandes oportunidades, experiências e tendo professores maravilhosos que se tornam amigos e nos ajudam em tudo que podem, acreditando que somos capazes de fazer o melhor, sempre.

Ao entrar percebi que tive mais responsabilidade, melhorei, e vejo que os alunos saem do terceiro com maturidade, uma cabeça evoluída, com vontade de crescer e realizar seus sonhos.

É ótimo estudar em um lugar com ensino de qualidade, onde tem respeito e aceitação pelas diferenças um dos outros, onde o maior objetivo é formar profissionais para o trabalho e a vida.

Caminhando para um grande futuro!

Autora: Andreyana Carona Mathius
Curso: Ensino Médio
Ano: 2º

Já se passaram dois anos que aquilo aconteceu, não me controlei até saber o resultado, ansiedade e medo me dominaram.

Foi aquele dia que senti a grande responsabilidade ao responder à prova do processo seletivo do vestibulinho da Etec. Foram cinquenta questões na qual depus toda minha dedicação em cada uma delas.

Um dos meus sonhos começaram aqui, quando fui aprovada e comecei realmente os meus estudos. Era tudo muito diferente, conheci professores muito competentes que buscam a cada dia o aprimoramento para nos preparar para o trabalho e para vida.

Na Etec, pude adquirir conhecimentos, valores e habilidades através de aulas expositivas dialogadas, onde há o diálogo entre alunos e professores, abrindo espaço para questionamentos, críticas, discussões e reflexões sintetizadas por todos. E também aulas práticas, que facilitam o aprendizado e despertam curiosidades e interesses nos alunos.

Me sinto completamente orgulhosa por estudar em uma Etec. Aqui consigo ver os meus sonhos tornando-se em realidade. E também consigo compreender o quanto os estudos são importantes para a nossa vida, pois é através dele que construímos o nosso futuro!

Vida de "etequiano"

Autora: Beatriz Fernanda da Silva
Curso: Ensino Médio
Ano: 3º

Há mais de dois anos iniciei meus estudos na Etec Amim Jundi, anteriormente nas outras escolas em que estudei, dificilmente me fariam mudar de pensamento e me fazer focar em querer um futuro melhor, mas isso mudou quando passei no vestibulinho.

Lembro como se fosse ontem, indo para o primeiro dia na etec, aquele escola tao diferente e grande, onde se aprende todo dia um pouco mais, tanto sobre as matérias como sobre a própria vida. É uma escola acolhedora, onde professores, funcionários e alunos se ajudam, onde todos se unem para um só objetivo, formar profissionais competentes para o trabalho e para a vida.

Hoje estou cursando o terceiro, um ano confuso, de difíceis decisões, mas que com o apoio dessa grande família o torna mais fácil.

Agradeço a todos os integrantes da etec, do diretor aos funcionários da limpeza, creio que sem eles nada seria possível, um eterno obrigado aos professores que tanto me ensinaram e continuam ensinando, um obrigado a Etec Amim Jundi, por mudar a minha vida definitivamente e não desistir dos princípios por eles preservados.

O transcender de mais uma etapa

Autora: Bianca Carreira
Curso: Ensino Médio
Ano: 3º

Um tanto dramático seria este texto se tivesse no primeiro parágrafo o substantivo abstrato saudade, também caracterizado como algo que não podemos tocar, apenas sentir, porém, são entre estas entrelinhas que pretendo descrever como é ser uma peça de lego neste imenso castelo chamado Centro Paula Souza.

Não é a tarefa mais fácil, porém, passa longe de ser a mais difícil acordar às cinco horas da matina, quando se tem que pegar duas conduções para chegar a um destino, mas, ao lembrar-se que 40 corações irão te rodear por aproximadamente quatro horas e meia, vejo o quão valiosa é esta tarefa.

Infinitas seriam as soluções de uma equação escrita com o intuito de calcular o número de vezes em que sorri por fazer parte de uma turma de terceira série do Ensino Médio do CPS. Poderia até ser acusada de cometer o barbarismo, por criar palavras que mesmo que não fossem verbos, eu as conjugaria em tempos verbais inexistentes, pois "amar" não basta mais.

Passar três anos de sua vida a estudar, o traz muito conhecimento, mas passar três anos de sua vida buscando conhecimento em uma Etec, é sinônimo de obtenção de conhecimento, fazer parte deste centro é muito mais que ler alguns livros e assinalar gabaritos, é aprender a amar e entender o que significa sentir falta de algo. Se formar no Paula Souza é possuir uma enorme felicidade pela etapa concluída, mas também esconder algumas lágrimas pela saudade que lhe é garantida.

A oportunidade de crescer

Autor: Felipe de Souza Silva
Curso: Ensino Médio
Ano: 3º

ETEC Amim Jundi, com sua qualidade de ensino reconhecida, não só passa confiança a cada ano, já que se supera se destacando, como também faz com que os alunos busquem e acreditem em almejar uma instituição de nível superior, seja particular ou pública, visto que a possibilidade é maior e os professores mostram disposição com toda atenção necessária.

Em relação à importância da solidariedade os trotes realizados demonstram a humanização e o afeto dos alunos e da escola sobre o próximo, isso faz com que a instituição ganhe credibilidade perante a sociedade dando confiança aos pais. Assim, os jovens adquirem maior valor à vida e sobre coisas a sua volta gerando um diferencial no final do seu período escolar de nível médio.

Além disso, há o cuidado com o vocabulário mais amplo, o que permite uma vantagem na busca de oportunidade no mercado de trabalho já que a postura e o comportamento influenciam fortemente, sendo o primeiro contato ou até o único entre o possível colaborador e o empregador. E por meio de atividades promovidas pelos docentes há a desenvoltura do aluno, amenizando também a timidez.

Com isso, a ETEC e o que se adquire nela, não só se torna algo muito satisfatório e de admiração fazendo aprendermos as matérias comuns, como também vai além os preparando para mais, dando oportunidades incríveis e que só os complementa positivamente. Tendo em vista as curiosidades, assuntos em destaque que é exposto nas palestras fazem com que se busque abranger o conhecimento do aluno tendo uma posição sobre os fatos que acontecem nos dias atuais.

Minha escola, minha Etec

Autor: Gabriela Peçan
Curso: Ensino Médio
Ano: 3º

A primeira perspectiva sempre é a melhor não é mesmo? Desde o vestibulinho sabia que minha vida tomaria novos rumos, a Etec abriria para mim novas portas e assim aconteceu.

Nunca tinha imaginado como era legal se apresentar em público com o teatro, fazer uma arte em uma caixinha, nada fácil mas tão satisfatório. As experiências de fazer um documentário e como é tão bom ajudar alguém.

Sinto saudades dos anos anteriores, Halloween, apresentações em slides, o dia da consciência negra, ser o protagonista da sua própria história é isso que essa escola proporciona.

Estou cursando o 3 ano- turma B, confesso que é um pouco assustador, mas eu sei que é um novo desafio a superar. Os trotes solidários são os melhores, é o máximo você se divertir e ao mesmo tempo fazer o bem.

Fiz novos amigos, vivi momentos inesquecíveis, amadureci e aprendi com meus professores, alguns até tenho um carinho especial como o Chicão que além de professor é amigo.

Por isso e vários outros motivos faz da Etec a minha escola, onde levarei tudo comigo na minha nova jornada.

Uma escola para toda vida

Autora: Gabriela Perrude Pinto

Curso: Ensino Médio

Ano: 2º

Como é possível passar três anos tão rápido? E a alegria ao fim do ensino médio se tornar a melancolia de uma vida inteira por esse tempo que não volta mais?

Eu vivo em uma escola que transpira cultura e é capaz de formar para o mundo profissionais competentes porque acolhe como mãe e gera cidadãos conscientes.

Aqui professor é amigo, sabe ouvir e respeitar além de ensinar que é preciso conviver com o diferente e ser autor da própria história.

Ser aluno da Etec Amim Jundi é poder sonhar ainda mais alto e realizar muitas conquistas, sendo a mais importante ter tido a classificação em um vestibulinho que não mudou apenas um local onde estudo, mas também meu jeito de ser e agir.

Aprender muito mais que conteúdos didáticos, datas importantes e ser estudantes diferentes, já que passamos a conhecer valores e a importância de ajudar o próximo mesmo que seja com simples atitudes.

Aulas divertidas que motivam os jovens a buscar um futuro melhor vencendo as adversidades sem desistir da profissão escolhida e que deixam saudades é a fórmula de tamanho orgulho e gratidão de tantas pessoas que já passaram por aqui.

Responsabilidade e gratidão

Autor: Giovana Perez Migliorini

Curso: Ensino Médio

Ano: 3º

Ser aluna da Etec é uma experiência única, é ser protagonista como alguns de nossos professores dizem, para isso “dar a cara à bater” faz parte para que no fim se tenha um bom projeto. Além de cumprir os prazos; dedicando muitas vezes dias inteiros para que isso ocorra; porém no final todo esforço vale a pena. A sensação de dever cumprido e ver o reconhecimento recebido é algo singular.

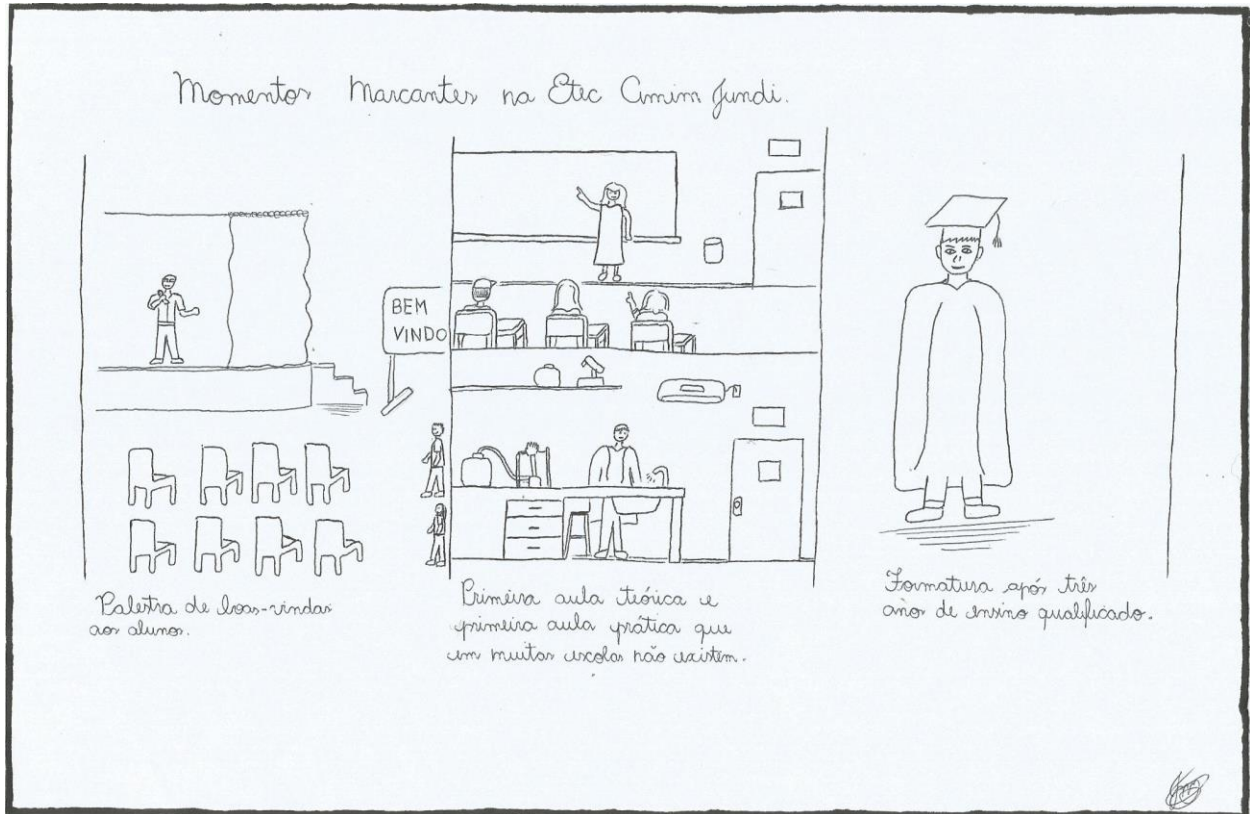
Após mais de dois anos na Etec, tenho várias lembranças. No primeiro ano o projeto do Folclore foi feito em tempo record e sem dúvida um dos projetos mais prazerosos que realizamos, toda a caracterização, decoração na escola, comidas típicas, os brinquedos feitos com as crianças da escola ao lado. No segundo o projeto contra o Bullying, deu muito trabalho formular as palestras, intervenções, questionários; marcadas por palavras firmes mas com esperança de bons resultados. O que deu mais trabalho foi o muro construído na entrada, onde foram escritas várias ofensas normalmente usadas para agredir, há sua queda simbolizou à repulsa por tais atitudes.

Agora no terceiro tudo parece diferente, já se sente um gostinho de saudade, ansiedade para os vestibulares, surgem questionamentos internos, amizades feitas e desfeitas; vitórias e derrotas, sonhos e a realidade. Os trotes solidários, que são tradição na escola, nos fazem questionar, a pensar no outro. No dia 13/04 fomos à três creches entregar lembrancinhas de páscoa; ver a alegria das crianças foi o melhor presente que poderíamos ter recebido.

Serei sempre grata a escola, seus funcionários, professores e incentivados não só pela didática mas principalmente por incentivar a formação de verdadeiros cidadãos.

Momentos vividos na ETEC Amim Jundi

Autor: João Pedro Manoel
Curso: Ensino Médio
Ano: 3º



A Etec mudou a minha vida

Autora: Julia Costa de Aguirre
Curso: Ensino Médio
Ano: 3º

No 1º Ensino Médio, pouco depois que comecei a estudar nesta escola, houve uma campanha online para divulgá-la. Os alunos então deveriam postar em suas redes sociais a frase “a Etec mudou a minha vida”. Naquela época não percebíamos isso e certamente não imaginávamos como seria a mudança. Pelo menos não eu. As escolas sempre me ajudaram a formar meu caráter, mas ainda assim eu as via apenas como lugares para aprender as matérias curriculares. Mas no Ensino Médio tudo foi tão diferente que eu não tive como iludir minha consciência.

Olhando para trás, vejo que cheguei nele com uma boa bagagem de conhecimentos escolares, mas praticamente crua de conhecimentos de vida. A Etec foi onde passei a maior parte do meu tempo, e durante uma fase da vida em que eu era uma esponja: absorvia tudo que me era ensinado e tudo o que vivia. Porque é durante a adolescência que formamos a maior parte do nosso caráter. E ainda bem que eu estava nessa escola. Ela abriu meus olhos para muita coisa.

Aqui conheci os amigos que realmente se encaixaram na minha alma como peças de um quebra cabeça. E fora deste lugar eu nunca havia convivido com tantas pessoas diferentes, externa e internamente, e isso foi o que me motivou a ser mais tolerante, racional e amigável. Eu criei opiniões acerca de coisas que antes jamais havia parado para pensar, com auxílio dos professores, colegas e das experiências de vida desses três anos. Fiz inúmeros projetos e práticas de matérias que achava que apenas a teoria bastava, que aquilo seria perda de tempo, mas hoje percebo que me adicionaram mais conhecimento sobre diversas áreas, desde cidadania até criação de vídeo e propaganda. E mesmo com todo o sacrifício vejo o quão importantes foram, pois aprendizado nunca é desperdício.

E claro que além disso tudo e muito mais, a escola me passou uma educação curricular excelente, que com mais esforço da minha parte e da dos outros alunos só teria a melhorar. Enfim, eu amadureci em uma velocidade que no começo do 1º Ensino Médio não imaginava jamais ser possível. E a Etec teve uma enorme participação nisso. Faltam poucos meses para que eu me forme, e o coração já está apertado de saudades da minha antiga vida nesses corredores, mesmo que ela ainda não tenha partido.

Meu amor pela escola

Autora: Larissa Aparecida da Silva Lacerda

Curso: Ensino Médio

Ano: 3º

Hoje, no terceiro ano do Ensino Médio, posso afirmar que a escola em que estudo, com um peso no nome de Etec Amim Jundi, de competência ao extremo, é considerada a melhor da nossa região e destacada entre as escolas públicas do país.

Sou aluna com orgulho, mas, como nada é fácil a escola já me trouxe lágrimas, falo a verdade, no qual muitos alunos escondem. Por ser rígida, é uma escola que forma profissionais competentes para o trabalho e para a vida, sendo assim, tudo e todos que envolvem o centro de ensino, são de alta profissionalidade.

Retiro total proveito na aprendizagem e afirmo aos novatos que agarrem essa oportunidade, tanto para estudar quanto para amar os professores, pois eles são a melhor parte, acaba tendo uma ligação de carinho.

Entretanto só tenho a agradecer meus mestres, pela determinação que me deram, pelos sonhos que construí e pelo objetivo de um dia torná-los em realidade.

Um dia de Alegria

Autora: Leticia Caetano Nocente
Curso: Ensino Médio
Ano: 3º



[Nós, alunos do terceiro ano, fizemos um trote solidário onde arrecadamos chocolates entre nós e os alunos dos primeiros e segundos para que pudéssemos entregar às crianças de 3 creches da cidade, por conta da páscoa. Brincamos e nos divertimos com as diversas crianças que haviam lá. Meu desenho retrata eu e uma bebê que ficou boa parte do tempo no meu colo, fazendo meu dia especial].

O sucesso construído pela Etec

Autora: Letícia Tóla Capistrano de Salles
Curso: Ensino Médio
Ano: 3º

Nós, alunos da Etec Amim Jundi estamos constantemente propícios a adquirir novos conhecimentos, assimilar aprendizagem ou descobrir um novo talento. Porém esses fatores não determinam somente o nosso sucesso dentro de nossa escola. Existe algo muito maior: a união.

O sucesso de nossa e tantas outras Etec's se assemelham. A conexão de cada um, professores, funcionários e envolvidos é inconfundível, algo que transcende uma simples instituição de ensino e se transforma em família.

A esperança pelo sonho de cada um e o carinho se revela de forma tão evidente, que a vontade de ficar e reviver tudo de novo está presente na maioria dos que estão se formando ou já se formaram. Há um turbilhão de emoções para aqueles, como eu, que estão no ano de formatura, por tudo o que já foi vivido e pela saudade que chega.

Pelo caminho sempre houveram dificuldades,mas estas passaram a ser mais leves, pois existem aqui pessoas que se importam com você e fará com que a pedra no caminho seja mais fácil de ser retirada. Todos os desafios passarão a ser menos complicados, não pelo nível de dificuldade, mas pela força e energia que recebemos.

Ganhamos ao decorrer dos anos grandes pessoas. Sem dúvidas, as maiores delas são os nossos professores, verdadeiros mestres que alegram nossas manhãs e fornecem o que permanecerá em nossas vidas: o conhecimento.

Nossa instituição de ensino é apenas o começo para todo sonho que cada um possui dentro de si.

Ensino Médio na Etec

Autor: Mariana Sestari de Moura
Curso: Ensino Médio
Ano: 1º

Começar o ensino médio sempre foi algo que me assustou muito. A pressão do vestibular aumentando, as provas, os trabalhos, a escolha da futura profissão, uma mistura de sentimentos e ansiedade extrema sempre foram tópicos que me fizeram temer essa fase da minha vida. Mas, depois de catorze anos, esse momento chegou. E qual foi a minha surpresa ao descobrir que, depois de cinco anos no mesmo colégio, eu mudaria de escola e estudaria na ETEC.

Logo no primeiro dia de aula a diversidade e quantidade de alunos na minha sala me chocou e, com o passar do tempo, comecei a perceber que a ETEC é um lugar “chocante”, mas em um sentido positivo.

Hoje em dia parece que a única coisa importante a se ensinar para um jovem é como passar no vestibular sem se preocupar com o ser humano que ele vai ser. A ETEC, diferente da maioria, se preocupa em criar cidadãos, pessoas que, além de bons profissionais, serão bons seres humanos. A atenção dada para as artes e para o pensamento crítico é algo tão impressionantemente presente aqui que me espanta e o acolhimento que se tem para com os alunos me alegra.

Posso dizer que o ensino médio não é maravilhoso, mas ser criado em um lugar onde você é criado para ser um ser humano com pensamentos e ética e não apenas como uma máquina para passar em uma prova, é incrível.

Um novo sentido

Autor: Maynnara Lima Garcêz
Curso: Ensino Médio
Ano: 3º

Eu nunca pensei que uma escola poderia mudar minha vida, minha visão sobre o mundo, o meu querer, mas foi o que acontecerá. A partir do momento em que eu entrei na Etec eu passei a entender o que eu realmente precisava para ter um futuro melhor, entendi o real significado da palavra amizade e companheirismo, me vi acolhida por colegas e principalmente professores, que por sinal são maravilhosos, até hoje adquire um pouco da sabedoria de cada um.

Me tornei alguém melhor, hoje tenho minha ética e moral, sei o que me faz uma cidadã de verdade, com amor ao próximo, capacidade de ajudar e acolher quem precisa.

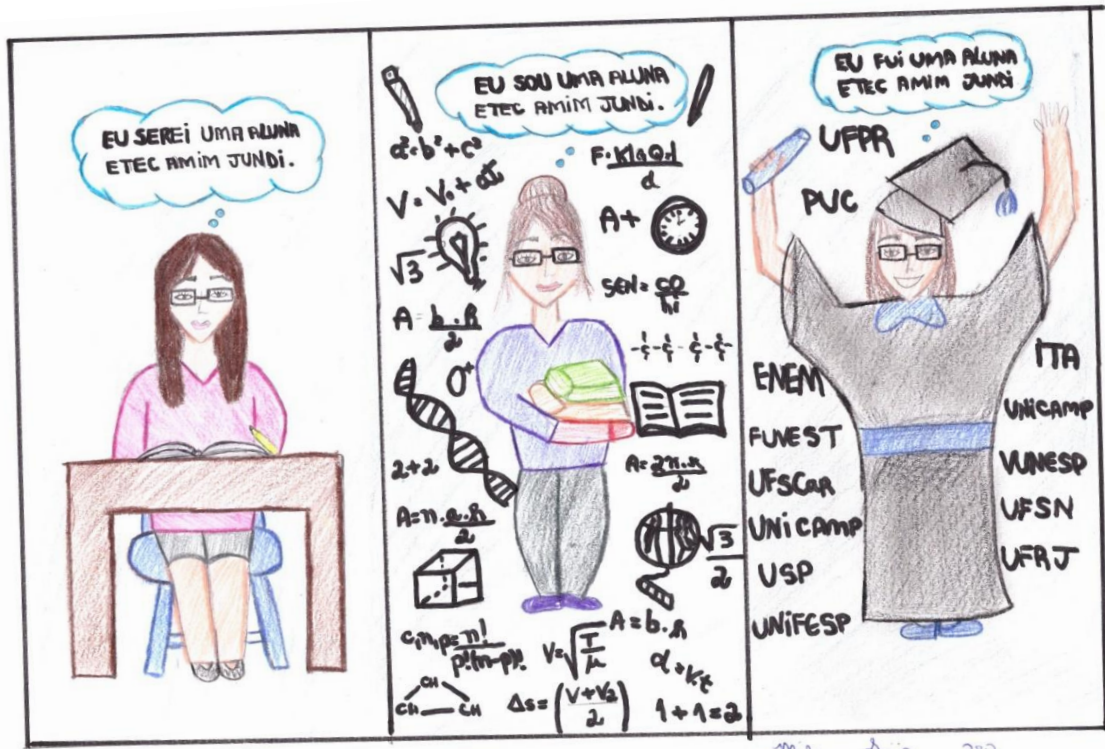
É claro no começo me senti meio perdida e com medo, mas ao longo do tempo o medo passou, graças aos projetos como teatro, intervenções, seminários, que me ajudaram a me expressar, ter ousadia de mostrar quem sou.

Hoje estou no 3º ano do ensino médio, me vejo preocupada em como vai ser daqui pra frente, faculdade, vestibular, independência, mas principalmente com a questão de não ter mais meus mestres comigo me ajudando e incentivando.

A Etec é muito mais do que uma instituição de ensino, pois é diferenciada pela estrutura, profissionais, matérias. É como a minha casa, onde me sinto onde me sinto à vontade, tendo professores como meus pais que devo respeito e recebo amor e meus colegas com irmãos, crescendo juntos e evoluindo. Realmente a Etec mudou minha vida, para melhor.

Como é ser um aluno da Etec Amim Jundi.

Autor: Milena Nayumi Saijo Rocha
Curso: Ensino Médio
Ano: 3º



Esculpindo o meu ser

Autor: Pedro Firme da Cruz Júnior
Curso: Ensino Médio
Ano: 3º

Há quase dois anos teve início minha história na Etec Amim Jundi, localizada na cidade de Osvaldo Cruz, no interior do estado de São Paulo. Faltando um pouco mais de sete meses para encerrar a minha etapa no ensino médio, posso afirmar que as experiências aprendidas ao longo desses anos não serão esquecidas.

Não posso negar que no começo as coisas foram difíceis, levei os primeiros meses para me acostumar com os novos professores, as novas matérias e funcionamento das regras da escola. Além disso, poucos amigos me seguiram nessa jornada. Mas até hoje em meu terceiro ano, conheço novas pessoas com histórias e personalidades extraordinárias, as quais desejo carregar para a vida toda.

Nossos professores vão muito além da profissão, sempre estão dando aquele “empurrãozinho” quando necessário, nos incentivando e persistindo sempre em nosso progresso intelectual e pessoal. São amigos para todas as horas.

Embora a preparação para os vestibulares seja o foco principal, desde o primeiro ano nas aulas de Educação para Cidadania, participamos de projetos sociais nas mais diferentes instituições do município, desenvolvendo o agir de jovens na sociedade e a nossa preocupação com o bem-estar do coletivo.

No ano passado um novo projeto foi criado nos terceiros anos, o “Trote solidário”, o qual é realizado ao longo de todo o ano. Diferentes temas são propostos todos os meses e como forma de participação, cada um dos alunos colabora na arrecadação de produtos e alimentos para as entidades da região, mostrando que ajudar ao próximo pode ser muito divertido.

Entrar em minha ETEC me levou a conhecer a realidade, a qual esconde por debaixo das dificuldades, as coisas simples, porém bonitas de se apreciar na vida.

Saudades

Autora: Vitoria Inara Gonçalves de Moraes
Curso: Ensino Médio
Ano: 3º

Etec, foi aqui onde comecei e pretendo terminar o meu ensino médio, a escola onde construí uma grande família, passei meus piores e melhores dias, conheci pessoas que levarei para o resto da minha vida, tracei metas e objetivos, alguns já alcançados, outros, ainda não. Uma escola única, com o seu jeito especial de educar.

Daqui vou sair com grandes histórias, intervenções feitas por nós alunos e conduzidas pelos nossos professores, trotes solidários, arrecadações de alimentos, materiais higiênicos e chocolates, para doação às entidades carentes, um prazer enorme, sentimento maravilhoso de fazer parte dessas boas ações e receber tantos sorrisos sinceros em troca.

Também, noites mal dormidas estudando para as provas, tardes com os amigos fazendo trabalho em grupo, manhãs passadas cochilando nas carteiras, depois de noites extensas estudadas.

Entre l's e MB's, sorrisos e choros, erros e acertos, estou quase acabando meu terceiro ano e essa escola só vai deixar saudade, dos projetos, professores, colegas de salas, funcionários e até das broncas que levamos de vez em quando.

A Etec é mais do que uma simples escola

Autora: Vitória Maria da Silva
Curso: Ensino Médio
Ano: 3º

Quando descobri que existe uma escola técnica na minha cidade, confesso que não entendia muito bem o que era aquilo, mas sempre senti que pertencia a ela. Ao longo do ensino fundamental fui dedicada e compromissada com os estudos. Porém, estava vivenciando uma fase cheia de dúvidas sobre quem eu era e quem queria ser. Até hoje possuo incertezas sobre isso, sobretudo, posso afirmar que ingressar na Etec me ajudou a superar inúmeras inseguranças.

Um dos diferenciais da instituição na qual pertencço, certamente é a preocupação em formar profissionais competentes para o trabalho e para a vida. Hoje, mesmo sendo uma veterana, ainda me recordo de quando comecei o 1º ano do Ensino Médio na Etec. Desde antes de prestar o Vestibulinho, criava expectativas e enxergava a escola como um novo mundo recheado de possibilidades. Sempre ouvia falar sobre os sucessos e alunos prestigiados que saíram de lá e isso me deixava cada vez mais animada.

Logo quando ingressei na instituição, senti que estava realmente em casa. Além da estrutura qualificada e professores maravilhosos e capacitados, o que mais impulsionou minha paixão “etequiana” certamente foram as amizades incríveis que construí. De início, me assustei quando percebi que existem pessoas com ideais e estilos de vida totalmente diferentes do meu. Estava muito acostumada a viver em um mundo fechado que nem percebia a diversidade que existe em minha volta. Realizei trabalhos com mentes distintas e brilhantes, o que ajudou a valorizar a coletividade. Essas diferenças me ajudaram a moldar quem sou hoje e posso afirmar, com todas as letras, de que sou feliz.

No quesito educação, não tenho do que reclamar. Os professores, além de exercerem sua profissão com excelência, são nossos amigos. Daqueles que você pode contar seus problemas e receber conselhos e abraços cheios de ternura. Os funcionários interagem com os alunos, são nossos parceiros de verdade. É uma grande família e eu tenho muito orgulho de ser parte dela.

A Etec possibilitou momentos incríveis e me fez crescer de uma maneira extraordinária. Serei eternamente grata por tudo o que vivi aqui.

ETEC BARTOLOMEU BUENO DA SILVA

Pensamentos vagabundos de menina

Autora: Ingrid de Oliveira Alves
ingrid.alves20@etec.sp.gov.br
Curso: ETIM

São quase cinco horas da tarde de uma quarta-feira exageradamente ensolarada. O suor escorre por entre os seios e sobre a testa de Alais. “Mais um dia...”, pensa consigo.

Sentada no canto esquerdo do ônibus lotado, na última cadeira encontra-se ela, a cabeça levemente repousada sobre o vidro da janela. Por sorte ela conseguiu um lugar. Com seus olhos baixos e cansados com profundas olheiras negras que descansam sobre sua pele morena, ela olha ao redor para os passageiros que a acompanham na viagem: alguns colegas, alguns trabalhadores, alguns alguns. Todos cansados. Sim, é isso o que irradia de seu corpo delicado, mas forte: cansaço. Sente correr por cada veia de seu ser o cansaço de mais um dia, e, no devaneio da longa viagem rumo ao lar ela permite que seus pensamentos saiam vagabundos de volta aos acontecimentos ocorridos ao longo de seu dia.

Alais acorda às seis horas da manhã, levanta-se com sofreguidão e com sofreguidão, numa profunda sonolência vai ao banheiro: um pequeno cubículo simples como toda sua casa é. Toma um rápido banho, escova os dentes já meio amarelados devido à grande quantidade de cafeína que ingere todos os dias -ou, pelo menos, é o que acredita -, veste seu uniforme e o cabelo... bem, o cabelo permanece solto, curto e enrolado como sempre, sem mais. Olha-se no espelho: as olheiras simplesmente não saem. Mochila, chaves. Espere! “Minha nossa, esqueci-me de colocar os sapatos!”. Retira os chinelos, veste as meias e coloca o velho sapato confortável. “Agora sim!”. Mochila, chaves, abre porta, fecha porta. Abre portão, fecha portão. Rua. Caminha em passos firmes, já acordada e decidida a viver mais um dia de vida. Ela sente-se uma guerreira. A escola conquistada fora mais uma luta travada. Sofrera muito no primeiro ano tentando adaptar-se ao seu novo estilo de vida, seu curso, seus estudos que se prolongam durante todo um dia num piscar de olhos.

Após quinze minutos no ponto, pega seu ônibus. Graças a Deus ela não paga passagem, seria difícil com apenas seu pai trabalhando, pagar passagem todos os dias. Sente prazer ao ouvir o sinal de que seu passe livre funcionou mais uma vez. E segue sua viagem. A paisagem meio urbana, meio rural passa pela janela, observa-a com sonolência ao som de suas músicas preferidas que escuta por meio de seus fones de ouvido que fora ganhado, conectado ao celular que também fora ganhado por

pessoas de fora de seu lar. Era uma longa história. Mas pensando bem, praticamente tudo o que tinha era ganho.

O dia passa numa lerdeza quase imperceptível. Educação física, biologia, química, inglês. Inglês... Nenhum dos alunos sentiam-se satisfeitos com a nova professora. Para Alais, suas aulas eram mais maçantes de que carga de burro.

Sentada no ônibus ela permanecia perdida em seus pensamentos. Após inglês, uma aula técnica onde lhe fora proposto mais um trabalho. “Mais um!”, pensa consigo. Já tinha tantos trabalhos... Maquete para a semana de matemática, redação extra para fazer como um treino para vestibular, portfólio de física, curta metragem de português, seus treinos musicais diários em casa após a aula, a criação de um banner para a aula de marketing para web, seu TCC... Cruz credo! Era melhor nem pensar nisso e repreender todo esse mal! Sorriu sozinha. Também tinha que estudar para os vestibulares e terminar de ler os livros exigidos, só de pensar em tanta coisa sua cabeça doía. Não, na verdade não doía, era apenas algo estressante.

O almoço fora normal, comeu com seus colegas, passou o tempo restante com a cara enfiada em Sagarana... Livro bendito! Começara somente a partir do segundo conto a se acostumar e gostar mais dos enredos para ela tão peculiares. No fim das contas não era tão chato assim.

O ônibus dá uma parada brusca empurrando seu corpo para frente. Alais sente algo estranho sob suas nádegas. Levanta-se um pouco e disfarçadamente passa a mão. “Droga!”. Chiclete. Não havia mais jeito mesmo, tornou a sentar-se. Faltam ainda três pontos para chegar ao seu.

Após o almoço, aula de história, depois de TCC, duas aulas seguidas. Trabalhou focada em mais uma parte escrita com seu grupo. Dois pontos, mais pessoas subiam, mais pessoas desciam. Esse ano seria um ano de vitórias, ela sentia dentro de si, mesmo em meio a todo seu cansaço a chama da esperança permanecia acesa. Ela concluiria o ensino médio e aquele curso do qual aprendeu a gostar, mas seu sonho era outro. Na verdade, ela possuía tantos... Cada sonho ardia como brasa viva em seu peito. Um ponto. Mais alguns metros e ela desceria. Sentia-se tão pequenina e tão grande, ela não era uma pessoa comum, era toda sonhos impossíveis, fontes e poços no deserto que fazem bem ao coração. Seu ponto. Levanta-se, dá o sinal e desce. Caminha duas ruas e chega em casa, Treino, livro, escrever um conto, fazer um trabalho em cima da hora.

Já é meia-noite. Alais deita-se em sua velha cama na cozinha pequena de sua casa simples. A pequena determinada fecha os olhos com tranquilidade, respira fundo, agradece a Deus pelo seu cansaço, pela oportunidade de estudar naquela escola que a exaustava o dia inteiro e pensa: “ Como é bom poder sentir esse cansaço. Deus, sei que tudo valerá a pena... ”, e essa é a última coisa que

ANEXOS

passa por sua mente quando enfim entrega-se ao deleite que seu cansaço lhe proporciona e adormece. No quarto ao lado dormem seus pais e seu irmão menor. Alais dorme tranquila porque enfim sabe que encontrará seu poço no deserto, porque sabe que seu cansaço valerá a pena. Dorme porque no outro dia tudo irá se repetir.

ETEC BENEDITO STORANI

RELATO sobre estudar ETIM

Autora: Vitória Maria da Silva

Curso: Ensino Médio

Ano: 3º

É uma desgraça. Porém é a desgraça mais maravilhosa que eu pude escolher fazer.

Estudar em tempo integral é um desafio, ainda mais quando seu sonho é ser escritora. Meus horários no primeiro ano do Ensino Médio eram tão variados que eu nunca sabia que horário eu iria entrar e muito menos quando ia sair, que aula era a próxima? Não, nem a grade horária sabia. As primeiras semanas, não consegui escrever nenhuma palavra se quer do meu primeiro livro que estava recém começado.

Cheguei a pensar que nunca conseguiria alcançar meu sonho de terminar de escrever um livro antes dos meus 18 anos, a escola tomava todo o tempo. Mas, foi lá na ETEC que eu consegui desenvolver um amor maior pelos estudos, ter excelentes professores e acima de tudo ter amigos que compartilhavam comigo toda aquela dor e sofrimento dos primeiros meses de um etequiano. Aos poucos, minha vida foi se encaixando e a ETEC já não era um bicho de sete cabeças, os deveres acabaram virando rotina e meu desempenho foi melhorando, até que me veio a ideia perfeita pra que eu conseguisse terminar meu livro.

A biblioteca tinha computadores, não eram tão bons quanto aqueles da sala de informática, mas tinha o programa Word, isso já seria o suficiente! O intervalo do almoço dura 1h20min, tempo mais que o suficiente pra eu comer algo e correr pra biblioteca e escrever um pouquinho do meu livro. Vários alunos passavam por mim e perguntava o que eu tanto digitava, colegas de classe viram que já era costume eu aparecer na biblioteca em tempo livre e sempre havia um dos computadores sobrando especialmente pra mim. Meus amigos, não gostavam muito da ideia, e por mais que me incentivassem, às vezes apareciam por lá, apenas pra que eu pudesse me distrair um pouco da rotina de sempre.

Até que, o grande dia esperado chegou. Eu coloquei o ponto final, a palavra FIM estava diante dos meus olhos, havia terminado meu sonho. Ali na ETEC, naquele computador compartilhado e que eu já criara amizade. Foi minha primeira conquista e sinto orgulho de dizer que a Benedito Storani e os alunos de lá, fizeram parte desse processo e que estão no meu coração numa recordação. Aqueles computadores disponibilizados para os alunos foi a melhor invenção que já tiveram.

Quando tive a oportunidade de publicar meu livro, eles deram todo o apoio! Programaram eventos, e permitiu minha divulgação pra escola, de longe a melhor escolha que eu fiz até agora foi ter

ANEXOS

ingressado na ETEC! Mesmo com todas as obrigações de manter as notas altas, os deveres, a carga horária gigante eu consegui realizar um objetivo que eu tinha desde pequena.

ETEC CEL. RAPHAEL BRANDÃO

The ETEC's SHOW

Autores

Ana Beatriz Spíndola da Silva
E-mail: anabeatrizspindola@hotmail.com

Ana Beatriz Luz Mustafé
E-mail: biiahluz@hotmail.com

Ana Julia Aparecida Tribosse
E-mail: anajuliabr_tribosse@outlook.com

Evandro Gomes Amorim
E-mail: evanamorimjunior18@gmail.com

Daniel de Carvalho Pereira
E-mail: Daniel.cp10@hotmail.com

Lucas Ferreira Momo
E-mail: lucasmomo0505@gmail.com

Luiz Felipe Mendonça Custódio
E-mail: felipefeliz9@hotmail.com

Thiago de Castro Savanachi
E-mail: thiago12castro@live.com

Vinicius Eduardo Rocca
E-mail: vinicius-rocca@hotmail.com

Curso: Ensino Médio

Ano: 3º



Endereço do Vídeo: <https://youtu.be/hp1ARtnpW-w>

Escola da vida

Autora: Beatriz de Faria Silva
beatriz19defaria.s@gmail.com
Curso: Ensino Médio
Ano: 3º

Há exatos três anos
Nesse novo mundo entrei
Meu olhar mudei
Perspectiva de futuro criei.

Hoje vejo o quanto valeu a pena
Aquele Vestibulinho prestar
Que a partir dali minha vida começava a mudar

Aqui construímos uma segunda casa,
Uma segunda família
Nos deparamos com desafios
Que nos preparam para a vida.

Sou bem ciente
De que somos diferentes
E que nesses três anos aprendi
Mais do que o suficiente.

Sou grata por tudo que aprendi
Por cada momento que vivi
Valeu muito a pena
Ter estudado aqui.

ANEXOS

O Jornal Da ETEC _ ETEC News!

Autores

GABRIEL CLAUDINO FERREIRA

E-mail: gabrielclaudino2001@hotmail.com

GABRIELLY NEVES OLIVEIRA

E-mail: gabrielly_4661@hotmail.com

JOANA ROSA FERREIRA DE ALMEIDAS

E-mail: john.rosa80@gmail.com

PAULO HUMBERTO PEREIRA MARINHO

E-mail: paulohpm71@gmail.com

THIAGO VERISSIMO SIMÕES

E-mail: thiagov337@gmail.com

YASMMIM FERREIRA TAMBURUS

E-mail: ytamburus@gmail.com

Curso: Ensino Médio

Ano: 3º



Endereço do Vídeo: <https://youtu.be/PqyPo4MUGLM>

ETEC: A escola dos sonhos!

Autor: Jeniffer Delfino de Oliveira
jenifferdelfino15@gmail.com
Curso: ETIM
Ano: 2º

A ETEC é o sonho de todo aluno, nos preparamos desde a primeira série com o desejo de ingressar na tão sonhada escola. No ensino médio recebemos a base para o vestibular e não há alegria maior que esta seja adquirida no Centro Paula Souza, que com certeza o sucesso será alcançado. Então, vem a questão! O que há de tão especial nesta escola? Por que tanta disputa?

Sim, é uma escola especial, pois, além de bons professores, uma ótima coordenação, o acolhimento perfeito, ela também nos dá a aquisição dos estudos dos sonhos. Mas, o que é o estudo dos sonhos? É aquele conhecimento baseado ao da faculdade, onde os docentes possuem ferramentas de tecnologia como notebook, data show, caixa de som e usa e-mail, WhatsApp, Face book para transmitir o aprendizado de forma dinâmica e descontraída, aprendendo a matéria sem muitas dificuldades e da melhor maneira, pois a utilização destes instrumentos são atrativos para os alunos. Observamos também que os professores não trabalham somente pelo salário e sim por amor. A comunidade escolar está toda envolvida no contexto do aluno e para o seu melhor.

Não posso deixar de falar do ETIM, que é o ensino médio integrado, onde os alunos além de sair com o ensino médio estão preparados para o mercado de trabalho, porque são preparados com o ensino técnico. Esta modalidade é bem cansativa e exige muito esforço, no entanto não há vitória alcançada que não seja árdua.

Todavia, não devemos contar com o cansaço, mas sim com o mérito. Então! Escolha a melhor, lute para entrar, se comprometa com os estudos, enfim dê o seu melhor que terá a certeza de um futuro promissor.

A lagarta que vira borboleta

Autora: Livia Marina Yovetti Sansão
jenifferdelfino15@gmail.com
Curso: Ensino Médio
Ano: 3º

Todas as pessoas passam por uma luta atrás dos sonhos a serem conquistados, ainda mais na adolescência. Essa é a fase pela qual todo jovem está passando por vários tipos de mudança. Nesse instante, é crucial a escolha de um bom lugar para ancorar os estudos do Ensino Médio, pois muitos alunos desejam entrar em uma escola com boa fama, bons professores e reconhecimento na qualificação de ensino.

Uma instituição que se destaca, dentre esses critérios, é a Etec, onde os alunos vêm à procura de uma boa escola e saem com uma segunda família.

No primeiro ano, ela desperta nos indivíduos o companheirismo e a força de vontade. Desta maneira, gerando frutos de união e responsabilidade em seus alunos a partir das atividades propostas durante os três anos dentro dela.

O último ano é cheio de pressão, emoções à flor da pele, estresse emocional e escolhas apressadas. É quando o aluno está formulando seus pensamentos, porém ainda muito confusos. Considera-se que aqui, nesse momento tende a fazer a escolha mais importante que transformará suas vidas: a profissão desejada.

Por fim, define-se que o Ensino Médio da Etec é como uma metamorfose, onde os alunos que aqui ingressam, mesmo com identidade, entram alienados; sem opinião construída e saem com boas lembranças, bem como com uma visão bem mais ampla de mundo e com histórias de vida transformadas.

Como é ser aluno do Etim no Centro Paula Souza

Autores: Maíra, Vinicius, João, Kettelin, Gabriel e Maryanna
1º ETIM Química

Vou abrir o jogo.

Estudar na Etec não é fácil.

Porém, quando surgiu a oportunidade,

tive que agarrar com unhas e dentes.

Eu sabia que teria que arregaçar as mangas

se quisesse ter um futuro melhor.

Se eu fosse uma Maria vai com as outras,

não teria vindo parar aqui.

Estudar na Etec não é fácil.

Pois há muitas tarefas e trabalhos.

E por isso temos que nos esforçar

para não meter os pés pelas mãos,

ou pirar na batatinha.

Aqui, somos todos uma família.

Sempre um quebrando o galho do outro.

E não podemos dormir no ponto,

muito menos abandonar o barco.

Pois a caminhada é longa,

e estamos apenas começando.

O que é, o que é? Transforma-o e tem 4(quatro) letras? (ETEC)

Autor: Pedro Antônio Justino de Almeida

Curso: Ensino Médio

Ano: 2º

Como é estudar na Etec?

Bom, não vou mentir nem te iludir

Quando seu nome entra no Sistema

Desculpe a sinceridade, mas de verdade

É como se você fizesse um pacto!

Você acorda cedo

Se prepara todo

Coloca sua melhor roupa

Passa seu melhor perfume

Óbvio, tudo isso no primeiro dia de aula

Porque meu amigo, a partir do segundo dia

Você já não será o mesmo

As olheiras aparecem

O sono bate

Pois, você ficará a noite inteiro

Fazendo aquela tarefa de Matemática

Mas, calma! Isso pode piorar

E sobre as provas?

Bem, sinta que lá vem História

ANEXOS

Quando chegar o dia de marcar a prova
Se prepare, você vai chorar
Você vê o professor entrando sorrindo na sala
Logo que aquela marcha imperial tocando ao fundo
Já é um mal sinal
Ele passa três ou quatro páginas para estudar
Então você estuda essas páginas a semana toda
Para que no dia de prova...não caia nenhuma delas
Isso realmente acontece

E sobre as menções?
A Etec não trabalha com notas
Mas sim com menções,
Observando as competências e habilidades.
Nada muda, você se ferra do mesmo jeito
Você irá passar o ano inteiro
Fugindo da sombra do "I"
Como o diabo foge da cruz,
Mas... como ideal buscando sempre um "MB"
Como o Palmeiras busca o mundial,
Mas...na Real..."R" dá pra passar

ETEC CEL. FERNANDO FEBELIANO DA COSTA

CORAÇÃO ETEQUEANO

Letra: Eliza Danielle Pereira
Curso: ETIM de Química
Ano: 2º

Professor e aluno em união
Uma escola, um só coração.
A ETEC não é fácil como pensa
Foco no futuro isso sim compensa.
Tem que estudar, freqüentar monitoria
Comparecer todo dia.
Se esforçar.
Tem que estudar e se empenhar, respeitar
A escola segundo lar.
Não desanimar se l você tirar, logo um MB vai te animar.
Tem que estudar, pra passar na faculdade e não se esquecer das amizades.
Se formar, você vai brilhar e seus sonhos conquistar,
Nossa escola melhor lugar.



Endereço da Música (vídeo): <https://youtu.be/CYqRB6uEooo>

ANEXOS

Participantes:

Adriano G. do Nascimento	Email: alice.gerolamo@gmail.com
Carolina Akemi Kasaki	E-mail: carolinaakemi2010@hotmail.com
Giovanna L. Vasconcellos Isidoro	Email: isido.g2@gmail.com
Eduardo Patrocínio da Luz	Email: izardo2009@hotmail.com
Yasmin Pereira Cabolan	Email: yasmincabolan2001@hotmail.com
Nathália E. de Castro Gandolfi	Email: nathy_gandolfi15@hotmail.com
Caroline C. G. Molina	Email: Caroline.camarosano@yahoo.com.br
Moriá de Moraes Poppe	Email: moriapoppe2@gmail.com
Monique Vilodres Ramos	Email: mo.vilodres@hotmail.com
Monique Miranda Borges	Email: Monique.miranda.borges@gmail.com
Ana Júlia F. Fuzatto	Email: ju_fuzatto@yahoo.com.br
Heloiza Passos da Silva	Email: heloiza733@gmail.com
Júlia Lavorenti Fidelis	Email: juji.lafi@live.com
Lívia H. da Costa	Email: liviabelinha@gmail.com
Ana Beatriz Rissato	Email: biarissato11@hotmail.com
Laura Alves	Email: laualves154@gmail.com
Ágatha Moraes	Email: agathamoraesphzg@gmail.com
Renner Corrêa Ramos	Email: rennercorrearamos@gmail.com
Thainá M. Faria	Email: fariat060@gmail.com
Isabela Gaioto Toledo	Email: wladetoledo@gmail.com
Ana Caroline R. Pinto	Email: carol_righetto@ghotmail.com
Eliza Danielle Pereira	Email: Eliza_danielle@hotmail.com
Polyana E. Martins	Email: foxbusther316@gmail.com
Maria Cecília Oliveira Rosa	Email: cecii.oliiv@gmail.com
Alice Bego Aliberti	Email: alice.aliberti1905@gmail.com
Suzan Reis Lima	Email: suzanRL05@hotmail.com
Maria Vitória Ribeiro	Email: mavihribeiro07@gmail.com
Júlia Farah	Email: Patrick.viera.adm@hotmail.com
Andressa Gabrielle A. Viana	Email: andressavianna16@outlook.com

ANEXOS

Rafaela Soares de Campos	Email: rafaelasoaes246@gmail.com
Rosana V. M. Pelligrinotti	Email: rosanap37@gmail.com
Caroline C. V. Silva	Email: luccg-2014@hotmail.com
Júlia Gabriela S. Miranda	Email: oliveirajullya169@gmail.com
Bianca Franchi Tésio	Email: rtesio@hotmail.com

Etec de Campo Limpo Paulista

A realização de um sonho

Autores:

Júlia Fernandes dos Santos
Mayara Aparecida Doratiotto Silva
Fernanda Maurícia Batista
Lídia Silva Gomes
Laura de Oliveira Guimarães
Isabela de Souza Correa
Curso: Ensino Médio
Ano: 2º



Endereço do vídeo: <https://youtu.be/ZAzBx6leTSE>

ETEC PROF^a CARMELINA BARBOSA

O que há em uma ETEC ou melhor, o que não há em uma ETEC?

Autor: Guilherme Henrique de O. Lima
Curso: Etim Química
Ano: 3º

Três anos, a reta final para um aluno, o momento onde cada um escolhe seu futuro a traçar, um momento que deve ser de importante influencia na vida do jovem para que o mesmo se torne um alguém de importante valor na sociedade. Nesses três anos muitas coisas acontecem, amizades, amores e paixões, e uma grande busca por aventura se tornam prioridades para a maioria desses adolescentes, onde infelizmente muitos encontram essas coisas em caminhos errados.

Como aluno e adolescente afirmo que isso seja verdade, festas, “paixonite”, aventura e zuera são as coisas que mais me alienam e constroem minhas escolhas. Porém encontrei um lugar onde posso ter tudo isso, de uma forma que não venha prejudicar meu futuro e ainda sair preparado para mercado de trabalho e/ou com chances grandes de concorrências em faculdades grandes.

Apresento-lhes a Escola Técnica, onde você faz duas coisas ao mesmo tempo e ainda tem tempo para diversão e entretenimento. São pessoas que chegam a morar quatrocentos quilômetros fazendo amizades com você, o pessoal todo da região (incluindo os povo bonitinho) estão todos juntos, os melhores professores, os melhores eventos escolares e extraescolares com a turma, viagens técnicas a empresas inesquecíveis e muito mais para experimentar em uma ETEC.

Confesso que aprender sentado copiando textos e textos é muito chato, mas e aprender em pratica? Fazendo o que se estuda? As aulas praticas em laboratórios com produtos químicos, salas de enfermagem com equipamentos de primeira, informáticas com computadores atualizadas, campos, animais e tudo para que o aluno se sinta a vontade e tenha vontade própria de estudo é com certeza a melhor parte de uma escola técnica.

Isso sem colocar no papel o tempo que se perde para primeiro terminar o ensino médio e só depois fazer algum curso técnico, são três anos que valem por cinco ou até mais dependendo do curso a qual se deseja cursar, um grande atalho que lhe faz crescer mais rápido na vida. Estágios e indicações a empregadores são sempre realizados pelo colégio devido ao grande numero de parceria que a escola faz para que haja sempre uma ajuda e um exemplo a qual o aluno possa seguir. E mais! intercâmbios em outros países também não é um sonho nas ETEC’s que estão sempre a enviar os melhores alunos para grandes universidades estrangeiras!

ANEXOS

Um lugar onde fazemos varias amizades, vamos a festas, temos altos amores, damos muitas risadas junto aos melhores professores, vamos para incríveis viagens escolares, damos um enorme salto para o melhor futuro e ainda já saímos com emprego ou faculdades garantida já não é mais coisa de conto de fadas, agora é ser coisa de ETEC!

ANEXOS

Construir uma nova família com milhares de histórias

Autora: Beatriz Diniz

Curso: Etim AGRO

Ano: 2º





ANEXOS



O que há em uma ETEC ou melhor, o que não há em uma ETEC?

Autor: Samuel Peres
Curso: Etim Química
Ano: 1º

Sou o Samuel Peres, moro na cidade de Junqueirópolis estado de São Paulo, ingressei no ano de 2017 na escola Etec Professora Carmelina Barbosa na cidade de Dracena, estou no 1º Etim Química, mas já tenho alguma história engraçadas e divertidas que já aconteceu nesse curto período de tempo.

Nos primeiros dias, foi bem estranho, pois como não conhecia a maior parte dos colegas de sala, não vou mentir, fiquei com um pouco de medo de ir para Etec, o medo do novo estava me assustando, era um ambiente diferente e com pessoas bem diferentes.

No primeiro dia de aula os professores, já passam confiança para os alunos, tanto dentro quanto fora da sala de aula, eles fazem de tudo para evitar brigar, e desavenças, propiciando um ambiente saudável de aprendizado e parceria. Muitos dos professores gostam de ter amizade com os alunos, pois querendo ou não os alunos, serão 3 anos de convivência, nasce uma amizade um carinho como se fossemos uma família, passamos grande parte do nosso dia na escola, temos contato com os todos os professores praticamente todos dias, além de serem professores, chamar a atenção na sala eles também sabem quando precisamos desabafar, estão prontos para nos acolher, aqui é diferente.

A escola fica 15 minutos, ou seja, 10 Km da cidade onde eu moro, todos os dias é uma aventura para eu e meus colegas, temos que levantar cedo, pegar o ônibus e ir para escola, fazemos isso na ida e na volta, com isso a nossa amizade cada dia vai se fortalecendo, sempre um assunto diferente, uma aula diferente para comentar.

Neste trajeto chegamos a tão esperada Etec, a escola abrange alunos de vários municípios e cidade de estado vizinhos, como Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. A escola oferece moradia para aqueles alunos que moram mais de 20km da escola, tem vários colegas da minha sala que residem na escola pela dificuldade de voltar para casa, a distância em grande, mas a vontade de estudar é maior, por isso deixam de ver seus familiares até nos feriados por optar por um estudo de qualidade.

Quando apresentaram a escola, fiquei deslumbrado, nunca tinha estudado em uma escola deste nível, não tem portões, não tem muros, apenas as janelas do conhecimento, aqueles muros enormes que impedem do aluno ir embora nas escolas tradicionais inexistem por aqui.

A Escola Etim oferece Técnico em Química e técnico em Agropecuária, aqui tem animais, e laboratórios de qualidades, não estava acreditando que eu ia estudar em uma escola tão diferente, enfim mostraram os laboratórios de química, foi como um sonho, aqueles filmes de cientistas,

mostraram aquelas vidrarias, os cuidados que temos que ter, apresentaram o famoso jaleco “aquele casaco branco, de filmes e de Einstein, já imaginei fazendo os experimentos”, e os equipamentos, Não posso negar a escola é encantadora, tudo aquilo é para desenvolver as aulas práticas, eu sempre sonhei em ter um ensino de qualidade e hoje estou na Etec, realizando esse sonho.

Ser aluno da Etec, é estar um passo à frente na busca pelo conhecimento e ter a oportunidade de obter um futuro de qualidade.

Sou o Samuel Peres, moro na cidade de Junqueirópolis estado de São Paulo, ingressei no ano de 2017 na escola Etec Professora Carmelina Barbosa na cidade de Dracena, estou no 1º Etim Química, mas já tenho alguma história engraçadas e divertidas que já aconteceu nesse curto período de tempo.

Nos primeiros dias, foi bem estranho, pois como não conhecia a maior parte dos colegas de sala, não vou mentir, fiquei com um pouco de medo de ir para Etec, o medo do novo estava me assustando, era um ambiente diferente e com pessoas bem diferentes.

No primeiro dia de aula os professores, já passam confiança para os alunos, tanto dentro quanto fora da sala de aula, eles fazem de tudo para evitar brigar, e desavenças, propiciando um ambiente saudável de aprendizado e parceria. Muitos dos professores gostam de ter amizade com os alunos, pois querendo ou não os alunos, serão 3 anos de convivência, nasce uma amizade um carinho como se fossemos uma família, passamos grande parte do nosso dia na escola, temos contato com os todos os professores praticamente todos dias, além de serem professores, chamar a atenção na sala eles também sabem quando precisamos desabafar, estão prontos para nos acolher, aqui é diferente.

A escola fica 15 minutos, ou seja, 10 Km da cidade onde eu moro, todos os dias é uma aventura para eu e meus colegas, temos que levantar cedo, pegar o ônibus e ir para escola, fazemos isso na ida e na volta, com isso a nossa amizade cada dia vai se fortalecendo, sempre um assunto diferente, uma aula diferente para comentar.

Neste trajeto chegamos a tão esperada Etec, a escola abrange alunos de vários municípios e cidade de estado vizinhos, como Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. A escola oferece moradia para aqueles alunos que moram mais de 20km da escola, tem vários colegas da minha sala que residem na escola pela dificuldade de voltar para casa, a distância em grande, mas a vontade de estudar é maior, por isso deixam de ver seus familiares até nos feriados por optar por um estudo de qualidade.

Quando apresentaram a escola, fiquei deslumbrado, nunca tinha estudado em uma escola deste nível, não tem portões, não tem muros, apenas as janelas do conhecimento, aqueles muros enormes que impedem do aluno ir embora nas escolas tradicionais inexistem por aqui.

ANEXOS

A Escola Etim oferece Técnico em Química e técnico em Agropecuária, aqui tem animais, e laboratórios de qualidades , não estava acreditando que eu ia estudar em uma escola tão diferente, enfim mostraram os laboratórios de química, foi como um sonho, aqueles filmes de cientistas, mostraram aquelas vidrarias, os cuidados que temos que ter, apresentaram o famoso jaleco “aquele casaco branco, de de filmes e de Einstein, já imaginei fazendo os experimentos”, e os equipamentos, Não posso negar a escola é encantadora, tudo aquilo é para desenvolver as aulas práticas, eu sempre sonhei em ter um ensino de qualidade e hoje estou na Etec, realizando esse sonho.

Ser aluno da Etec, é estar um passo à frente na busca pelo conhecimento e ter a oportunidade de obter um futuro de qualidade

Capacidade de Descobrir

Autora: Gabrielly dos Santos
Curso: Etim Agropecuária
Ano: 2º

Ser aluno do ETIM é chegar sem saber nada e nem conhecer ninguém e depois criar uma união tão grande e ajudar um ao outro. É aprontar e mesmo sabendo de tudo, acobertar e acalentar, protegendo, mas sem se esquecer das coisas que são certas ou erradas.

Não é só ser mais um aluno entre muitos e ter vários professores, mas sim sentir um carinho especial por cada um deles e saber que cada bronca e puxão de orelha é para que haja uma melhora.

Ser aluno do ETIM é torcer para receber uma nota boa quando você sabe que não foi tão bem assim. É receber um R e se sentir satisfeito sabendo que ainda tem que melhorar.

É quebrar barreiras, é se sentir desafiado. Saber que a cada dia você tem um novo desafio e ao realiza-lo sentir orgulho de si mesmo, já que talvez fosse algo que nunca imaginaria fazer.

Ser aluno do ETIM é ter uma segunda família, é ter sempre com quem contar.

Como vem sendo aplicado!

Autor: João Marcos dos Santos
Curso: Etim Agropecuária
Ano: 3º

Em 2013, quando foi aplicado o projeto de integração do ensino médio com os Cursos Modulares de Agropecuária e Química, na Etec Profª Carmelina Barbosa veio com o intuito de melhorar e juntar o ensino médio com os curso profissionalizantes em prol do aluno.

O Etim juntamente as formas de estudo organizou melhor os horários diferente do médio integrado, com isso a nova remessa de alunos que entraram nessa mudança de grade foi, sem sombra de dúvidas para melhorar.

Obtendo um bom resultado, também vem sendo aplicado esta mesma forma de ensino, com isso a escola, alunos em um conjunto saem ganhando, sem falar a forma que o aluno recebe e transmite o ensino recebido com boa qualidade.

Nós alunos, que temos este tipo de ensino nos destacamos em relação dos outros ensinos proporcionado pelo Estado, saímos na frente para o mercado de trabalho. Estou muito satisfeito com a vida com aluno de ETIM e posso ressaltar que, o ensino além de ser de qualidade, nos torna pessoas melhores enquanto cidadãos e profissionais que devemos ser futuramente.

Etec de Itararé

Formação Técnica, visando o futuro

Autora: Júlia Gonçalves de Oliveira
Curso: Etim ADM
Ano: 3º

A junção do ensino médio com determinado curso técnico destina-se a quem pretende dar início a carreira profissional ainda jovem. A modernização da educação profissional gerou a diversidade de carreiras oriundas de novos processos utilizados no setor produtivo, e para o jovem que busca seu primeiro emprego há a possibilidade de entrar no mercado de trabalho de forma rápida e eficiente.

Segundo o IBGE, em pesquisa de 2013, aproximadamente 80% dos estudantes entre 18 e 24 anos não chegam à universidade; há muitas oportunidades para o jovem que opta por uma profissão técnica, no caso de alguns jovens, a inserção rápida no mercado de trabalho é o passaporte para a continuação dos estudos.

No início deste ano, o desemprego entre pessoas até 24 anos atingiu 24%, mais que o dobro da taxa geral. Pela menor experiência e qualificação, os jovens são os que primeiro sofrem quando o mercado de trabalho piora.

A formação técnica qualificará o jovem, preparando-o para o mercado de trabalho. Cursos de formação inicial que duram aproximadamente três meses permitem ao trabalhador buscar uma colocação mais qualificada, como exemplo o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) mais de 65% daqueles que concluíram o ensino técnico em 2014 estavam trabalhando no ano seguinte.

Fornecendo a formação técnica para os jovens possibilitará a inserção dos mesmos no mercado de trabalho, possivelmente diminuindo a taxa de desemprego, pois possuirão qualificação e preparação suficiente para ingressarem e crescerem profissionalmente.

Minha Formação e Meu Futuro

Autora: Franciele dos Santos Vidal
Curso: Etim ADM
Ano: 3º

O futuro de todos é o resultado dos esforços realizados no presente. A formação é imprescindível para que a possibilidade de uma melhor estabilidade se apresente cada vez mais perto. Não é à toa que os jovens que procuram alcançar essa estabilidade, buscam cada vez mais ensinamentos técnicos profissionalizantes antes de ingressar em uma universidade.

Atualmente, são muitos os meios de se conseguir uma faculdade, seja ela pública ou privada. Mas infelizmente alguns jovens encontram barreiras, sendo a falta de profissionais qualificados a que mais se destaca quando se trata de ensino público. Posteriormente, quando se analisa a grade do material pedagógico exigido pelos vestibulares e a compara com a grade oferecida aos alunos do ensino público, é observada a enorme falta de conteúdos aplicados nos colégios.

Para que pelo menos uma pequena parte dos jovens que cursam o ensino médio, possam ter o mesmo grau de conhecimento que é exigido nos vestibulares, surgiram centros como as Etec's, nas quais é aplicada aos seus alunos a mesma grade de ensino de escolas particulares, oferecendo juntamente ao ensino médio um determinado curso técnico, que futuramente servirá como base para conseguir um emprego com mais facilidade, e até mesmo auxiliar na decisão da profissão que o jovem seguirá.

Cursar o ensino médio em escolas como Etec's é uma chance de crescer na vida profissional e adquirir conhecimentos necessários para ser um bom cidadão. Essas escolas têm como objetivo principal formar alunos aptos ao mercado de trabalho, ensinando valores essenciais e dando inúmeras oportunidades para uma boa formação.

ETEC DE SUZANO

A 31km da felicidade

Autora: Vitória de Almeida Silva
Curso: Ensino Médio
Ano: 2º

Desde que ingressei na Etec de Suzano em 2016 tenho levado 1h30min no trajeto diário para a escola pegando um trem e dois ônibus, tenho acordado ora às 4h, ora às 8h, tenho dormido pouco e trabalhado bastante. Minhas responsabilidades foram elevadas ao quadrado e meu pensamento está em revolução. Enfim, quando comecei a estudar em período integral a transformação foi radical.

Quando no começo do ano passado soube que havia passado em primeiro lugar para fazer o ensino médio integrado ao curso técnico em meio ambiente fiquei em êxtase, que conquista! Mesmo na euforia soube que a partir daquele momento uma nova – e mais intensa – fase se iniciara. Agora era pra valer.

Ainda não consigo compreender muito bem como essa escola conseguiu me encantar e me envolver em tudo, mas acredito que o encanto vem da força e da consciência que tudo aqui me proporciona. Eu simplesmente amo passar minha semana inteira aqui!

A Etec me ensinou a encontrar força e oportunidade para prosseguir, a ter ideais próprios de vida, a ler o mundo e me perceber como integrante da sua transformação, a prezar a independência e a autonomia, a cultivar relações interpessoais saudáveis e sinceras, a ter disciplina para crescer e, principalmente, a me conhecer e trabalhar pelo meu desenvolvimento arduamente.

E o que dizer das pessoas que encontrei nesse caminho? Com muita sorte a maioria delas são pessoas que me fazem crescer e ser melhor a cada dia, que me fazem feliz com sua companhia. Se a experiência tem sido incrível até aqui, devo boa parte disso ao grupo com o qual convivo.

O tempo é meu instrumento preferido, temos de nos dar muito bem para que eu possa dar conta da rotina diária tranquilamente. É surpreendente como nossas 24 horas do dia podem render tanto depois de se tornar um ETIM!

Por mais dificuldades que existam no caminho, acredito que estou nesta escola porque é aqui que vou construir meu futuro da melhor maneira possível e não haveria melhor lugar para viver minha adolescência. Se cheguei até este lugar é porque me esforcei por toda a vida para chegar em um

ANEXOS

patamar melhor, e agora colho do meu trabalho. Tenho plena certeza que daqui vou levar algumas das melhores lembranças e algumas das maiores saudades também.

ETEC DR. JÚLIO CARDOSO

Danielle Cristina – Minhas Conquistas e Aprendizagens (Autobiografia)

Autora: Danielle Cristina Teodoro de Souza
Curso: Etim Administração
Ano: 2º

Nasci na cidade de Franca, estado de São Paulo, meus pais, Marco Antônio de Souza e Marta Basilio Teodoro de Souza sempre se preocuparam com a minha educação e com a de meus irmãos. Ensinaram-nos a dar valor aos princípios de Deus, aos estudos e à família.

Aos dez anos terminei com mérito o Ensino Fundamental I, assim, dei início a mais uma fase da minha vida escolar, na qual desenvolvi autonomia para estudar para as provas e fiz novos laços de amizade.

No final do Ensino Fundamental II, o assunto que os alunos das escolas de Franca comentavam era o vestibulinho para passar em uma das escolas mais bem conceituadas do estado de São Paulo, a Etec Doutor Júlio Cardoso, conhecida como Industrial.

Resolvi fazer a prova, mas sem criar muitas expectativas de que seria aprovada, pois afinal eram muitos concorrentes. Durante a inscrição decidi optar por fazer Ensino Médio Integrado ao Ensino Técnico de Administração.

No dia do exame não estava muito nervosa. Era um domingo, o céu estava nublado, minha família e amigos da igreja estavam torcendo e intercedendo por mim, pedindo para que Deus fizesse o melhor.

Passei a virada daquele ano com o seguinte pensamento: “...*Os sonhos de Deus são maiores que os meus, ...Ele vai fazer o que lhe apraz...*”(música: *Os sonhos de Deus – Nani Azevedo*).Chegou então o dia da classificação, fiquei em vigésimo quinto lugar. Fiz minha matrícula e já esperava ansiosamente o começo das aulas.

Primeiro dia de aula, uma quinta-feira, a minha turma era o 1º ADM, a sala estava cheia e como ninguém conhecia ninguém o silêncio era ensurdecedor, entretanto com o passar dos dias fomos nos conhecendo melhor.

Confesso que não foi fácil me adaptar com a nova carga horária com aulas no período da manhã e da tarde, com o novo sistema de avaliação por menções e almoçar na escola foi um pouco estranho,

ANEXOS

porém logo me acostumei às mudanças. Ao longo dos meses tudo se acertou, já tinha feito novas amizades e comecei a me interessar cada vez mais pelo curso.

O primeiro ano do ensino médio foi uma experiência muito boa, expandi meus conhecimentos, desenvolvi muitas habilidades, precisei agir com muita responsabilidade, aprendi a lidar com as pessoas e a trabalhar com coletividade.

Conheci professores muito competentes como Rui Rodrigues, Gabriela Marques, Monique Mendes, Maria Fernanda Domenes, Márcia Rodrigues, Antônio Vitolano, Vinícius Argenti. Esses são apenas alguns dentre tantos que se dedicaram ao nosso processo de aprendizagem.

Particpei de diversos projetos com a escola, como a publicação e a noite de autógrafos das revistas na disciplina de História. Juntamente com colegas de classe realizei o projeto “De olho na faixa” em Gestão Empresarial. Viajei com a classe para três cidades para ver exposições de arte com a professora Luzimeire.

Ser aluno do Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio (Etim) não foi e continua não sendo tarefa fácil, porém tenho certeza que trará recompensas devido aos esforços. Continuarei a viver intensamente cada momento que Deus me permitir viver.

O primeiro dia

Autor: Eduardo Lino
Curso: Etim Administração
Ano: 2º

E tudo se inicia ali, parado, esperado alguma comunicação vinda de qualquer pessoa, sentado, calado, como medo do primeiro dia.

A notícia chegou cedo, logo após o término da prova, -34 questões corretas, será que passei? – a pergunta que não se calou tão cedo, porém o mais prazeroso foi a lista da primeira chamada, - logo em trigésimo quarto. A alegria tomou conta de meu ser fazendo-me pular de felicidade, mas o que mais me intrigava era “O primeiro dia”.

Com os materiais todos novos e organizados da maneira devida, fui dormir, ansioso, o suor escorria da testa até o travesseiro, e eram apenas três da manhã, o barulho do bater da cama manca na cerâmica fria, fazia um canto que incendiava a casa como um metrônomo, mesmo sendo apenas o balançar das pernas.

Já são cinco horas, o despertar foi planejado para as cinco e meia, porém a ansiedade se fantasiou de despertador e me chamou antes do horário. Limpo e devidamente correto, aventurei-me no caminho de casa até o ponto de ônibus, temia o atraso,- Causar uma má impressão logo no primeiro dia, não é bom-, nunca me senti tão prazeroso com o barulho do motor do ônibus, entrei, sentei e não parava de pensar o quão difícil seria estudar nesse liceu, que era tão bem falado.

Até que enfim, me encontro na porta da escola, parado igual uma estátua, pasmo e assustado, e fui eu, o primeiro assustado a tomar atitude e entrar na escola. A lista dizia-me 1ºA, e foi pra lá que eu fui, observei que a porta que nos levaria até as salas estava fechada. Sentei-me, percebi que estava sozinho, sem ninguém, com medo, ansioso e nervoso, o pacote completo de um adolescente.

E deu-se o sinal, caminhei até a sala e vi pessoas desconhecidas, das mais distintas aparências, julguei-as como a capa de um livro, porém estava enganado. Sentei-me na cadeira e num silêncio profundo e constrangedor aguardei o docente. E mais uma vez o nervosismo tomou conta de mim, fazendo suar e tremer, o sangue deslocou das minhas extremidades me deixando totalmente pálido e semelhante a um defunto. Quando inesperadamente uma pessoa me cumprimentou, e vi que estava errado de meus julgamentos, e assim foi, uma atrás da outra, até que o nervosismo se dissipou, ou com outras palavras se fez alegria. No momento vi que aquelas pessoas estavam no mesmo posto que eu, nervosas, eufóricas e ansiosas, a primeira semelhança de todos presentes naquele recinto.

ANEXOS

Enfim, o dia mais bipolar de toda a minha vida, porém o mais entusiasmado. E assim ficou, a vergonha foi embora levando os piores sentimentos que eu sentia, e a recompensa foi grande, usufruindo dela e ainda hei de recebê-la.

Todos me perguntam o que é ser ETIM

Autora: Gabriela Domingos

Curso: Etim Administração

Ano: 2º

Todos me perguntam o que é ser ETIM, fico sem resposta, mas andei pensando e cheguei a uma conclusão, ser ETIM é mais do que gostar é uma paixão. É chorar, sofrer e nunca querer um IZÃO, e sempre acreditar que agora vai mesmo sabendo que não vai. É muito mais do que preparo físico, é correr para a fila do pão, da marmita e do busão. É passar o dia inteiro na escola e chegar em casa e continuar estudando, é ir dormir tarde com o livro na mão, sentado no chão chorando por causa de tanta pressão. É se emocionar com um final de semana sem tarefa para fazer e se sentir culpado ou achar que vai acumular muito dever. Ser ETIM é ser tudo isso, é conhecer os seus professores, diretores e coordenadores e falar deles com admiração, é querer ser igual. Nem sempre temos harmonia, mas temos sempre respeito e solidariedade. Ser ETIM é passar com 40 pessoas que no começo você odeia e depois começa a amar e já começa a chorar só de imaginar o fim do colegial. É conhecer cada detalhe da sua escola mais do que sua própria casa, é querer faltar, mas ter medo de se perder. Ser ETIM é ser tudo isso, é um misto de felicidade, preocupação, paixão e conquistas.

Ser ETIM é ...

Autora: Isabela de Paula
Curso: Etim Administração
Ano: 2º

Ser ETIM é ...

Ser ETIM é
Acordar atrasado pra pegar o “busão”
E sair de casa correndo e nem comer um pão

Ser ETIM é
Ter mil lições
E por dia matar vários leões

Ser ETIM é
Conhecer pessoas incríveis
E assim fazer amizades inesquecíveis

Ser ETIM é
Gastar quase um milhão
Com xerox, ônibus e com o marmitão

Ser ETIM é
Fazer projetos incríveis com emoção
É ser agente de transformação

Ser ETIM é
Ter professores geniais
Que são pessoas mais do que especiais

Ser ETIM
Não é fácil não
Mas dá orgulho e faz um bem “pro” coração

Etec - Um sonho vira realidade

Autora: Marina Julia
Curso: Etim Administração
Ano: 2º

Sempre sonhei em estudar nesta grandeosa escola e desfrutar de tamanho conhecimento,estou falando da Etec Dr.Júlio Cardoso, pertencente ao Centro Paula Souza. Escolhi fazer integrado para absolver uma maior introdução no mercado de trabalho.

Sobre o que penso em estudar neste modelo de ensino, afirmo a qualidade das aulas tanto de curso, quanto de ensino médio, comparado há diversas outras escolas Brasil a fora. Desde que entrei na Etec, percebi a enorme organização em provas, almoço, curso, acervo histórico, e qualidade de ensino,que prioriza a interação do aluno com as aulas e disciplina.

Não é cansativo, não é exaustivo. É difícil sim! Mas ninguém disse que seria fácil, quem quer vai à luta e supera seus limites, sempre querendo melhorar a sí próprio.

ETEC ERMELINDA GIANNINI TEIXEIRA

Cansativo! Realmente cansativo...

Autora: Mariana Vieira Farias
Curso: ETIM

Cansativo! Realmente cansativo...

...Inicialmente era tudo maravilhoso eu não imaginava que iria passar no Vestibulinho, e aqui estou, no segundo ano do ensino médio integrado a informática para programação. Inicialmente eu estava tão empolgada que via unicórnios e borboletas... (eu não uso drogas). Depois da tempestade sempre vem o arco-íris não é mesmo? Bem, comigo foi ao contrário, nas primeiras semanas vieram trabalhos, provas, e seminários (muitos seminários) Não sei pra que tanto! Mas enfim... A frase típica que você ouvirá praticamente todos os dias ao entrar na Etec é: “tem trabalho/lição/prova/seminário para fazer ou entregar?” A resposta será “sim”. Além disso tudo a Etec é um bom lugar vamos dizer que é nossa “segunda casa” (hehe).

Contanto o ensino técnico achei muito legal, é um bom curso e ótima escolha, eu aprendo coisas que eu não tinha noção na informática

Realmente eu gosto de fazer o ETIM, além de ser cansativo é uma boa escolha para os jovens, eu recomendo!

Etec FRANCISCO GARCIA

Ser aluno na Etec Francisco Garcia é ...

Autor: Thais Henrique Pereira
Curso: Ensino Médio
Ano: 3º

“Ser aluno na Etec Francisco Garcia é ...

Partilhar conhecimento com pessoas amigas;

Aprender todos os dias com profissionais qualificados;

Dedicar três anos a uma instituição que é reconhecida por sua excelência,

Organizar e participar de SIPAT, Semana Paulo Freire e Feiras de Profissões;

Passar tempo suficiente na escola a ponto de chamar de segunda casa,

Ter respeito e admiração pelos professores e funcionários,

Amadurecer pensamentos e ações em prol da união,

Festejar com conquistas e ser solidário com os necessitados!

A Etec Francisco Garcia é uma escola para a felicidade!”

Como é estudar no Etim

Autor: Letícia de Paula Januário
Curso: Etim Administração
Ano: 3º

“Tudo começa com a escolha de fazer o Ensino Técnico Integrado ao Médio. No início, uma escolha despreparada, praticamente sem perspectiva alguma, mas logo começam as responsabilidades e a convivência com pessoas que não conhecemos, mas com o tempo tornam-se importantes em nossa história. O que aprendemos aqui é muito mais do que matérias que nos tornarão bons profissionais. Aprendemos, principalmente, como ser pessoas melhores. Levaremos conosco um pouco de cada amigo, de cada momento e de cada sorriso.

A responsabilidade é grande, maior do que imaginávamos, mas todo aprendizado e esforço valem a pena. Estamos no último ano e temos certeza de que o Etim foi uma das melhores decisões de nossas vidas!”

ETEC GUARACY SILVEIRA

Para a melhor versão de mim que puder

Autor: Victoria Silva
Curso: Ensino Médio
Ano: 2º

O ambiente da Etec é um lugar de amadurecimento para muitos alunos, como foi e é para mim. Majoritariamente vindos de escolas particulares, é imensurável o choque cultural que acontece aos calouros nos primeiros contatos com a instituição; maior ainda é o choque político-pedagógico entre as fundações. No Guaracy Silveira, as análises e abordagens menos metódicas relativas ao mercado de trabalho, aliadas ao ensino técnico, proporcionam uma compreensão mais holística do assunto; os eventos com palestrantes de diversas universidades sanam dúvidas e auxiliam na escolha da profissão; o incentivo dado diariamente, vindo de todos os “degraus” da hierarquia – professores, orientadores, coordenadores; e, principalmente, a cultura de responsabilidade que é conduzida pelo colégio, tiram os recém-chegados de suas respectivas zonas de conforto e os modelam para o futuro profissional.

Cresci com as mesmas pessoas (que levavam os mesmos estilos de vida que eu), durante a minha estadia numa escola particular – que durou dez dos meus quinze anos. E, mesmo que incentivados e repetidos em sala de aula, o chavão “respeite as diferenças” e os sermões sobre a vida e os deveres de um adulto responsável não fazem sentido até que você de fato os vivencie.

Minha antiga escola antiga era daquelas que pensava que liberdade sempre é (e sempre tem que ser) o oposto da ordem, do bom funcionamento. Quando é que eu pensaria que um dia veria coordenadores circulando calmamente pelos corredores – e não trancados em suas salas, saindo ocasionalmente para caçar ‘cabuladores’?

Hoje, comparando minhas curtas e únicas duas experiências, acredito que um dos problemas que afetam o sistema educacional é a desumanização dos professores que as escolas particulares fomentam – e que as públicas refletem, por estarem inseridas na mesma sociedade. Professores não podem opinar (e muito menos debater casualmente) sobre um assunto qualquer fora de seu tema de aula, sob penalidades que vão de eloquente advertência a convite amistoso de saída, por parte da direção. Isso tudo porque “os alunos são o elo fraco na relação professor-pupilo, e qualquer exposição a ideologias pessoais vai influenciá-los e doutriná-los”, indefesos que são. Mas não debater em absoluto não surte o mesmo efeito, a longo prazo?

Minha opinião costumava ser uma colagem dos posicionamentos das minhas coordenadoras, dos meus professores, dos meus pais e do que passava no telejornal do almoço, veja você. E eu nunca fui incitada a entrar numa conversa crítica – muito menos fui exposta a monólogos doutrinadores de ninguém. Ao mesmo tempo, a palavra de um professor era ligada a sua autoridade – logo, quase indubitável.

Outra tendência que percebo (tendo minhas experiências pessoais como fundamento) é a cultura do espírito de cliente. Se ser consumidor é “o novo preto” no mundo globalizado, virar cliente é a (nova?) moda dentre os alunos de escolas particulares. Eu tenho um amigo que, dois anos atrás, precisava tirar doze no quarto bimestre para passar de ano – somando-se os cinco pontos mínimos da média azul aos sete que ele devia ao professor de matemática; e sim, a nota máxima era dez. Eu disse a ele, antes da recuperação, que ele realmente revolucionaria a área de exatas se conseguisse encaixar doze pontos em dez, e ele conseguiu. Acontece que um forte espírito metamorfo rondava os corredores da direção, pronto para alterar quaisquer regras que impedissem um freguês (digo, estudante) de passar de ano.

A magia do “manda quem pode” em todo seu esplendor.

Apesar dos pesares, ingratos não passarão: minha escola anterior foi o que me proporcionou passar num vestibulinho concorrido e estar no meio de pessoas maravilhosas, com quem tenho o privilégio de conviver. Mas isso não atenua a situação: a contextualização e a aplicação do ensino é um problema, em muitos lugares. A clássica máxima “a prova faz parte da sua vida” exemplifica muito bem o que eu quero dizer aqui. Óbvio que a pragmatização total e completa do aprendizado implicaria na capitulação das artes e da criatividade humana; com o cerceamento dos saberes, fabrica-se uma sociedade de robôs que tudo aceitam de bom grado, sem pensar fora da caixa. Já é difícil fugir das armadilhas da pós-verdade tendo um mínimo de conhecimento e criticidade, ao ser bombardeado por uma enxurrada de informações por segundo; e, se no campo sociopolítico já temos dificuldades – com a existência de escolas e instituições que se prestam contra esse fluxo –, a questão da cidadania vai sendo rebaixada de classe para classe, de série C para série D.

E, nesse ponto, a cultura de cliente mostra-se presente nas esferas dos serviços públicos, também. Clama-se nas ruas e nas conversas irritadas por atendimento do governo que preste, joga-se a imagem das escolas públicas no lixo; mas superestimam-se os direitos, negligenciam-se os deveres e confunde-se cidadania com voto, máquina pública com prestador personnalité.

Essas são pautas do lugar onde eu estudo agora – onde discutimos dogmas ainda em vigor às sete da manhã e lutamos contra os preconceitos velados em cada frase despreocupada. Este é um dos traços marcantes da minha Etec: a política de formar cidadãos, de criar responsabilidade em quem

ANEXOS

antes não tinha e arrumar para fora. Preparar para o mercado sim, mas antes para a vida. Devo quem sou hoje àqueles que me moldaram um dia, e sei que me são oferecidas ferramentas para ser, amanhã, a melhor versão de mim que puder.

ETEC DE HELIÓPOLIS

Um Cordel pra Minha Etec

Autores:

3º Ensino Médio (Alfa e Beta)

3º ETIM de Informática

3º ETIM de Nutrição

Lista dos autores ao final da comunicação.

Orientador: Prof. Francisco Fagner A. Pinheiro.

UM CORDEL PRA MINHA
ETEC

Um cordel pra minha escola
Pediram pra eu fazer
Com o amor que tenho a ela
Bem lindo ele há de ser
Com a frase que me resta
Digo “estudar é festa”
No lugar que vi crescer

Isso é um bom desafio
Bem difícil de fazer
Um cordel pra minha ETEC
É um orgulho de escrever
Foram só momentos lindos
Nunca serão esquecidos
Caminhos para escolher

Eu estudo numa escola
Onde fiz muitos amigos
Um lugar bem diferente
Quase não há inimigos
A ETEC é sensacional
Ler aqui? Fundamental
Livros, revistas, artigos

Sete e meia aqui se entra
Mas sempre há um atrasado
Não sei como a Cinthia
aguenta
Esse povo complicado
Sou um deles, sem moral
Então não vou falar mal
Pois nisso eu sou aliado

Essa escola é uma loucura
Tem gente de todo jeito
Pensamentos diferentes
Mas aqui rola respeito
Sempre há muita emoção
Alunos com o coração
Batendo forte no peito

Quando cheguei por aqui
Tudo parecia estranho
Depois que me acostumei
Percebi que era um ganho
Pois aqui há liberdade
É uma escola sem grade
E o saber é sem tamanho

Na ETEC HP
Todo mundo é da hora
Todos times são unidos
As meninas jogam bola
Seja vôlei, futebol
Faça chuva ou faça sol
Eles gritam “deu a hora!”

Lugar onde eu encontrei
Estudos e amigos bons
Foi aqui que conheci
Pessoas de vários tons
Mas tenho que te contar
Quando tudo terminar
Saberemos nossos dons

Nós entramos nessa escola
Sem saber o que encontrar
Mas em muito pouco tempo

Amamos este lugar
Quando chega o fim do ano
A pressão vai aumentando
Temos que nos preparar

Em um espaço qualquer
Onde o ensino domina
No verde um tom de giz
branco

Cada traço se imagina
Cada história uma canção
Que desperta a emoção
Cria na mente a magia

Nosso símbolo é a fênix
É um tanto engraçado
Pois para estudar aqui
É um pouco complicado
Três anos muito corridos
Fazendo grandes amigos
Nossos caminhos traçados

Minha escola é minha casa
A ETEC é o meu lar
Eu como, durmo e estudo
Não consigo sossegar
Tenho muitos professores
Que nos fizeram autores
Não tem como não amar

Minha escola é uma figura
Muito aluno, muita aluna
Pouca mesa pra canhoto
Cuidado com a coluna

ANEXOS

A barrinha acabou
Suco nos abandonou
Precisamos de fortuna

Uma janela quebrada
Nosso coração também
Temos muitos conhecidos
Estamos de pé, porém
Respeitando cada espaço
Entrando em cada
compasso
No fim estamos além

Seja Alfa ou seja Beta
Sempre há muita lição
Muita coisa pra fazer
Sem contar dissertação
Na ETEC o que não falta
É aluno nota alta
Que só tem aprovação

A minha ETEC é bem vista
Por isso entrei aqui
Buscando por coisas novas
Coisas que eu nunca vivi
Isso agora é o meu fardo
É um trabalho tão árduo
Mas nunca me arrependi

Nessa escola sem os muros
Tem gente bem diferente
Com o semblante obscuro
Ou até mesmo contente
O sol que nos faz sorrir
Fazendo-nos prosseguir
E mudar constantemente

Novo ano começou
O ano de se formar
Mas só vai acontecer
Se muito a gente estudar
Todos vamos empolgados

E no final triunfados
Todos nós vamos ganhar

Todos entram e saem
unidos
Junto ao sol, ao amanhecer
Falam, ouvem e resolvem
Ao tardar, fim do saber
Regressam todos cansados
Mas talvez sempre
animados
Cada dia um aprender

Nossa ETEC é diferente
Aqui não temos sinal
A gente aqui se diverte
E aprendemos no final
Há coisas sérias demais
Mas sem assuntos banais
Sim, essa ETEC é real!

A ETEC não é fácil
Só trabalho pra fazer
Tem o TCC do ETIM
Poucas horas de lazer
Respeito é essencial
Escola sensacional
Estudar é um prazer

Quando cheguei na escola
Tudo era diferente
Conheci os professores
Conheci bastante gente
As notas vou melhorar
Um bom futuro alcançar
Deixar minha mãe contente

Eu gosto dos meus amigos
Curto pacas minha escola
Na calma vou estudando
No ENEM nunca se cola
Tô seguindo o meu caminho
Assim como passarinho
Minha rima é como bola

Em meu peito algo queima
Duma maneira tão quente
Como a Fênix renasce
Com o fogo mais ardente
É fogo, mas não se alarde
Escola de qualidade
Um amor meu aparente

Minha ETEC é diferente
Tantos gostos, tantos rostos
Porém a gente se entende
Cumprindo o que foi
proposto
Fazendo nossa história
Registrada na memória
Uma escolha de bom gosto

Enfim somos terceiro
Minha querida escola
Entre começos e fins
Escrevemos nossa história
Matemática e Inglês
E o Fagner em Português
No coração e memória

Professores gente fina
Alunos muito legais
Ibituruna delícia
Estudar é bom demais
Quando eu for pra
faculdade
Vai bater uma saudade
Tempos que não voltam
mais

Todos vão se despedir
Quando o dia amanhecer
Vamos todos dizer “tchau”
Quando o sol resplandecer
Tenho muita gratidão
ETEC do coração
Obrigado, até mais ver!

Turmas participantes: (EM) 3º alfa, 3º beta, (ETIMs) 3º info e 3º nutri
 Professor organizador: Prof. Fco. Fagner
 Disciplinas envolvidas: Língua Portuguesa, Literatura e Redação

UM CORDEL PRA
 MINHA ETEC

Um cordel pra minha escola
 Pediram pra eu fazer
 Com o amor que tenho a ela
 Bem lindo ele há de ser
 Com a frase que me resta
 Digo "estudar é festa"
 No lugar que vi crescer

Isso é um bom desafio
 Bem difícil de fazer
 Um cordel pra minha ETEC
 É um orgulho de escrever
 Foram só momentos lindos
 Nunca serão esquecidos
 Caminhos para escolher

Eu estudo numa escola
 Onde fiz muitos amigos
 Um lugar bem diferente
 Quase não há inimigos
 A ETEC é sensacional
 Ler aqui? Fundamental
 Livros, revistas, artigos

Sete e meia aqui se entra
 Mas sempre há um atrasado
 Não sei como a Cinthia aguenta
 Esse povo complicado
 Sou um deles, sem moral
 Então não vou falar mal
 Pois nisso eu sou aliado

Essa escola é uma loucura
 Tem gente de todo jeito
 Pensamentos diferentes
 Mas aqui rola respeito
 Sempre há muita emoção
 Alunos com o coração
 Batendo forte no peito

Quando cheguei por aqui
 Tudo parecia estranho
 Depois que me acostumei
 Percebi que era um ganho
 Pois aqui há liberdade
 É uma escola sem grade
 E o saber é sem tamanho

Na ETEC HP
 Todo mundo é da hora
 Todos times são unidos
 As meninas jogam bola
 Seja vôlei, futebol
 Faça chuva ou faça sol
 Eles gritam "deu a hora!"

Lugar onde eu encontrei
 Estudos e amigos bons
 Foi aqui que conheci
 Pessoas de vários tons
 Mas tenho que te contar
 Quando tudo terminar
 Saberemos nossos dons

Nós entramos nessa escola
 Sem saber o que encontrar
 Mas em muito pouco tempo
 Amamos este lugar
 Quando chega o fim do ano
 A pressão vai aumentando
 Temos que nos preparar

Em um espaço qualquer
 Onde o ensino domina
 No verde um tom de giz branco
 Cada traço se imagina
 Cada história uma canção
 Que desperta a emoção
 Cria na mente a magia

Nosso símbolo é a fênix
 É um tanto engraçado
 Pois para estudar aqui
 É um pouco complicado
 Três anos muito corridos
 Fazendo grandes amigos
 Nossos caminhos traçados

Minha escola é minha casa
 A ETEC é o meu lar
 Eu como, durmo e estudo
 Não consigo sossegar
 Tenho muitos professores
 Que nos fizeram autores
 Não tem como não amar

Minha escola é uma figura
 Muito aluno, muita aluna
 Pouca mesa pra canhoto
 Cuidado com a coluna
 A barrinha acabou
 Suco nos abandonou
 Precisamos de fortuna

Uma janela quebrada
 Nosso coração também
 Temos muitos conhecidos
 Estamos de pé, porém
 Respeitando cada espaço
 Entrando em cada compasso
 No fim estamos além

Seja Alfa ou seja Beta
 Sempre há muita lição
 Muita coisa pra fazer
 Sem contar dissertação
 Na ETEC o que não falta
 É aluno nota alta
 Que só tem aprovação

A minha ETEC é bem vista
 Por isso entrei aqui
 Buscando por coisas novas
 Coisas que eu nunca vivi
 Isso agora é o meu fardo
 É um trabalho tão árduo
 Mas nunca me arrependi

Nessa escola sem os muros
 Tem gente bem diferente
 Com o semblante obscuro
 Ou até mesmo contente
 O sol que nos faz sorrir
 Fazendo-nos prosseguir
 E mudar constantemente

Novo ano começou
 O ano de se formar
 Mas só vai acontecer
 Se muito a gente estudar
 Todos vamos empolgados
 E no final triunfados
 Todos nós vamos ganhar

Todos entram e saem unidos
 Junto ao sol, ao amanhecer
 Falam, ouvem e resolvem
 Ao tardar, fim do saber
 Regressam todos cansados
 Mas talvez sempre animados
 Cada dia um aprender

Nossa ETEC é diferente
 Aqui não temos sinal
 A gente aqui se diverte
 E aprendemos no final
 Há coisas sérias demais
 Mas sem assuntos banais
 Sim, essa ETEC é real

A ETEC não é fácil
 Só trabalho pra fazer
 Tem o TCC do ETIM
 Poucas horas de lazer
 Respeito é essencial
 Escola sensacional
 Estudar é um prazer

Quando cheguei na escola
 Tudo era diferente
 Conheci os professores
 Conheci bastante gente
 As notas vou melhorar
 Um bom futuro alcançar
 Deixar minha mãe contente

Eu gosto dos meus amigos
 Curto pacas minha escola
 Na calma vou estudando
 No ENEM nunca se cola
 Tô seguindo o meu caminho
 Assim como passarinho
 Minha rima é como bola

Em meu peito algo queima
 Duma maneira tão quente
 Como a Fênix renasce
 Com o fogo mais ardente
 É fogo, mas não se alarde
 Escola de qualidade
 Um amor meu aparente

Minha ETEC é diferente
 Tantos gostos, tantos rostos
 Porém a gente se entende
 Cumprindo o que foi proposto
 Fazendo nossa história
 Registrada na memória
 Uma escolha de bom gosto

Enfim somos terceirão
 Minha querida escola
 Entre começos e fins
 Escrevemos nossa história
 Matemática e Inglês
 E o Fagner em Português
 No coração e memória

Professores gente fina
 Alunos muito legais
 Ibituruna delícia
 Estudar é bom demais
 Quando eu for pra faculdade
 Vai bater uma saudade
 Tempos que não voltam mais

Todos vão se despedir
 Quando o dia amanhecer
 Vamos todos dizer "tchau"
 Quando o sol resplandecer
 Tenho muita gratidão
 ETEC do coração
 Obrigado, até mais ver!

ANEXOS

Autores:

ANA PAULA DE SOUZA SANTOS
ANDERSON LOWRHAN SANTOS
ANDRESSA PEREIRA DE ANDRADE
BEATRIZ DE LIMA GOUVEIA DA SILVA
BEATRIZ SILVA ARAUJO
BIANCA ARAUJO FREITAS
CAROLINA MARTINS NAZARENO
DAIANE COSTA DE SOUSA
EDERLOPE PIRES ROCHA
EDUARDO DE JESUS CORREIA
ESTER FIGUEIREDO DE SOUSA
GABRIELLA DE SOUSA SA
GEIZIANE OLIVEIRA DE SOUTO
GIOVANNA JARDINI MONTEIRO
GUILHERME DAMASCENO DA SILVA
GUSTAVO HENRIQUE VIEIRA DE OLIVEIRA
IGOR SILVA DOS SANTOS
INGRID SILVA DE SANTANA
ISABELLA DE SANTANA MUNERON
JESSICA SANTANA DE ANDRADE
KATIA GOMES DE BRITO LIMA
LUCAS DE SOUSA PEREIRA
MARCELA GOMES DOS SANTOS
MARIANA FREIRE LIMA
MIKA HAKKENEN DOS ANJOS BARBOSA
NEIDE UZUN DE ALMEIDA ROMERO
PATRICK GONCALVES CAVALCANTI
PEDRO HENRIQUE DA SILVA OLIVEIRA
RAFAEL DA COSTA NOBRE
RAISSA DE CARVALHO SOUZA
RAUL ERICLES DA SILVA SOUZA
ROBSON COSTA LIMA
THIAGO CRUZ DA SILVA
VANESSA LAGES CERQUETANI
VINICIUS MATHEUS OLIVEIRA COBELO
VITOR DA SILVA VERAS
VITOR DUQUE BRITO
VIVIANE CAMPOS VAZ
AILTON ALEXANDRINO DA SILVA
AMANDA DO CARMO MARTINS
BEATRIZ BATISTA
CAROLLINE RODRIGUES DA SILVA
ERIKA SILVA DE SOUSA
ESTHER MOREIRA MACEDO
FELIPE YUKIO TSUTSUMI
FERNANDA MORAES RIBEIRO DE JESUS
FRANCISCO EDUARDO LIMA DE OLIVEIRA
GABRIELI DE OLIVEIRA SOARES
GABRIELLY MORAIS DA COSTA
GUILHERME DE LIMA SANTOS
GUSTAVO RIBEIRO DE MOURA
HALINE PERES MARQUES
HIPOLITO
HELLEN ALMEIDA FELIX
HELLEN CRISTINA DOS SANTOS
HENRIQUE BORGES LIMA
JOSE DE ARIMATEA SILVA NETO
JOSE RAMOS SOARES NETO
KAROLAYNE DE QUEIROZ CAMPOS
KAUE FERNANDES BATISTA
KEREN NASCIMENTO
LAIS HEITOR DO PRADO
LARISSA SOUSA DA COSTA
LETICIA LESSA FERREIRA DA SILVA
LIZANDRA CRISTINA RAMOS FERREIRA
LUARA PEREIRA RIBEIRO
LUCAS ESPINDOLA DE OLIVEIRA
MARCOS HENRIQUE MOURA BARBOSA
MARCOS VINICIUS ALVES FERREIRA
MARIANA DE OLIVEIRA MONTENEGRO
MATHEUS DE SOUSA PEREIRA
MATHEUS GAUDENCIO MATIAS
MICHELLI DA SILVA LOPES
NICOLLY SANTANA NUNES
PATRICIA PAGANI
YASMIM BARBOSA DA SILVA
YASMIM CASSEMIRA DA SILVA
ALESSANDRA SANTANA SOUSA
ALEXIA DA SILVA GARRIDO LOPES
AMANDA DE SOUZA CASALI
ANA PAULA SILVA DE ARAUJO
ANDERSON ARAUJO DE SOUSA
BARBARA DERCOLI PINTO
BEATRIZ VITORIANO DA SILVA
DENER DO VALE DA SILVA
FELIPE MORENO BORGES
GABRIELA MACHADO MARQUES CALDEIRA
GABRIELLE CABALIN SOARES
GUILHERME DANIEL DO NASCIMENTO
GUILHERME GODFRIED DE SOUZA
GUSTAVO ALISSON ROCHA SOUSA
HENRIQUE UZUM LEITE
INAE DUARTE VALENTE
ISAQUE DA SILVA ROCHA
KELMY SILVA DE OLIVEIRA
KEVEN CARLOS DA SILVA
LEONARDO BESERRA DA SILVA
LEONARDO FERREIRA DUARTE
LEONARDO SILVA PIMENTEL
LUAN PEREIRA DA SILVA
LUCAS MAJADO DE ANDRADE
PEDRO HENRIQUE BARBOSA DA SILVA
RENAN MOREIRA VIEIRA
RONY MESQUITA DA SILVA
RUY GOMES FARIAS
STEFANIE DA SILVA GOMES
VANESSA DE SOUSA BLASQUES
VINICIUS VIANA DOMINGOS
VITORIA GABRIELLE REIS DE OLIVEIRA
VLADSON AQUILA LIMA OLIVEIRA
WILLIAN UZUM LEITE
ALEXANDRE TUMA JUNIOR
AMANDA LANDEIRO DE ALMEIDA
ANDRESSA FERNANDEZ PERES
BRUNA ALEXANDRE OLIVEIRA
BRUNA BRUN SILVA
CARINA LINS NOBRE
CAROLINE SOUZA DE OLIVEIRA
DANIELLE SAMPAIO DE CASTRO
DARA ELAINE GOMES DA SILVA
EMILYN MEDEIROS DE SOUZA
ESTER VITORIA INACIO LOPES
FABIANA CORTEZ MAZO
FERNANDA LINS VIEIRA
GABRIELA APARECIDA SOBRAL
VARGAS VIEIRA
IGOR SANTANA DE FREITAS
INGRID DA SILVA LEMOS
ISADORA SANTOS VALENSUELA
IZABELI DA SILVA DE CARVALHO
JAQUELINE BRITO SANTANA
JULIA MARIA DE SOUZA
KARIN MIYUKI SOUZA TOMIYOSHI
KARINA COSTA DOS SANTOS
KAROLINE APARECIDA DA SILVA DE OLIVEIRA
KEYCILA DE SOUSA MACEDO SANTOS
LARA LOPES ALVES RIVA
LAYS ALVES JERONIMO
MARIA EDUARDA COSTA BRAZ
MARIANE NOVAES COUTINHO
MAYRA DE SOUSA COSTA
MICHELE BATISTA DOS SANTOS
NICOLE CRISTINE PEREIRA DE CARVALHO SILVA
SOFIA PAYTL AFFONSO FRANCA
TALYTA LAYLA BOTELHO SANTOS
THIFANY MARJORIE ANTONIASSI
VICTORIA PRUDENTE SILVA
VINICIUS DOS SANTOS PEREIRA
YARA FERREIRA RODRIGUES

ETEC MARTINHO DI CIERO

Nascimento do Lucas

Autor: Nicolas Lourenço Peroni

Curso: ETIM

Ano: 2º



Nestes últimos tempos descobri como a vida pode nos trazer em lugares maravilhosos com pessoas incríveis e fazendo coisas extraordinários

Há cerca de um ano entrei uma nova aventura, que escritor nenhum contou., esta grande jornada mostrou-me o quão é fascinante descobrir, questionar e argumentar todas coisas que foram criadas por alguém .

Esta aventura começou quando decidi ser um estudante da Etec, e comecei a percorrer um caminho longo, logo me deparei que parecia não ser fácil, mas não é mesmo. Trabalhos vídeos aula praticas, elaboração de revistas, documentários exposições e muita mais. Cada um uma aventura.

Ao Final a sensação de ter cumprido todo os deveres, fica a gratidão maravilhosa de ter feito da melhor forma possível com ajuda dos professores amigos te ajudando a tornar todos os esses obstáculos que a trajetória lhe fornecesse

Ser estudante da Etim é uma dádiva como a vida e ambos, na possibilidade um aprendizado de muitas alegrias e dor

Documentário - Como é ser um aluno do Ensino Médio e Etim?

Autores:

Beatriz Muracami Araujo Francischinelli
beatriz.francischinelli@etec.sp.gov.br

Ana Paula Gomes Maykot
gudryene@hotmail.com

Gudryene dos Santos Ferreira
ana.maykot@etec.sp.gov.br

Curso: ETIM

Ano: 2º



Endereço do Vídeo: <https://youtu.be/Xvg5WUMITzc>

Unimos alunos de todos os anos e cursos da Etec "Martinho di Ciero" para responder ao público como é ser um aluno do Ensino Médio e Etim, com questões relacionadas ao aluno em si, ao futuro que ele espera ter estudando numa Escola de Ensino Técnico, sobre os professores que ali lecionam e suas aulas. Esperamos que todos possam conhecer um pouco da realidade da Etec "Martinho di Ciero" e do seu ensino através desse documentário.

Como é ser um aluno do Ensino Médio e Etim?

Autoras:
Maria Eduarda Araujo,
Natalia Czernucha
Tassiane Mota
Curso: ETIM
Ano: 2º

Todos sabemos ou pelo menos temos a ideia que ser um aluno requer extrema dedicação aos estudos, é uma jornada longa e cansativa, cheia de pontos altos e baixos, mas que ao fim vale a pena. Aluno não é somente o ato de se levantar e ir passar a manhã, tarde ou até o dia todo no ambiente escolar, muito além disso, é aceitar e assumir um compromisso de responsabilidade com você, seu futuro e a escola.

Ser aluno não é de fato muito agradável e divertido, mas o aluno ETIM é aquele que mesmo após um dia inteiro cheio de aulas, provas e trabalhos, chega em casa e estuda toda a matéria que não foi entendida ou até mesmo aquela que entendeu, não por obrigação, mas pela busca de um futuro melhor através do conhecimento. E nesse quesito não falta apoio dos professores e todo o incentivo para que alcance aquele sonho impossível de passar na federal ou até mesmo, na Unicamp.

A escolha do curso técnico reflete fortemente no cotidiano escolar e nas decisões no futuro, afinal é uma decisão que acompanha o aluno por três anos. Ao fim do curso é através dele a facilidade e qualificação no mercado. Portanto, é necessário que a escolha do curso não seja influenciada por amigos ou até mesmo familiares, deve ser feita pela preferência do candidato. Para facilitar nisso, o site da escola comporta a grade curricular e a demanda do curso.

Para ser um bom aluno ETIM vale lembrar que a nota de classificação no Vestibulinho não influenciara em nada ao decorrer dos três anos, e sim o esforço e dedicação dia após dia, para um aprendizado constante.

Mas além de tudo isso, o mais importante em estudar no período integral é ter um bom convívio com os colegas, professores e funcionários da escola, afinal eles se tornarão uma segunda família e farão que o tempo de estudos seja muito mais agradável e fácil.

E apesar de toda uma longa e difícil jornada, ela é recompensada com resultados a curto prazo, seja ainda no ensino médio ou depois da conclusão. Não somente a rotina do aluno é modificada, mas o seu modo de agir, pensar, portar-se e principalmente a ampliação de seus conhecimentos. São aprendizados essenciais e que de fato, todos nós levaremos para a vida toda.

Antes de entrar na ETEC

Autores:
Ana Paula Andrelo
Pedro Alves de Carvalho Reis
Curso: ETIM
Ano: 2º



ANEXOS

Antes de entrar na ETEC é preciso saber se é isso que você realmente quer para o seu ensino médio, pois não iremos mentir: não será fácil! É preciso ter determinação e foco, pois isso será cobrado de você diariamente.

Nossas primeiras impressões foram um pouco diferentes, pois viemos de dois ambientes diferentes: um de colégio público e o outro de colégio particular.

“O que me espantou foi a carga horária, eu já estava preparada, mas a prática é muito diferente da teoria. Eu queria sair na primeira semana, realmente cogitei isso, mas as pessoas da escola foram muito hospitaleiras comigo e com todos os outros alunos, nós nos ajudamos a viver nessa nova vida.” (Ana Paula – 2º Ano Informática).

“Já comigo foi ao contrário, sabia que o método era mais “pesado”, porém o sentimento de grupo tornou as coisas mais fáceis, e por vir de escola particular onde as coisas são mais rígidas, ter essa liberdade que temos na ETEC foi uma coisa interessante de se conquistar.” (Pedro Reis – 2º Ano Informática).

E como tudo na vida só conhecemos algo quando isso cai na normalidade, e com a ETEC não foi diferente, o cotidiano fica complicado, estudar na escola de manhã e de tarde e fazer as lições e trabalhos a noite, e isso é o que não vai faltar, todos os professores gostam de passar um trabalho “de vez em sempre”, cada um na sua maneira e com um nível de dificuldade diferente. Será complicado, mas a pior parte é que você vai gostar de tudo isso.

Mesmo com todos os desafios, estudar na ETEC é uma experiência fantástica e única, a escola se torna a nossa “primeira casa” pelo tempo que passamos lá, os professores e todo o corpo docente te tratam como adulto e de “igual para igual”. E é nesse ambiente que um aluno ETIM se desenvolve, cresce e se torna uma pessoa mais preparada, responsável e madura para lidar com tudo que a vida possa lhe proporcionar.

Ser aluno é alcançar seus objetivos através do conhecimento

Autora: Ariadine Franschinelli
Curso: ETIM



Ser aluno é alcançar seus objetivos através do conhecimento, é através barreiras e superar os próprios obstáculos. É conhecer excelentes profissionais que guiam nas realizações dos seus sonhos, e fazer amigos inesquecíveis, tendo como fonte de inspiração um ambiente fascinante que permite novas surpresas a cada dia.

As Meninas de programação

Autoras:
Dâmaris Bellon
Eduarda Dias
Sara Pereira
Mayara Mello
Larissa Benito
Curso: ETIM



Endereço do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=evj77EFHihI&t=2s>

Ser Um Aluno Etim, Ser uma aluno com possibilidades diferenciadas, tanto na parte pedagógica, quanto nos amigos e professores.

ETEC PADRE JOSÉ NUNES DIAS

Minhas Futuras lembranças

Autora: Juliana da Silva Assoni
Curso: Ensino Médio
Ano: 3º

Eu pensava que nunca iria estudar em uma escola onde não avia muros em volta, é foi ate eu conhecer a Etc de Monte Aprazível. Lembro da primeira vez que fui conhecer com a minha antiga escola, achei um lugar livre e bem calmo, talvez seja porque ela é cheia de árvores e não é fechada.

Ela é como um sítio, mas isso é o que acho mais legal nela. Quando comecei a estudar nela o que me chamou mais atenção foi onde ficam as classes, que é uma grade em volta delas e fica um portão onde nós entramos e seguimos para as classes, para mim é a gaiola, como eu chamo ela, pois acho mais divertido, lá ficam os banheiros e os bebedores para que os alunos não fiquem andando pela escola e facilitando. Não posso me esquecer dos guardas que ficam para fora da gaiola, ficam de olho quem sai ou quem chega da escola garantindo a nossa segurança, ainda mais que tem os alunos que moram na escola.

Nossos recreios são umas coisas inesquecíveis, claro para mim. Nunca imaginaria ter um recreio com a invasão dos porcos que fica na piscicultura, foi muito engraçado e divertido ver as pessoas tentando fazer eles voltarem , uma vez quando cheguei na escola tinha um bezerro andando no pátio como se nada tivesse acontecido. Quando chove temos algumas visitas de uns sapos nos corredores e nas classes, só da algumas meninas gritando de medo, sei que pode ser maldade da minha parte, mas morro de rir quando acontece isso.

Mas como toda a escola sempre acontece algumas brigas e discussões entre os alunos e todas elas são resolvidas rapidamente. Posso dizer que nela não encontra muitas brigas que acabam saindo alunos machucados ou algo assim. Não consigo imaginar mais em outra escola com muros envolta, pois nela me sinto livre e o ar a natureza envolta é a melhor coisa que faz ser única para mim.

ANEXOS

Sentirei saudades dessa escola, pois para mim ela significa muito, as coisas que aprendemos, as diversões, os professores que são doidos iguais aos alunos fazendo as aulas ficarem divertidas e emocionantes, também a nossa biblioteca onde gosto muito de ir pegar uns livro para ler.

Só de imaginar que esse ano é o meu último dá um aperto no coração, ela sempre vai estar nas minhas lembranças e quem sabe um dia no posso dar aulas nela, só o tempo dirá o que vai acontecer, enquanto isso quero aproveitar o máximo.

ETEC PREFEITO BRAZ PASCHOALIN

O Futuro É Logo Ali!

Autores:
Fernanda Barros Esteves
Jhenifer Rayza da Silva Bernardo
Laryana Lopes Victorino
Manuela Vale da Cruz
manuvalemanuelavcruz@outlook.com
Curso: ETIM Administração
Ano: 3º

Ser um estudante da ETEC exige muita responsabilidade, é um desafio desde o início, afinal, carregamos o nome de uma escola com grande fama e importância no meio educacional da cidade de Jandira. Prestar um vestibulinho (para alguns sendo o primeiro da vida) é complicado, especialmente para quem teve formações diferentes. Assim que somos aprovados, o primeiro sentimento por se tornar um “etequiano” é de orgulho. Orgulho de si por encarar novas dinâmicas e desafios, desde a apresentação já percebemos que ser um etequiano seria difícil, mas que compensaria muito.

Nesses 3 anos de muito estudo, fizemos amizades não só entre alunos, mas também com professores e funcionários. Em nossa escola não há muita mudança de professores, por isso criamos vínculos com todos eles. A relação aluno-professor não se encerra após a formação, pois em alguns momentos somos surpreendidos em aula com a visita de ex-alunos.

Nossos professores ensinam que todos os trabalhos, desde os mais simples até os mais complexos (como o TCC), possuem um intuito e um conteúdo a ser passado. Tudo será aproveitado, na vida profissional ou pessoal.

Temos oportunidades incríveis! Novos estudos, como as palestras da semana técnica, a participação em feiras culturais, saraus, atividades científicas e até mesmo nas festas escolares (acolhida, junina, confraternização) são imprescindíveis para nos acostumarmos a trabalhar em equipe e aprendermos mais sobre o que nos espera no mercado de trabalho ou na faculdade.

No ano de 2016, tivemos o privilégio de representar nossa ETEC na Feira Tecnológica do Centro Paula Souza (FETEPS) e apesar de não termos conquistado uma colocação na

premiação de melhores trabalhos do eixo temático, saímos vencedoras apenas por termos sido selecionadas entre centenas de projetos inscritos. Pudemos falar um pouco sobre nossa ETEC para outros participantes, além de interagir com outros alunos, conhecer um pouco de sua rotina em sua ETEC e compartilhar momentos incríveis vividos por aqueles dias.

Definir estratégias pode ser entendido na ETEC como: concretizar ideias, realizar, acreditar no futuro e lutar pelos nossos direitos. Todas as experiências que vivemos nos mostram que somos capazes, que podemos e que conseguimos. Entendemos que podemos sonhar, mas também realizar. Pensar é sair fora da caixa, é ter coragem para libertar seus próprios pensamentos! Todos os professores e funcionários aqui presentes ajudam a passar por momentos difíceis e demonstram que acreditam no nosso potencial.

Ser um aluno da ETEC é enxergar que existem sonhos, e que realizar é uma questão de preparo e planejamento. O futuro é logo ali!

Estudar em uma instituição como a ETEC se torna um desafio desde o início. Prestar um vestibular para uma escola pública é complicado, especialmente para quem vem de condições diferentes nas escolas. Assim que somos aprovados, o primeiro sentimento por se tornar um “etequiano” aparece: orgulho. Orgulho de si mesmo por aceitar o desafio e saber que não é uma instituição como a que você estudava antes, com pessoas diferentes, cada uma de um lugar. Desde a palestra de iniciação já percebemos que ser um etequiano seria difícil, mas que compensaria muito.

Temos oportunidades incríveis em relação a novos estudos, com as palestras da semana técnica, por exemplo. A participação em feiras culturais, saraus, atividades científicas e até mesmo nas festas escolares (acolhida, junina).

Ano passado, tivemos o privilégio de representar nossa ETEC na Feira Tecnológica do Centro Paula Souza (FETEPS) e apesar de não termos ganhado na premiação de melhores trabalhos do eixo temático, saímos vencedoras apenas por termos sido selecionadas entre centenas de projetos inscritos. Além disso, pudemos falar um pouco sobre nossa ETEC para outros participantes, além de interagir com outros alunos, conhecer um pouco de suas rotinas em sua ETEC e compartilhar momentos incríveis vividos por aqueles dias.

FOTOGRAFIAS



Apresentação de danças originárias do Japão e Índia - 2015



Encenação "Auto da Compadecida" Semana Paulo Freire – 2016

ANEXOS



Festa de aniversário surpresa para professor – 2015



Participação FETEPE - 2016

ANEXOS



Participação FETEPS (Fernanda, Jhenifer, Laryana) - 2016



PIC (Projeto de Iniciação Científica) de História – 2016

ANEXOS



Visita ao Arquivo do Estado de São Paulo (PIC de História) – 2016

Os Etequianos

Autores:
Iasmin Santos Sousa
Mateus Antonio de Matos Ritton
Thiago da Silva Oliveira
Curso: ETIM Administração
Ano: 2º

Thiago – Eae galera. Tudo bem? Bom estava eu lá no meu tempo ocioso da vida, daí lembrei de 2014, quando estava fazendo a bendita prova da Etec. Eu achei fácil e vocês?

Iasmin – Eu estou bem sim. Eu achei razoável, nem fácil nem difícil. E você Mateus?

Mateus – Achei a prova um pouco complicada, porque nunca me dei bem com a área de biológicas.

Thiago – Mas vocês fizeram em que ano? Porque a minha prova tinha mais questões de artes.

Iasmin – A nossa prova foi em 2015, praticamente toda relacionada ao solo.

Mateus – Foi complicada a prova, mas enfim tivemos a felicidade de passar, e aqui estamos nós estudando na tão renomada Etec. O que acham da escola?

Thiago – Estressante!

Iasmin – Cansativa e Trabalhosa, apesar de divertida em alguns momentos mesmo quando se trata da gigantesca fila do almoço. Fome!

Mateus – Sim existe uma parte cansativa. Mas nosso foco deve ser aproveitar ao máximo o tempo aqui, porque além de tudo é uma ótima escola, ainda que os trabalhos tomem quase todo o nosso final de semana (risos).

Iasmin – Sim. Lindos e longos trabalhos que tomam praticamente todo o nosso tempo.

Mateus – Sim, os melhores trabalhos são os da Semana Técnica e da Semana Paulo Freire, mas também tem projetos e outras atividades que nos divertem por aqui.

Thiago – Eu gosto muito quando é época de sarau.

lasmin – Sim, a melhor semana é a Paulo Freire, todos os alunos fazem atividades incríveis, criativas e são os protagonistas.

Mateus – É mesmo lasmin, bem melhor que a semana de provas (risos). Tensa!

Thiago – E tipo, tem temas que saem de uma ideia “louca” e se torna concreta, e podemos expressar toda a nossa criatividade nisso e livremente.

lasmin – Gente o que vocês vão fazer na Semana Paulo Freire deste ano?

Mateus – Vou participar da organização do cenário da peça de teatro em minha classe, me interessa bastante por essa área.

lasmin – Que legal! Irei fazer um vídeo com depoimentos de moradores de rua, onde os mesmos contam suas experiências de vida.

Mateus – Nossa! Que maneiro, a Etec nos permite viver várias experiências legais, como essa. Mas também tem a tensão que passamos nas peneiras decisivas e toda a ansiedade para fazer parte da equipe dos jogos InterEtec.

Thiago – Não curto esportes (risos).

lasmin – Gosto de assistir as competições, mas não de participar.

lasmin – Verdade Mateus, experiências que levaremos para a vida.

Thiago – Gosto muito dessa parte, experimentar.

Mateus – A única parte ruim em tudo isso será no terceiro ano, formatura, despedida. Sabendo que essa fase não viveremos tudo outra vez.

lasmin – Sim, fico triste só em pensar.

Mateus – Vai ser uma barra enfrentar tudo isso, mas ok. Nós com toda a vida pela frente devemos nos dedicar e aproveitar ao máximo cada segundo.

lasmin – Sou grata todos os dias por ter contato com tantas pessoas incríveis. Falando nisso o que vocês sentirão mais falta?

Mateus – Da comida.

lasmin – Hum (risos)

Mateus – Agora sério. Sentirei falta dos meus colegas, mas principalmente dos professores, que além do compromisso de ensinar nos aguentam o dia todo!

Iasmin – Sim não é fácil aguentar adolescentes, ainda mais com os nervos à flor da pele. O dia todo falando, as vezes até gritando.

Mateus – (risos) O volume alto seria mais a realidade mesmo. Sem contar os dias em que as horas parecem não passar.

Thiago – Nossa verdade (risos), principalmente na última aula da sexta feira.

Iasmin – (risos). Dura realidade!

Mateus - Tenho muito orgulho de ser estudante da Etec de Jandira. Primeiro porque a Etec te prepara para a vida. Segundo, porque mesmo adolescente, entendo que quando nos dispomos a estudar em uma Etec, abrimos as portas para o amadurecimento, uma espécie de alicerce para o futuro.

Eu, Aluno

Autores:
Natalia Tiliacki
Yasmin Souza
Curso: ETIM Administração
Ano: 2º

Você já pensou em como é ser aluno da Etec, como é a rotina de trabalho, a relação com os professores ou em como as coisas funcionam aqui? Então, esse texto se trata sobre isso.

Tudo começa com o primeiro dia de aula, quando conhecemos a escola e seus funcionários. Era uma nova realidade e como no Mito da Caverna, tudo que é novo, assusta. Mas com o tempo conseguimos nos adaptar.

Muitas coisas podem caracterizar a Etec, como os projetos, as palestras, os eventos, bons alunos, assim como, bons professores que estão sempre dispostos a ensinar, saciando nossa sede de conhecimento e ajudando no processo de transformação.

Aqui temos a liberdade de participação e criação de projetos, como por exemplo, o PIC (Projeto de Iniciação Científica) referente à história do prédio da nossa escola, do qual participamos e já temos muitos resultados.

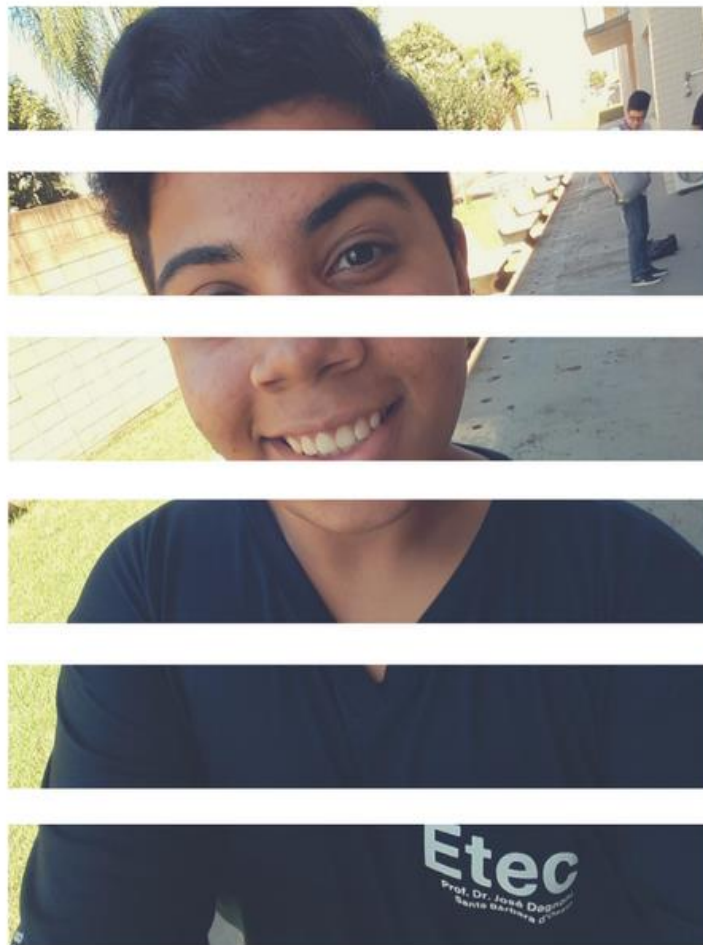
Porém, como tudo na vida (e aqui não seria diferente), temos pontos positivos e negativos. Como positivos nós temos um ensino de qualidade, somos referência na cidade de Jandira e aqui nós somos preparados para o futuro. Como pontos negativos, temos, a sobrecarga de atividades (por termos 17 matérias), a falta de tempo para a vida pessoal (por estudarmos oito horas diárias, sem contar o cursinho extensivo) e por último a falta de recursos.

Em geral, ser aluno da Etec não é fácil, a cada semana de provas passamos por uma árdua experiência, no entanto, não há lágrimas ou l's (menção, que significa Insatisfatório) que tirem a nossa determinação para alcançar nossos objetivos na vida.

Etec PROFESSOR DOUTOR JOSÉ DAGNONI

Como é ser aluno do etim?

Autor: Leny Luz
Curso: ETIM Administração
Ano: 2º



COMO É SER ALUNO DO ETIM?

JOÃO VITOR PEREIRA DA SILVA

ANEXOS

Prazer João Vitor Pereira da Silva, eu tenho 16 anos e estudo na Escola Técnica Estadual Professor Doutor José Dagnoni em Santa Barbara d'Oeste, estou cursando o segundo ano do ensino médio integrado ao técnico em administração e com esse técnico consegui descobrir que o marketing é a área que vou seguir. Aqui na minha cidade é perceptível que não é a maioria que sabe o que é ser um aluno do etim, porque a maioria está acostumada a se conformar com a falta de professores e de conhecimento que as escolas públicas em geral oferecem, e a maior parte dos alunos aqui se contenta com essa precariedade, tal que não é apresentada nas Etec's.

Ser aluno do etim é ter que lidar com quase 20 matérias e surtar quando não consegue assimilar todas de uma só vez, ser aluno do etim é como "rôlé" de final de semana doses e mais doses de saber e conhecimento e quando finalmente nos tornamos entorpecidos por esse saber nos repousamos, e nas poucas horas livres que temos procuramos o que há de novo no mundo para poder estarmos preparados para as perguntas de globalização dos vestibulares, ser aluno do etim, é talvez não ter condição financeira de comprar uma calculadora científica e ter que pedir emprestada para o colega que tem de outra sala para usar nas provas de diversos tipos de matemática que aprendemos, e também oferecer para você leitor essa simples folha A4 no word com todas as regras da ABNT, tendo sempre o medo constante de errar 1cm na margem porque até isso é algo perceptível para os professores.

Ser aluno do etim é encontrar em todos os profissionais da instituição grandes afinidades, porque estes sim fazem seu melhor trabalho e não estão lá só pela estabilidade financeira que seus empregos oferecem, mas também pela realização de dar aula numa escola em que eles podem falar e terem a convicção de que serão ouvidos, e não estarão desperdiçando seus árduos anos de capacitação em suas faculdades, ser aluno do etim é ter que enfrentar filas nos almoços pra esquentar nossas marmitas e olhar a natureza e toda a estrutura bem feita de nossa escola e agradecer por cada miligrama de cimento que foi usado, porque sabemos que foi bem usado e está sendo refletido para nós esse trabalho bem feito.

Mas acima de tudo ser alunos do etim é ter a certeza depois de nos formarmos nossa trajetória não estará completa, pois os valores que as etec's nos agregam estarão presentes em todos os momentos das nossas vidas e sempre saberemos que nunca é tarde demais para se aprender algo novo.

ETEC PROF. ARMANDO JOSÉ FARINAZZO

Querido diário

Autora: Carina Assakawa
Curso: Ensino Médio
Ano: 1º

Mais um dia cansativo, cheguei em casa morta, suada e com muita fome. Fui almoçar para aliviar a sensação de vazio no estômago e depois tomei um bom banho. Que refeição maravilhosa! Comida de vó não tem igual. Ela fez o que mais gosto: strogonoff de frango com batata palha, comi sem deixar um grão no prato. Nossa... e aquela ducha depois do almoço foi muito relaxante, podia jurar que meus problemas tinham sumido.

Quando entrei no quarto e vi a pilha de tarefa e trabalho que tinha para fazer meu ânimo desapareceu na hora, pendurei a toalha na porta e fui realizar minhas obrigações. Tarefa de história, primeiro dever da minha lista. Acho que o professor passou todos os exercícios do livro, era tanta atividade que podia jurar que não tinha fim.

Depois de um longo tempo terminei todas as tarefas, o próximo tópico era trabalho de química. Não sabia se fazia ou chorava, na verdade fiz os dois. A capa não estava ficando no padrão que a escola pedia e fiquei pensando se era burrice ou porque o computador era velho, mas no fim consegui terminá-lo. Não foi fácil, chorei rios, porém deu tudo certo.

Com todas as obrigações feitas, fui revisar a matéria do dia, acho que foi o dever mais fácil. Consegui terminar tudo, literalmente tudo um pouco antes do jantar; então como sou uma menina muito organizada, deixei arrumado o material para o outro dia.

Fui jantar, depois arrumei a cozinha e parti para o banheiro tomar aquele banho de meia hora muito gostoso. Depois do banho, percebi que tinha um tempinho livre e pensei comigo mesma “poxa por que eu não começo a escrever um diário relatando meu dia? Não é uma ótima ideia, mas é melhor que nada”. E aqui estou, escrevendo um diário que nem sei se vou continuar. Bom...meu tempo livre acabou, amanhã é um novo dia e preciso dormir. Ser estudante da Etec não é mole não!

Vida de etequiano

Autora: Eduardo Augusto de Brito Prates
Curso: Ensino Médio
Ano: 1º

Para muitos, a Etec é uma forma de fugir da bagunça e desorganização

da sua antiga escola, mas para mim foi além disso. Eu vi na Etec uma forma de entrar em uma escola de qualidade e gratuita, onde eu posso ter mais chance de ingressar em uma universidade pública: um sonho para muitos. Meu primeiro dia na Etec foi muito interessante, pois conhecemos a escola, nos mostraram as normas escolares, além da dinâmica intervenção que o segundo ano do Ensino Médio e o segundo ano do curso técnico em Informática para Internet Integrado ao Ensino Médio realizaram.

Nos dias seguintes, eu vi que lá não era o “bicho de sete cabeças” que nos foi apresentado anteriormente. Que o aprendizado poderia ser mais divertido e podemos contextualizar o aprendido no nosso cotidiano. Vi que os alunos de outras séries faziam as interações por amor à escola e não por livre e espontânea “pressão”. Pela minha percepção, a relação de professores, direção e alunos é fácil e não como na maioria das escolas em que o medo e a “superioridade” são predominantes. Além disso, quando precisamos, podemos conversar com os responsáveis da escola.

Além da experiência divertida que presenciamos, vimos os resultados evoluírem cada dia mais. Um componente curricular que é oferecido é a língua estrangeira moderna Espanhol, que em muitas escolas não está no currículo, só sendo oferecido em CELs (Centro de Estudos de Línguas). Nessa escola, eu já vivi momentos maravilhosos e apertos. Na maioria dos apertos, foi com a dificuldade dos trabalhos, principalmente em Artes – quando as tintas mancharam e em um deles eu só fiz nove vezes - mas isso só aumentou meu aprendizado.

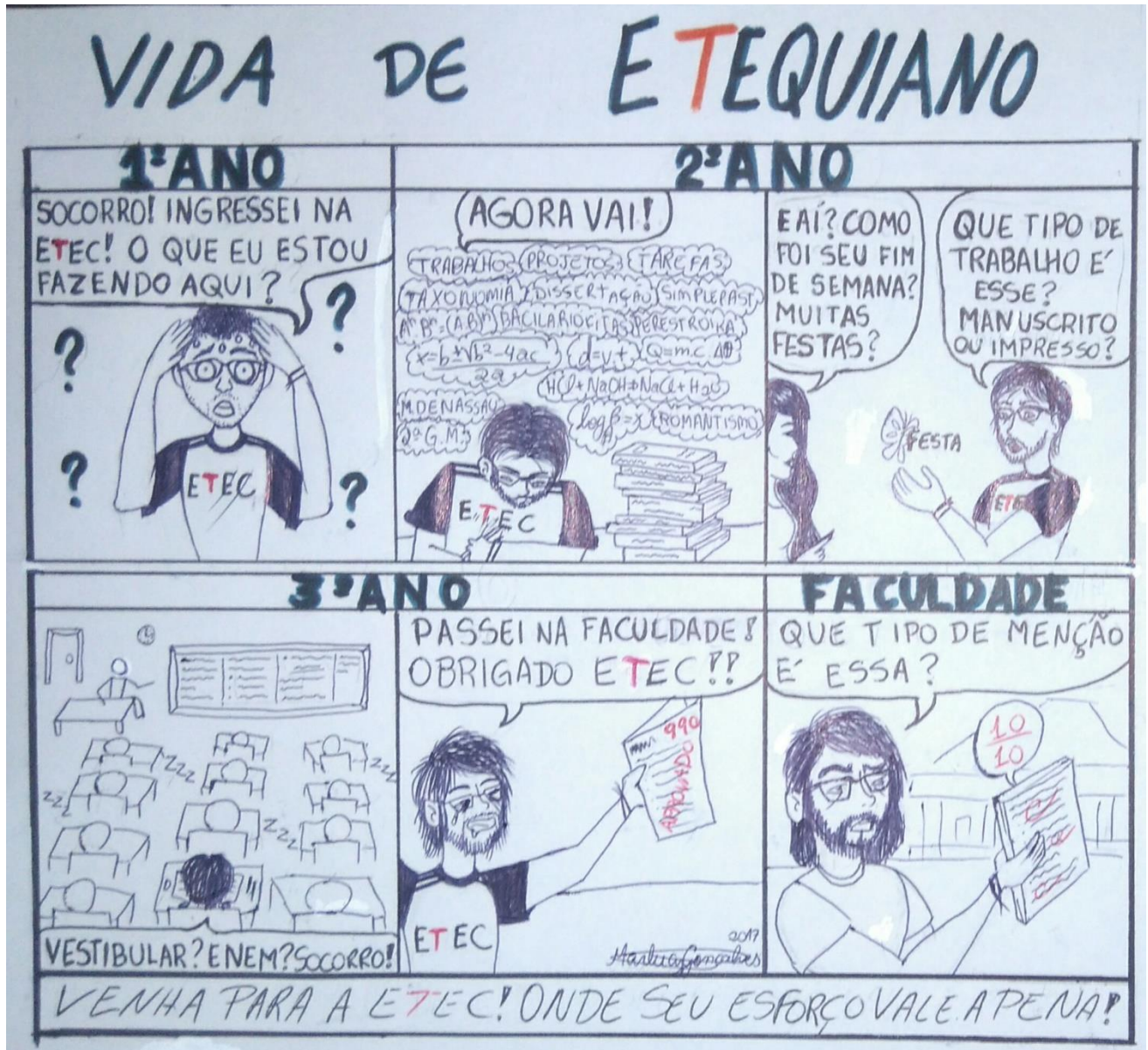
Em Artes, nós vimos a sua história, na qual me impressionou muito com a sua beleza. Em Física consegui aprender muito conteúdo. Nos outros componentes curriculares também aprendi e me desenvolvi. Espero que os próximos bimestres e anos sejam bons como esse.

Vida de Etequiano

Autora: Marlucy Eduarda Josue Gonçalves

Curso: Ensino Médio

Ano: 1º



Um estudante que iniciou o ensino Médio na Etec e estava cheio de dúvidas e anseios. No seu segundo ano, começou a se adaptar a rotina de estudos e no terceiro viu seus esforços sendo recompensados, ao passar na faculdade.

O garoto

Autor: Rafael Fantini Neto

Curso: Ensino Médio

Ano: 1º

Em uma cidade pacata, vivia um garoto, cujo nome não era muito conhecido. Esse menino era excluído de sua turma desde pequeno e para passar seu dia na escola ele vivia com as funcionárias que cuidavam dos alunos. Ele era muito inteligente e por causa disso a maioria de sua turma o invejava e com isso todos o excluía ainda mais. Só lembravam seu nome quando precisava de nota ou para ele fazer o trabalho, ou mesmo passar a resposta da prova e até mesmo a tarefa.

Um dia, esse jovem ouviu falar de uma escola em que o ensino era bem melhor do que na qual ele estudava e para se matricular nessa escola, tinha que prestar um Vestibular; e com isso, ele pensava:- lá só vai ter pessoas inteligentes!-Ninguém o invejaria e também seria uma forma de conseguir fazer amigos de verdade e que não o rodeariam com interesse.

Ao saber disso, o mesmo se inscreveu para participar desse vestibular que aconteceria em um domingo. Sua cabeça ficou cheia de perguntas: “como vou fazer para chegar lá?...Eu tenho que passar! Mas... Se eu não passar o que farei? Me matarei! Melhor não, pois um dia eu vou fazer algo que todos me adorarão, mas ninguém gosta de mim, será que sou tão chato assim?”. Vários problemas o rodeavam porém sua mãe resolveu um desses, descobrindo que teria ônibus pra ele ir prestar a prova e com isso ele a fez.

Depois de vários dias em que prestou o vestibular, saiu a classificação, em que ele ficou em sétimo lugar e as aulas começariam logo, então ele foi correndo fazer a matrícula.

Chegou o dia da primeiro dia de aula e o garoto foi logo fazer amigos, porém, no não conseguiu nada, mas no segundo dia ele conseguiu fazer vários e dessa forma, jurou a si mesmo que se tivesse um aluno da sua turma que estivesse sozinho, ele o faria companhia não deixando ninguém solitário.

Nesta escola ele se tornou muito feliz e com vários amigos, além de receber uma educação em que não se encontrava na sua cidade. Porém, essa escola é cheia de regras, mas era isso que fazia aquele lugar ser o que é. Essa escola mudou a vida desse garoto totalmente e hoje em dia, ele nem pensa em se matar. Sei disso por que eu sou esse garoto e estou

ANEXOS

estudando na Etec Professor Armando José Farinazzo e tenho muito orgulho em dizer que estudo aqui!

ETEC PROFESSOR MÁRIO ANTÔNIO VERZA

Esse é o meu lazer

Autores:
Luiz Gustavo Rodrigues Ferreira
Pedro Paludetto Batista
Curso: Ensino Médio



Endereço do Vídeo: <https://youtu.be/ULO5yo9X-6c>

Os alunos entrevistaram os professores que ministram aulas no Ensino Médio e no ETIM e fizeram a pergunta: **O que você faz além da sala de aula?**

Os professores que aceitaram participar do quadro responderam quais são os seus hobbies e suas atividades quando não estão trabalhando.

ETEC SÃO MATEUS

Como é ser um aluno de ETIM

Autora: Laienny da Silva Brandão
Curso: Etim Administração
Ano: 3º

Para contar a minha experiência com a Etec e tudo que já vivi aqui é necessário que eu conte um pouco sobre as outras escolas por onde passei.

Passei meu ensino fundamental quase que todo em uma escola municipal, eu achava lá muito incrível (mas o que uma criança de 8/9 anos não acha "mágico"?) até que veio meus 13 anos e eu entrei no 9º ano, e foi nesse ano que as coisas começaram a dar errado para mim, até os meus 12 anos eu era uma das melhores alunas da turma, até que o veio 2013 e tudo isso mudou, conheci 3 garotas e nem imagina que elas fariam do meu último ano no fundamental um completo inferno, definitivamente foi o pior ano da minha vida, e foi nesse mesmo ano que eu descobri o real significado da palavra bullying. Passei a ser "perseguida" por essas 3 colegas (que droga de colegas!) de classe, fui ferida, verbalmente e fisicamente, ouvi coisas que não deveriam ser ditas ao pior dos inimigos, fora um episódio que jogaram branquinho no meu cabelo e me empurraram escada abaixo kkk, nesse ano eu comecei a me sentir inútil, como se não fosse importante para ninguém, (tanto que minhas notas foram lá para o submundo de tão baixas) me sentia estranha, diferente, e achava isso horrível, e foi assim que me tornei uma pessoa triste e tímida, aqueles olhos brilhantes e o sorriso enorme já não existiam mais; (Mas por que não contou aos seus pais!?) Eu simplesmente tinha muito medo, preferi esconder (tanto que não sabem disso ainda kkk), porém o ano seguinte era meu último ano naquela escola e graças a Deus essas garotas já não estavam mais na minha sala! (UHULL!!!). Certo dia do ano de 2014 um grupinho veio me chamar é perguntar:

_Hey Lay! Você vai prestar vestibulinho para Etec? Pensei: "O QUE É ETEC?" e acabei

respondendo: "Claro, por quê não?"

Então fui pesquisar sobre, e acabei descobrindo a Etec São Mateus, foi então que decidi realmente me inscrever para tal, contudo veio a dúvida cruel...

"QUE CURSO FAREI!?"

Informática? Não sou tecnológica, PRÓXIMO...

Segurança do trabalho? Mas que diabos é isso? Nutrição? Não eu colocaria fogo na escola sem querer. Administração? PERFEITO ?.

Foi escolhido ADM, fiz a prova e mais ou menos um mês depois a notícia...

"Paaaii, Mãee! Passei!!!"

Uau! Mas, e agora? Escola nova, novos professores, gente nova? Tudo novo! Eu estava apavorada, "O que será de mim?", MEDO! Foi o sentimento que tomou conta de mim. Logo chegou Fevereiro, e junto com esse belo mês o início das aulas, "milhares" de rostos nunca vistos antes, de repente toca o sinal, cada um em busca de sua nova sala, calouros e veteranos vagavam por entre os corredores da Etec, vejo um garoto que parecia tão perdido quanto eu...

_Hey garoto! Como você se chama? Yago era seu nome _Para onde está indo?

Por coincidência ou destino (ainda não sei), ele também estava a procura da sala do

1º ETIM de ADMINISTRAÇÃO,

_Você parece estar perdido, já que também estou, vamos procurar juntos.

Depois de muito procurar, finalmente achamos (ALELUIA!!!), entramos sala e lá estavam 38 pessoas totalmente desconhecidas, com um certo pânico em seus olhares, sentamos, e a única coisa que passava pela minha cabeça era "SOCORRO! O QUE É QUE EU ESTOU FAZENDO AQUI?", sem sombra de dúvidas a primeira semana foi insana e muito difícil, por conta das adaptações ao horário e aos novos colegas, com o passar das semanas todos nós fomos nos aproximando e criando laços, eram 40 vidas que não se conheciam, 40 rostos, 40 personalidades, 40 mundos diferentes, cada um com seu modo exclusivo de enxergar as coisas ao seu redor.

Ao passar dos meses fui observando cada ser que habitava aquela sala de aula, pude perceber a mistura de tamanhos, cores, cabelos entre outras características de cada "personagem" ali presente, e vi que cada um era bonito do seu jeito, é que ser "diferente" não tem nada de errado, a garota baixinha dos olhos grandes e sorriso largo não era anormal, não tinha nada de errado, ser diferente fazia com que ela fosse única e especial.

Os amigos que fiz aqui na ETEC São Mateus foram sem dúvida o raio de sol que iluminou a minha mente e abriu meus olhos para que eu enxergasse isso, e me aceitasse exatamente do jeitinho que eu sou, fizeram com que eu me sentisse segura novamente, floresceram a confiança dentro de mim mais uma vez. E foi assim que ganhei uma segunda família, que me acolheu do jeito que sou e me ensinou

ANEXOS

o significado da palavra amor, além disso quando se tem apoio e ajuda, conseqüente isso te encoraja a se dedicar mais, superar os seus limites e ver que você é capaz de fazer coisas que jamais imaginou, como por exemplo circo, musicais, contar histórias de uma maneira única, fazer seminários e outros projetos.

Durante esses 3 anos de ETIM, chorei, sorri, me estressei (muito), fiz amigos, comemorei, cresci como pessoa, amadureci, talvez a ETEC tenha surgido para "salvar" a minha vida e me fazer ver que jamais posso deixar que me façam duvidar de mim mesma, aprendi que sou capaz, que posso muito e mereço ser tratada com respeito e compreensão, independente das minhas diferenças.

Como é ser um aluno de ETIM

Autora: Larissa Miranda Ramos da Silva
Curso: Etim Administração
Ano: 3º

Ser aluno ETIM é um grande passo do jovem para a responsabilidade e a vida adulta.

A pressão começa no início de tudo, a prova, na minha instituição foram mais de seiscentos alunos para quarenta vagas, quase dezesseis alunos por vaga, o medo toma conta do seu emocional e você até pensa que não é capaz, mas é e fui, passei em vigésimo quinto e a emoção foi a dona do momento. Nunca descredite de você, você é capaz de realizar ou conquistar coisas que você nunca imaginou.

O meu primeiro ano foi difícil sim, uma garota, novata que iria mudar sua vida escolar 100% de uma hora para outra, mudança de horários, passar nove horas estudando, ter além das matérias do ensino médio, matérias de um curso profissionalizante de administração, conhecer gente nova, ter como meio de transporte para a escola o ônibus ou lotação, isso era um passo que pensei que demoraria mais tempo pois o meu meio de transporte era a van escolar até a 9º série.

Mas calma! Não é um bicho de sete cabeças. Pode até ser difícil pelo fato de ser novo, o novo as vezes assusta, aos poucos você se acostuma com a nova rotina, com sua nova vida.

Digo que a entrada na ETEC mudou minha vida, meus objetivos e me mudou como pessoa. Tudo tem um porque, todas as atividades realizadas em sala de aula, os seminários formais para o curso, as visitas técnicas e os projetos, tudo irá agregar em algo na sua vida, tanto pessoal quanto profissional e no final você irá agradecer por tudo o que viveu, mas isso não é para todos, é só para quem quer, quem quer levar a experiência de ter sido um aluno ETIM para a vida toda, de nada adianta você ter a oportunidade de passar no vestibular e não aproveitar e levar a sério tudo o que for passado, você precisa se empenhar, se jogar de cabeça, ser merecedor de estar ali para que lá fora no mercado de trabalho você seja destaque em meio tantos jovens.

Se você está no primeiro ano de ETIM ou pensa em estar aqui, pare e pense na grande oportunidade que você tem ou irá ter, ser ETIM é pensar além da caixa, é querer ser destaque. Um ensino diferenciado e referência como uma das melhores escolas públicas, amigos que você irá levar para a vida, professores com um QI invejável, alunos empenhados que estão aqui para crescer profissionalmente. Brigas, choros, lágrimas e risadas, no final irá ser lembrado e levado como aprendizado.

“-Sacrifícios são temporário, recompensas são para sempre.”

Como é estudar na ETEC?

Autora: Raphaela Procopio Gonçalves
Curso: Etim Administração
Ano: 3º

Pra falar a verdade, eu não queria entrar na ETEC, nem passava pela minha cabeça fazer a prova, pois eu não conhecia o método de ensino e o curso que eu gostaria de fazer só estava disponível em uma ETEC longe da minha casa.

Mas acabei fazendo a prova para entrar no curso de administração e “ÓH” que surpresa eu passei, acredite se quiser foi uma baita surpresa mesmo. Os primeiros meses foram difíceis, pois estava em fase de adaptação.

Ao decorrer do primeiro ano foram muitas emoções, confesso que esse ano com certeza foi o melhor do ensino médio, por que tivemos muitas atividades de “grande porte”, mais especificamente trabalhos lúdicos que fez com que eu amadurecesse e aprendesse a trabalhar em equipe, creio que todos da minha turma tiveram essa percepção.

Já no segundo ano do ensino médio não foram feitos muitos trabalhos lúdicos e na minha visão essas atividades ajudaram bastante, mas como o vestibular já estava batendo na nossa porta não tínhamos muito tempo para elas.

E agora no terceiro ano do ensino médio demos uma retomada nas atividades práticas em algumas matérias, mas não como no primeiro ano, afinal prestar vestibular é o nosso foco, e posso afirmar, os professores estão muito empenhados a nos ajudar nesse desafio. Desse ano não tenho muito o que falar, afinal estamos no começo ainda, mas posso afirmar uma coisa:

Esses três anos na ETEC foram sensacionais.

Como é ser um aluno de ETIM

Autora: Suzana de Luna Silva
Curso: Etim Administração
Ano: 3º

No início é tudo muito diferente, não é só uma escola diferente da do ensino fundamental, Etec é uma outra realidade, são professores e coordenadores diferenciados e temos até psicóloga, então é tudo mágico, e simultaneamente, assustador. Logo vem a pilha de trabalhos e tarefas que não éramos acostumados a fazer, e ainda estamos tentando nos acostumar com o fato de estudar durante o dia inteiro, tendo que conciliar ensino médio, curso técnico, família e vida social.

Ser uma aluna de ETIM não é fácil, há muitas barreiras, noites mal dormidas devido os trabalhos da semana, as pesquisas para o dia seguinte e as provas, e ainda se faz necessário separar um tempinho para os estudos para as provas de vestibulares no final do ano (caso seja um(a) aluno(a) de 3º ano) e falando por mim, desconheço vida social e ainda assim acabo me enrolando em algumas matérias.

A Etec é especial pelo fato de estar com pessoas que têm interesse em aprender e mestres que estão dispostos a ensinar, que nos reprimem para melhores resultados, incentiva a ter pensamento crítico, nos impulsiona a usar nossa criatividade, desenvolver habilidades, criar competências, ter atitudes, nos relacionar da melhor forma nos trabalhos em grupo e até mesmo lidar com postura diante de nossas responsabilidades. Nessa escola há um preparo para o vestibular e mercado de trabalho, onde todos crescem juntos e uns se diferenciam por se esforçarem ainda mais, assim transparecendo seu potencial, mas todos indicam ter um futuro promissor.

É um local que se tornou a nossa casa e de segunda opção é aquela que chamamos de local dormitório, onde encontramos nossos pais, e rapidamente corremos para nos isolar e continuar com os trabalhos e estudos diários. É na Etec que passamos a ter uma segunda família, já que passamos a maioria do tempo dedicados à ela, temos alegrias e tristezas em comum, conhecemos o temperamento de cada um, presenciamos e fomos cúmplices do sucesso de alguns, e se fosse possível, iríamos eternizar cada momento de satisfação e bem-estar que passamos juntos lá dentro.

Toda essa jornada é formada por inúmeras dificuldades, mas sabemos que tudo que é bom requer esforços, e essa experiência com certeza é uma das que mais valeram a pena em minha vida. Todo sofrimento e alegrias, e todas as circunstâncias levarei comigo, faz parte da minha história e vão deixar saudades, será sempre guardada na minha bagagem de lembranças construtivas da Etec e é um enorme orgulho fazer parte dos alunos de ETIM.

Crônicas de ETIM

Autor: Tainara Conceição de Souza
Curso: Etim Administração
Ano: 3º

Tudo o que eu sabia é que teria que passar grande parte do meu dia na escola. E a partir do momento que eu soube do meu desempenho na prova do Vestibulinho, vivenciei situações as quais eu nunca poderei esquecer e mensurar.

Foram-me ditas muitas coisas nas primeiras semanas de aula: “Diga adeus à vida social” e “Está preparada para passar madrugadas sem dormir?”, dentre outras frases típicas utilizadas para assustar os calouros.

Sei que levarei comigo muitas das coisas que aprendi até então, desde frases incentivadoras: “Sacrifícios são temporários, recompensas são para a vida toda.”, “Ninguém tropeça em montanhas, problemas são pedras pequenas que podemos chutar.” até as lembranças que permanecerão marcadas em minhas memórias como, por exemplo, a Semana Paulo Freire realizada no primeiro ano com a apresentação da obra “Auto da Barca do Inferno” de Gil Vicente.

E mesmo que haja controvérsias, estou convicta que tudo valeu a pena, cada noite mal dormida e as redes sociais excluídas, para que no fim de tudo eu me torne uma pessoa melhor.

Como é ser um aluno de ETIM

Autor: Taís Martins Cavalcante
Curso: Etim Administração
Ano: 3º

A experiência de ser um aluno de ETIM varia muito de acordo com alguns fatores, como, a forma como você entrou, a primeira impressão que passou, o quanto você aproveitou e a sua vontade de terminar o curso.

Desde que cheguei ouvi 3 histórias de como o aluno foi para na Etec, tem aquele que fez a prova porque queria entrar na Etec, aquele que nem sabia o que estava fazendo, mas deu certo e o que os pais obrigaram. Esse fator normalmente define as expectativas que o aluno terá e o nível de surpresa ou decepção que o mesmo sentirá ao conhecer a estrutura da instituição, não que a estrutura seja ruim, mas sim pela ideia de que seus pais te mandariam para um lugar mais parecido com um colégio interno, ou a ideia de que os alunos seriam perfeitos gênios e você seria o diferente.

A primeira impressão que cada pessoa passa vai influenciar no quanto cada um aproveita seu tempo na instituição, justamente porque, na maioria das vezes o primeiro, segundo e terceiro ano de cada curso são unidos e quando alguém tem uma atitude não muito legal todos ficam sabendo, isso restringe os possíveis amigos que a pessoa terá e a sua participação em momentos que marcam a passagem da turma pela Etec.

O aluno tem duas opções quando começa o terceiro e último ano do ensino médio, querer sair o mais rápido possível com a certeza de não querer voltar e nem sentir saudades, ou não querer ir ao ponto de rolar no chão e chorar como uma criança birrenta, (ignorem meu exagero, pois é assim que eu me sinto e não gostaria de ser a única) tudo isso para não ir embora.

Ser um aluno da Etec é uma aventura e tanto, essa caminhada longa me ensinou muito em diversos aspectos, não há uma forma de passar por essa fase e aprender apenas com professores, tudo e todos te ensinam algo e cabe a cada um transformar essas informações em conhecimento. Nada no processo é fácil, mas tudo te fortalece, há muitas mudanças e adaptar-se a elas é necessário, o estresse é grande e a ideia de fazer um projeto com 39 pessoas (no meu caso) com opiniões divergentes e um senso crítico alimentado diariamente pelos professores é desgastante. No fim de tudo, a Etec te destrói para construir uma versão muito melhor de você.

ETEC UIRAPURU

Uma missão denominada ETIM

Autoras:
Daniely Riquelme
Gabriela Araújo
Curso: Etim de Informática
Ano: 3º

Ser aluno de Etim é ser firme e paciente. Passamos por cada aperto, por cada desentendimento, fora o sono que atrapalha, pois temos que acordar cedo e ficar o dia inteiro dentro da escola. Praticamente você acaba com a sua vida social, você só vive para a escola agora, pode ser dentro da própria escola, ou fora dela, até porque sempre há alguma atividade, algum trabalho, entre outros para fazer, os de grupos são os mais difíceis de realizar, pois não temos tempo para se reunir. Mas também, ser aluno de Etim tem seus lados bons, ficamos mais competentes, conhecemos mais, aprendemos mais, refletimos mais, conhecemos várias pessoas que acabam fazendo parte da sua, até porque possamos o dia inteiro juntos. Resumindo, temos que ser forte para não desistir, ter paciência para viver em paz, saber respeitar, e olhar sempre para o lado bom, para ser feliz. (Daniely Riquelme)

Fazer ETIM é um desafio todos os dias, alias ensino médio já é muito conteúdo, junto com um ensino técnico é bem mais pesado.

Todos os dias temos conteúdos de sobra das duas partes para nos preocupar em aprender, exercitar etc... Isso acaba sendo desgastante mentalmente e até fisicamente para as pessoas que se deslocam de muito longe para a escola e passa o dia inteiro recebendo informação atrás de informação, não só com a obrigação de tirar boas notas como qualquer aluno de ensino médio, ou de ir bem no Enem e outros vestibulares, mas com a obrigação de sair daquela instituição técnica sendo uma boa mão de obra para o mercado de trabalho. Porém, mesmo sendo extremamente puxado, é ótimo para o nosso conhecimento que é o que ninguém pode nos tirar e o que realmente vamos ter que exercer no mundo, o que aprendemos. Não nos falta nada para termos uma mente prática e cheia de ideias, inteligência, argumentação, e auxílio.

Enfim, é difícil, mas no fim vale a pena. Mesmo que o aluno não exerça o curso técnico que fez, e que tenha sido muito complexo por juntar duas coisas ao mesmo tempo, isso já nos torna profissionais, pessoas de responsabilidade e é isso que o ETIM faz, nos prepara para uma vida adulta, de trabalho mesmo que tenha uma divergência porque queremos também quando saímos cuidar da vida acadêmica. O importante é que nos prepara para sermos bons alunos e bons profissionais. (Gabriela Araújo)

Como é ser aluno do Ensino Médio e Etim?

Autor: Juan Perroni
Curso: Etim de Administração
Ano: 3º

Ingressei no ETIM (ensino técnico integrado ao médio) na ETEC Uirapuru em 2015 para o curso de Administração de Empresas. O curso apresenta uma visão geral sobre os departamentos administrativos das organizações para formar nos alunos o pensamento crítico ao redor das estratégias e procedimentos, visando satisfação social e lucro. Apesar de não se atentar tanto a aulas práticas quanto se atenta às teóricas, o processo de formação deve ser tanto intrínseco ao estudante quanto à escola para cumprir o papel do desenvolvimento de profissionais qualificados ao mercado de trabalho.

Durante todo o curso, assistimos a uma carga horária maior em relação às escolas comuns de ensino médio. Isso nos prepara para a jornada de trabalho ou rotinas universitárias. Mas há outras oportunidades. No meu caso, por exemplo, optei por realizar mais um curso, este no horário noturno, de Técnico em Segurança do Trabalho.

A ETEC Uirapuru trabalha com algumas das formas de desenvolvimento do estudante jovem, pois não se deve esquecer o valor da formação secundarista. Apesar de a formação técnica trazer semanas de eventos, projetos, visitas e workshops, há outras atividades voltadas à educação de segundo grau. Os alunos novos são recebidos com o Trote Solidário, projeto que em suas últimas edições consistiu na arrecadação de produtos de higiene e cuidado pessoal para instituições de caridade. Há também projetos de interação direta com a comunidade, criados no contexto da necessidade de integração entre a circunvizinhança, tais como eventos abertos de festa junina e no dia das crianças.

Dentro da própria escola também há eventos integrativos. O primeiro deles é a Semana Paulo Freire, comum a todas as ETECs, trazendo temas atuais para serem discutidos, trabalhados e apresentados a toda a escola, seja na forma de apresentações teatrais, musicais ou salas temáticas. Tudo baseado nos métodos de ensino do educador Paulo Freire. Acontecem também semanas culturais de Halloween e Cidadania.

E a educação não é restrita somente aos docentes. Desde o segundo semestre de 2016, trabalho voluntariamente junto com minha professora de inglês e coordenadora pedagógica da escola, Sueli Ribeiro, em um minicurso de inglês” intitulado “ de Evening ABCs, que acontece duas vezes por semana. É uma ótima oportunidade de valorizar e estimular o aprendizado da língua estrangeira às

ANEXOS

diversas carreiras profissionais, mas também enxergo outro efeito: o contato entre diferentes faixas etárias, já que no projeto há alunos dos períodos matutino e noturno.

Com tanta coisa acontecendo, me pergunto: e depois da escola? Bem, há muita dúvida em relação ao que fazer depois de receber o famigerado canudo de papel. O estágio na área técnica é concorrido, porém a escola possui vias de comunicação para encontrar oportunidades e vagas em processos seletivos. No entanto, há outras opções. É necessário quebrar o paradigma da escola técnica, no que concerne dizer que seus alunos não ingressam em boas universidades. Pelo contrário, a ETEC Uirapuru já recebeu estudantes que ingressaram nas melhores universidades do país.

Para os candidatos ou recém-aprovados que se preocupam quanto ao perfil que a escola técnica em si exige, a pergunta certa a se fazer não é “que tipo de estudante eu sou?”, mas sim “que tipo de estudante me tornarei?”. Dessa forma, espero que você, educador, estudante, profissional técnico ou graduado, veja agora nas Escolas Técnicas Estaduais uma forma de realizar educação pública com excelência, a exemplo da unidade localizada no extremo oeste de São Paulo, no Jardim João XXIII.

Pássaros Nutridos

Autora: Mariana Scaldelai Brito
Curso: Etim de Nutrição
Ano: 3º



O alunos do 3 ETIM Nutrição, escolheram o tema pássaros nutridos porque uirapuru é nosso mascote.

O pássaro uirapuru é muito discreto para construir sua casa, ou melhor, fazer o seu ninho. Eles procuram escondê-lo entre as folhagens e constroem o ninho com raízes e folhas. O tão famoso canto do uirapuru, só acontece na época em que constrói o ninho, entre os meses de outubro e novembro. Na verdade, o canto é lindo, como nossos alunos da NUTRIÇÃO.

ETEC VASCO ANTÔNIO VENCHIARUTTI

Contato com a Natureza na Escola (Fotografias)

Autor: Giovani C. R. de Siqueira
Curso: Etim de Administração
Ano: 3º



ANEXOS





















Fotografias

Autora: Julia Russi
Curso: Ensino Médio

Uma apresentação do ambiente escolar integrado com os alunos



A amizade torna-se forte mesmo com toda a responsabilidade do Ensino Médio e Etim



Trabalho em Equipe: Amizade Consolidada no Ensino Médio



Harmonia no ambiente escolar com conjunto de alunos



Como é ser aluno do Ensino médio e ETIM?

Autor: Lucas Brandão
Curso: Etim de Edificações
Ano: 2º

Ao contar experiências vividas tanto na escola como em casa com amigos que também estudam no ETIM é fácil pois todas passam praticamente pelas mesmas situações, compartilham das mesmas alegrias e das mesmas dificuldades.

Para descrever a aventura de ser um aluno ETIM, sim a aventura, pois nunca sabe-se qual será a surpresa do dia, podendo ser boa como realizar um trabalho do técnico e ver como vem evoluindo e pode realmente atuar na área, como pode sentir-se sobrecarregado quando professores do ensino médio resolvem dar prova no mesmo dia em que professores do técnico resolvem passar trabalho e no meio dessa dificuldade ter a alegria de conhecer pessoas que vieram de lugares tão diferentes, que têm pensamentos tão distintos do seu e que, nas dificuldades encontradas na escola, acabam tornando-se grandes e verdadeiros amigos.

A fase dos 14 ou 15 anos já é um pouco complicada por si só, já que nela realmente começamos a perceber quão grande é o mundo e o que realmente há nele, é necessário criar certa maturidade para tomar nossas decisões. Mas com 15 anos, sendo aluno ETIM, é preciso amadurecer muito mais rápido, já que na escola não estamos mais com pessoas apenas do nosso bairro ou cidade. Estamos com pessoas diferentes, encontramos professores que têm maneiras diferentes de ensinar e temos que nos adaptar a cada uma dessas maneiras para não ficar para trás. Mas ao conhecer essas novas pessoas e ocupando-nos muito mais com a escola acabamos afastando-nos de amigos de infância, o que deixa uma certa saudade.

O que parece ser difícil, criar essa maturidade, traz algo muito bom, a liberdade. Em meio essa diversidade de gente, tem-se a liberdade em escolher de quem se aproximar, em cada curso técnico ter a vivência do que se passa na área perceber o que realmente te agrada ou não fazer e com a liberdade poder tomar a melhor decisão de qual carreira seguir. Ninguém nos obriga a realizar todos os trabalhos, temos a liberdade de escolha, mas caso não os façamos, arcamos com as consequências, o que nos conduz a dificilmente deixar de realizar algo pedido pelo professor.

Escolhendo ser aluno do ETIM, não só torna-se um profissional melhor para o mercado de trabalho, também torna-se uma pessoa melhor para o mundo. Escolher embarcar nessa aventura é escolher preparar-se melhor para a vida.

Sentimentos postos à prova

Autora: Ana Paula P. dos Santos
Curso: Etim de Edificações
Ano: 2º

Estudar na Etec é uma daquelas experiências que te desperta sentimentos indescritíveis. É, muitas vezes, identificar-se com tudo e todos ao seu redor, é se redescobrir, imaginar-se em um jardim e reconhecer que seu estado de espírito pode se refletir em uma flor murcha e cabisbaixa, representando a exaustão que te arrebatou, ou ainda em uma imagem de flores vívidas, como sendo um sentimento de esperança que toca em seu coração e o acalma dizendo “vai ficar tudo bem”.

Estudar na Etec é enxergar-se diante de uma parede suja e escura, um obstáculo que te impede de prosseguir. Você tenta escalar, mas escorrega várias e várias vezes. É também sentir-se sozinho, mas sempre encontrar-se em algo ou alguém que um dia virá a ser sua motivação.

Participar desse modelo de ensino é saber que você se tornará responsável e independente, que irá encontrar a motivação necessária para continuar e se tornar melhor, e assim expandir seus horizontes, é, no fim de tudo, tornar-se sábio.

Como é Ser Aluno do ETIM (desenho)

Autora: Ariane Furlam Gimenes
Curso: Etim de Edificações
Ano: 2º



Sem Título - Fotografia

Autora: Beatriz Evelyn de Aquino Rodrigues
Curso: Etim de Edificações
Ano: 2º



Como é Estudar na Etec?

Autora: Laura Lemes
Curso: Etim de Logística
Ano: 2º

Estudar na ETEC é ter a vida virada de cabeça para baixo e ao mesmo tempo ter a certeza de que o futuro mais brilhante o aguarda.

Fui aprovada! Felicidade era o que me definia no momento em que vi meu nome na lista da chamada, confesso que ao entrar na escola pela primeira vez foi um tanto quanto assustador, a imensidão do lugar e sua beleza eram impressionantes.

Ah, o que dizer sobre o ensino dessa escola? Simplesmente maravilhoso, com certeza uma experiência única, tem seus “mini defeitos” assim como qualquer escola, mas tem seu diferencial, aqui se ensina com amor!

O que me fez querer estar aqui foram os resultados do ENEM e o grande reconhecimento dessa rede escolar. Segundo o site <http://www.saopaulo.sp.gov.br> “As Escolas Técnicas Estaduais (Etecs) tiveram resultados positivos no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) de 2015. Entre as 20 melhores escolas públicas da capital, 19 integram a rede do Centro Paula Souza, do Governo de São Paulo...”.

Estudando aqui sinto que terei uma chance muito grande quando for prestar vestibular para uma faculdade federal, reconheço que sou privilegiada em estudar em uma escola pública com um índice de reconhecimento e ensino tão elevados, e me orgulho de saber que a ETEC onde estudo é a 13ª melhor escola pública estadual do Brasil.

Somando os professores qualificadíssimos, ambiente agradável de estudo e força de vontade, a chance de entrar em uma faculdade federal só aumenta.

Entretanto, há uma mudança de rotina muito grande quando se faz o ETIM, a carga horária é bem puxada, há muitos trabalhos e tarefas para fazer, provas para estudar e matérias para entender. Chego acabada em casa, mas tudo isso tem seu lado positivo, toda essa “pressão” gera uma certa responsabilidade na cabeça de cada um, nos torna pessoas mais competentes para o mercado de trabalho.

Estudando aqui eu vejo meu sonho sendo realizado no futuro.

ANEXOS

Mas estudar na ETEC com certeza não se resume somente em estudo, estudo e mais estudo. Quando entrei e já na segunda semana de aula, percebi a diversidade de personalidades e pessoas que haviam ali, Vinhedo, Louveira, Itupeva, Cajamar, Várzea, Campo Limpo e tantas outras cidades vizinhas, eu fiquei impressionada. Nessa escola encontrei uma imensidão de pessoas com os mais variados pensamentos, ideais e gostos, foi aqui também que encontrei e aprendi o que é o respeito, o que é ser respeitado e saber respeitar, isso com certeza vai me ajudar durante minha jornada, sair do cubículo e da mesmice cotidiana vai agregar muito para meu saber intelectual.

Sem contar os amigos que a escola me deu, aquilo que falam sobre conhecer os verdadeiros amigos no ensino médio, pra mim é uma realidade, mesmo tendo consciência de que ao me formar não os verei mais com frequência, eles estarão presentes na minha vida nas coisas que aprendi com eles.

A escola em si é muito aberta para questões de bem-estar dos alunos, sempre tem projetos bacanas, alguns exemplos são o clube de artes e o projeto contra o bullying que são desenvolvidos especialmente para tornar a escola – o lugar onde passamos a maior parte do nosso dia – um lugar mais harmonioso e gostoso de viver.

Nessa escola me senti aconchegada e livre, essa escola proporcionou momentos de intensa alegria, desespero, orgulho e também preocupação, essa escola não me mostrou o mundo como ele é e me deixou à deriva da sociedade, mas me deu tudo que eu precisava para sobreviver a ela, e eu serei eternamente grata a isso!

Máquina humana

Autora: Maria Luiza Daieira
Curso: Etim de Logística
Ano: 2º

Máquina humana

É estar vivendo no futuro, estando no presente.

É ser mais presente na escola do que na própria casa.

É estar em desenvolvimento constante.

É ser aluno máquina, é ser máquina humana.

E também é, no meio da noite, quando os trabalhos determinam o nosso sono (ou sonho), que por alguns segundos de devaneio, lembramos que não estamos ali por um acaso. Os olhos brilham mareados ao pensar em tudo que já foi superado e neste momento nos damos conta de que não é só mais um trabalho, é mais uma superação, uma super ação! Mais uma noite em que estamos juntos nos entregando em uma mesma união.

Como dizia o cofundador do Greenpeace, Paul Atson: "Inteligência é a habilidade das espécies para viver em harmonia com o meio ambiente." Posso afirmar, que em grande parte, vivemos. É na esperança coletiva que paira enquanto um a um fica off-line, desejando boa sorte ao próximo, transmitindo a certeza e confiança em um "vai dar tudo certo."

Quando o trabalho daquela noite é finalizado, encontra-se a paz tão almejada, fazendo com que as próximas horas (ou minutos) nos deixem uma última e única sensação, antes de nos desligarmos completamente: valeu a pena.

E se o ensino médio ETIM for "mais um trabalho", tenho a certeza de que quando finalizado, será como o término de uma longa noite, que trará a satisfação de cada segundo, de cada esforço, de como ter estado máquina nos fez ser mais humanos.

Etec Zona Leste

Meu nome é Bianca

Autora: Bianca Santos

Curso: Etim

Meu nome é Bianca, tenho 15 anos, estudo na Etec Zona Leste e como aluna experiente posso de dizer que a minha Etec foi um grande portal de mudanças. Mudanças tanto profissionais quanto pessoais, passaram um ano de muito esforço, aprendizagem para me adequar a minha Escola e não foi fácil. Entrei com uma perspectiva totalmente diferente e como todo ETIM além da responsabilidade de estudar seu curso técnico ainda tem as matérias de Ensino médio, e é uma grande responsabilidade para uma criança em transição a sua adolescência, seu amadurecimento ter que aprender tudo isso, muitas vezes não tem suporte da Antiga Escola oque dificulta mais ainda.

Particpei de um curso de empreendedorismo social (PENSE GRANDE) na Etec Zona Leste com parceria com Centro Paula Souza que tinha como intuito incentiva os alunos a criarem seus negócios que poderiam de certa forma impactar o mundo, Foram 20 oficinas presenciais, mentorias, visitas técnicas e acesso a outros eventos sobre a temática. E no final do curso criei meu aplicativo onde apresentei a proposta a reconhecidos Empresários, investidores como por exemplo: Americo Mattar.

A Etec Zona Leste em um ano me fez chorar por tantas responsabilidades, sofrer de ansiedade com as provas, me estressar por muitos trabalhos, ficar com medo dos riscos, trazer cansaço em tantos projetos. Entretanto, agradeço profundamente tudo isso por ter transformado uma aluna comum, em uma aluna amadurecida, profissional que aprendeu com seus erros e teve oportunidade de viver experiências profissionais mais gratificante de sua vida, e agora qualificada para correr atrás dos seus sonhos. Nada disso teria acontecido sem o apoio da Etec Zona Leste.

ANEXOS

